



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS



GILDA DAS GRAÇAS E SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA
PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

UBERLÂNDIA- MG

2018

GILDA DAS GRAÇAS E SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA
PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras -, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni.

**UBERLÂNDIA- MG
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- S586r
2018
- Silva, Gilda das Graças e, 1976-
A representação discursiva da criança em memes : uma proposta de leitura e análise crítica para os anos finais do ensino fundamental / Gilda das Graças e Silva. - 2018.
227 f. : il.
- Orientadora: Maria Aparecida Resende Ottoni.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.916>
Inclui bibliografia.
- Acompanha caderno suplementar - Protótipo de leitura e análise crítica de meme - com uma proposta teórica e metodológica direcionada a professores e estudantes de Língua Portuguesa e de áreas afins. Esse material de apoio está organizado em 44 páginas e foi produzido para ser aplicado em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. No entanto, pode ser adaptado para outro ano, sem prejuízo algum à qualidade do trabalho.
1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses. 3. Análise do discurso - Teses. I. Ottoni, Maria Aparecida Resende. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

GILDA DAS GRAÇAS E SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA
PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

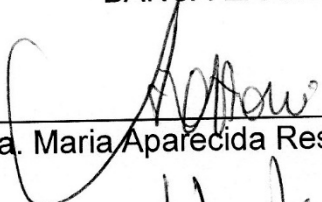
Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras -, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos.

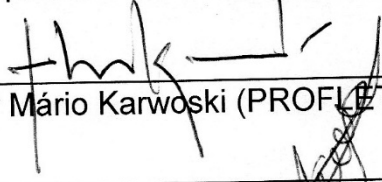
Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni.

Uberlândia, 22 de fevereiro de 2018.

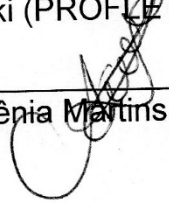
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni – orientadora (UFU)



Prof. Dr. Acir Mário Karwoski (PROFLETRAS-UFTM)



Profa. Dra. Anair Valéria Martins (UFG)

Ao meu filho, Marcus Vinícius e à minha afilhada, Luísa,
minhas eternas crianças.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma palavra forte e doce ao mesmo tempo. Ter essa sensação é sentir o coração pleno do amor de Deus. Como uma orquestra em festa, tocando o que está guardado e o que estamos vivendo. Assim, compartilho esse meu sentimento a todas as pessoas que verdadeiramente me embalsamaram na realização deste trabalho.

À Deus, o grande maestro dessa orquestra, que nos enviou Nosso Senhor Jesus Cristo, que está ao meu lado e me defende, que está em meu coração e rege minha vida.

À minha família, formada por tantos componentes especiais, sou grata pela vibração positiva, por não permitirem que eu perdesse o tom e assim construísse com maestria minha história de vida. Aos meus pais, Agnaldo e Aparecida, que souberam construir em mim o prazer pelo conhecimento. À minha avó, Maria Rosa de Jesus, que é a nota mais suave e intensa nessa orquestra. Ao meu filho, Marcus Vinícius, a maior composição da minha vida. À minha prima-irmã, Patrícia, pelo incentivo, pelo cuidado, pelo apoio, pela amizade, pelas orações, por tantos gestos de carinho e pelo suporte nessa minha trajetória. É minha família que dá fôlego, ritmo e compasso aos meus dias. Gratidão eterna!

Às minhas amigas do coração, às minhas amigas de profissão e aos meus amigos do dia a dia, participantes nessa viagem sinfônica desde os prelúdios, a minha gratidão por ter tantas vozes que se unem em prol da minha alegria, da realização do meu objetivo. Em especial, a amiga Luciana, que me incentivou a fazer o mestrado, à Lilian, amiga-irmã de coração, que participou de tantas atividades, ouvindo, sugerindo e me motivando a sempre fazer o meu melhor, à Ana Luiza, pelo carinho, presença e contribuição quando precisei.

À minha orientadora, Professora Maria Aparecida Resende Ottoni, pela incansável orientação, pelo apoio e zelo durante todo o processo de construção desta dissertação. Obrigada, por compartilhar comigo momentos do seu dia a dia, inclusive momentos tão valiosos com seus familiares. Obrigada, pelo sorriso, pela alegria, pelo seu acreditar em mim. Obrigada, pelo abraço sempre repleto de energia positiva todas as vezes que nos encontrávamos para estudar, analisar e construir esta dissertação. Obrigada, pelo tom, que trazia tom de confiança, tom de segurança, tom de paz, de que eu conseguiria fazer o melhor, mesmo quando as notas destoavam. Obrigada,

professora, pelo carinho e pela preocupação, pela amizade e por me auxiliar a criar tantos acordes e notas e dar ritmo a esta composição. Obrigada pela intensidade de saber que me proporcionou.

Aos meus professores e à coordenação do Programa Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras -, da Universidade Federal de Uberlândia, pela arte de polifonizar tantos saberes, tantos sons que harmonicamente me proporcionaram evolução acadêmica e também pessoal.

Às Professoras Anair, Maria Cecília e ao Prof. Acir por, gentilmente, contribuírem com este trabalho. Obrigada pelo tempo que disponibilizaram para ler e dar melodia, composição e harmonia a esta obra.

Aos colegas de mestrado, pela troca de informações e energia, pelas inspirações, envolvimento, por tantas emoções que me motivaram a não perder o tom. Em especial, à amiga-irmã Maribeth, que compartilhou tantas notas comigo, inúmeras madrugadas estudando o melhor repertório. Se eu perdia a sintonia e o compasso, lá estava minha nobre amiga para me ajudar a encontrar a harmonia. Assim, fomos aprimorando nossa trilha sonora.

À amiga Conceição Guisardi, pelo incentivo, por partilhar comigo sugestões e pela leitura desta dissertação.

À SEEDF, Secretaria de Educação de Estado, e à Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio e investimento nesta pesquisa.

Aos pais e alunos participantes desta pesquisa, o meu obrigada, pela colaboração e envolvimento nas atividades. Vocês foram vozes marcantes e entusiastas nesta obra. Por fim, agradeço a todos/as, que, de alguma forma, me incentivaram e me apoiaram ao longo deste percurso e finalizo com uma elegante frase do grande mestre das palavras, Guimarães Rosa, que, de forma simples, explica como compor nosso maior espetáculo, a vida: "O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é CORAGEM".

Nunca é tarde demais para começar a fazer um exame de consciência e perguntar a nós mesmos se, por atos ou omissão, não nos desviamos da responsabilidade de ver a linguagem como um fenômeno social, com todas as implicações políticas e ideológicas que daí decorrem (RAJAGOPALAN, 2004, p.35).

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

FIGURA 1	Representação Tridimensional do discurso.....	37
FIGURA 2	A relação dialética e de internalização entre os tripés da proposta de Fairclough	42
FIGURA 3	A Linguística Sistêmico Funcional e a Gramática do Design Visual .	47
QUADRO 1	Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.....	38
QUADRO 2	Categorias e Subcategorias da Linguagem Visual	48
QUADRO 3	Estruturas narrativas de ação	49
QUADRO 4	Estrutura narrativa reacional.....	50
QUADRO 5	Estrutura narrativa verbal e mental.....	51
QUADRO 6	Processo classificacional.....	52
QUADRO 7	Objetivos específicos	68
QUADRO 8	Organização da proposta.....	69
QUADRO 9	Como criar um portfólio online.....	75
QUADRO 10	Dados das mães participantes.....	117
QUADRO 11	Sistematização de dados observados pelos participantes Grupo 1	140
QUADRO 12	Sistematização de dados observados pelos participantes Grupo 2	141
QUADRO 13	Características do Gênero Discursivo Virtual	151
QUADRO 14	Análise de ações dos participantes antes e depois da proposta	156
QUADRO 15	Consequências da ação de curtir e compartilhar nas redes sociais.	158
QUADRO 16	Um olhar mais crítico por parte dos participantes	159
GRÁFICO 1	Faixa etária	60
GRÁFICO 2	Redes sociais mais usadas.....	103
GRÁFICO 3	Frequência de uso das redes sociais.....	103
GRÁFICO 4	Objetivo ao utilizar as redes sociais e aplicativos	104
GRÁFICO 5	O que os estudantes compartilham ou não compartilham nas redes sociais	105
GRÁFICO 6	Diálogo com mães, pais e/ou responsáveis.....	110
GRÁFICO 7	Curtem ou compartilham as mensagens recebidas	114
GRÁFICO 8	Frequência de uso das redes sociais.....	118
GRÁFICO 9	Redes sociais e aplicativos mais usados	119
GRÁFICO 10	Principais objetivos ao utilizarem as redes sociais e aplicativos	120

RESUMO

Esta dissertação apresenta como objetivo elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes, que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante social principal a criança, com foco na representação discursivo-semiótica desse participante. Para realizar esta pesquisa, adotamos uma metodologia de abordagem qualitativa, cujo desenho se organiza por uma triangulação metodológica que inclui a pesquisa participante, pesquisa aplicada e as três atitudes da pesquisa democrática: a atitude ética, de defesa e de fortalecimento dos participantes. Em termos teóricos e analíticos, este trabalho filia-se aos aportes da Análise de Discurso Crítica (ADC), que preconiza que se parta de um problema social que tenha um aspecto semiótico como forma de ação e de transformação social. Exploramos a articulação entre a ADC, a pedagogia de multiletramentos e a Gramática do Design Visual (GDV) para analisar e descrever as representações discursivas construídas da criança em memes e os recursos por meio dos quais elas se materializam. Integram o *corpus* de análise dados gerados por meio de questionários, entrevistas, gravação de aulas, registros e notas de campo. Os resultados da análise desta proposta, aplicada em uma turma de 9º ano de uma escola pública na cidade de Samambaia, Distrito Federal, revelam que, na era multimodal, há muita criatividade na produção dos memes, que ocupam espaço privilegiado de propagação ideológica. Mostram, também, que muitos alunos, pais, mães e/ou responsáveis curtiem e compartilhavam memes que têm a criança como participante principal sem se atentarem para as representações de mundo construídas nesses memes e para o modo como as crianças são representadas nesse gênero discursivo. Além disso, indica que é possível pensar em diferentes caminhos para o ensino da leitura e da análise crítica posto que, durante a realização da pesquisa, os alunos mostraram-se mais entusiasmados e participativos. Este estudo, que integra a tecnologia ao conteúdo do programa de ensino de Língua Portuguesa, contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento das práticas de leitura e análise crítica, que levam em conta a multisssemiose, para a problematização das representações de crianças construídas em inúmeros textos que circulam nas redes sociais e aplicativos e para uma reflexão, por parte de pais, mães e/ou responsáveis e de alunos, acerca da prática de compartilhamento de textos e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

Palavras-chave: Representação discursiva da criança. Meme. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This dissertation aims to elaborate and apply a proposal of reading and critical analysis of memes found on social media and apps that have a child as main social participant, focusing on the semiotic-discursive representation of this participant. In order to perform this research we adopted a qualitative methodology approach which design is organized by a methodological triangulation that includes the participant research, applied research and the three attitudes of democratic research: the ethical attitude, the defense and the strengthening of participants. In theoretical and analytical terms, this work is affiliated to the contribution of the Critical Discourse Analysis (CDA), which preconizes that we should start from a social problem that has a semiotic aspect, as a way of action and social transformation. We explored the articulation among the CDA, the multiliteracy pedagogy and the Grammar of Visual Design (GVD) to analyze and describe the child's discursive representations built in memes and the resources by which they are materialized. The corpus analysis is integrated by data generated by questionnaires, interviews, classes' recordings, field registers and notes. The analysis results of this proposal, which was applied to a 9th grade group from a public school in the administrative region of Samambaia, in the Federal District of Brazil, reveal that, in the multimodal era, there is much creativity in the meme production, which possesses a privileged space in the propagation of ideology. They also show that many students, parents and/or responsible ones have liked and shared memes in which the child is the central character, without paying attention to the world representation built in these memes and to the way children are represented in these discursive genders. Besides, this indicates that it is possible to think in different ways to teach reading skills and critical analysis considering that, during the realization of the research, students showed themselves more enthusiastic and participatory. This research, which integrates technology to the Portuguese teaching program content, has highly contributed to the development of reading practices and critical analysis, which takes into account the multisemiosis, to problematize the children's representations constructed in countless texts that circulate on social media and apps, and to a reflection made by parents and/or responsible ones and students, about the sharing practice of texts and its effects in the way they represent the world and, especially, the childhood.

Keywords: Discursive representation of children. Meme. Portuguese Language Teaching.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DA ORIGEM DO PROBLEMA À COMPOSIÇÃO DA PESQUISA	12
2	A INTEGRAÇÃO DAS TIC, DOS MULTILETRAMENTOS E DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	20
2.1	O ensino de Língua Portuguesa e os multiletramentos.....	20
2.2	Meme: um gênero discursivo virtual.....	25
2.3	Juventude Conectada: a necessidade de integração das TIC ao ensino.....	32
2.4	Análise de Discurso Crítica.....	35
2.4.1	<i>O discurso como representação</i>	43
2.5	A Gramática do <i>Design</i> Visual	46
2.5.1	<i>Significado Representacional</i>	49
2.5.2	<i>Significado Interacional</i>	53
2.5.3	<i>Significado Composicional.....</i>	53
3	DOS FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
3.1	Pressupostos metodológicos.....	55
3.1.1	<i>Participantes, Passos trilhados e instrumentos de geração e coleta de dados.....</i>	59
3.1.2	<i>Contexto de pesquisa</i>	65
4	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: PROTÓTIPO DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA DE MEME.....	67
4.1	Proposta de leitura e análise crítica de memes	67
5	ANÁLISE DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E ANÁLISE DA APLICAÇÃO	101
5.1	Relato de aplicação da proposta e análise dos resultados	101
5.1.1	<i>Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco A</i>	101
5.1.2	<i>Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco B</i>	127
5.1.3	<i>Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco C</i>	128

5.1.4	Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco D	133
5.1.5	Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco E	138
5.1.6	Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco F	146
5.1.6.1	<i>Relato do momento de interação entre os participantes da pesquisa</i>	152
5.1.7	Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco G	153
5.1.7.1	<i>Reflexões dos pais, mães e/ou responsáveis participantes da proposta aplicada</i>	154
5.1.7.2	<i>Reflexões dos alunos participantes da proposta aplicada</i>	155
5.1.7.3	<i>Nossas reflexões sobre a proposta aplicada</i>	160
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
	REFERÊNCIAS	170
	APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada com os alunos participantes	178
	APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada com os pais, mães e/ou responsáveis	198
	APÊNDICE C – Caderno suplementar deslocado: Protótipo de Leitura e Análise Crítica de Memes	211
	ANEXO A – Termo de Assentimento para o menor	212
	ANEXO B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	214
	ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o/a responsável pelo/a menor participante da pesquisa	216
	ANEXO D – Parecer Consubstanciado do CEP	218
	ANEXO E – Convenções do PETEDI para transcrição de Material Oral	219
	ANEXO F – Memes corpus da proposta de leitura e análise crítica ..	226

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DA ORIGEM DO PROBLEMA À COMPOSIÇÃO DA PESQUISA

Vivenciamos em uma nova era, uma diversidade de recursos, de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), que nos oportuniza criar, compartilhar e curtir diversos textos nas redes sociais e aplicativos. A comunicação se processa de forma cada vez mais rápida e ágil, com novos recursos de imagens, de linguagens, de construções verbais e de novas maneiras de organizar os textos.

Diante desse contexto e na condição de professora de Língua Portuguesa na Educação Básica, começamos a identificar um problema que se mostrava desafiador: como desenvolver um projeto de leitura e análise crítica, que sempre fora o objetivo principal das nossas aulas, despertando o interesse dos alunos? Se, na modernidade tardia, a comunicação se processa de forma quase instantânea, de que maneira formar, na escola, um leitor autônomo, atuante, crítico e reflexivo¹?

Incomodava-nos o fato de percebermos que os alunos, muitas vezes, não se motivavam com alguns dos textos trabalhados em sala de aula, muitos se dispersavam devido ao celular e, principalmente, às redes sociais. Começamos a perceber que apenas o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), oferecido na escola, não proporcionava mais aos alunos momentos de reflexão e diálogo. Urgia, então, a necessidade de construção de uma prática pedagógica a fim de garantir momentos de interação, socialização por meio de textos com os quais os aprendizes estão em constante acesso. Começamos a observar, a partir dos comentários deles, em sala de aula, que não se preocupavam com o que liam e compartilhavam nas redes sociais e aplicativos, não se atentavam para o conteúdo.

Dessa forma, orientamo-nos na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que recomendam que a escola tem a necessidade de assumir-se

¹ Entendemos, neste trabalho, que o leitor precisa se inquietar com a leitura, questionar e ser questionado para refletir, pensar em mudanças, como propõe Freire (1989, p.13) “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente.”.

como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania e que o professor deve orientar a reflexão do aluno em função de suas necessidades. Conforme postulam os PCN quanto ao ensino de Língua Portuguesa, é preciso “planejar situações de interação”, “organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar” (BRASIL, 1998, p. 22).

À vista disso, acreditamos que era preciso criar condições, em sala de aula, para que o estudante se apropriasse de conhecimentos que enriquecessem o seu universo cultural e o tornassem um indivíduo letrado, isto é, tornassem-no um indivíduo que não apenas decodificava os códigos linguísticos, mas que, conforme aponta Soares (2014, p.40), usasse “socialmente a leitura e a escrita”, praticasse “a leitura e a escrita”, respondesse “adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita”.

Partimos, então, do pressuposto que precisávamos promover uma educação sustentada no diálogo, na interação, capaz de fazer o estudante transformar-se e transformar o meio em que vive, conforme descreve Paulo Freire² (1988, p. 94-95) “eu sou um professor [...] a favor da liberdade”, “defensor da democracia”, “que favorece a luta permanente contra todas as formas de intolerância” e que, apesar de todas as adversidades sou “cheio do espírito de esperança”, “sou um professor orgulhoso da beleza da minha prática docente”.

Com esse propósito de propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma perspectiva sociointeracionista, segundo a qual se objetiva a formação de um cidadão capaz de participar ativamente de diferentes práticas sociais como a defendida por Paulo Freire, conhecemos, no programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras, por meio da professora Maria Aparecida Resende Ottoni, uma pesquisa realizada por Rosa (2015) a respeito do pre(texto) da infância em *posts* do *Facebook* e ficamos extremamente animadas e instigadas a realizar com os alunos a leitura crítica das representações da criança em textos multissemióticos ou multimodais.

Neste trabalho, tomamos os termos multissemióticos e multimodais como sinônimos, seguindo Rojo e Barbosa (2015) e Rojo (2014) no dicionário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Segundo Rojo e Barbosa (2015, p.108), o “texto multimodal ou

³ Paulo Freire (1921- 1997), educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais, propôs desenvolver a criticidade dos alunos.

multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição”.

No dicionário do CEALE, a autora apresenta os termos como sinônimos: “dispomos de novas tecnologias e ferramentas de ‘leitura-escrita’, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemiose (multiplicidade de semioses ou linguagens), ou multimodalidade” (ROJO, 2014, p. 1). A autora argumenta que com a linguagem digital e as diversas possibilidades do texto eletrônico, é preciso ir além da leitura do texto verbal, é preciso relacioná-lo a outros signos de outras modalidades de linguagem.

Considerando que as redes sociais e os aplicativos são espaços de interações entre as pessoas, muito próximos aos estudantes, que o contato com textos compartilhados nas redes sociais e aplicativos como o *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram* faz parte de muitas práticas sociais³ contemporâneas das quais os alunos participam, acreditamos que um estudo voltado para a leitura, a integração da tecnologia ao conteúdo, e a análise discursiva crítica com base nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC)⁴, poderá contribuir para um repensar do estudante a respeito do que é compartilhado com ele e do que ele compartilha. Dessa maneira, poderemos levá-lo a avaliar as representações de mundo construídas nesses espaços.

Nesse novo contexto aqui apontado, diante das TIC e de suas possibilidades, percebemos que o leitor também se modifica. Ele, hoje, é conhecedor de muitos mundos, vê o surgimento de diferentes gêneros do discurso que, muitas vezes, são excluídos do contexto escolar. Entre esses gêneros novos, falamos especificamente do meme e propomos um trabalho de leitura crítica de memes compartilhados em redes sociais e aplicativos que têm como participante principal a criança. Consideramos criança conforme o conceito estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, pessoa até doze anos de idade incompletos.

Esse recorte se dá por percebermos que há uma quantidade significativa de memes que têm a criança como participante social principal circulando nas redes sociais e essa realidade se mostra preocupante pois eles, em geral, incentivam a

³ Chouliaraki e Fairclough (1999, p.21) definem práticas sociais como “modos habituais de ação social, ligados a um espaço e tempo particulares, nos quais as pessoas aplicam recursos (material e simbólico) para agir juntas no mundo”. Ottoni (2007, p. 20), ao falar das práticas sociais, esclarece que “uma prática pode ser entendida tanto como uma forma habitual de agir, ou seja, algo que já foi consolidado dentro de certa permanência”.

⁴ A ADC dedica-se à análise de textos, eventos discursivos e práticas sociais, preocupa-se com a relação entre linguagem e sociedade e com perspectivas de mudança social.

adultização, a sensualidade, a erotização, a inversão de valores e a intolerância na infância. Sabemos que a criança assume e já assumiu diversos papéis que variam de acordo com a época em que está inserida. Na sociedade pós-moderna, marcada pelo desenvolvimento das TIC, que permitem o acesso a qualquer tipo de informação, percebe-se uma aproximação entre as noções de adulto e criança. Para Del Priore (2015, p. 10), a criança “é vista como o adulto em gestação”, ela é representada como um ser em desvantagem, uma vez que não possui maturidade para discernir as conexões e as causas ocultas presentes no discurso.

Nesse atual contexto, as categorias adulto e criança estão mais próximas e um novo momento da infância está se constituindo. Dentre os influenciadores na constituição da infância, é possível destacar os meios de comunicação, uma vez que facilitam o acesso da criança a conteúdos que, antes, eram restritos a adultos e inserem a criança nesses conteúdos também, como é o caso dos memes analisados nesta pesquisa.

Para a realização deste estudo, partimos das seguintes questões de pesquisa:

- a) Como uma proposta de leitura e análise crítica de memes que têm a criança como participante social principal pode contribuir para instigar o estudante a analisar criticamente e discutir as representações da criança?;
- b) Quais representações discursivas da criança são construídas nos memes e, por meio de quais recursos, elas são materializadas?;
- c) O que leva os alunos, pais, mães e ou responsáveis a compartilharem memes que circulam na internet e têm como foco a criança?;
- d) Quais são os possíveis efeitos da representação da criança construída nesses memes, no modo como os alunos e familiares representam o mundo e, especialmente, a infância?;
- e) Como os estudantes, pais, mães e/ou responsáveis se “relacionam” com as redes sociais e aplicativos?

O objetivo geral desta pesquisa é: elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes, que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante social principal a criança, com foco na representação discursivo-semiótica desse participante. E os objetivos específicos são: a) investigar como os alunos, pais, mães e ou responsáveis se relacionam com as redes sociais e aplicativos; b) analisar as especificidades do gênero discursivo meme; c) analisar as representações da criança construídas por meio desses textos e os recursos por meio dos quais elas se materializam; d) investigar as razões pelas quais os alunos, pais, mães e ou responsáveis compartilham memes que circulam na Internet e têm como foco a

criança; f) discutir com alunos, pais, mães e ou responsáveis essas representações e a prática de compartilhamento de memes, e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

E, em relação às pesquisas desenvolvidas com a temática escolhida, ressaltamos que, nos trabalhos de Rosa (2015), notamos que ele não elaborou nenhuma proposta para trabalhar com esses textos no âmbito escolar, nem para um trabalho de leitura crítica com base na ADC. Resolvemos, então, por meio de uma pesquisa inicial, avaliar se esse tema já havia sido contemplado no ensino de Língua Portuguesa.

Em pesquisa feita na internet, a partir dos termos de busca “meme e representação da criança”, identificamos que há trabalhos que tomam esse gênero como objeto de estudo, tais como Lisboa (2015), que examinou a formação dos memes jurisprudenciais veiculados no perfil público do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e analisou os discursos neles imbricados conforme as decisões do STJ a partir dos fundamentos bakhtinianos estudados pelo viés linguístico-enunciativo-discursivo; Horta (2015), que investiga o meme da internet, um fenômeno cultural que se estabeleceu na rede como uma forma de comunicação, baseada na recriação excessiva, coletiva e paródica de imagens, textos verbais, vídeos e textos a partir de uma perspectiva semiótica, na leitura de Peirce (1958), Lotman (1996), Bakhtin (2004) e Wittgenstein (1996); Barreto (2015), que versa sobre os memes de internet produzidos no ambiente virtual do *website* sob a ótica das práticas rituais de Durkheim e de face por Goffman; Sousa (2015), que discute as relações dialógicas presentes na produção e circulação dos memes na internet, à luz do pensamento de Bakhtin (1998, 2003, 2011, 2015); Guerreiro e Soares (2016), que analisa a configuração discursivo-visual presente no gênero digital meme a partir das categorias analíticas da Teoria da Semiótica Social Multimodal e da Gramática do *Design Visual* de Kress e van Leeuwen (2006); Silva (2016), que estuda os memes virtuais focalizando as noções de gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa embasado nos estudos dialógico-enunciativos de Bakhtin (1981, 2003) e de Authier-Revuz (1982, 1990, 2004); e Dias et al (2015), que visa compreender o fenômeno meme em sua aparição no contexto da *web 2.0* e como são estudados por teóricos brasileiros a partir de uma análise bibliométrica de artigos científicos escritos por autores brasileiros, disponíveis no Google Acadêmico.

Observamos ainda que há trabalhos para a análise da representação da criança, como os de Chalmel (2004), que discute a trajetória das representações da infância do Século das Luzes (XVII), quando o humanismo originou mudanças na representação da infância, antes sacra e que então se torna real, e as do século XVIII, no qual uma infância idealizada esconde a rudeza da vida real das crianças da época a partir da análise de Ariès e Debray; Pinheiro (2004), que visa a compreender a dinâmica de circulação de representações sociais da criança e do adolescente, entre os atores sociais que participaram da Assembleia Constituinte 1987- 88 (ANC 87- 88); Pellicciolli (2008), trata da representação da criança brasileira na prática social com base em La Bruyère e de Lauwe; Kodama (2010), que propõe uma análise da representação imagética da criança e sua relação com conteúdo de ordem ideológica abarcando os períodos da Idade Média, do Renascimento, do Barroco, do Academicismo e do Realismo, para compreender o uso, na contemporaneidade, da imagem da criança como produto, descaracterizando-a, sem respeitar sua diversidade cultural; e Alves (2017), que investigou as representações sociodiscursivas construídas das crianças no discurso publicitário de comerciais televisivos brasileiros, orientada teórica e metodologicamente pela ADC proposta por Fairclough (1989, 1995, 2001 e 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999).

Dessa forma, todos esses estudos trouxeram uma significativa contribuição para o estudo do gênero meme e para a representação da criança. Todavia, nenhum deles se volta para uma proposta de trabalho de leitura e análise crítica das representações de crianças em memes para ser desenvolvida em aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental com base nos pressupostos da ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), na pedagogia de multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2006, 2008; ROJO, 2012, 2013; ROJO; BARBOSA, 2015) e na Gramática do *Design* Visual (GDV) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Partindo desse fato, iniciamos a pesquisa voltada para esse viés.

Esta pesquisa se faz relevante porque pode proporcionar aos estudantes: i. um momento de interação entre eles e de reflexão sobre a prática de compartilhamento a partir do desenvolvimento de habilidades de leitura e análise crítica de memes; ii. uma reflexão sobre o que é representado nos memes e nos outros textos que leem e compartilham nas redes sociais e aplicativos; iii. uma reflexão sobre algumas questões sociais contemporâneas apresentadas nos memes que têm como participante principal a criança; iv. uma ampliação do seu

conhecimento, fornecendo-lhes subsídios para avaliarem o que esses textos representam no contexto social e cultural e como influenciam no modo como os leitores representam o mundo.

A nossa investigação também se mostra importante porque está voltada para a análise de práticas que integram o ensino de leitura e a análise crítica por meio de textos multissemióticos e o uso das TIC, criando estratégias para maior interesse e participação dos alunos nas atividades propostas, além de corresponder com as demandas atuais do ensino e com as dos alunos que hoje estão na escola. Nesse sentido, pode fornecer importante contribuição para professores de Língua Portuguesa. Além disso, este estudo pode contribuir para ampliar o escopo de aplicação da ADC no ensino.

Nesta dissertação, elaboramos um protótipo de ensino que foi produzido e desenvolvido com uma turma de 9º ano de uma escola pública na cidade de Samambaia, Distrito Federal e pode ser adaptado para outros anos e níveis de ensino. Este protótipo originou um caderno suplementar como produto desta pesquisa, conforme Apêndice deslocado C, e também foi publicado em um Portfólio online⁵ como material de apoio, que pode contribuir para a prática de outros colegas professores de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Rojo (2012, p. 8) define protótipos como “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos”. Ela explica que o termo tem origem devido aos muitos trabalhos elaborados, de maneira fundamentada e significativa, pelos seus cursistas a partir de experiências deles com seus alunos ou de experiências de outros professores. Conforme Rojo (2012, p. 7-8), as propostas de ensino que integram a coletânea, trabalham os letramentos múltiplos, ou os multiletramentos.

Importa ressaltar que esta pesquisa está vinculada ao projeto de pesquisa “Gêneros, Discursos e Identidades na Sociedade Brasileira”, coordenado pela Professora Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni.

Considerando os objetivos e as escolhas teórico-metodológicas, organizamos esta dissertação em seis capítulos, sendo este primeiro destinado às considerações iniciais e o último à conclusão. No capítulo 2, tecemos considerações sobre a integração das TIC, dos Multiletramentos, da Análise de Discurso Crítica no ensino

⁵ Link para acesso ao Portfólio online: <https://gildaliteratura.wixsite.com/gildaesilva>.

de Língua Portuguesa e da Gramática do *Design Visual*. Os fundamentos e o percurso metodológico compõem o capítulo 3 e, no capítulo 4, apresentamos a proposta de intervenção, aplicada em sala de aula no primeiro semestre de 2017. O quinto capítulo trata do relato da aplicação da proposta e da análise dos resultados.

CAPÍTULO 2

A INTEGRAÇÃO DAS TIC, DOS MULTILETRAMENTOS E DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas que sustentam a pesquisa desenvolvida. Ele está dividido em cinco partes. Inicialmente, discorremos sobre o ensino de língua portuguesa e a pedagogia dos multiletramentos e, em sequência, tratamos do gênero discursivo meme, que integra esta proposta de pesquisa. Na terceira parte, destacamos as contribuições das TIC no cotidiano escolar e a importância de a escola oferecer condições efetivas de acesso às novas formas de comunicação, informação e produção. Na quarta parte, refletimos sobre a Análise de Discurso Crítica e, na quinta parte, o foco recai sobre a Gramática do *Design Visual*, teorias que norteiam esta pesquisa.

2.1 O ensino de Língua Portuguesa e os multiletramentos

O mundo virtual disponibiliza um mundo de leituras. Conectamos e iniciamos nossa interação com o texto, dialogamos com outros leitores e autores, conhecemos o mundo, construímos ideias e nos tornamos autores. No entanto, às vezes, essa conexão com outros textos, com outros leitores é perdida porque não há prudência, atenção, reflexão.

Destacamos o porquê de a escola formar leitores críticos e reflexivos, leitores que consigam olhar a si mesmos e o outro, agir com ética, respeitar as suas preferências, ser tolerantes na convivência com a diversidade cultural e com o outro.

O trabalho com leitura requer, assim, a habilidade do professor para mostrar ao estudante que, para ler e compreender o sentido de um texto, é preciso descobrir o porquê de ler, é preciso ter objetivo. Kleiman (2016, p. 15) aponta que é necessária “a interação de diversos níveis de conhecimentos, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo”. Rojo (2012) e o GNL defendem sobre a importância de a escola incluir nos currículos a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica, pois vivemos uma diversidade de culturas, uma diversidade de textos, que exigem de nós a prática de multiletramentos.

Repensar o ensino de língua portuguesa e propiciar ao estudante momentos para que ele ative esses conhecimentos não são desafios atuais. Por outro lado, esse olhar em relação ao ensino de leitura e ao ensino de Língua Portuguesa não é novo. Desde a década de 80, mudanças significativas vêm ocorrendo. A linguagem deixou de ser vista apenas como expressão do pensamento e como instrumento de comunicação e passou a ser compreendida como forma de interação. A Linguística Textual, as teorias do discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e a Pragmática contribuíram sobremaneira para a construção desta concepção, segundo a qual o que uma pessoa faz ao usar a língua é realizar ações, atuar sobre seu interlocutor; é agir e interagir.

Essa concepção de língua como forma de interação está articulada nos PCN, produzidos na década de 1990. Nessa perspectiva, nos PCN, considera-se que:

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (BRASIL, 1998, p. 27).

Como os PCN revelam, o objetivo da Língua Portuguesa é fornecer subsídios ao aluno para o desenvolvimento de sua competência discursiva⁶, ou seja, a capacidade de o leitor ler, compreender e produzir textos multissemióticos e contextualizá-los. Logo, o ensino contempla a reflexão sobre a linguagem, suas funções e sua prática; não excluindo a análise de aspectos linguísticos por meio do texto. Essa reflexão é essencial para a evolução discursiva do estudante. Assim com o objetivo de desenvolver o potencial crítico no aluno, os PCN fundamentam o ensino

⁶ De acordo com Luiz Carlos Travaglia, a noção de competência discursiva pode variar conforme o sentido que se dê ao termo discursivo, mas, de modo mais geral, ela é definida como a capacidade do usuário da língua, que produz e compreende textos orais ou escritos, de contextualizar sua interação pela linguagem verbal ou outras linguagens, adequando o seu produto textual ao contexto de enunciação. Para saber mais, ver glossário Ceale, disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/competencia-discursiva>>. Acesso em 11 dez. 2018.

da língua nos gêneros do discurso, entendidos como objetos de ensino e o texto como unidade de ensino.

Os gêneros são concebidos, na perspectiva de Bakhtin (2011), como atividade humana que está relacionada ao uso da língua, que se concretiza “em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. (BAKHTIN, 2011, p. 262). Para o autor:

os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Segundo Bakhtin, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*⁷.” (BAKHTIN, 1999, p. 262, grifos do autor). Esses gêneros, conforme citação acima, refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera ou campo pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional.

Centrando-se na abordagem dos gêneros multissemióticos e dos multiletramentos, Dionísio (2011, p. 138) afirma que “somos, na atualidade, “mais visuais” e que os textos multissemióticos são especialmente elaborados de forma a revelar as nossas relações com a sociedade e as representações feitas por ela em nosso cotidiano”.

Conforme Rojo (2015), o termo multissemiótico compreende a combinação de diferentes sistemas semióticos durante a composição de um mesmo texto, como:

Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas - modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais - modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações - modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais (ROJO, 2015, p. 108).

⁷ Sabemos que há autores que usam a designação gênero textual para se referir ao que Bakhtin denomina como gênero do discurso, mas, nesta pesquisa, em conformidade com Bakhtin e com a perspectiva discursiva que adotamos, usamos a designação gênero do discurso.

Os PCN realçam a urgência de criar no estudante a competência e a habilidade de ler e produzir textos multissemióticos favorecendo, assim, a interação do aluno e a compreensão de que a linguagem verbal e a não verbal se complementam, e é por meio delas, que interagimos.

Segundo Rojo (2012, p. 12), o manifesto do GNL afirmava que era preciso a escola contemplar em seu currículo essa “grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado”. Essa concepção também é abordada por Canclini (1997) que considera a diversidade de culturas como forma de produção cultural em que os díspares se aproximam, encontram, relacionam e misturam cultura, etnia, gostos, histórias.

Para tanto, é evidente que a escola precisa preparar os estudantes para uma sociedade cada vez mais multicultural, mais conectada, pois, de acordo com Rojo,

vivemos a era das linguagens líquidas, a era do *networking*, ou relacionamento. Nesta era, competências variadas são exigidas para realizar o que Santaella (2007: 78) chama de “criações conjugadas”. Falamos em mover o letramento para os multiletramentos. Em deixar de lado o olhar inocente e enxergar o aluno como o nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas (ROJO, 2013, p. 8).

Hoje, as redes sociais tornaram-se indispensáveis na disseminação de informações, ideias e mensagens e viver distante desse mundo é praticamente impossível. A intercomunicação passou a acontecer em tempo efetivo e os textos cada vez mais variados e diversificados, misturam-se em diversas semioses - palavras, imagens, sons, vozes. De acordo com Santaella (2007, p. 319),

se nas enciclopédias e mesmo nos livros impressos só com muito esforço a imagem poderia se desprender da função subsidiária de ilustradora das ideias, na hipermídia ela pode comparecer em sua plena potência, ainda mais amplificada pela animação. [...] Palavra, texto, imagens fixas e animadas podem complementar-se e intercambiar funções na trama de um tecido comum. Como se não bastasse, a hipermídia pode importar sons, vozes, música, ruídos e vídeos.

Devido às inovadoras formas de comunicação humana, o trabalho com textos multissemióticos é uma necessidade na hipermodernidade⁸. Precisamos adotar, em

⁸ O conceito de hipermodernidade procura salientar não a superação, mas a radicalização da modernidade. Segundo Lipovetsky (2004, p.3), “Na hipermodernidade, não há escolha, não há

nosso trabalho, novas formas de incentivo à leitura, que exigem multi e novas ações da escola e do professor, ou seja, exigem multiletramentos.

A pedagogia de multiletramentos com vistas a “desenvolver habilidades e práticas de compreensão e produção de modos ou semioses (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19) e propiciar aos alunos maior estímulo no processo de construção de conhecimentos é fruto do *New London Group* (GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos, que afirma ser a escola capaz de ampliar os conhecimentos dos alunos e promover a participação crítica imprescindível para que sejam agentes sociais, transformadores.

Rojo ainda explica o porquê de uma pedagogia dos multiletramentos, ao dizer que:

vivemos em um mundo em que se espera (empregadores, professores, cidadãos, dirigentes) que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com urbanidade (ROJO, 2012, p. 27).

De acordo com Rojo (2012) e o GNL, os textos, em nossa contemporaneidade, ganham novos formatos, sofrem alterações expressivas dependendo do contexto. Essa multiplicidade de textos que faz parte de nosso cotidiano demanda de nós, leitores, práticas de multiletramentos.

O trabalho da escola nessa perspectiva deve ser, conforme Rojo (2012, p. 29), o de transformar os alunos em “analistas críticos, capazes de alterar os discursos e significações, seja na recepção ou na produção”. Trata-se de considerar as práticas sociais no fazer pedagógico, posto que vivemos em uma sociedade caracterizada pela diversidade cultural e semiótica, visto que:

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros,

alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela ‘evolução’: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais. Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heroicos. A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação. Resta saber se, na realidade, isso não significa modernização cega, niilismo técnico-mercantil, processo que transforma a vida em algo sem propósito e sem sentido” (LIPOVETSKY, 2004, p. 3).

mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos, que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho) (ROJO, 2012, p. 8).

Nesse sentido, trabalhar com os multiletramentos deve acontecer a partir da cultura de referência do alunado, de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos na direção de outros letramentos. Nesta dissertação, considerando a atitude ética, de defesa e de fortalecimento dos alunos, pais, mães e/ou responsáveis, partimos de uma cultura de referência deles e de um gênero conhecido por eles: ler memes e compartilhá-los diariamente. A partir desse ponto, procuramos oportunizar aos participantes que ampliassem e mergulhassem em outros letramentos que exigiam deles leitura, análise, reflexão, posicionamento crítico.

Considerando tudo isso, elaboramos um protótipo de ensino com objetivo de trabalhar a leitura e a análise crítica de memes, textos multissemióticos, que fazem parte do nosso cotidiano, circulam nas redes sociais e aplicativos e demandam do leitor o desenvolvimento de múltiplas competências e habilidades. Esse gênero discursivo digital é capaz de desafiar o leitor a compreender o que está por trás dos diversos modos semióticos que o compõe, conforme especificamos a seguir.

2.2 Meme: um gênero discursivo virtual⁹

Há uma grande variedade de gêneros discursivos na sociedade e as redes sociais são hoje propagadoras de diversos gêneros discursivos, que participam das práticas sociais dos internautas. São eles uma atividade social de linguagem e apresentam o modo como as pessoas veem o mundo.

Dentre os diferentes gêneros discursivos propagados pelas redes sociais, damos destaque aos memes, que se apresentam numa mistura diversificada de semioses, publicizando formas reveladoras de uma comunidade ver um fato e agir diante dessa realidade.

Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, usa pela primeira vez a palavra meme e a interpreta semelhantemente à teoria da evolução dos genes, desenvolvida por Charles Darwin, como pode ser visto no trecho a seguir:

⁹ Consideramos os memes gêneros discursivos virtuais conforme Silva (2016). Sublinhamos que os memes não se restringem ao ambiente virtual; no entanto, nesta pesquisa, analisaremos os memes que fazem parte do ambiente online, mas se conectam com nossa realidade.

O gene, a molécula de DNA, por acaso é a entidade replicadora mais comum em nosso planeta. Poderá haver outras. Se houver, desde que certas outras condições sejam satisfeitas, elas quase inevitavelmente tenderão a tornarem-se a base de um processo evolutivo. Mas temos que ir para mundos distantes a fim de encontrar outros tipos de replicadores e outros tipos resultantes de evolução? Acho que um novo tipo de replicador recentemente surgiu neste próprio planeta. Ele está nos encarando de frente. Ainda está em sua infância, vagueando desajeitadamente num caldo primordial, mas já está conseguindo uma mudança evolutiva a uma velocidade que deixa o velho gene muito atrás. O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a "memória", ou à palavra francesa meme (DAWKINS, 1979, p. 112).

Desde então, esses genes engendram e sobrevivem. Dessa teoria surge o nome técnico "meme" (um dissílabo que soa como "gene"), que pode sobreviver, tornar-se famoso, eterno.

De acordo com Souza (2013, p. 133), Blackmore (2000), a partir da caracterização por Dawkins (1979) de que os memes se modificam de 'cérebro em cérebro', esclarece que nós, seres humanos, pensamos "memeticamente" e que "pensar memeticamente ocasiona uma nova visão de mundo, uma que, quando você a aprende', transforma tudo". Assim, Souza (2013, p.134) pontua que:

ao serem mêmicos, evidencia-se o caráter replicador destes componentes que são passados de indivíduo para indivíduo em ambiente virtual por questões de filiação e adesão aos sentidos expressos pelo conteúdo dos "memes" - ou seja, as formações ideológicas presentes nas formações discursivas destes fragmentos. Fato é que a Internet possibilita a cooperação mútua, a construção coletiva de conhecimento, fomentando os debates e ampliando, assim, o campo de evolução dos "memes". Os textos mêmicos carregam em si mensagens que são decodificadas pelos cérebros receptores, analisadas, interpretadas, adotadas e, por vezes, replicadas, tal que, ao se familiarizarem com a linguagem contida no componente a ser replicado, estarão dialogando de certa maneira com o criador do "meme", ou mesmo com os partícipes das mesmas interações de transmissão de ideias. É a linguagem enquanto fenômeno social, como prática de atuação interativa.

Horta (2015) conta que a primeira aparição do termo se deu no ano de 1998 em um site chamado *Memepool*, o qual contava com *links* e outros conteúdos que se espalhavam pela internet, criado por Joshua Schachter. Ela ainda comenta que:

no começo dos anos 2000, Jonah Peretti, que havia criado um site chamado Contegious Media, pelo qual fazia experimentos virais, realizou, com um grupo de amigos, um "festival de virais" que contou com a presença de várias

personalidades influentes na disseminação e criação de artefatos culturais na web. De acordo com Kenvatta Cheese, um dos cocriadores do Know Your Meme¹⁰, nesse evento a teoria de Dawkins foi lembrada e a partir de então o termo “meme” começou a ser utilizado para definir tudo aquilo que se espalhava na internet (HORTA, 2015, p.14).

A internet, portanto, proporciona a divulgação e a replicação dos memes além de torná-los textos do cotidiano, entendidos, conforme esclarece Fontanella (2009, p. 8), como “ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação”. Assim, tudo o que é ensinado ou transmitido socialmente pode dar origem a um exemplar do gênero meme: a moda, certos objetos de consumo, músicas, fotos, textos, entre outros.

Silva (2016, p. 349) esclarece sobre a construção composicional dos memes afirmando que:

De maneira especial, as formas dos memes virtuais são bastante variadas: uma simples hashtag, como já dissemos, pode tornar-se um meme, e sua forma restringe-se a um curto conteúdo verbal escrito (uma palavra-chave) seguida de um cerquilha¹¹. Tudo tem a ver com a replicação da ideia ou conceito transmitido.

O autor ainda afirma que os memes, enquanto gêneros do discurso que são, podem ser do tipo replicador: quando propagado pode permanecer inalterado, fiel ao seu exemplar ou pode ser do tipo mimético: ser alterado, transformado, podendo até constituir outro meme.

Em conformidade com Silva (2016, p. 348), consideramos o meme um gênero do discursivo virtual “justamente porque, assim como os demais gêneros, nasce no interior de práticas discursivas de interação humana e apresenta conteúdo temático, estilo e estrutura composicional”. Também concordamos com o autor que diz que vários outros “aspectos de ordem dos estudos da linguagem ainda podem ser observados nos memes”, como:

a multimodalidade presente nesses gêneros, a diversidade de formas que podem apresentar, os processos de transposição dos espaços não-virtuais para os espaços virtuais ou vice-versa, a utilização como objeto de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, dentre muitos outros. Trata-se de gênero que apresenta múltiplas possibilidades de abordagem sobre a ótica dos estudos da linguagem. Investigações desse tipo são essenciais para compreensão do funcionamento desse gênero em sociedade, especialmente no espaço virtual (SILVA, 2016, p. 358).

¹⁰ O site knowyourmeme.com traz uma coleção de memes, principalmente memes norte-americanos. Além disso, o usuário pode encontrar explicações referentes aos memes, sua origem e funcionamento.

¹¹ Cerquilha refere-se ao símbolo do jogo da velha #, sinal utilizado nas redes sociais antes de um *hashtag*.

Exemplificamos o poder desse gênero discursivo virtual enquanto textos multissemióticos a partir de dois memes que compõem a proposta de leitura e análise crítica desta dissertação (ver Cap. 4). Eles foram criados a partir de uma foto de uma menina tirada pelo pai dela quando observavam um treinamento do corpo de bombeiros próximo a casa deles. Tempos depois, ao participarem de uma competição organizada pela revista "JPG Magazine" na categoria "captura de emoção", a foto tornou-se conhecida e, em 2008, se popularizou após ser divulgada no site *BuzzFeed*. A menina, antes uma pessoa desconhecida, torna-se celebridade, ao viralizar nas redes sociais e aplicativos e receber o título de “Garota Desastre” porque a foto foi publicada com a legenda “*Firestarter*”: “*fire*” (fogo) + “*starter*” (iniciante).

Texto 6 – Foto que originou o meme “Garota desastre”



Fonte: Disponível em <<http://s.glbimg.com/po/tt/f/original/2012/11/30/imagem150.jpg>>. Acesso em 22 mar. 2016.

Texto 7 - Série: “Garota desastre” em desastres no mundo.



Fonte: Disponível em <<http://mundolouco.net/wp-content/uploads/2012/12/Conhe%C3%A7a-o-meme-Garota-desastre-2.jpg>>. Acesso em 20 abril 2016.

Notamos que o meme desenvolve diferentes formas de apresentar um conteúdo, invertendo espaços não-virtuais em espaços virtuais e vice-versa, podendo assim, transmitir informações, conhecimentos. A foto que antes era pessoal, tornou-se pública.

Observando as informações dos memes, texto 7, percebemos que eles foram construídos a partir da sobreposição da foto da garota a situações de desastres. Assim podemos considerá-los miméticos porque sofreram alterações em relação ao seu exemplar original.

Apoiamo-nos na Gramática do *Design* Visual e em seus significados para analisarmos a linguagem visual. Em relação à disposição espacial dos componentes dos memes, analisamos que os elementos colocados à esquerda representam a informação dada, já conhecida do leitor e os elementos, à direita, representam o novo, a informação que passará a conhecer.¹² Assim, cada meme apresenta uma informação já conhecida pelo leitor: a explosão da bomba de Hiroshima em um deles e o naufrágio do Titanic no outro. A informação nova dos memes é a participante representada em um contexto de desastre. Podemos também perceber, por meio das cores, do contraste e do tamanho, que as tragédias se destacam. O olhar da participante se dirige de forma indireta para o leitor, como se o colocasse na situação representada.

A partir dos pressupostos da ADC, podemos analisar que esses textos apresentam: i) uma criança como participante principal, ii) a construção da representação da criança relacionada à adultização, iii) os recursos por meio dos quais essa representação se concretiza, iv) o discurso materializado nas ações da participante representada.

Percebemos que para a leitura e a análise crítica dos memes é preciso que levemos em conta as multissemióticas. É defendido, por Rojo (2012) e o GNL, que essas múltiplas linguagens compõem uma das características dos textos de hoje, promovem novos gêneros e precisam ser investigadas, analisadas, avaliadas na escola, posto que partem das práticas diárias.

Considerando ainda os memes da “Garota desastre” aqui apresentados, podemos confirmar a argumentação de Silva (2016, p. 352) de que:

¹² A leitura dos textos deve considerar a orientação de leitura de uma sociedade ocidental, que se faz da esquerda para a direita e, também em sentido descendente, ou seja, de cima para baixo.

Todo *meme* rememora outros *memes* (e também outros gêneros), porque com eles dialoga: seja por meio do estilo, da estrutura composicional, do conteúdo temático (elementos característicos do gênero – *relações dialógicas intergêneros*) ou mesmo pelo fato de ser atravessado constitutivamente por outros discursos, por outras vozes que representam diferentes lugares sociais que se estabilizam e se desestabilizam durante o processo de replicação.

Outro aspecto que Silva (2016, p. 349) destaca é quanto ao propósito do meme virtual como gênero do discurso:

De modo bastante geral, os memes virtuais buscam reproduzir ou representar uma situação ou sentimento de forma lúdica ou crítica, com intenção humorística e satírica. Mas, assim como há diversos tipos de memes, variados quanto à forma, há também uma variedade de valores e funções que os memes podem desempenhar no espaço virtual. Os memes podem também instaurar uma reflexão, podem questionar uma realidade, problematizar uma situação. E tudo isso parece ter a ver com o conteúdo temático, com a esfera da atividade humana a que se relaciona o produtor de um meme.

Consideramos, então, o texto 10 da proposta de leitura e análise crítica de memes desta dissertação (ver Cap. 4), que se difere dos memes do texto 7, pois ao ser replicado é fiel ao seu exemplar, a foto.

Texto 10 - Série: “Garota desastre” em “Feministas!”



Fonte: Disponível em <<http://www.portalafricas.com.br/v1/wp-content/uploads/2016/08/Screenshot-2016-08-30-at-20.10.38.png>>. Acesso em 20 abril 2016.

Além disso, observamos que os memes são construídos numa rede de interação social e nascem de situações precisas, como as especificadas anteriormente e são reconstruídos em situações também diferentes.

Destacamos o conteúdo temático: o humor, a adultização, a crítica. As semioses empregadas em sua constituição representam o estilo e, na estrutura

composicional, temos a sobreposição da linguagem verbal à visual. Por ser um meme virtual, como já dissemos, essa estrutura pode se alterar.

É possível percebermos a forma humorística que este meme virtual busca reproduzir, os valores construídos, a representação da criança como participante principal e os efeitos disso e, a partir desses aspectos, podemos promover com nossos alunos uma reflexão, analisar a situação de produção, o propósito, o contexto, a participante, podemos questionar essa realidade, discutir a prática de compartilhamento desse texto.

Acentuamos também que a internet oferece ao usuário a possibilidade de criar o seu próprio meme. Para a criação de um meme, uma das possibilidades é escolher a foto de fundo e preencher o espaço determinado para a mensagem que comporá todo o texto, podendo o usuário até customizar o seu produto final, dando-lhe vida, movimento, deixando, assim, a sua marca de criação e produção.

Além de participar da produção, o usuário hoje também dispõe de uma plataforma *online*, projeto da Universidade Federal Fluminense, denominada “Museu dos memes”, que apresenta o universo desse gênero discursivo midiático, que se torna uma prática na cibercultura, uma forma sociocultural de interação entre as pessoas, possibilitando a aproximação entre os usuários das redes sociais e aplicativos em qualquer lugar do mundo.

Por assim ser, acreditamos que um trabalho de leitura e análise crítica de memes pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento da competência discursiva¹³ de nossos alunos, pois levaremos em conta as crenças, valores e desejos materializados nos textos, os quais podem também ser relacionados aos dos participantes e produzir mudanças na vida destes.

Dessa forma, apresentamos, a seguir, a importância da integração das TIC ao ensino para que nossos alunos dialoguem com a multiplicidade de textos multissemióticos.

¹³ A competência discursiva, “de acordo com Baltar (2003; 2004), diz respeito à capacidade de mobilizar recursos de vários níveis para interagir sócio-discursivamente. Isso implica: o conhecimento e escolha dos gêneros presentes nos ambientes discursivos; o domínio das estruturas relativamente estáveis que compõem esses gêneros; o conhecimento dos mecanismos de textualização e de enunciação; a capacidade de mobilizar conteúdos temáticos, tendo em vista o ambiente discursivo e as posições de sujeito dos interlocutores; a capacidade de transferir saberes oriundos de um trabalho de ensino-aprendizagem num ambiente escolar para poder transitar em outros ambientes discursivos e, ainda, perceber a divisão das vozes sociais e das instituições que as sustentam” (DIAS et al, 2011, p. 154).

2.3 Juventude Conectada: a necessidade de integração das TIC ao ensino

A humanidade caminha lado a lado com os avanços tecnológicos. O homem, em sua natureza, busca soluções que não só facilitam a vida com conforto, mas que também contribuem para a sua sobrevivência. Desde o princípio, vários fatores contribuíram para o desenvolvimento tecnológico, para a melhoria nas práticas agrícolas de larga escala, para inovações educacionais e até mesmo para as grandes guerras que marcaram a humanidade.

Conectividade é a palavra do novo século. Com o progresso da tecnologia, celulares, *tablets*, *laptops* são inovados a cada ano e conectar com velocidade tornou-se mais simples. Nota-se que, no século XX, essas tecnologias levavam anos ou décadas para serem aprimoradas; nos dias atuais, observa-se que são aprimoradas ano a ano ou menos do que isso.

A tecnologia é uma grande influenciadora de uma sociedade, que amplifica, exterioriza e modifica as habilidades cognitivas humanas com o intuito de facilitar o acesso à comunicação e à informação. No entanto, Lévy (2016, p. 32) afirma que:

O crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta inteligência um ambiente propício. De fato, também vemos surgir na órbita das redes digitais interativas diversos tipos de formas: de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela), de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais), de dominação [...], de exploração [...], e mesmo de bobagem coletiva (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”).

Pelo fato de o jovem ser um indivíduo a utilizar de forma demasiada as redes sociais em seu dia a dia, é preciso que seja instruído e orientado para discernir em quais situações a tecnologia pode conceder de maneira positiva e eficaz mudanças comportamentais e culturais e quando as pode desfavorecer. O jovem encontra, nesse espaço, uma ferramenta de desabafo, de relacionamento e de expressão. Segundo Fischer (2006, p. 71), “trata-se de um aparato que cada vez mais se sofisticava, no sentido de orientar, cuidar, instruir, formar. De subjetivar, enfim”. Isso evidencia que a tecnologia além de propiciar informações, conhecimento do mundo, possibilita também o conhecimento de nós mesmos.

O *Facebook*, por exemplo, é uma rede social que oportuniza de uma maneira livre o compartilhamento de ideias, de acontecimentos, de informações, de *links*, fotos,

mensagens pelos seus usuários. Santaella (2013, p. 35) afirma que não se pode “[...] minimizar o papel que as redes digitais hoje desempenham na vida psíquica, social, cultural, política e econômica” do ser humano; porém é preciso avaliar as influências do que é compartilhado e postado. Fischer (2006, p. 75) questiona se não seria o momento de:

[...] indagar como, na trama de saberes, relações de poder e modos de subjetivação em que se inscrevem as novas tecnologias, nosso olhar e nossos corpos se organizam; como elas participam de novas formas de controle, as quais supõem, igualmente, novas formas de resistência. Como os jovens controlam e produzem novos gostos estéticos, novas formas de simbolizar e de construir a si mesmos?

Avalia-se assim que o surgimento das TIC trouxe um novo jeito de pensar e agir, uma vez que as pessoas não só consomem as informações através da internet, mas também escrevem, filmam, fotografam, produzem textos com imagens, áudio, vídeo e *links*, falam de si mesmas, “curtem” outros textos e/ou compartilham as notícias. Essas produções são realizadas pelos jovens como forma de conhecer o dia a dia de outras pessoas, o que elas pensam, expressam, entendem ou como forma de construção de sua própria personalidade, de sua identidade.

Nesse contexto, o jovem é desafiado o tempo todo a usar a tecnologia de forma prudente e crítica, criar condições para dominar os instrumentos tecnológicos e não ser dominado por eles, redefinir assim a forma de pensar, virtualizando ações e interações.

Segundo Lemke (2010, p. 461):

Habilidades de autoria multimidiática e análise crítica multimidiática correspondem de forma aproximada a habilidades tradicionais de produção textual e de leitura crítica, mas precisamos compreender o quão estreita e restritiva foi, no passado, nossa tradição de educação letrada para que possamos ver o quanto a mais do que estamos dando hoje os estudantes precisarão no futuro. Nós não ensinamos os alunos a integrar nem mesmo desenhos e diagramas à sua escrita, quanto menos imagens fotográficas de arquivos, vídeo clips, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação, ou representações mais especializadas (fórmulas matemáticas, gráficos e tabelas etc.).

Com base nas considerações feitas por Lemke, é possível perceber que um dos desafios dos professores hoje é (re)pensar diferentes práticas escolares de leitura, análise crítica e produção. O ensino de Língua Portuguesa, ao integrar as TIC, os multiletramentos e as multisssemioses, pode ampliar o conhecimento dos estudantes e levá-los a perceber “a multiculturalidade característica das sociedades

globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa.” (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Alinhado a essas ideias, o grande desafio para o professor é saber usar a tecnologia a favor do ensino, compreender a necessidade de inclusão tecnológica e da informatização da escola como uma rede de conhecimento. Os PCN (BRASIL, 1998, p.140) apontam que “a tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores”.

Nesse contexto, as TIC não devem ser interpretadas, simplesmente, como recursos tecnológicos capazes de transformar a prática pedagógica do professor. O ensino integrado às TIC implica uma mudança na forma como interagimos e produzimos nossos textos e defendemos nossas ideias. Portanto, o professor tem como tarefa fazer com que os alunos usem as TIC e sejam mais democráticos, empreendedores, críticos e tolerantes.

Esses preceitos nos fazem lembrar Silva (2001, p. 37), quando assegura que:

O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. E continua. Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem, contudo, submetê-la à tirania do efêmero.

Sendo assim, o professor precisa, no que lhe concerne, mediar, orientar e instigar o aluno a entender as TIC não apenas como formas de comunicação mais rápidas e multissemióticas, mas como prática social a compreender a influência delas na sua formação individual, no seu meio social, na forma de viver, pensar e agir. Para isso, é preciso que o professor experiencie novas práticas escolares, adeque o conteúdo às novas exigências sociais a fim de proporcionar um ensino reflexivo, investigativo, dialógico, criativo e dinâmico, que leve em conta o caráter multissemiótico dos textos.

Nessa perspectiva, Rojo (2013, p. 8) afirma que “se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas”. A escola precisa enfrentar esse desafio e incorporar novas práticas, novas formas de ensinar; novos letramentos. Essa concepção nos faz retomar o pensamento

de Gomes (2016, p. 90): “Quem educa, de fato, são as redes sociais que compõem o ‘tecido urbano’, que promovem interações educativas entre as pessoas conectadas nessas redes”. Canclini (1997, p. 286) expõe como características das TIC:

o papel de ‘mediadora e mediatizadora’ de novos gêneros discursivos que precisam ser contemplados pela escola, visto que cada internauta pode criar seus textos, assim como pode reproduzir novos textos, desconstruindo ideias, imagens, situações, acontecimentos.

Considerando a influência das TIC na formação sociocultural de um povo, de uma comunidade, de um grupo, propusemos, por meio desta pesquisa, que o estudante perceba que, além de criatividade e inovação, manifesta por meio dos textos seus gostos, suas escolhas e critérios, sua ideologia, o seu discurso e as habilidades exigidas pelos letramentos que já domina. Sob esta ótica, esta pesquisa se baseia na proposta teórica e metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), concebida por (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), que tem como foco o estudo da linguagem no contexto social, nas interações que vivenciamos e praticamos no nosso dia a dia. Acerca dessa teoria, discorreremos a seguir.

2.4 Análise de Discurso Crítica

A ADC surge como propósito de um grupo de linguistas que tinha como foco de pesquisa científica a mudança social a partir da mudança discursiva. Segundo Ottoni (2007, p. 28), o artigo de Norman Fairclough, “*Critical and descriptive goals in Discourse Analysis*”, publicado no *Journal of Pragmatics*, em 1985, marca o primeiro momento da ADC.

A ADC se consolida, em 1990, com o inglês Norman Fairclough, maior expoente dessa abordagem teórica, que propõe uma análise crítica das diferentes formas de linguagem usadas na sociedade, com o objetivo de investigar o modo como agimos e interagimos nas práticas sociais e a relação entre linguagem e sociedade.

Fairclough (2001, p. 28) explica que ‘Crítica’, em ADC, “implica mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção, por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem”. Fairclough (2003) defende a relação dialética entre linguagem e

sociedade e mostra que, no cotidiano, nos organizamos em torno de outras pessoas a fim de nos comunicarmos.

A partir dos memes, que têm a criança como participante social principal, analisaremos como são construídas as representações discursivas nesse gênero discursivo virtual e os efeitos delas no modo como representamos o mundo e, em particular, a infância. Por meio dessa análise, acreditamos que poderemos contribuir para a conscientização de que a linguagem tem poder, pode influenciar nossas convicções, nossas decisões, nossa autonomia, nosso equilíbrio, nossas ações e transformá-las, em conformidade com Fairclough (1989).

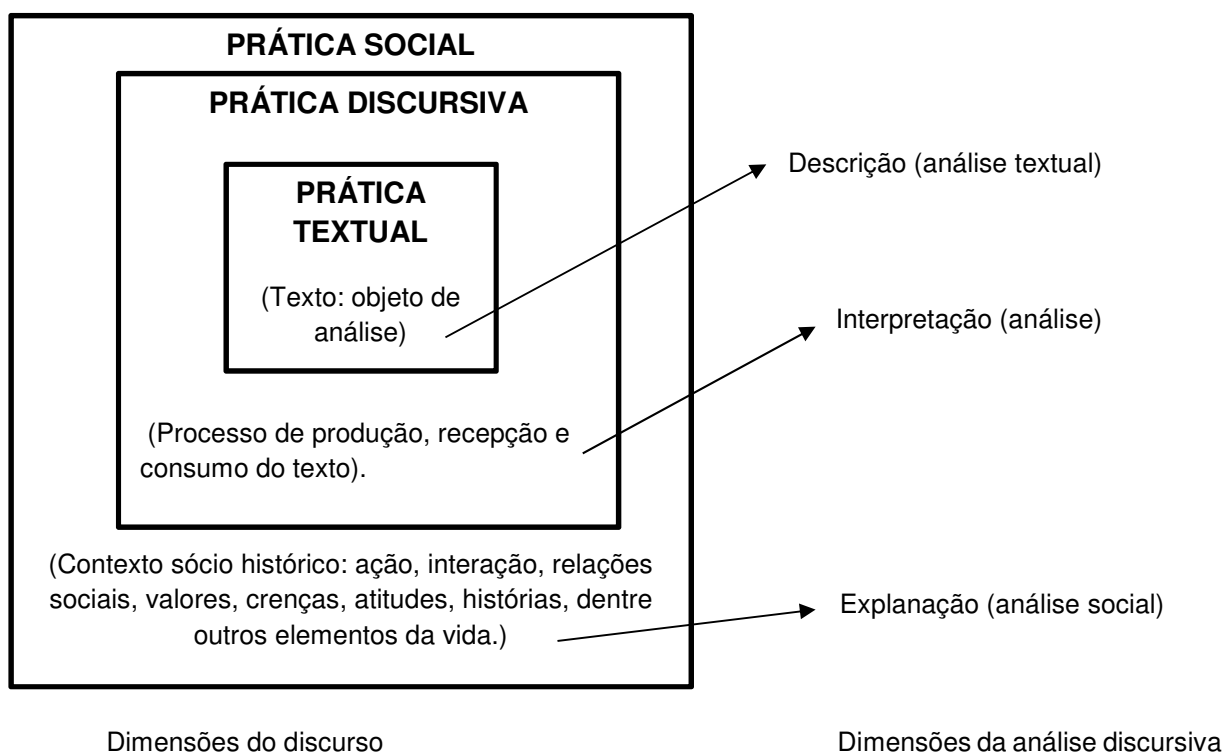
Otoni (2007) argumenta que:

ao utilizarmos a linguagem/discurso não apenas reproduzimos as relações de poder; nós podemos refletir posições de resistência ao poder, de emancipação, de diferenças, de vozes alheias que incorporamos de outros discursos e ideologias, ao mesmo tempo em que podemos também nos reposicionar, transformando nossas identidades e podendo, assim, agir sobre a nossa realidade social (OTTONI, 2007, p. 51).

Em consonância a essa concepção, Resende e Ramalho (2011, p. 13) afirmam que “a linguagem é parte irredutível da vida”. Infere-se dessa definição que há uma associação entre linguagem e sociedade, que se revela por meio do discurso¹⁴, de nossas ações e interações uma vez que “representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p.15). Nas obras de 1989 (*Language and Power*) e de 1992 (*Discourse and Social Change*), traduzida em 2001, Fairclough concebe o discurso como prática social e apresenta uma proposta de abordagem tridimensional do discurso, que inclui as dimensões da prática social, da prática discursiva e da prática textual, conforme Figura 1.

¹⁴ Resende e Ramalho (2006, p. 27) apresentam a definição de discurso proposta por Fairclough “como forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade, um elemento da vida social interconectado a outros elementos”. Otoni (2007) esclarece que “o discurso é moldado pela sociedade ao mesmo tempo em que a molda em todos os níveis; representa o mundo ao mesmo tempo em que o significa. Assim, mantém ou sustenta relações enquanto as transforma, construindo identidades sociais, posicionando o sujeito na sociedade ou naturalizando práticas que aproximam ou separam as pessoas, favorecendo ou não as desigualdades sociais” (OTTONI, 2007, p.22).

FIGURA 1 - Representação tridimensional do discurso



Fonte: Adaptado de Brent (2009, p. 130).

Conforme mostra a figura 1, as três dimensões - prática textual, prática discursiva e prática social -, na análise de um evento comunicativo, devem ser relacionadas. A esse respeito, o autor propõe:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35-36).

O autor concebe, assim, o discurso como uma prática social, um modo de representação, uma maneira de agir em relação ao mundo e às pessoas que nos rodeiam. Nessa abordagem, são propostas várias categorias para análise das três dimensões do discurso, conforme quadro 01:

QUADRO 01 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
Vocabulário gramática coesão estrutura textual	Produção distribuição consumo contexto força coerência intertextualidade	Ideologia sentidos pressuposições metáforas hegemonia orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

Fonte: Resende e Ramalho (2016, p. 29).

Na obra de Chouliaraki e Fairclough (1999), os autores defendem que a vida social é feita de práticas sociais e, diferentemente das obras de Fairclough (1989; 1992), não concebem o discurso como uma prática social, mas, sim, como um dos elementos das práticas sociais. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 37), “nas práticas sociais, o discurso se articula com outros elementos sociais”. Apoiando-se nesses autores, Ottoni (2007, p. 21) explica:

O conceito de práticas sociais, como explicam Chouliaraki e Fairclough, é trazido do materialismo histórico-geográfico de Harvey (1996). Este autor identifica seis elementos das práticas: *relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos, instituições/rituais e discurso*. Chouliaraki e Fairclough, ao trazerem tal conceito para a ADC, operam uma mudança, identificando apenas quatro elementos das práticas: *atividade material, relações sociais e processos* (relações sociais, poder, instituições), *fenômenos mentais* (crenças, valores, desejos) e *discurso/semiose*. Tais elementos são apresentados em números distintos e são agrupados e nomeados também de forma distinta em obras posteriores de Fairclough.

As práticas sociais são “modos habituais de ação social, ligados a um espaço e tempo particulares, nos quais as pessoas aplicam recursos (material e simbólico) para agirem juntas no mundo” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Seus momentos “são articulados dialeticamente, ou seja, cada momento incorpora o outro sem ser reduzido a ele. As práticas sociais se articulam conjuntamente dentro de redes de práticas, e as suas características ‘internas’ são determinadas por suas relações ‘externas’.” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 37).

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) pontuam:

Uma prática particular traz consigo diferentes elementos da vida – tipos particulares de atividade, ligadas de maneiras particulares a condições materiais, temporais e espaciais específicas; pessoas particulares com

experiências, conhecimentos e disposições particulares em relações sociais particulares; fontes semióticas particulares e maneiras de uso da linguagem particulares; e assim por diante. Uma vez que esses diversos elementos da vida são trazidos juntos em uma prática específica, nós podemos chamá-los “momentos de prática” e ver cada momento como “internalizando” os outros sem ser redutível a eles.

Por sua perspectiva crítica, sua natureza investigativa e de análise, Chouliaraki e Fairclough (1999) defendem que a ADC deve ser compreendida como uma teoria e um método e constitui:

um modelo teórico-metodológico que estabelece um diálogo entre a Ciência Social Crítica e a Linguística, especificamente a LSF. Uma das características que define esse modelo é o fato de que, na tentativa de compreender os problemas sociais, não fica estagnado dentro de um único campo disciplinar. Pelo contrário, defende ser necessário atravessar e relacionar algumas disciplinas, não se restringindo a nenhuma. Logo, na ADC, o diálogo é tanto parte do método quanto da teoria. Como a natureza da perspectiva é dialógica, ela é também dinâmica. A cada trabalho realizado, o problema investigado é o que vai demandar quais teorias entrarão nesse campo de diálogo. A ADC, então é uma teoria e método que estão em relação dialógica com outras teorias sociais e métodos, com os quais se devem envolver de um modo transdisciplinar, e não simplesmente interdisciplinar (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 2).

Considerando essa concepção, neste estudo, a ADC é articulada a teorias e estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa, à pedagogia dos multiletramentos, ao gênero discursivo meme, ao uso das TIC no ensino e à GDV. Assim, avaliamos que a escola é uma instituição muito importante, uma vez que é capaz de contribuir para a produção de mudanças sociais. É possível, na escola, refletir a respeito das diversas formas de se representar o mundo e as pessoas; repensar nossas ações e nossas práticas sociais, culturais e institucionais; indagar como o preconceito, a discriminação, a representação e a construção da personalidade e da individualidade se manifestam nos discursos que permeiam nosso dia a dia. Lima (2014, p. 69) esclarece que “a escola é uma instância social que tem muito a contribuir para a emancipação, caso nela sejam repensadas certas práticas”.

Dessa maneira, nossa pesquisa é construída tendo em vista o arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999, p.60) e que, segundo Ottoni (2007, p. 106) é “baseado nas visões de vida social, crítica e discurso”. Utilizamos, nesta pesquisa, esse arcabouço, que é assim constituído:

1. Um problema.
2. Obstáculos na superação do problema:
 - a) análise da conjuntura.

b) análise da prática da qual o discurso é um momento:

(i) a(s) prática(s) é relevante para o problema?

(ii) Relação do discurso com outros momentos:

. discurso como parte da atividade.

. discurso e reflexividade.

c) análise do discurso:

. análise estrutural: a ordem do discurso.

. análise interacional: - análise interdiscursiva.

. análise linguística e semiótica.

3. Funcionamento do problema na prática.

4. Possíveis maneiras de resolver o problema.

5. Reflexão sobre a análise.

Ressaltamos que o modelo de ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999) é flexível e não exige que todos os passos sejam adotados, visto que sua função é orientar a análise.

Em nossa pesquisa, partimos da observação de que: i. há muitos memes que têm a criança como participante principal, que constroem representações da criança relacionadas à adultização, à sexualidade, à inversão de valores, à intolerância dentre outros; ii. os alunos e as famílias têm acesso a esses memes, leem e compartilham esses textos sem, na maioria das vezes, refletir sobre as representações de mundo construídas nesses textos; iii. há uma carência no que diz respeito à integração das TIC aos conteúdos nas escolas; iv. há uma lacuna no que diz respeito a um trabalho de leitura que leve em conta as multissemioses; v. os dados referentes ao desempenho dos alunos no tocante à leitura ainda são preocupantes. Trata-se de uma problemática que não é só escolar, é social e tem um aspecto semiótico, e em grande parte construído por meio das redes sociais e aplicativos, tipos discursivos expressivos e de grande alcance e impacto social.

Agregam-se a essa situação as dificuldades encontradas pelos alunos na leitura e análise crítica de textos multissemióticos e a carência de propostas de leitura na escola que levem em conta o papel significativo das semioses conjugadas nos memes, o poder que elas exercem na criação e imposição das representações discursivo-semióticas construídas e materializadas nos textos e nas falas e ações dos participantes dessa prática. Também destacamos a importância de refletirmos sobre as transformações que as TIC podem promover no ensino.

Nessa prática, partimos da crença do que é leitura, de que é possível ensinar leitura, de que é possível pensar em diferentes caminhos para esse ensino, do valor que a leitura tem em nossa sociedade e para os professores e alunos, dos desejos dos participantes dessa prática de compreenderem o significado e o poder que os memes têm e quais efeitos podem produzir. Além de levarem em conta as crenças, valores e desejos materializados nesses textos, que podem também ser relacionados às crenças, valores e desejos dos participantes.

A partir do estudo crítico de textos compartilhados nas redes sociais com base nos pressupostos da ADC, buscamos contribuir para que o aluno perceba como a criança é representada nos textos e seja capaz de questionar ideologias, valores e conceitos; seja capaz de afirmar ou negar um discurso, reproduzir ou transformar sua prática. Ottoni (2007, p. 27) sugere ao professor que ele seja mediador e, assim, auxilie os estudantes na prática da reflexão sobre as ideologias para que não reproduzam “práticas excludentes e discriminatórias, mas, sim, tentem transformá-las”. Também pode contribuir para uma reflexão quanto à nossa prática pedagógica e à nossa pesquisa para analisarmos quais caminhos trilharemos em busca de novas articulações, novos significados, novas práticas no nosso fazer pedagógico.

Fairclough, em sua obra de 2003, efetiva a ideia de aprimorar o diálogo teórico entre a ADC e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1994)¹⁵. Para tanto, recomenda uma articulação entre as macrofunções de Halliday presentes em textos: ideacional, interpessoal e textual¹⁶ e as concepções de gênero, discurso e estilo. Assim, propõe no lugar das funções da linguagem, três principais maneiras pelas quais o discurso figura como parte de práticas sociais: modos de agir, modos de representar e modos de ser. A cada modo de interação entre discurso e prática social, Fairclough relaciona um significado. O significado acional realça o texto como modo de (inter)ação e relaciona-se ao conceito de gênero. O significado representacional destaca a representação de aspectos do mundo por meio do

¹⁵ A ADC dialoga com a LSF, teoria desenvolvida por Halliday (1994) a partir dos princípios de seu mestre, First. Segundo Silva (2013, p. 57), “o diálogo entre a ADC e a LSF é inegável, posto que não se pode deixar de considerar o caráter funcional da LSF em sua interpretação dos textos, do sistema e dos elementos da estrutura linguística”.

¹⁶ Conforme Resende; Ramalho (2016, p. 56), na análise do texto, deve-se analisar as três macrofunções uma vez que se relacionam. A função *ideacional* da linguagem é sua função de *representação* da experiência, um modo de refletir a ‘realidade’ na língua”, “a função *interpessoal* refere-se ao significado do ponto de vista de sua função no processo de interação social, da língua como *ação*” e a *textual* trata de “aspectos semânticos, gramaticais, estruturais, que devem ser analisados no texto com vistas ao fator funcional”.

discurso, e o significado identificacional diz respeito à identificação de atores sociais em textos e vincula-se ao conceito de estilo como modos de ser, identidades.

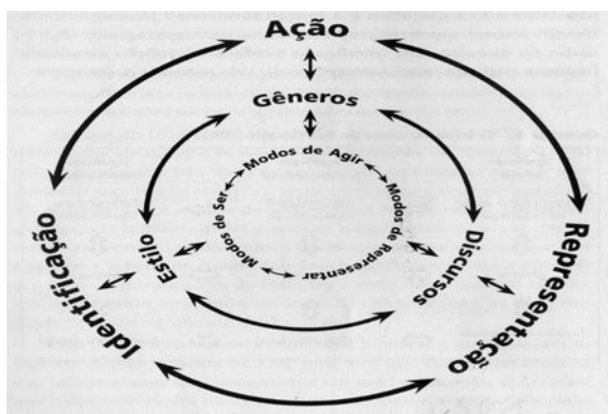
Conforme Fairclough (2003, p. 65), o significado acional é associado ao conceito de gêneros como “o aspecto especificamente discursivo de modos de agir e interagir no curso de eventos sociais¹⁷”. Ottoni e Lima (2014, p. 33) esclarecem que “os gêneros são definidos pelas práticas sociais a que se relacionam e pelas formas como elas são articuladas”.

Quanto ao significado identificacional, relacionado ao conceito de *estilo*, Ottoni (2007) explica que:

O estilo diz respeito aos “modos de ser ou identidades em seus aspectos lingüísticos e semióticos” (Fairclough, 2003, p. 41). Ele é, portanto, ligado à identificação de atores sociais. Fairclough opta por usar a nominalização ‘identificação’ em vez do nome ‘identidades’ porquanto considera que enfatiza o processo de identificação, como as pessoas se identificam e são identificadas pelos outros. Como esse processo envolve os efeitos constitutivos do discurso, Fairclough (*op. cit.*: p. 159) sugere que seja compreendido como um processo dialético em que os discursos são inculcados em identidades. “Uma consequência dessa visão dialética é que os significados identificacionais (assim como os acionais) nos textos podem ser vistos como pressupondo os representacionais, as suposições sobre quais pessoas se identificam como são” (OTTONI, 2007, p. 44).

Os três elementos: ação, representação e identificação se relacionam, respectivamente, às categorias de gênero, de discurso e de estilo, conforme a figura 02, a seguir, que representa o tripé da obra de Fairclough (2003):

FIGURA 02: A relação dialética e de internalização entre os tripés da proposta de Fairclough (2003), segundo Ottoni (2007, p. 33).



Fonte: Ottoni (2007, p. 33).

¹⁷ De acordo com Ottoni (2007, p.43), os eventos sociais incluem: formas de atividade, pessoas (com crenças, desejos, valores, histórias), relações sociais e formas institucionais, objetos, meios (tecnologias), tempo e espaço, linguagem (e outros tipos de semiose).

Fairclough (2003) expõe por meio da figura 02 que “a interação da ação, da representação e da identificação traz uma perspectiva social para o ‘coração’ do texto”. A partir do texto, é possível analisar, concomitantemente, o modo de representar e o modo de identificar por meio da linguagem.

Na seção seguinte, discorreremos sobre o significado representacional, uma vez que o foco desta pesquisa é a análise da representação discursiva da criança.

2.4.1 O discurso como representação

O significado representacional proposto por Fairclough (2003, p.124) associa-se ao conceito de discurso “como modos de representar aspectos do mundo – os processos, as relações e as estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, etc., e o mundo social”. Esses modos de representação se modificam conforme as relações estabelecidas entre si e com o mundo.

Fairclough (2003, p.124) afirma que:

Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, de suas identidades pessoal e social, e das relações que elas estabelecem com outras pessoas.

À vista disso, o autor especifica que, dentro de qualquer prática, uma pessoa pode em diferentes discursos, representar situações de competição, de cooperação, de dominação e ou de reflexão, uma vez que as relações sociais, o jeito de agir individualmente e socialmente interfere nas relações estabelecidas em sociedade.

Essas situações acontecem de acordo com a posição escolhida pelo participante na representação, podendo assim, uma mesma situação ser representada de formas diferentes.

A partir do texto 2, intitulado “Sexta-feira, dia de arrasar”, que compõe o Protótipo de leitura e análise crítica de memes desta dissertação (ver Cap. 4), exemplificamos os diferentes discursos que se articulam na construção da representação da criança e a forma como estão articulados nesse gênero discursivo virtual.

Texto 2 – Sexta-feira, dia de arrasar.



Fonte: Disponível em: <mensagensdebomdia.com.br> Acesso em 22 jun. 2016.

Por meio da interdiscursividade, categoria de análise do significado representacional, abordada nesta proposta, analisamos os discursos que se articulam na construção da representação da criança no meme. Ao analisar a interação entre os recursos semióticos, como a relação do emprego do verbo arrasar e do substantivo sexta-feira, na construção verbal “Hoje é sexta-feira, dia de arrasar!” com a imagem e com a representação construída da criança, percebemos que há um discurso de adultização, pois o discurso de representação da criança não condiz com a idade da participante.

Há também um discurso de sensualidade e um discurso humorístico. No entanto, o discurso depende do pensamento e do parecer de cada pessoa, que pode reconhecer ou não essas diferentes interpretações. Desse modo, os discursos estão conectados ao modo individual de representar o mundo.

Otoni (2007, p. 42) afirma que “o discurso como modo de representação também molda os processos e práticas sociais e é por eles moldados, desempenhando papel fundamental na vida social”.

Fairclough (2003, p. 124) explica que as pessoas do mesmo modo que os discursos “podem se complementar, podem cooperar umas com as outras, competir umas com as outras, dominar as outras, etc.”. Logo, nessas interações pessoais há combinações de diversos discursos, de diversas vozes.

Assim sendo, Fairclough (2003, p. 26) focaliza duas interpretações do termo discurso: uma “referindo-se à linguagem e outros tipos de semiose como elementos da vida social” (um dos momentos da prática social) e outra, “significando modos particulares de representação de parte do mundo” (significado representacional).

Para análise do significado representacional, Fairclough (2003) propõe as seguintes categorias: a transitividade, a estrutura visual (imagens); o vocabulário/significado de palavras; a interdiscursividade; a representação de atores sociais e a representação de eventos sociais. Dessas, em conformidade com o objetivo deste projeto, trabalharemos com as categorias: a estrutura visual (imagens); o vocabulário e a interdiscursividade.

Em relação à categoria estrutura visual¹⁸ (imagens), Kress e van Leeuwen (2006) propõem, na perspectiva da semiótica social, a “Gramática do *Design Visual*”. Identificam o papel das imagens na construção de significados na linguagem e a construção deles nas relações sociais, ressaltam que a imagem visual, bem como a linguagem verbal e todos os modos semióticos são socialmente construídos e a multiplicidade de significados precisa ser trabalhada na escola. Exemplificam que a linguagem visual pode expressar significado “através do uso de cores ou diferentes estruturas de composição”. Para a análise dessa categoria, buscamos suporte na GDV, sobre a qual discorreremos na seção 2.5, dos autores Kress e van Leeuwen.

Da mesma forma que as palavras podem ser determinantes na construção de sentido, as imagens também são capazes de construir significação e, quando articuladas, podem contribuir para que o leitor compreenda o discurso.

Essa articulação de discursos é chamada de interdiscursividade, conforme já exemplificamos a partir do meme, intitulado “Sexta-feira, dia de arrasar”. Trata-se de uma das categorias de análise do significado representacional, que se preocupa em revelar quais são os discursos articulados, de que maneira são articulados os discursos, quais são as marcas que caracterizam o discurso.

Fairclough (2003, p.129), assim esclarece:

A distinção dos discursos se dá tanto pelas formas de representar quanto por suas relações com outros elementos sociais. Essas formas de representar podem ser especificadas por meio dos traços linguísticos que realizam um discurso. O mais evidente dos traços distintivos de um discurso é o vocabulário, pois os discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras diferentes.

O autor ainda salienta que analisar as escolhas lexicais é de grande relevância, é um exercício que requer novas combinações semânticas entre as palavras, novos

¹⁸ Sugerimos, também, a leitura da obra de Kress e Van Leeuwen, publicada em 2001, sobre discurso multimodal. (Multimodal Discourse).

sentidos. Considerando o diálogo entre a ADC e a GDV, abordamos a seguir as bases para análises de imagens propostas por Kress e van Leeuwen (2006).

2.5 A Gramática do *Design Visual*

Nosso cotidiano, instigado pelas TIC, está circundado de textos multissemióticos, que envolvem não só o aspecto verbal, mas também o não verbal, misturam elementos tais como imagens, sons, movimentos, cores, aos textos verbais.

Acerca disso, convém, então, ressaltar que Fairclough (1989) já assinalava a interatividade entre elementos visuais e verbais e a relevância dos elementos visuais em materiais escritos, televisivos ou cinematográficos. Analisando também esse contexto, Kress e van Leeuwen (2006) propõem um trabalho com foco na análise dos significados visuais. Esses autores asseveram que os recursos verbais, por um bom tempo, tiveram destaque, foram os mais monitorados, observados e considerados na leitura dos textos. No entanto, explicam que a era digital exige que o leitor focalize não apenas o verbal ou o visual, mas combine os diversos modos semióticos.

A GDV é uma gramática que evidencia o visual e apresenta categorias de análise dessa linguagem. Em *Reading Images: the grammar of visual design* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), os teóricos apresentam a proposta, descrevem como os elementos semióticos se organizam e atraem a atenção dos leitores.

Todavia, os autores da GDV esclarecem que nem tudo o que utilizarmos em linguagem verbal, utilizaremos, similarmente, em comunicação visual. Eles registram que num texto multissemiótico, a linguagem verbal e a visual não, necessariamente, figuram o mesmo sentido. Acrescentam também que uma vez que as sociedades não são idênticas, a comunicação e os discursos produzidos apresentarão divergências, conflitos e diferenças. Dessa maneira, entender os recursos semióticos, que constituem os textos multimodais, envolve a interpretação de recursos tais como, cores, perspectivas, saliências, pontos de vista, entre outros.

Apesar dessa constatação, Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que a escola ainda não prioriza um trabalho com textos multissemióticos. Acentuam assim, que a inserção da linguagem visual na escola é essencial para o protagonismo dos alunos, para a construção de sentidos por meio da multiplicidade de modos semióticos.

Assim sendo, ressaltamos a proposta do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), que apresenta, dentre seus objetivos, capacitar professores de

ensino fundamental para que inovem suas técnicas em sala de aula e reflitam sobre as práticas de uso da linguagem, privilegiando tanto a linguagem verbal quanto a visual ou não verbal.

Tendo em vista essa proposta e o fato de a escola ser o espaço ideal para o desenvolvimento de práticas de multiletramentos, para promoção da autonomia e do fortalecimento identitário dos estudantes, desenvolvemos esta proposta direcionada ao ensino de Língua Portuguesa voltado para as práticas sociais de uso da linguagem. Priorizamos, portanto, nesta pesquisa, a prática de leitura e de análise crítica de memes, textos do cotidiano dos estudantes compartilhados em redes sociais e aplicativos, capazes de influenciar a maneira de agir dos interlocutores; textos que, a cada dia, difundem mais discursos, moldam novas maneiras de interação, apresentam semioses.

Para desenvolver um olhar para os modos semióticos, Kress e van Leeuwen (2006) criam a Gramática do *Design Visual* (GDV) a partir da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), proposta por Halliday (1994)¹⁹, pois analisaram que, apesar de o foco da GSF ser a linguagem verbal, suas teorias não são específicas de um único modo semiótico.

Dessa forma, Kress e van Leeuwen (2006), a partir da teoria linguística sistêmico-funcional de Halliday (1994), analisam os textos multissemióticos inspirados nas metafunções da LSF, conforme o quadro a seguir.

FIGURA 3 - A Linguística Sistêmico-Funcional e a Gramática do *Design Visual*

LSF (Halliday) GDV (Kress e van Leeuwen)	<ul style="list-style-type: none"> • Metafunção Ideacional • Significado Representacional
LSF (Halliday) GDV (Kress e van Leeuwen)	<ul style="list-style-type: none"> • Metafunção Interpessoal • Significado Interacional
LSF (Halliday) GDV (Kress e van Leeuwen)	<ul style="list-style-type: none"> • Metafunção Textual • Significado Composicional

Fonte: Figura baseada em Halliday (1994) e em Kress e van Leeuwen (2006).

¹⁹ Halliday (1994) desenvolveu a LSF, uma gramática que destaca a análise do sistema semiótico da linguagem, uma gramática direcionada para o estudo do texto. De acordo com Halliday (1994), a oração não é uma estrutura de uma dimensão apenas, mas de três diferentes estruturas, denominadas metafunções. Assim, segundo o linguista, os três sentidos presentes numa estrutura frasal são: metafunção textual, metafunção interpessoal e metafunção ideacional. Na metafunção textual, a oração é identificada como mensagem, que tem como ponto de partida o Tema, que será desenvolvido pelo Rema. Já a metafunção interpessoal focaliza a oração na interação entre falante e ouvinte. E a metafunção ideacional revela a maneira como representamos nossas experiências no mundo, a maneira como observamos o mundo.

A GDV, conforme percebemos na figura 3, apoiando-se na GSF, é concebida a partir das metafunções propostas por Halliday (1994), como categorias de análises da linguagem visual: i) o significado representacional, que corresponde à metafunção ideacional da LSF, analisa-se, por meio das imagens, a representação da realidade; ii) o significado interativo, em concordância à metafunção interpessoal da LSF, trata da relação de interação entre imagem e falantes; e iii) o significado composicional, que se relaciona à metafunção textual da LSF, trata tanto da estrutura quanto do formato do texto. Observamos que a proposta da GDV é mostrar que outros modos semióticos, além da linguagem verbal, apresentam uma finalidade no processo de comunicação. Assim, a partir dessas categorias, Kress e van Leeuwen (2006) determinam as subcategorias (Quadro 02).

QUADRO 02 - Categorias e Subcategorias da Linguagem Visual

Categorias de Análise da Linguagem Visual	Subcategorias de Análise da Linguagem Visual
Significado representacional	<ul style="list-style-type: none"> • Representações Narrativas: os participantes realizam uma ação. Subdivide-se em: de ação, reacional, verbal e mental, de conversão e de simbolismo geométrico. • Representações Conceituais: os participantes apresentam um comportamento inerte e fora de um determinado contexto.
Significado interacional	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão do Olhar • Dimensão de Enquadramento • Dimensão de Perspectiva
Significado composicional	<ul style="list-style-type: none"> • Valor da Informação • Saliência • Moldura

Fonte: Fonte: Quadro baseado em Kress e van Leeuwen (2006).

Resenharemos, nas subseções a seguir, as categorias e subcategorias apresentadas por Kress e van Leeuwen (2006).

2.5.1 Significado representacional

No significado representacional, temos o processo narrativo, que é marcado pela ideia de movimento por meio da presença de vetores²⁰, linhas imaginárias que surgem a partir do corpo do participante representado e comunicam a ideia de ação, de movimento do participante. Já o participante é denominado, pela GDV, de ator²¹ e pode realizar uma meta, ou seja, o ator pode realizar uma ação direcionada a algo ou a alguém.

Segundo Kress e van Leeuwen (2006), no processo de interação, existem dois tipos de participantes: participantes interativos, que participam diretamente da ação comunicativa e os participantes representados, que são aqueles a respeito do qual falamos; ou seja, as pessoas, os lugares e elementos abstratos representados.

Destacamos, a seguir, os processos narrativos de ação, reacional, verbal e mental.

QUADRO 03 - Estruturas narrativas de ação

Estruturas narrativas de ação		
Texto 1 - Processo de ação não transacional	Texto 2 - Processo de ação transacional	Texto 3 - Imagem de ação bidirecional
		

Fonte: Dados da pesquisa.

²⁰ Kress e van Leeuwen (2006) definem vetor como um traço que indica direcionalidade.

²¹ Ator, segundo a GDV, é um participante ativo em um processo de ação, é o participante do qual o vetor emana ou que é fundido ao vetor. "The active participant in an action process is the participant from which the vector emanates or which is fused with the vector" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 74).



No Texto 1, Quadro 3, temos um ator, logo, a estrutura narrativa é denominada não transacional uma vez que o processo não tem a presença da meta. Percebemos que o vetor parte do ator, o participante, mas não se volta para outro participante. Na linguagem verbal, esse processo de ação equivale aos verbos intransitivos por não exigirem um objeto.

Já, se há a presença de pelo menos dois participantes, um será o ator o outro a meta, ou seja, a quem ou a que se dirige o objetivo. A estrutura narrativa, nesse caso, é chamada de transacional. No texto 2, há dois personagens, o ator Batman que executa a ação de bater em Robin, nomeado assim de meta.

No processo de ação, podemos ter ainda a ação bidirecional, Texto 3, quando temos dois participantes ao mesmo tempo: o ator e a meta. Observamos que o vetor é formado pela direção dos dois participantes que se unem num abraço, numa ação bidirecional.

As estruturas representacionais narrativas reacionais apresentam como vetor a linha do olho que se projeta de um dos participantes determinado como reator para outro participante, o Fenômeno. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), o processo reacional está dividido conforme o quadro a seguir.

QUADRO 04 - Estrutura narrativa reacional

Estrutura Narrativa Reacional	
<p>Texto 4 - Processo reacional transacional transacional</p> 	<p>Texto 5 - Processo reacional não transacional</p> 

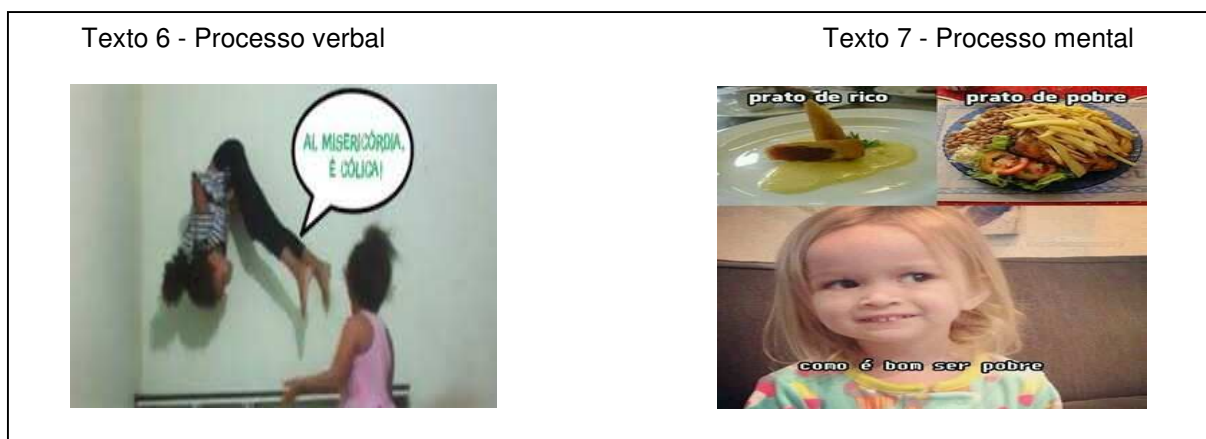
Fonte: Dados da pesquisa.

O Texto 4, Quadro 4, exemplifica o processo reacional não transacional, que envolve uma ação e uma reação. O vetor, nesse processo, é formado pela direção do olhar dos participantes que se dirige ao fenômeno que, na figura, refere-se à menina

que está com um chocolate nas mãos. Há, no texto 4, reatores e fenômeno, por isso classificamos o processo como transacional. No texto 5, Quadro 4, o olhar do participante, denominado nesse processo como reator, está direcionado para algo fora da imagem. Não se sabe para que ou para quem, no texto 5, a participante está olhando. Logo, o leitor imaginará o que a participante pensa ou o que ela olha, criando assim um sentimento de sintonia ou identidade com a participante representada. Se o reator estivesse olhando o evento que está na imagem, teríamos um processo reacional transacional.

No processo verbal e mental, observamos os balões de fala ou os balões de pensamento. Se os balões conectam as imagens dos falantes a seus discursos, temos processo verbal e quando os balões conectam ao conteúdo, processo mental.

QUADRO 05 - Estrutura narrativa verbal e mental



Fonte: Dados da pesquisa.

No texto 6, Quadro 5, temos um processo verbal, temos a imagem da participante e o discurso expresso por meio de um balão de fala. No texto 7, Quadro 5, temos um processo mental da participante quando imagina o prato de rico e o prato de pobre e o processo verbal quando expressa “como é bom ser pobre”.

Nas representações conceituais, as imagens apresentam uma relação de taxonomia²² entre seus participantes por meio de processos classificacional, analítico e simbólico. No processo classificacional, os participantes relacionam uns com os

²² Nas representações conceituais, os participantes se relacionam de forma ordenada e sistematizada. Há entre os elementos/participantes representados uma analogia, relação de semelhança e similaridade.

outros de maneira sistematizada, posto que uns desempenharão o papel de subordinados em relação a pelo menos um outro participante, conforme Quadro 06.

QUADRO 06 - Processo Classificacional



Fonte: Dados da pesquisa.

Os memes foram dispostos de forma taxionômica, classificacional: na parte superior, aqueles que abordam fatos e acontecimentos de maior relevância e na inferior, os que tratam de assuntos e fatos de menor relevância.

Quanto ao processo analítico, os participantes são chamados de portadores e se relacionam com os seus atributos possuídos. A classificação acontece conforme as características dos portadores: roupas, estilo, marcas, cores, dentre outros aspectos. Já o processo simbólico se refere ao que o participante significa, ao que a imagem sugere, não necessariamente, ao seu sentido real, mas ao sentido simbólico. Ao observar a participante principal dos memes do Quadro 06, uma interpretação possível seria a de considerar a participante principal como a motivadora das situações apresentadas nos memes.

Dando sequência, tratamos, a seguir, do significado interacional, o qual Kress e van Leeuwen (2006) consideram a relação entre participantes e leitores/observadores.

2.5.2 Significado Interacional

Quanto ao significado interacional, Kress e van Leeuwen (2006) classificam as imagens em três dimensões:

1. O Olhar: imagem de demanda - participante interage diretamente com o leitor; imagem de oferta - o leitor (observador) que irá observar (forma indireta) o participante.

2. Enquadramento ou distância: a imagem indica desde um *close-up* e maior proximidade a uma imagem mais distante do leitor.

3. Perspectiva: a imagem pode ser subjetiva quando pode ser vista sob um ângulo específico e objetiva, quando não apresenta uma perspectiva definida, mas a imagem revela várias informações.

No Texto 7, Quadro 05, a participante representada no meme não se coloca olhando diretamente para o leitor, ela olha de forma indireta. Nesse caso, o leitor não é o objeto do olhar, já que ele é quem estará olhando para a personagem. Por isso, esse tipo de imagem é chamado de imagem de oferta. Quanto ao enquadramento, a participante representada não está numa posição de maior aproximação (*close-up*), mas a meio primeiro plano com o leitor porque também não está distante do leitor. Em termos de perspectiva, a personagem é captada em um ângulo que lhe confere maior poder em relação ao leitor. A imagem é feita como se o leitor estivesse olhando a participante do meme de baixo para cima.

2.5.3 - Significado Composicional

Quanto ao significado composicional, Kress e van Leeuwen (2006, p. 177) apresentam três subcategorias relacionadas entre si:

1. Valor da informação: indica o valor de cada elemento da imagem de acordo com o posicionamento deles - à esquerda, representa a informação dada, conhecida pelo leitor e à direita, representa o novo (dado/novo), na parte superior apresenta o campo imaginário e a parte inferior apresenta algo mais concreto, informativo (ideal/real), ao centro, as informações de maior relevância e margem.

2. Saliência: destaque nos elementos da imagem para atrair a atenção do leitor – cores, tamanhos e contrastes, colocação em primeiro plano ou plano de fundo, dentre outros aspectos.

3. Enquadramento ou Moldura: presença ou não de linhas divisórias e de espaços coloridos ou não dentro da imagem com o intuito de desconectar ou conectar os elementos da imagem.

No Texto 6, por exemplo, as informações servem de vetores para guiar o olhar do leitor, como a informação do canto esquerdo inferior da foto (real/dado): o balão de fala que serve de vetor para a participante representada dependurada, que está no canto superior (ideal/real), que em posição de oferta, uma vez que é o leitor quem observa a participante representada, despertando no leitor um desejo de ajudá-la. As mãos da personagem, que observa o que está acontecendo, são vetores que indicam uma informação nova (real/novo), indicando que se tem uma preocupação com a personagem representada que está dependurada. Em relação à saliência, a personagem representada que está dependurada diferencia-se dos demais elementos por meio do contraste, da sombra da personagem na parede. Observamos que nesta imagem não há o emprego de moldura. Já na figura 17, há as linhas divisórias, a moldura.

Segundo Kress e van Leeuwen (2006), na atualidade, já não é mais possível analisar os modos semióticos isoladamente e a GDV se constitui como mais uma ferramenta para a análise da linguagem visual.

Partindo dessas considerações, nesta pesquisa, analisamos os vários modos semióticos utilizados nos memes que têm a criança como participante social principal com base nos significados representacional, interacional e composicional da GDV bem como na ADC e na pedagogia dos multiletramentos. Sendo assim, no próximo capítulo, apresentamos o percurso metodológico que direcionou a construção desta pesquisa.

CAPÍTULO 3

DOS FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico que direcionou esta pesquisa, bem como a trajetória que percorremos. Ele está dividido em três seções. Na primeira, apresentamos os pressupostos metodológicos adotados na pesquisa; na segunda, tratamos dos participantes, dos instrumentos de geração e coleta de dados e dos caminhos já trilhados e, na terceira e última seção, descrevemos o contexto da pesquisa.

3.1 Pressupostos metodológicos

De acordo com Silveira e Córdova (2009), quanto à abordagem, a pesquisa pode ser qualitativa ou quantitativa. Pode ainda ser quali-quantitativa. No tocante à natureza, pode ser básica ou aplicada. Com relação aos objetivos, pode ser exploratória, descritiva ou explicativa. No que diz respeito aos procedimentos, a pesquisa pode ser experimental, bibliográfica, documental, de campo, *ex-post-facto*, de levantamento, com *survey*, estudo de caso, pesquisa participante, pesquisa-ação, pesquisa etnográfica, etnometodológica. Já o método pode ser indutivo ou dedutivo.

Assim, este estudo se caracteriza da seguinte forma: com relação à abordagem, a pesquisa é qualitativa; no tocante à natureza, é aplicada e, quanto aos procedimentos, a pesquisa participante é a definida neste projeto.

Levamos em conta a pesquisa qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), pode ser definida como:

uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes.

Sob a perspectiva da pesquisa qualitativa mais subjetiva, com foco na interpretação e que envolve inúmeros instrumentos de geração e coleta de dados, que poderão ser combinados, partimos para analisar situações vivenciadas pelos

participantes que, muitas vezes, sem refletir, assumem pontos de vista de outras pessoas sobre as representações da criança construídas nos memes compartilhados nas redes sociais e aplicativos.

Por se centrar na realidade histórica e social dos participantes, em suas crenças, valores e atitudes, os participantes se tornam participantes de fato da pesquisa.

Apesar de tratar-se de uma pesquisa qualitativa, em alguns momentos, recorreremos a dados quantitativos porque analisamos gráficos criados a partir de questionário e entrevista semiestruturada desenvolvida com os participantes desta pesquisa. Ao realizar a triangulação entre os métodos qualitativos e quantitativos, intentamos compreender e interpretar os dados obtidos, entendê-los sob o ponto de vista dos participantes, pois, conforme Bryman (1988, p. 61), “um dos objetivos na pesquisa qualitativa é ser o pesquisador capaz de ver “através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados”.

Quanto à natureza, a pesquisa é aplicada pois, de acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 78), tem o objetivo de “contribuir para fins práticos, visando a solução mais ou menos imediata do problema encontrado na realidade”. Nesta pesquisa, nosso objetivo principal foi contribuir para essa finalidade prática: a leitura, a análise e a discussão das representações discursivo-semióticas produzidas nos memes que têm a criança como participante principal.

Ainda, segundo Nunan (1997), Michel (2005) e Oliveira (2007), a pesquisa aplicada está sujeita a dados que podem ser oriundos de diversos instrumentos. Dentre eles, questionários, entrevistas, gravações em áudio, registros em notas de campo. Esses foram instrumentos utilizados nesta pesquisa e apresentados aos participantes, que, solidariamente, participaram e coparticiparam deste trabalho. Brandão (2014, p. 45) confirma esta coparticipação, destacando que “na pesquisa participante também nós nos tornamos instrumentos da pesquisa. Dessa maneira, os estudantes, os pais, as mães e/ou responsáveis são instrumentos de uma investigação que está com eles e a serviço deles”.

No tocante à definição de pesquisa participante, Brandão (2014, p. 70-71) explica que “uma pesquisa é participante quando o seu processo conclusivo responde a necessidades e exigências locais e quando seus resultados são destinados à sua fonte local de origem e aos seus usuários populares”. Tendo em vista esse olhar e o objetivo de nossa proposta, acreditamos que ao ler, analisar e

discutir sobre a prática de compartilhamento de memes nas redes sociais e aplicativos e os efeitos dessas ações no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância, os participantes poderão repensar e refletir sobre a prática de curtir e compartilhar memes nas redes sociais e aplicativos.

Consideramos, assim, intrínsecos a esta pesquisa as atitudes da pesquisa democrática: a atitude ética, de defesa e de fortalecimento dos participantes.

Quanto à ética, garantimos a privacidade dos alunos, pais, mães e/ou responsáveis, preservando a identidade deles por meio do uso de números quando publicamos informações coletadas. Cuidamos para não causar nenhum inconveniente aos participantes, nenhum dano à moral deles. Durante as leituras, as análises e as discussões das representações da criança nos memes, ressaltamos o respeito ao outro, a importância de tentar valorizar os interesses do outro.

Em relação à atitude de defesa dos participantes, criamos e desenvolvemos uma pesquisa que trata de situações vivenciadas por eles e promovemos leituras, análises e discussões em prol de uma ação consciente deles quanto ao ato de curtir e/ou compartilhar memes. Assim, procuramos evidenciar o cuidado que devemos ter em não expor o outro e em colocar-se no lugar do outro. Skinner (2005, p. 162) ao questionar se há algo mais fascinante que a experimentação com a vida, mostra o “valor da pesquisa para a promoção do bem comum, do equilíbrio individual e do equilíbrio da humanidade”.

Acerca da atitude de fortalecimento dos participantes, acreditamos que eles precisam ser fortalecidos, “empoderados”²³ para agir e reagir quando necessário. Essa preocupação em fortalecê-los foi constante e nosso desejo é que as reflexões que foram feitas possam provocar nos alunos, pais, mães e/ou responsáveis um repensar em relação às questões sociais contemporâneas apresentadas nos memes e uma nova forma de agir em relação ao compartilhamento deles.

Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica-se como descritiva e explicativa uma vez que procura aprofundar o conhecimento de uma dada realidade e também descrever as características das pessoas, de um determinado grupo.

²³ “Empoderar”, neologismo criado por Paulo Freire, que tem origem no vocábulo inglês “empowerment”, com o sentido de o indivíduo ser capaz de realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer.

Em relação ao método, há uma articulação entre os métodos hipotético-indutivo, procura ampliar os alcances do conhecimento e hipotético-dedutivo, que tem por base a definição de uma hipótese que deverá ser experimentada e verificada.

Optamos pela triangulação metodológica, que de acordo com Ottoni (2007, p.99), “pode se referir à combinação de diferentes tipos de dados, de dados coletados em diferentes locais e época, de teorias e de metodologias, numa pesquisa”. Ainda conforme Duarte (2009, p. 21), a “obtenção de dados de diferentes fontes e a sua análise recorrendo a estratégias distintas, melhoraria a validade dos resultados”.

Nesse sentido, utilizaremos a triangulação de dados oriundos das entrevistas, questionários, gravação das aulas, registros e notas de campo e a triangulação teórica uma vez que desejamos garantir que os resultados possam ser verificados a partir dos vários instrumentos utilizados na pesquisa.

Justificamos a triangulação teórica pelo fato de ser a ADC uma ciência que dialoga com outras ciências e promove uma discussão sobre práticas sociais. Dessa forma, nesta pesquisa, a associação acontece entre ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), a pedagogia de multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2006, 2008; ROJO, 2012, 2013; ROJO; BARBOSA, 2015) e a GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) para a análise das representações da criança construída nos memes.

Cabe ressaltar que os fundamentos teórico-metodológicos para análise de dados se sustentam na ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; e FAIRCLOUGH, 2001, 2003), em virtude de “fornecer subsídios científicos para estudos qualitativos que têm no texto o seu principal material de pesquisa” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 9), além de jogar luz aos problemas sociais que enfrentamos na modernidade, integrar o discurso às práticas sociais dos participantes levando em conta suas crenças, valores e desejos em busca de produzir mudanças na vida destes.

Como já dissemos, pautamo-nos também no arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999). E, nesse sentido, a pesquisa foi construída a partir de um problema, já especificado na seção 2.4. Nos capítulos 1 e 2, tecemos considerações e analisamos a conjuntura bem como a prática social da educação da qual o discurso é um momento. Nos capítulos 4, com a proposta elaborada, apresentamos uma possível maneira de minimizar o problema e materializamos a análise do discurso. No capítulo 5, analisamos a prática da qual o discurso é um

momento, fazemos a análise interdiscursiva, linguística e semiótica, discorremos sobre o funcionamento do problema na prática (o que é feito também em outros momentos na dissertação) e fazemos uma reflexão sobre a proposta e sua aplicação, o que representa uma reflexão sobre a prática.

A seguir, descrevemos os participantes, os passos trilhados e os instrumentos de geração e coleta de dados.

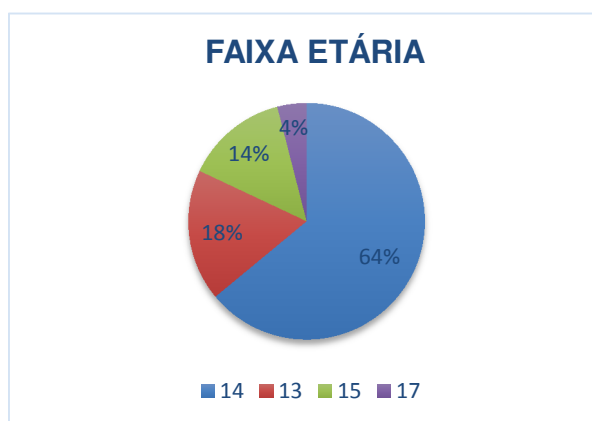
3.1.1 Participantes, passos trilhados e instrumentos de geração e coleta de dados

Para realização desta pesquisa, ressaltamos que a escolha de turma do Ensino Fundamental deve-se ao fato de o Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - Profletras - ter por objetivo o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade da educação no Ensino Fundamental e exigir que seus discentes atuem neste nível de ensino. Dessa forma, por atuarmos no 9º ano, desenvolvemos esta pesquisa com 28 alunos: 27 jovens de faixa etária entre 13 e 15 anos e 01 (um) aluno com 17 anos, fora da faixa etária. Também participam da pesquisa os pais, mães e/ou responsáveis dos alunos da turma participante em momentos destinados à investigação de como se relacionam com as redes sociais e aplicativos e à discussão da prática de compartilhamento de memes em redes sociais e aplicativos e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

De acordo com os princípios éticos assumidos nesta pesquisa, identificamos os alunos como participante 1 (P1), participante 2 (P2), e assim por diante até participante 28 (P28). Para a designação de pais, mães e/ou responsáveis, a numeração segue conforme a identificação do seu filho, ou seja, MP1 é mãe do aluno 1; MP2 do aluno e assim sucessivamente.

O primeiro item do questionário (ver roteiro no capítulo 4, Bloco A) realizado com os alunos participantes diz respeito à investigação da faixa etária deles. Conforme dados gerados, representados no Gráfico 1, os estudantes se encontram, em sua maioria, com 14 anos, 64% do total; 18% correspondem à idade de 13 anos; 14% equivalem a 15 anos e apenas um aluno participante encontra-se com 17 anos.

GRÁFICO 1 - Faixa etária



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme dispõe a Diretriz de Ensino Nacional, a maioria desses alunos está na idade correspondente ao ano letivo, ou seja, de 13 a 15 anos.

O trabalho teve início com o estudo da literatura relativa ao ensino de Língua Portuguesa, ao papel dos textos multissemióticos em sala de aula e ao uso das TIC, à ADC, aos multiletramentos, à GDV e ao que ocorreu durante todo o desenvolvimento do estudo.

Já tínhamos o desejo de realizar um trabalho de leitura e análise crítica que realmente instigasse o aluno a perceber o valor da leitura e a importância de saber lidar com as redes sociais e aplicativos. Assim, após momentos de troca de ideias, conhecemos, por meio da Professora Maria Aparecida Resende Ottoni, uma pesquisa realizada por Rosa (2015) a respeito do pre(texto) da infância em *posts* do *Facebook* e realizamos uma investigação inicial, avaliando se o tema já havia sido contemplado no ensino de Língua Portuguesa e constatamos que, mesmo existindo abordagens quanto ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, no que diz respeito aos estudos dos memes, não havia nenhum trabalho que focalizava a abordagem proposta nesta pesquisa.

Nesta investigação, observamos uma quantidade significativa de memes que abordavam questões sociais importantes relacionadas à representação da criança, tais como adultização, erotização, inversão de valores, intolerância, *bullying*.

Assim, definimos quais temas contemplaríamos e, a partir dessa decisão, iniciamos a elaboração do projeto de pesquisa que, por envolver seres humanos, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Após a submissão do projeto e aprovação do CEP²⁴, prosseguimos com a redação preliminar da parte teórica e a elaboração da primeira versão da proposta para avaliação pela banca em exame de qualificação. Sendo assim, nossa próxima etapa foi a seleção do material e a decisão de que apoiaríamos na pedagogia dos multiletramentos e na ADC. Um aspecto muito importante nesta etapa foi a análise de modelos de propostas. Observamos o livro *Multiletramentos na escola* de Rojo (2012), conhecemos algumas dissertações do Profletras e definimos que nossa proposta seria organizada em blocos.

Pensamos, inicialmente, em como apresentar a proposta aos participantes e falar da temática, evidenciando que proporcionaríamos momentos para análise e discussão de textos do cotidiano deles. Dessa maneira, fomos construindo nosso projeto.

Destacamos que um desafio na elaboração da proposta foi manter a coerência entre as teorias e a prática. Isto posto, pensamos em como operacionalizar as teorias sem usarmos termos técnicos para os alunos entenderem, de modo que, um professor mesmo sem conhecê-las, consiga aplicá-la.

Logo definimos que o primeiro bloco deveria ser um momento de conhecermos um pouco nossos participantes e a relação deles com as redes sociais e aplicativos. O Bloco A foi composto por um questionário com 5 (cinco) perguntas e um roteiro de entrevista semiestruturada com 8 (oito) questões que propiciariam aos alunos momentos de reflexão sobre a maneira de agir, a postura e os efeitos no modo como representam o mundo e a infância. Avaliamos também a importância de discutirmos com as famílias dos participantes sobre a prática de compartilhamento de textos, logo elaboramos uma entrevista semiestruturada para os pais, mães e/ou responsáveis.

Nosso próximo passo foi a construção do Bloco B, intitulado *Criando um Portfólio*. Inicialmente, pensamos na construção de um *Portfólio* online para a turma, mas no decorrer da elaboração da proposta, percebemos que seria utilizado por nós na divulgação do protótipo que estávamos construindo.

Produzimos o Bloco C com o objetivo de apresentar a temática e o Bloco D destinado a explorar a leitura e a análise dos memes. Conseguimos organizar também alguns capítulos e assim, realizamos nossa inscrição no exame de qualificação.

²⁴ O projeto foi aprovado pelo CEP-UFU em 24/10/2016, parecer número 1.794.851.

Avaliamos como muito valioso esse momento, pois percebemos que estávamos envolvidos realmente numa boa produção, na elaboração de uma proposta acerca de um gênero discursivo recente e relevante; no trabalho com práticas sociais, com interações nas mídias sociais, que constituem os participantes da pesquisa; na investigação das representações dos participantes em torno das postagens que circulam nas mídias; na escrita de uma proposta de ensino envolvendo aspectos da tecnologia e ensino de língua e, enfim, na aplicação dessa proposta para a sua adequação e pertinência.

Após as considerações feitas pela banca de exame de qualificação e com base em novas leituras, percebemos que nossa proposta estava relacionada também à Gramática do *Design* Visual (GDV) preconizada por Kress e van Leeuwen (2006). Decidimos assim articular a ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), a pedagogia de multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2006, 2008; ROJO, 2012, 2013 e ROJO; BARBOSA, 2015) e a GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Com esse foco, reorganizamos a proposta em 7 (sete) blocos e reestruturamos as questões conforme os objetivos propostos. Na composição do *corpus* da proposta foram utilizados 13 (treze) memes (ANEXO F). Nossa proposta foi planejada para ser aplicada em 30 (trinta) aulas, considerando que cada tempo de aula tem 50 minutos.

Durante o momento de criação e elaboração das questões, muitas foram as ideias e, conseqüentemente, as dúvidas quanto a melhor maneira de aliar as teorias definidas e a metodologia empregada na elaboração de um protótipo de leitura e análise crítica. Em razão disso, avaliamos nossos objetivos, reavaliamos o passo a passo construído para a exploração do gênero discursivo meme e concluímos os blocos, descritos a seguir:

- Bloco A – composto por três momentos, tem como objetivo investigar as razões pelas quais os leitores compartilham textos multissemióticos que circulam nas redes sociais e aplicativos e discutir a prática de compartilhamento de memes, e os efeitos desses no modo como os participantes da pesquisa representam o mundo e, especialmente, a infância. Os dois primeiros momentos desse bloco foram direcionados aos alunos participantes, com questionário elaborado por meio do

aplicativo *Google Docs*²⁵ e entrevista semiestruturada. O terceiro momento direcionado aos pais, mães e/ou responsáveis pelos alunos participantes, que, em encontro de pais na escola, participariam de uma entrevista semiestruturada composta por 15 questões.

- Bloco B – definimos que o Portfólio seria criado para divulgar o caderno suplementar também em versão digital da proposta de leitura e análise crítica que desenvolvemos.

- Bloco C – estabelecemos as atividades: apresentar o meme, questionar os alunos, esclarecer informações, apresentar um vídeo sobre esse gênero discursivo virtual e realizar um momento de discussão e retomar pontos importantes apresentados no vídeo. Após esse momento, promover uma pesquisa de alguns exemplares e ouvir o que os participantes observaram.

- Bloco D – elaborado para ser cumprido em três (3) aulas. Composto por questões desenvolvidas a partir das teorias nas quais nos embasamos.

- Bloco E – proposto para ser realizado em seis (6) aulas. A primeira atividade será a composição de grupos para análise de memes. Cada grupo receberá a impressão de um dos memes que selecionamos para esse momento e algumas questões para orientá-los na análise. Após a preparação, os alunos socializarão o estudo realizado.

- Bloco F – apresenta como proposta a preparação dos alunos para apresentação do trabalho aos pais, mães e/ou responsáveis. Definimos seis (6) aulas para execução das atividades. O objetivo desse bloco é proporcionar aos participantes uma reflexão em relação ao que leem, produzem e compartilham nas redes sociais e aplicativos, especialmente, no tocante aos memes que têm a criança como figura principal. Criamos dois momentos neste bloco. Um em sala de aula com os alunos e outro com os pais, mães e/ou responsáveis, marcado para ser realizado no dia de reunião com pais na escola.

- Bloco G – direcionado à avaliação da proposta de leitura e análise crítica de memes, que tem como participante principal a criança. Composto por um questionário direcionado aos pais e uma entrevista semiestruturada com os alunos.

²⁵ *Google Docs* é um processador de texto on-line, integrado ao serviço de e-mail do Google, o *Gmail*, o *Docs* possui ainda muitas outras ferramentas que, baseadas no conceito de *Cloud Computing* (computação em nuvem), ajudam a tornar a experiência em rede mais prática e interativa.

Analizamos se o número de aulas era suficiente para desenvolvermos as atividades, reavaliamos se as questões contemplavam as teorias propostas e se estavam em conformidade com os objetivos, a metodologia e o propósito desta pesquisa. Reexaminamos o passo a passo que deveríamos seguir na aplicação da proposta e fizemos a última revisão.

Nosso primeiro contato para a aplicação desta pesquisa foi com a Eape, Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) que nos deu parecer favorável. Seguimos, assim, os trâmites da SEEDF e do CEP, apresentamos à direção da escola a proposta de pesquisa. Dessa forma, definimos qual das turmas do 9º ano seria a participante e apresentamos, em reunião com pais, os objetivos de nosso estudo e os procedimentos que seriam utilizados. Todos os pais, mães e/ou responsáveis presentes consentiram que seus filhos participassem e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo B). Os alunos assinaram o TCLE (Anexo A) e os pais, mães e/ou responsáveis que se dispuseram também a participar dos momentos em que a pesquisa está direcionada a eles, assinaram o TCLE (Anexo C). Os alunos e pais, mães e/ou responsáveis que não compareceram à reunião foram informados do estudo e apenas três alunos da turma não constaram nos dados desta pesquisa pois não assinaram os TCLE. Após a assinatura do termo de consentimento, iniciamos nossa proposta de intervenção com a participação de 28 alunos e 16 pais, mães e/ou responsáveis.

Ressaltamos também que todos os participantes da pesquisa autorizaram a gravação das aulas e das entrevistas que foram feitas por meio de áudio.

A proposta foi desenvolvida no período de 06 de maio a 11 de julho, em 28 aulas, uma vez que o Bloco B não foi realizado em sala de aula com os alunos, pois o *Portfólio* proposto nesse bloco tinha como propósito divulgar o caderno suplementar, versão digital da proposta de leitura e análise crítica que desenvolvemos.

Para a coleta e geração de dados utilizamos: i) questionário estruturado fechado por meio do aplicativo *Google Docs*²⁶; ii) entrevista semiestruturada²⁷, a

²⁶ Escolhemos o *Google Docs* por apresentar os dados coletados de forma organizada e automática, gerando relatórios e gráficos em tempo real.

²⁷ A entrevista semiestruturada propicia uma flexibilidade na interação e maior expressividade dos participantes uma vez que permite que comentem novas questões que não haviam sido previamente pensadas previamente. Segundo Flick (2009, p. 143), “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em entrevista padronizada ou em um questionário”.

partir de um questionário semi-estruturado com perguntas abertas; iii) gravações de aulas com posterior transcrição e iv) registros em notas de campo, possibilitando assim uma melhor observação dos fatos concretos, acontecimentos, experiências, relatos dos participantes e reflexões dos alunos.

A partir da triangulação dos dados coletados e gerados nesta pesquisa, procuramos, por meio da análise textual, observar, analisar e interpretar criticamente os discursos articulados nestes textos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Destacamos que as atitudes da pesquisa democrática: a atitude ética, de defesa e de fortalecimento dos participantes foram consideradas nesta pesquisa.

Assim, durante a aplicação da proposta, fomos organizando os dados, analisando-os à luz dos pressupostos teóricos adotados e refletindo sobre a nossa prática. Analisamos e revisamos os capítulos teóricos e metodológicos e estruturamos o caderno suplementar com o protótipo de leitura e análise crítica, disponível como apêndice deslocado desta dissertação, conforme orientações no Apêndice C.

Por último, organizamos o Portfólio *online* criado para divulgação da proposta direcionada a professores e estudantes de Língua Portuguesa e áreas afins.

A seguir, detalhamos o contexto de pesquisa.

3.1.2 Contexto de pesquisa

A proposta que compõe esta dissertação foi aplicada pelas pesquisadoras em uma turma de 9º ano, durante o primeiro semestre de 2017, em uma escola de Ensino Fundamental da rede pública de Brasília, Distrito Federal, na cidade de Samambaia.

A escola está localizada na área Norte da cidade, funciona nos turnos matutino e vespertino e atende ao Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e à Educação Especial.

Conforme pesquisa realizada pela direção da escola para a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, percebeu-se que a maioria dos alunos residem próximo à escola. Tendo como base um questionário de levantamento de dados respondido pelos pais e ou responsáveis pelos alunos dessa instituição, aplicado pela comissão responsável pela elaboração do PPP, verificou-se que, quanto à classe social, há uma grande heterogeneidade, variando entre média baixa e baixa.

A instituição escolar possui uma boa infraestrutura: 26 salas de aulas, sala de direção, sala de professores, laboratório de informática com acesso à internet, sala de

leitura, quadra de esportes, cozinha e despensa, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, pátio coberto e área verde. No ano de 2017, a escola atendeu a 1.156 alunos e dispunha, em seu quadro, de 29 docentes efetivos e 18 contratados.

De acordo com seu PPP, a escola tem como propósito ser uma escola de referência, que contribua para a formação de cidadãos com valores éticos e morais, acompanhando as transformações sociais, educacionais e tecnológicas, valorizando as relações interpessoais, o aprendizado contínuo e a realização individual dos educandos e dos educadores.

Percebemos uma escola preocupada em integrar a família às suas ações educacionais, favorecendo assim um trabalho de parceria na tomada de decisões e solução de desafios que são impostos pela sociedade. Podemos comprovar essa interrelação entre a família e a escola por meio do calendário escolar, que já prevê encontros durante todo o ano letivo e, também, por meio dos princípios estabelecidos no PPP da instituição, disponível pelo site:

[http://sumtec.se.df.gov.br/sistemas/ppp/?p=3316.](http://sumtec.se.df.gov.br/sistemas/ppp/?p=3316)

Segundo o PPP da escola, é preciso ter “a coparticipação da família, escola e comunidade, envolvendo-se, efetivamente, na discussão e na definição de prioridades, estratégias e ações do processo educativo”. Dessa maneira, o desenvolvimento dos alunos pode ser melhor ao passo que acontecer o diálogo, a cooperação e a colaboração entre a família, a escola e a comunidade. Assim cria-se “outras possibilidades de comunicação nas quais todos aprendem, reavaliando valores e vivenciando novas experiências comunitárias”.

CAPÍTULO 4

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: PROTÓTIPO DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA DE TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

Neste capítulo, apresentamos a proposta de intervenção aplicada em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, em aulas de Língua Portuguesa. Ela é nomeada como protótipo porque, seguindo Rojo (2012), nós a consideramos como uma construção flexível e vazada que pode ser modificada não só por outros docentes de Língua Portuguesa da Educação Básica como por todos que queiram utilizá-la em contextos diferentes do previsto na proposta por mim desenvolvida. As atividades buscam estimular e aprimorar nos alunos habilidades de leitura e análise crítica de textos multissemióticos - importantes na compreensão e no compartilhamento de ideias que o mundo fora da sala de aula exige do estudante.

4.1 Protótipo de Leitura e Análise Crítica de Memes

O protótipo de leitura pretende se constituir em um material de apoio à prática de vários docentes e estudantes de Língua Portuguesa da Educação Básica. Ele é composto por atividades práticas para a sala de aula e oferece explicações teóricas e sugestões de leitura para aqueles não familiarizados com as novas tecnologias e com as bases teóricas²⁸ que sustentam tal proposta, a saber: a Análise de Discurso Crítica (ADC), a pedagogia dos multiletramentos e a Gramática do *Design Visual* (GDV).

É uma proposta teórica e metodológica direcionada a professores e estudantes de Língua Portuguesa e de áreas afins, pois pode possibilitar o aprimoramento dos seus conhecimentos, a construção de um saber fazer didático e um melhor entendimento da base teórica que sustenta a pesquisa.

Esse protótipo de leitura e análise crítica foi produzido para ser aplicado em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, no entanto, pode ser adaptado para outro ano, sem prejuízo algum à qualidade do trabalho.

²⁸ Professor, no decurso desta proposta, apresentamos alguns boxes com o propósito de auxiliá-lo na compreensão dessas bases teóricas, ainda que de maneira bem genérica e simplificada. Sugerimos ver referências bibliográficas para ampliação das teorias aqui apresentadas.

Com o desenvolvimento desse protótipo, será possível:

QUADRO 7 - Objetivos específicos

- a) investigar como os alunos, pais, mães e/ou responsáveis se relacionam com as redes sociais e aplicativos;
- b) analisar as especificidades do gênero discursivo meme;
- c) analisar as representações da criança construídas por meio desses textos e os recursos por meio dos quais elas se materializam;
- d) investigar as razões pelas quais os alunos, pais, mães e ou responsáveis compartilham memes que circulam na Internet e têm como foco a criança;
- f) discutir com alunos, pais, mães e ou responsáveis essas representações e a prática de compartilhamento de memes, e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

Fonte: dados da pesquisa

Para atingir os objetivos apresentados, esta proposta foi construída com base nos pressupostos da ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), especificamente no significado representacional. Associado a esse significado, foram escolhidas as seguintes categorias de análise: a estrutura visual (imagens); o vocabulário e a interdiscursividade. Também tem como base os pressupostos da pedagogia dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS²⁹, 2006, 2008; ROJO 2012, 2013; ROJO; BARBOSA, 2015) e da GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Tendo em vista a inserção dos alunos na sociedade de forma que compreendam as múltiplas semioses, os vários discursos e as vozes que constituem o texto e possam participar efetivamente de diferentes práticas sociais, procuramos, a partir da leitura e análise crítica de memes que têm a criança como participante principal, favorecer o compartilhamento de ideias, de reflexões, de conhecimentos. E não poderia deixar de integrar as TIC a esse trabalho já que estão cada vez mais

²⁹ Cope e Kalantzis faz parte do *New London Group* (GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos que afirma ser a escola capaz de ampliar os conhecimentos dos alunos e promover a participação crítica imprescindível para que sejam agentes sociais, transformadores. O grupo recebeu esse nome porque foi em Nova Londres, em *Connecticut* (EUA), que após uma semana de discussões publicaram um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”).

presentes nas práticas cotidianas de nossos alunos, reestruturando a visão de mundo deles, que tomam atitudes influenciados por textos compartilhados nesse espaço.

Para a elaboração da proposta, foram selecionados 13 (treze) memes, coletados nas redes sociais e aplicativos. No entanto, durante a realização da proposta, os participantes podem apresentar outros memes para serem discutidos durante as aulas. A proposta está planejada para ser aplicada em 30 (trinta) aulas, nos horários da disciplina de Língua Portuguesa, em sala de aula, na biblioteca e no laboratório de informática. Cada aula tem 50 minutos. Esse número pode ser alterado em conformidade com a turma e com a disponibilidade de carga horária do professor.

A proposta está estruturada em 7 (sete) blocos e divididas, conforme quadro a seguir:

QUADRO 08 - Organização da proposta

BLOCO	ATIVIDADE	NÚMERO DE AULAS
Bloco A Conhecendo os participantes e a relação deles com as redes sociais e aplicativos	Questionário com os alunos usando o Google Docs ³⁰	01 aula
	Entrevista semiestruturada com os alunos	06 aulas
	Entrevista semiestruturada com os pais e/ou responsáveis	Reunião de pais 02 aulas
Bloco B Criando um Portfólio	Construindo um Portfólio <i>online</i>	02 aulas
Bloco C Introdução à Temática	Explorando conhecimentos e experiências	02 aulas
Bloco D Explorando o gênero meme	Análise do gênero meme	03 aulas
Bloco E Conectando ideias em grupo	Leitura e análise de memes	03 aulas
	Compartilhando e comentando os memes	02 aulas
	Registrando impressões	01 aula
Bloco F Um gênero que viraliza	Analisando e compartilhando aprendizagens Momento de interação entre os participantes da pesquisa	06 aulas
Bloco G Avaliando	Questionário com pais, mães e/ou responsáveis	02 aulas
	Entrevista semiestruturada com os alunos participantes	

Fonte: dados da pesquisa

³⁰O *Google Docs* é um pacote de aplicativos e é composto por um processador de texto, um editor de apresentações, um editor de planilhas e um editor de formulários. Muito utilizado para aplicar questionários em pesquisas.

A seguir, o detalhamento de cada bloco da proposta.

*Bloco A - Conhecendo os participantes e a relação deles
com as redes sociais e aplicativos*

Esse bloco é composto por 9 (nove) aulas e apresenta como objetivos:

- ✓ investigar as razões pelas quais os leitores compartilham textos multissemióticos que circulam na Internet e têm como foco a criança;
- ✓ discutir a prática de compartilhamento de textos nas redes sociais e aplicativos e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

Para iniciar a proposta, sugerimos que o professor aplique um questionário, conforme quadro 1. Para isso, poderá levar os estudantes ao laboratório de informática. Os participantes utilizarão o *Google.docs* para responder as questões objetivas e fechadas por ser uma ferramenta ideal para a criação de enquete, que permite a edição e a análise das respostas de forma objetiva sobre atividades e ações realizadas pelos alunos ao acessar as redes sociais *Facebook* e/ou o *WhatsApp*.

Professor, ao aplicar este questionário, você conhecerá um pouco do aluno, da relação dele com as redes sociais e propiciará a ele momentos de reflexão sobre a maneira dele agir e os efeitos disso.

Idade: _____ anos

1. Você utiliza as redes sociais? () Sim () Não

2. Qual é a rede social mais utilizada por você?

() Facebook () WhatsApp () Instagram () Twitter () Outros: _____

3. Relate com que frequência:

() Sempre (todos os dias)

() Com bastante frequência (mais de 4 h por dia)

() Com frequência razoável (entre 2h30 e 4h)

() Com pouca frequência (entre 1 h e 2h)

() Raramente (entre 15 min. e 30 min.)

4. Dentre os objetivos a seguir, quais relacionam aos seus objetivos ao utilizar as redes sociais.



() Pesquisas (trabalhos da escola, estudo)



() Saber das informações em tempo real


() Diversão/Entretenimento (jogar, ouvir música, assistir a vídeos)



() Interação/Contato com outras pessoas



() Outros: _____



5. Marque à esquerda  (*like*) para informações que devem ser publicadas no Facebook e/ou WhatsApp e à direita  (*dislike*) para as que não devem ser compartilhadas nessas redes sociais e aplicativos.



a) Frases declarando seu estado emocional ou o look do dia.  ()  ()



b) Jogos e eventos de que participou ou participará.  ()  ()



c) Zoeiras diversas.  ()  ()



d) Receitas caseiras de alimentos e remédios.  ()  ()



e) Mensagens religiosas.  ()  ()



f) Assuntos pessoais, fatos do seu dia a dia.  ()  ()



g) Assuntos específicos da escola e das atividades da turma.  ()  ()



h) Momento de desabafo, inclusive com o uso de palavrões.  ()  ()



i) Informações com links.  ()  ()



j) Informações instrutivas, didáticas, educacionais.  ()  ()



k) Fotos íntimas, pessoais.  ()  ()



l) Fotos com pessoas próximas.  ()  ()



m) Fotos com crianças e animais doentes.  ()  ()

n) Vídeos divertidos e engraçados de pessoas conhecidas.  ()  ()

o) Vídeos pessoais.  ()  ()

p) Brincadeiras que divertem o leitor.  ()  ()

q) Discurso de ódio a um partido ou a uma pessoa.  ()  ()

r) Brincadeiras que contém um pouco de ironia e crítica a uma pessoa.  ()  ()

Em um segundo momento, sugerimos que o professor faça uma entrevista semiestruturada gravada em áudio com os alunos para garantir maior envolvimento de todos. Concomitantemente, a partir de um diálogo amigável, buscar obter informações relevantes através de respostas espontâneas dos estudantes quanto a postagens no *Facebook* e no *WhatsApp*.

Para gravação, o professor poderá usar um gravador comum, um celular, uma filmadora, enfim, o recurso que lhe for disponível.

Para isso, apresentamos este roteiro de entrevista semiestruturada:

1. Já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado nas redes sociais e aplicativos e o que você deve observar ao publicar? Conte se já ocorreu alguma situação que você precisou conversar com os seus pais e/ou responsáveis sobre essa ferramenta.
2. Você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?
3. Você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o *WhatsApp*? Especifique. Por que você teve que modificar? Quais as modificações?
4. Qual a finalidade das suas postagens no *Facebook*?
5. No *WhatsApp*, a finalidade das suas postagens é alterada? Comente.
6. Qual a origem das publicações que você faz no *Facebook*?
7. Ao receber postagens, você sempre as curte e as compartilha?
8. Quais critérios e cuidados você utiliza ao compartilhar as mensagens?



Professor, ao trabalhar com a entrevista gravada em áudio, é importante antes um diálogo com os alunos, mostrando a importância dessa atividade. Ao preparar esse momento de interação com o aluno, você pode usar qualquer equipamento para gravação, como *notebook*, celular ou uma filmadora. O ato de entrevistar pessoas que convivem em um mesmo grupo social pode trazer uma certa segurança e até mesmo garantir uma maior interação.

No terceiro momento, visando a discutir com as famílias sobre a prática de compartilhamento de textos nas redes sociais e aplicativos, e refletir sobre os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância, sugerimos também que seja realizada uma entrevista semiestruturada com os pais, mães e/ou responsáveis. Essa entrevista poderá ser gravada em áudio ou vídeo. A seguir, apresentamos um roteiro para esta entrevista:



Professor, sugerimos que esta atividade seja realizada pelos alunos.

É um importante momento de interação e esclarecimentos.

1. Sexo (☐) Masculino (☐) Feminino
2. Idade: _____ anos
3. Escolaridade: _____
4. Área de Trabalho: _____
5. Você utiliza as redes sociais? (☐) Sim (☐) Não

Relate com que frequência usa as redes sociais.

- (☐) Sempre (todos os dias)
- (☐) Com bastante frequência (mais de 4 horas por dia)
- (☐) Com frequência razoável (entre 2h30 e 4h)
- (☐) Com pouca frequência (entre 1 hora e 2h)
- (☐) Raramente (entre 15 min. e 30 min.)

Como você avalia essa frequência de uso das redes sociais?

6. Que rede social ou aplicativo você mais utiliza?

- (☐) Facebook (☐) WhatsApp (☐) Instagram (☐) Twitter
- (☐) Outros: _____

7. Dentre os objetivos a seguir, quais os que se relacionam aos seus objetivos ao utilizar as redes sociais e aplicativos.

- (☐) Pesquisas (estudo)
- (☐) Pesquisa de preço, compras
- (☐) Trabalho
- (☐) Saber das informações em tempo real
- (☐) Diversão/Entretenimento (jogar, ouvir música, assistir a vídeos)
- (☐) Interação/Contato com outras pessoas
- (☐) Outros: _____

10. Já houve algum diálogo seu com seu(sua) filho(a) em relação ao que ele deve observar ao fazer publicações nas redes sociais e aplicativos? Justifique.

11. Você já avaliou algum conteúdo postado ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais e aplicativos?

Observe os textos a seguir e responda às questões 12 a 15.



12. Você compartilharia esses textos no *Facebook* ou *WhatsApp*? Por quê?
13. Você concorda que as postagens no *Facebook* e/ou *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de entretenimento? Comente.
14. Você compartilharia esses textos, se a criança do texto fosse seu (sua) filho (a)? Por quê?
15. Como você caracteriza as crianças nos textos acima?

A proposta da entrevista é justificada porque visa oferecer aos participantes mais uma situação real de comunicação, em que eles terão a oportunidade de experienciar outros gêneros, além do gênero meme.

Bloco B- Criando um Portfólio

Professor, neste bloco sugerimos:

- ✓ construir um Portfólio *online*;
- ✓ apresentar a importância desse espaço para o aluno.

A criação de um portfólio *online*, é um recurso didático que poderá auxiliá-lo a acompanhar e perceber as atividades realizadas, o que o ajudará a refletir e avaliar se seus objetivos foram alcançados. Também é um recurso que pode favorecer o aluno, pois permite que ele avalie e perceba sua evolução durante esse trabalho. Ele


permite que você organize uma diversidade de conteúdos multimodais, é uma boa maneira de desenvolver letramentos digitais e oportunizar momentos de reflexão entre você e seu aluno.

É importante que você analise se o melhor é cada aluno criar o seu portfólio ou se você e a turma criarão um para divulgar as atividades realizadas. Também destacamos como significativo dar aos estudantes dicas de segurança digital.

Utilizaremos esse recurso para divulgar nossa proposta de leitura e análise de memes que têm a criança como participante.

Para colocar em prática a construção de um Portfólio, a opção é utilizar uma plataforma que atenda aos objetivos propostos.

QUADRO 9 - Como criar um portfólio *online*

- 
- Professor, sugerimos que você crie primeiro o seu próprio portfólio para apresentar aos alunos. Você tem a opção de construir uma página estática ou criar um blog, que lhe proporcionará maior número de visualizações e maior interação entre os usuários. Se optar por uma página estática poderá utilizar a plataforma Wix (<http://pt.wix.com>) e seguir as recomendações da plataforma. Para criar um blog, poderá utilizar uma conta no Gmail (<http://mail.google.com>), clicar em login e em “criar um blog” e seguir as instruções.
2. É importante pensar na parte estética do seu portfólio. Você poderá inclusive solicitar aos alunos ideias, inclui-los na organização desse espaço para que seja atrativo, interessante.
 3. Assim que você e seus alunos iniciarem as postagens no portfólio, divulgue-o à escola. É um recurso que pode ajudar os estudantes a desenvolverem suas habilidades. Além disso, muitos alunos poderão contribuir uma vez que já apresentam competência tecnológica e são letrados digitalmente.

Bloco C - Introdução à Temática

As atividades deste bloco estão previstas para acontecerem em até 02 (duas) aulas e os objetivos são:

- ✓ introduzir a temática;
- ✓ apresentar as noções introdutórias sobre o gênero meme;
- ✓ fazer análise inicial de exemplares do gênero meme.

Explorando conhecimentos e experiências

Para a primeira aula deste bloco, sugerimos que o professor apresente aos alunos o Texto I e, a partir dele, explore os conhecimentos e as experiências prévias, e promova sua ampliação para que o estudante seja capaz de compreender que participamos,

no nosso dia a
dia, de
práticas
sociais
comuns à
analisada.

Isso promove
uma

autorreflexão sobre o uso da língua em diferentes eventos comunicativos, por meio de gêneros multimodais, denunciando novas roupagens que são dadas a determinados enunciados, indo muito além do textual, já que a imagem também tem muito a informar.

Bazerman (2005, p. 30) escreve: “gêneros são tão somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros” e ainda “os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual”.

Texto 1 - Gerações e desafios!³¹



Fonte: Disponível em: <<https://pics.me.me/baleia-azul-e-para-essa-geracao-mole-de-hoje-na-19473287.png>>. Acesso em 22 mar 2017.

Para tornar esse momento de leitura e análise de meme mais significativa, professor, sugerimos que apresente aos estudantes os objetivos que se pretende alcançar, estimule os alunos a expressar suas ideias e ouvir as dos colegas. Orientar as discussões requer cuidado de nossa parte, pois devemos auxiliá-los na construção de significados e instigá-los à leitura e à análise dos elementos semióticos.

Professor, inicie o primeiro momento mostrando o meme aos alunos e questionando-os se já viram textos semelhantes a esse e ouvindo os comentários deles. É importante estabelecer com os alunos algumas estratégias³² para favorecer a troca de ideias uma vez que esse é um momento muito rico para o professor perceber os conhecimentos e ideias já preestabelecidas e a consciência crítica dos alunos sobre o uso das multissemoses e sobre as representações da criança construídas. Após isso, deve-se dar continuidade à análise do texto, para o que sugerimos:

1. Por que podemos considerar o que foi exibido como texto? Justifique.

³¹ Os títulos que nomeiam os memes foram criados especificamente para esta pesquisa.

³² Dentre as estratégias para uma boa interação, destacamos saber ouvir, apresentar seu ponto de vista, respeitando a opinião do outro, aguardar o seu turno de fala.

Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos – isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante. Eles causam também efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que a experiência prolongada com a publicidade e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como ‘consumidores’, ou suas identidades de gênero. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação, ou para transformações nas relações industriais, e assim por diante³³. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8)

2. Você no seu dia a dia tem contato com produções como essa?
3. Como você tem acesso a esse tipo de publicação?

A partir das respostas, é importante que se promova uma discussão sobre elas.

Durante a argumentação dos alunos em relação às questões apresentadas acima, eles provavelmente falarão que o texto pertence ao gênero meme. É importante que você, professor, questione-os: O que é um meme? Caso não façam o comentário, explique que o texto é um exemplo do gênero meme e depois pergunte aos alunos:

Vocês já ouviram falar em meme?

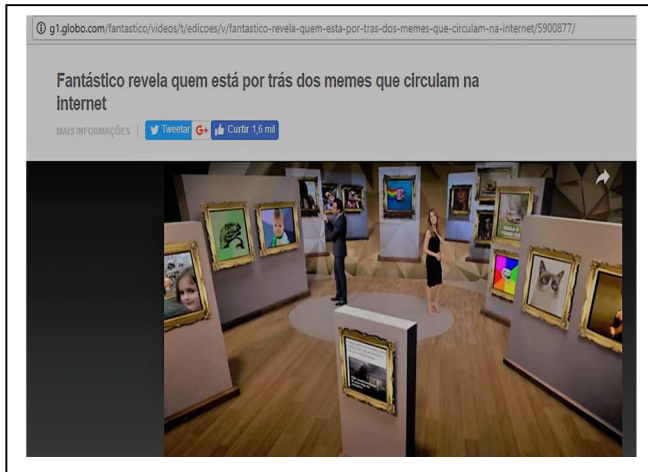
O que é um meme?

Professor, mostre aos alunos que o meme é uma nova forma de expressão cultural, que se materializa por meio do seu conteúdo temático, estilo e estrutura composicional, conforme Bakhtin (2011).

Mostre aos alunos que de acordo com Silva (2016), o meme pode dialogar com outro meme ou com outros gêneros discursivos, pode também representar situações de maneira crítica ou humorística, pode questionar uma realidade, promover uma reflexão.

³³ Tradução de Izabel Magalhães da obra *Analysing discourse* (2003).

Na sequência, sugerimos que o professor apresente aos alunos o vídeo “memes, o que são?”.



Disponível em
<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/05/reportagem-revela-quem-esta-por-tras-dos-memes-que-circulam-na-internet.html>



A reportagem apresenta os memes como “grandes obras de arte da nossa era digital”, que tem até um Museu Digital. Explica a origem da palavra meme, evidencia que esses textos multissemióticos são uma nova forma de expressão cultural, evidencia algumas características desse gênero discursivo virtual e mostra a criatividade dos fazedores de memes.

Após a exibição do vídeo, é importante promover um momento de discussão sobre a reportagem e fazer uma reflexão sobre essa forma de expressão cultural. Professor, ouça os alunos e, se preciso, observe estes pontos que foram indicados na reportagem e questione os estudantes:

1. Vocês já conheciam alguns dos memes que foram apresentados na reportagem? Comentem.
2. Como a reportagem definiu memes?
3. Como surgem os memes?
4. De acordo com a reportagem, uma das regras do meme é fazer rir. Quais seriam outras regras quando os fazedores criam os memes?
5. O repórter disse que nos últimos tempos o que não falta é motivação para os criadores de memes. O que tem gerado a criação de tantos memes?
6. Vocês lembram o porquê do Palácio do Planalto encaminhar um e-mail? O que representa essa ação do Palácio do Planalto? Como vocês avaliam essa atitude?
7. Quais são características que tornam um texto um meme?

Depois desse momento, professor, sugerimos que convide os alunos a acessar, no laboratório de informática, alguns exemplares desse gênero. Após esse contato dos alunos com outros memes, peça que selecionem um dos memes que observou e analisou. É importante pedir que os alunos relatem oralmente ou por escrito o que observaram e compreenderam sobre o gênero meme.

Caso não tenha acesso ao laboratório, o professor poderá utilizar o celular, o notebook ou pedir que os alunos realizem esta atividade em casa e que levem impresso ou no *pendrive* para apresentação na próxima aula. É importante solicitar também que façam o registro da análise no caderno.

Bloco D- Explorando o gênero meme

Esta etapa é destinada à leitura e à análise do gênero meme com base em postulados da ADC. Na análise, serão exploradas a produção, a distribuição e o consumo do gênero, o vocabulário, a estrutura visual (imagem) e a interdiscursividade.

➡ Professor, conscientes de que a linguagem não é apenas uma forma de representação do mundo, mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro, apresentamos o conceito de ADC, uma das teorias em que a proposta está ancorada:

De um modo muito peculiar, a Análise de Discurso Crítica lança um olhar profundo e contemporâneo sobre a linguagem e suas implicações com a realidade social como até então nenhum campo de pesquisa da Linguística havia feito. Desde o fortalecimento científico no campo de investigação da linguagem e, sobretudo, ao longo dos últimos cem anos, distintas perspectivas têm mobilizado atenções e investimentos na investigação de aspectos isolados da linguagem e das línguas específicas, destacando estruturas e características, cujo estudo, sem dúvida, tem sido crucial para conhecer como as diversas línguas evoluíram ao longo do tempo, como as gramáticas se constituem e estabelecem suas regularidades, como em diversos contextos sociais e de interação os participantes apropriam-se das estruturas de determinada língua, reelaborando o léxico e a sintaxe, reproduzindo (mas também opondo resistência a) aspectos políticos como discriminação, alijamento e dominação.

Mas foi, sem dúvida, a inflexão para o discurso e a descoberta e o investimento em categorias teóricas primárias, como poder e ideologia, e outras secundárias, como intertextualidade, formação discursiva, ordem do discurso, entre outras, que expuseram da forma mais explícita possível a relevância do papel da linguagem na formação da realidade social e a relação dialética entre esses dois âmbitos. Assim, da compreensão dessa imbricação e de sua implicação em determinada conjuntura é que será possível conhecer fenômenos sociais, notadamente aqueles relacionados à desigualdade social e política em que a linguagem desempenha papel crucial. E, ainda, com base nesse conhecimento, será possível contribuir para a mudança desse cenário de desigualdade e opressão (MAGALHÃES et al., 2017, p. 37-38).

As atividades deste bloco estão previstas para acontecerem em até 03 (três) aulas e os objetivos são:

- ✓ analisar as representações da criança construídas no meme;
- ✓ analisar os recursos por meio dos quais elas se materializam.

Análise do gênero meme

Para esse momento, selecionamos o meme a seguir (texto 2) e propomos as seguintes questões para análise, que pode ser feita oralmente ou por escrito:

Texto 2 - Sexta-feira, dia de arrasar.



Fonte: Disponível em: <mensagensdebomdia.com.br> Acesso em 22 jun. 2016.

Ao direcionarmos para uma análise das práticas discursivas, é preciso levar em consideração os processos cognitivos de produção, distribuição e consumo do texto que estão envolvidas na dimensão do uso da linguagem.

De acordo com Fairclough (2001, p. 99), “todos esses processos são sociais e exigem referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado.”

Resumo: O texto representa a materialidade discursiva e a prática discursiva são as condições de produção, a distribuição e o consumo dos textos e quanto à prática social, ela corresponde ao contexto que circunda a realização discursiva.

1. Quem é/são o/s produtor/es desse meme?
2. Como esse material é distribuído?
3. Quem consome postagens desse tipo?
4. Quais semioses compõem essa produção?
5. Quem é o participante principal?




Professor, é preciso lembrar que os gêneros discursivos permeiam nossa vida diária e são responsáveis por organizar a nossa comunicação. Com as perguntas apresentadas, intentamos explorar os aspectos relacionados aos gêneros, quais sejam: estrutura composicional, estilo e tema, baseando -se nos dizeres de Bakhtin (2003). Estamos nos referindo a certas condições de produção da esfera que exigem **temas** (assuntos) para serem abordados, **estilos** da língua, como, por exemplo, o registro formal e informal e a **estrutura composicional**, ou seja, a estrutura formal do texto.

E de acordo com a posição que o aluno participante assumir diante do texto verbal e não verbal que ele está se deparando, você, professor, perceberá como ele representa a vida social, o uso que esse aprendiz, na posição de ator social, faz de diferentes discursos, bem como ele produz representações de outras práticas e de suas próprias práticas.

6. Em sua opinião, como a criança é representada nessa postagem?
7. Quais são as pistas que lhe permitiram dizer isso?
8. O meme analisado é criado com qual propósito?
9. Qual é, provavelmente, a posição assumida pelo autor desse meme sobre infância?
10. Qual o sentido adquire o verbo arrasar no meme acima?
11. Há relação de sentido entre o verbo arrasar e o substantivo sexta-feira com a imagem e com a representação da criança construída? Explique.

Caso, nas respostas às questões anteriores, os alunos não façam referência ao emprego da construção verbal “Hoje é sexta-feira, dia de arrasar!”, é importante que o professor questione os estudantes quanto ao sentido do verbo arrasar. O objetivo deste questionamento é fazer o aluno perceber a relação do emprego do verbo arrasar e do substantivo sexta-feira com a imagem da participante principal.

Dando sequência à análise, sugerimos que o professor explore a estrutura visual (imagem), categoria do significado representacional (FAIRCLOUGH, 2003), que juntamente com a linguagem verbal constrói, nesse meme, a representação da criança.



A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto.

(FAIRCLOUGH, 2001, p. 35-36).

12. O discurso alteraria se o participante do meme fosse um menino e não uma menina?

13. Na sua opinião o que pode ter motivado o criador do meme a escolher como participante principal uma menina e não um menino?

14. Apenas a estrutura visual é capaz de produzir o sentido expresso pela linguagem verbal?

15. A situação representada no meme tem a ver com o papel da participante, sua posição e seu papel na sociedade?

Ainda nesta etapa, é relevante solicitar que os alunos observem o calçado que a menina está usando, o adereço no cabelo e a cor. Para a sistematização dessas observações, sugerimos estas questões:



Professor, nas questões a seguir buscamos explorar aspectos relevantes sobre a Gramática do *Design* Visual juntamente com a Multimodalidade. Ao relacionar a linguagem verbal e a visual, objetivamos identificar quais os significados que podem ser produzidos. Sugerimos que explore os conhecimentos de mundo dos alunos, leve-os a pensar o que sugerem os elementos que compõem o texto, quais os efeitos de sentido que produzem. As questões buscam que o aluno perceba como a criança é representada nos textos e seja capaz de questionar ideologias, valores e conceitos; seja capaz de afirmar ou negar um discurso, reproduzir ou transformar sua prática.

16. Na opinião de vocês, qual o efeito da escolha do tipo de sapato, da cor do sapato, do adereço na cabeça e das cores da calcinha na construção da representação da criança no meme?

17. E a roupa que ela usa? Observe as cores. São suaves ou não? O que sugerem as cores?

18. A direção do olhar e o posicionamento da participante retratada mantêm uma relação próxima ou distante; envolvente ou não envolvente com o leitor? Justifique.

19. O que você pensa a respeito do fato de a menina estar posicionada de costas?

20. Além da linguagem verbal que constitui o meme, o que sugere a posição das mãos da participante, as cores dos adereços, roupa e sapato?

21. O modo de vestir e de agir da participante corresponde ao modo convencional de uma criança se vestir e agir? Argumente.

22. A participante é um elemento inesperado no texto? Esse fato causa humor? Esclareça.

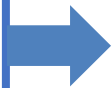
23. O que mais chamou a sua atenção no meme como um todo?

24. Você imagina em qual contexto ou situação esse meme foi criado?

25. Qual leitura pode ser feita da representação da criança na situação apresentada?

26. Qual a reação que o texto provoca em você, como leitor? Por quê?

27. Na sua opinião, o que motiva alguém a compartilhar esse meme?



Professor, na análise do meme “*Sexta-feira, dia de arrasar*”, indicamos o trabalho com a interdiscursividade, analisando os discursos que se articulam na construção da representação da criança. Segundo Ottoni (2007, p. 42-43), “Fairclough salienta que mais produtivo que focalizar os diferentes modos de lexicalizar mesmos aspectos do mundo é focalizar como os diferentes discursos estruturam o mundo diversamente e, portanto, focalizar as relações semânticas entre as palavras”.

Após ouvi-los quanto ao compartilhamento, alguns alunos poderão justificar apresentando os discursos articulados no texto. Explore essa análise e se preciso, questione-os: Quais os discursos você vê articulados neste meme?

Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, de suas identidades pessoal e social, e das relações sociais que elas estabelecem com outras pessoas. (FAIRCLOUGH, 2003, p.124).



É importante que o aluno perceba os discursos articulados no texto:

- ✓ Discurso da Adultização;
- ✓ Discurso da Sensualidade;
- ✓ Discurso da Erotização;
- ✓ Discurso Humorístico.

Em relação ao discurso humorístico, Ottoni (2007, p. 59) esclarece que “o humor, além do compromisso com o riso nesse sentido mais amplo, permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo.” Perceba, professor, que nesse texto 2, o elemento inesperado é a figura de uma criança associada a um dizer que é do adulto, com calçado e postura de adulto.



Professor, é importante que as perguntas não sejam apresentadas como uma lista rígida para seguir, colocar no quadro e solicitar que os alunos a respondam no caderno. Na verdade, estamos propondo-as para nortear a discussão. Sugerimos que seja um momento de interação em que os alunos atuem como verdadeiros colaboradores do processo de aprendizagem. É um momento de escuta, de valorizar o que eles têm a contribuir. Também sugerimos que, a partir da discussão, o professor, juntamente com os alunos, faça uma redação sobre o meme e peça que os alunos registrem no caderno.

Bloco E - Conectando ideias em grupo -

Esse bloco poderá ser realizado na sala de aula, na biblioteca ou em um espaço adequado para o trabalho em grupos. A previsão é de 5 (cinco) aulas e os objetivos são:

- ✓ reforçar a ideia de participação e interação entre o grupo;
- ✓ reconhecer as diversas semioses presentes no texto;
- ✓ posicionar-se criticamente diante dos textos.

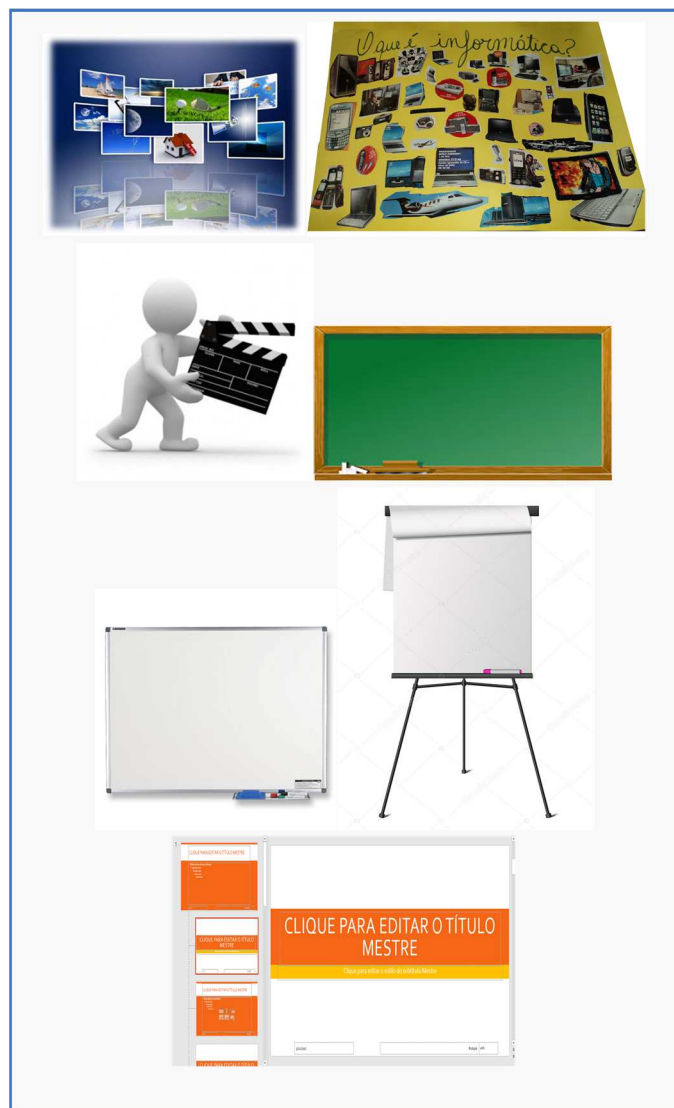
Leitura e análise de memes

Professor, sugerimos que inicie desafiando os alunos, mostrando que nas aulas anteriores, quem era o orientador do grupo era você, o professor, e que, na atividade que desenvolverão, eles serão os orientadores, conduzirão o trabalho de análise e leitura de texto. Esse momento de motivação é importante para ativar o interesse pela leitura e análise de textos.

Após esse momento, explique aos alunos que eles formarão grupos com 4 ou 5 alunos e que, ao receberem a atividade, deverão planejar como o grupo se organizará para apresentação aos demais. É importante reforçar a ideia da

participação na discussão e apresentação de todos os alunos que compõem o grupo. Depois da parte da motivação, o professor deverá auxiliá-los na organização dos grupos e informar que entregará, a cada grupo, um texto para que leiam, analisem e, em segundo momento, apresentem os resultados das discussões. Para isso, sugerimos que o professor apresente aos estudantes as dicas a seguir para elaborar uma boa apresentação:

- ✓ ter o objetivo claro para organizar o roteiro da apresentação;
- ✓ apresentar de maneira clara e cuidadosa as ideias;
- ✓ fazer uso de recursos visuais;
- ✓ não utilizar muitos textos explicativos nos slides. Mostre-lhes recursos que poderão ser utilizados como cartazes e o *Power Point*.



Para a organização dessa atividade, foram selecionados três (03) exemplares de memes, os quais são apresentados a seguir:

Texto 3 - Hora de trabalhar.



Fonte: Disponível em: <http://mulpix.com/instagram/trabalhar_trabalho_job_bomdia.html>. />. Acesso em 02 maio de 2016.

Texto 4 - Sempre diva!



Fonte: Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/373939575298901859/>>. Acesso em 02 maio de 2016.

Texto 5 - Dia da beleza!



Fonte: Disponível em: <<https://pics.me.me/bane-dial-hoje-%C3%A9-o-dia-de-ficar-linda-12572945.png>>. Acesso em 02 de maio de 2016.



Professor, considerando que as turmas têm 25 a 35 alunos, o mesmo meme será apresentado por mais de um grupo.

Durante o estudo do meme, sugerimos que o professor entregue a cada grupo as questões a seguir, para auxiliá-los na discussão:

1. Quem provavelmente produziu esse meme? Apresente elementos que justifiquem sua argumentação.
2. Para quem, na análise do grupo, esse texto foi produzido? Como vocês chegaram a essa constatação?
3. Qual a sua opinião sobre esse modo de agir de quem produziu esse texto?
4. Vamos imaginar que quem incentivou a criança a toda essa produção foi um adulto, sua mãe, por exemplo. E depois, a própria mãe foi quem usou a foto, inseriu o texto verbal e compartilhou. Como você avalia essa atitude?
5. Analise o texto e responda: Como a criança é representada?
6. Quais são as pistas presentes no texto que nos permitem identificar essa representação?
7. Qual a relação entre as multissemioses usadas na construção do texto?
8. Você compartilharia esse texto se o participante fosse sua irmã, por exemplo? Justifique.
9. Na sua opinião, esse modo de representar a criança no meme pode influenciar o modo como as crianças se representam e como são representadas pelos outros? Justifique.

Compartilhando e comentando os memes

Após a discussão oral do grupo e elaboração de apresentação da análise, os alunos socializarão suas análises. Informe-os de que todos os grupos que receberam o texto 3 apresentarão; depois todos que analisaram o texto 4 e, para finalizar, os grupos do texto 5. As perguntas e dúvidas deverão ser anotadas e, após as apresentações de todos os grupos com o texto I, os demais grupos poderão tecer perguntas ou expor considerações feitas a respeito do texto e da análise. Depois os demais grupos, sempre oportunizando, no final das apresentações, um momento para perguntas e comentários. Professor, se você e seus alunos criaram o Portfólio, sugerimos que as atividades e as apresentações sejam divulgadas.

Registrando impressões

Professor, este momento foi planejado para acontecer logo após a apresentação realizada pelos grupos. Explique aos alunos que eles se reunirão novamente para registrarem o que observaram e compreenderam ao pesquisar e analisar o meme que foi proposto ao grupo. A atividade pode ser realizada no caderno ou registrada no *Portfólio*, se criaram este espaço.

Sugerimos finalizar este bloco, elaborando juntamente com os alunos as características que definem o gênero meme. O professor pode anotar no quadro e após uma sistematização, solicitar que os estudantes registrem a atividade no caderno.

Bloco F - Um gênero que viraliza

Esse bloco organiza-se em 6 aulas e apresenta como objetivos:

- ✓ avaliar o posicionamento dos alunos em relação ao que leem, produzem e compartilham, especialmente no tocante aos memes que têm a criança como figura principal;
- ✓ compreender a linguagem do meme como forma de representação e seu sentido em uma comunidade;
- ✓ analisar os vários discursos que se articulam e entrelaçam nos diferentes memes.

Analisando e compartilhando aprendizagens

Professor, no bloco anterior, os alunos prepararam uma apresentação que foi desenvolvida em sala de aula. Já neste bloco, as atividades de leitura e análise dos memes que têm a criança como participante principal serão realizadas primeiramente com os alunos em sala de aula e, em momento posterior, sugerimos que com seu auxílio, organizem uma apresentação para um momento que terão a participação dos pais, mães e/ou responsáveis deles.

Nesta etapa, a proposta é dar continuidade à leitura e à análise de memes, a partir de novos exemplares do gênero, para posterior apresentação desses memes e análise para pais, mães e ou responsáveis e para discussão com todos.

A proposta é apresentar os memes e proporcionar aos estudantes e pais, mães e ou responsáveis um momento de interação e de reflexão sobre a prática de compartilhamento e sobre o que postam nas redes sociais e aplicativos, principalmente textos que têm a criança como participante.

Desse modo, esta pesquisa se faz relevante porque pode proporcionar aos estudantes: i. um momento de interação entre eles e de reflexão sobre a prática de compartilhamento a partir do desenvolvimento de habilidades de leitura e análise crítica de memes; ii. uma reflexão sobre o que é representado nos memes e nos outros textos que leem e compartilham nas redes sociais e aplicativos; iii. uma reflexão sobre algumas questões sociais contemporâneas apresentadas nos memes que têm como participante principal a criança; iv. uma ampliação do seu conhecimento, fornecendo-lhes subsídios para avaliarem o que esses textos representam no contexto social e cultural e como influenciam no modo como os leitores representam o mundo.

Para a organização desse trabalho, inicialmente sugerimos que o professor apresente aos alunos o meme (texto 6). A partir das questões direcionadas a esse meme, recomendamos ao professor conduzir a análise, promover um momento de discussão, de comparação de opiniões, de recapitulação de conhecimentos, além de fomentar a leitura crítica e apresentar os demais memes numa sequência de análises que conduzam o aluno a compreender o porquê de o meme poder ser caracterizado como gênero que viraliza, espalha facilmente por meio das redes sociais e aplicativos.

É importante que o professor inicie retomando os conhecimentos construídos sobre memes, tais como: o meme é produzido de maneira individual e busca se multiplicar no espaço virtual, repetindo não só a estrutura composicional, mas o estilo e o tema. A seguir, professor, analise com os estudantes as representações e promova reflexões.

Dando sequência a esse momento, apresente o texto 6 e as questões a seguir para observação e análise:

Texto 6 - Garota “desastre”



Fonte: Disponível em <<http://s.glbimg.com/po/tt/f/original/2012/11/30/imagem150.jpg>>. Acesso em 22 mar. 2016.

Nosso objetivo nas questões ao lado é verificar as condições de produção do gênero discursivo apresentado e discutir quais as intenções de quem produziu ao representar a criança da forma como foi representada.

1. Vocês já conheciam esse meme?
2. Quem é o participante principal?
3. Como está representada a criança nesta publicação?
4. É possível saber quem produziu esse meme?

5. A direção do olhar e o posicionamento da participante retratada mantêm uma relação próxima ou distante; envolvente ou não envolvente com o leitor? Justifique.

6. Você imagina em qual contexto ou situação esse meme foi criado?

7. Qual a reação que o texto provoca em você, como leitor? Por quê? Na sua opinião, o que motiva alguém a compartilhar esse meme?

Professor, antes de apresentar a história da foto (texto 6) que originou o meme “Garota desastre”, sugerimos que não simplesmente leia a informação sobre a personagem do meme, mas que conte com suas palavras a história da menina Zoe de forma a despertar o interesse do aluno e promover o olhar curioso, atento e reflexivo dos estudantes.

A personagem do meme chama-se Zoe. Apesar de aparentar um acidente, as chamas eram apenas parte de um treinamento do corpo de bombeiros local, que aconteceu a duas quadras da casa da criança, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Ao observar o treino, o pai da menina, Dave Roth, chamou a filha para tirar a foto e acabou criando um dos memes mais populares da web. A foto foi tirada em janeiro de 2004, no entanto, apenas em 2007, por meio de uma competição organizada pela “JPG Magazine” tornou-se mais conhecida.

Fonte: Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/12/garota-desastre-e-celebridade-das-catastrofes-conheca-o-meme.html>>. Acesso em 22 mar. 2016.



Professor, de acordo com a GDV, sabemos que temos três significados: **representacional, composicional e interacional**.

- É possível explorar bem esses três significados, utilizando o texto 6 (e é possível aplicar os significados nos outros textos, também), pois podemos perguntar quem é ator, meta, de onde parte o vetor (significado representacional).
- É possível, também, perguntar que elemento faz com que entendamos que podemos ter diferentes participantes principais. Podemos esperar como resposta dos alunos as seguintes possibilidades: Participante principal: a menina, pelo tamanho maior que foi dado a sua imagem e a casa pegando fogo, pelo destaque dado nas cores do fogo, o brilho, o que, baseando no significado composicional, chamamos de saliência.
- Ainda, focando no significado composicional, podemos notar que existe uma informação nova, a partir do olhar da menina, um certo olhar de satisfação ao ver a casa pegando fogo (valor informacional novo).
- Para o significado interativo, pode ser solicitado para verificar se o participante representado interage com o participante/leitor, se o olhar que a criança direciona é de demanda ou de oferta e como se dá a relação de poder (significado interativo).

Na sequência, professor, é importante que você apresente alguns memes em que Zoe é protagonista e se torna uma celebridade dos desastres (textos 7 a 10). É relevante também que você chame a atenção dos alunos para o que sugere a expressão da garota. Explore a integração do texto verbal e do visual nos memes e pergunte:

Texto 7 - Série: Garota desastre, em desastres no mundo



Fonte: Disponível em <<http://mundolouco.net/wp-content/uploads/2012/12/Conhe%C3%A7a-o-meme-Garota-desastre-2.jpg>>. Acesso em 20 abr. 2016.

8. Qual o enfoque dos textos?
9. Quais as pistas que lhe permitiram dizer isso?

Dando sequência à leitura e à análise dos memes, mostre aos alunos outras montagens com alguns memes criados com a 'Garota Desastre' e faça com eles uma reflexão sobre as representações da criança construídas nesse gênero discursivo virtual. Para isso, professor, ao realizar a reflexão com os alunos, sugerimos que questione cada um dos elementos contidos no texto, a forma como os elementos estão apresentados. Observem *o layout* do texto, a parte superior do texto e a parte inferior, que apresenta os dizeres e analisem.

10. Qual a informação já conhecida por vocês, alunos?
11. Qual a não conhecida, a informação nova?
12. Qual a informação tida como real?
13. Qual é a informação tida ideal?

Mostre aos alunos que não há uma moldura na composição do texto: a moldura se realiza através de linhas divisórias ou espaços coloridos ou não, dentro ou nas margens da imagem. Observem no texto o uso desse recurso separando o texto verbal, na parte superior, e a imagem. Pergunte se a imagem transmite a ideia daquilo que faz parte de um campo imaginário, de um sonho. Continue dialogando com os alunos e mostrando que a parte inferior do texto tende a ser mais informativa. Depois, observem a fonte utilizada no texto verbal na parte superior e na parte inferior.

Em relação aos memes, sugerimos ainda que o professor mostre novamente cada um deles e analise oralmente ou por escrito:

14. Em relação à imagem, há um elemento que apresenta maior destaque? Como é diferenciado por meio de cores, tamanhos?
15. Qual a relação do olhar do participante do texto?
16. Em que estaria pensando a participante?
17. Como a participante foi representada nos memes?
18. Quais os riscos desse comportamento da participante representada nos memes?
19. Determine as pistas presentes nos memes que nos permitem identificar essa representação?

Texto 8 - Série: Garota desastre resolvendo conflitos com os vizinhos



Fonte: Disponível em <<http://geradormemes.com/media/created/iachrv.jpg/2017/11/2-49.jpg>>. Acesso em 20 abril 2016.

Texto 9 - Série: Garota desastre em “Me zoe mais uma vez”



Fonte: Disponível em <<http://geradormemes.com/media/created/0o6o13.jpg/wp-content/uploads/2017/11/2-49.jpg>>. Acesso em 20 abril 2016.

Texto 10 - Série: Garota desastre em “Feministas!”



Fonte: Disponível e <<http://www.portalafricas.com.br/v1/wp-content/uploads/2016/08/Screenshot-2016-08-30-at-20.10.38.png>>. Acesso em 20 abril 2016.

Professor, sugerimos que converse com os alunos acerca da prática de compartilhamento de textos nas redes sociais e aplicativos e sobre os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância. Também recomendamos que dialoguem sobre o poder de viralização dos memes nas redes sociais e aplicativos.

Para concluir esta análise, sugerimos que o professor liste por escrito com o auxílio dos alunos as características desse gênero digital, que já foram apontadas ao longo desta proposta.

Após a análise dos memes desse bloco, indicamos que você, professor, organize com os alunos o roteiro para o desenvolvimento do trabalho com os pais, mães e/ou responsáveis. É importante definir com os alunos as ações que serão realizadas durante reunião com os pais.

Momento de Interação entre os participantes da pesquisa

Esse é um momento com os pais dos alunos participantes e/ou responsáveis, equivalendo a 2 (duas) aulas e apresenta como objetivo:

- ✓ discutir com os pais a prática de compartilhamento de memes nas redes sociais e aplicativos e as representações construídas nos memes que têm a criança como participante principal;

✓ refletir com os pais sobre os efeitos do trabalho de leitura e análise de memes desenvolvida com os filhos deles.

Professor, aconselhamos que, durante a reunião de pais na escola, planejada para acontecer com a turma que está participando da proposta e com os pais desses alunos, faça a reflexão e a discussão sobre a prática de compartilhamento de memes nas redes sociais e aplicativos e as representações construídas nos memes que têm a criança como participante principal. Você e seus alunos se direcionem por meio do roteiro a seguir:

- ✓ apresente os objetivos do encontro;
- ✓ mostre a foto da “Garota Desastre” e pergunte se conhecem o texto;
- ✓ ouça os pais para depois contar a história que deu origem ao meme;
- ✓ analise os demais memes e promover uma reflexão sobre as representações que são construídas nos memes;
- ✓ reflita sobre o trabalho com a leitura de memes.

Após esse trabalho com os alunos e os pais, sugerimos que o professor proporcione, conforme bloco G, um momento para avaliação da turma sobre o trabalho realizado e o encontro com os pais.

Bloco G - Avaliando

Esse bloco é constituído de 2 (dois) momentos e tem como objetivo:


- ✓ analisar se houve alguma mudança no modo como os alunos leem e compartilham memes nas redes sociais e aplicativos após o desenvolvimento da proposta.
- ✓ analisar os possíveis efeitos do trabalho desenvolvido na visão que os alunos têm da representação da criança nos memes.

O primeiro momento acontecerá com os pais, mães e/ou responsáveis e pode ser aplicado após o momento de interação preparado para eles (Bloco F).

Questionário com pais e/ou responsáveis

1. Seu(sua) filho(a) comentou a respeito dos cuidados que se deve ter ao compartilhar mensagens nas redes sociais e aplicativos? Se sim, o que comentou?
2. Você percebeu alguma mudança na forma como seu (sua) filho(a) recebe e compartilha mensagens nas redes sociais e aplicativos nos últimos meses?
3. Na sua opinião, o trabalho com os memes provocou alguma mudança no modo como você e seu(sua) filho(a) leem e compartilham esses textos nas redes sociais e aplicativos? Comente.

O segundo momento é direcionado aos alunos participantes da proposta de análise e leitura crítica de memes. Para atingir os objetivos, professor, sugerimos a realização de uma entrevista semiestruturada com os alunos.



É no momento de expor suas ideias, que os estudantes apresentam mais dificuldades, assim, o questionário se torna um facilitador, além de ser mais uma forma de produção dialógica. É mais uma oportunidade de o aprendiz fazer uso concreto da língua, fazendo com que o professor possa perceber, por meio das respostas dadas às perguntas, a representação que ele assume diante dos textos compartilhados, explorando, também, sua competência discursiva.

Para Bakthin (2015):

“Quando o texto se torna do nosso conhecimento podemos falar de reflexo do reflexo. A compreensão de um texto sempre é um correto reflexo do reflexo”(BAKTHIN, 2015, p. 319).

A seguir, apresentamos um roteiro possível para esta entrevista.

1. O trabalho com o gênero meme provocou alguma mudança quanto à maneira de você compartilhar mensagens em redes sociais e aplicativos? Comente.
2. Qual a importância de aprendermos a administrar o que compartilhamos e como compartilhamos num mundo cada vez mais conectado?

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E ANÁLISE DA APLICAÇÃO

Este capítulo é destinado à análise da proposta de intervenção e à análise da aplicação em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, durante o horário regular das aulas de Língua Portuguesa. Essa proposta está fundamentada nos pressupostos da ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), na Pedagogia de Multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2006, 2008; ROJO, 2012, 2013; ROJO; BARBOSA, 2015) e na GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e em conformidade com os objetivos, a metodologia e o propósito desta pesquisa.

5.1 Relato de aplicação da proposta e análise dos resultados

Nesta seção, relatamos todo o caminho que trilhamos na aplicação da proposta de leitura e análise crítica desenvolvida em uma turma de 9º ano e na análise dos resultados. As atividades foram realizadas no primeiro semestre de 2017, durante os horários regulares das aulas de Língua Portuguesa. Ressaltamos que aplicamos quatro aulas em dois sábados letivos conforme calendário escolar de reposição do período de greve. Os encontros com os pais também aconteceram aos sábados, conforme calendário escolar.

Organizamos esta seção conforme a proposta de intervenção apresentada no capítulo 4.

5.1.1 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco A

Conforme proposta, no Bloco A “Conhecendo os participantes e a relação deles com as redes sociais e aplicativos”, aplicamos um questionário com o objetivo de investigar as razões pelas quais os alunos participantes compartilham textos multissemióticos que circulam nas redes sociais e aplicativos. O questionário é composto por 5 (cinco) perguntas (ver roteiro no capítulo 4, Bloco A) e, ao criá-lo, utilizamos uma das ferramentas do Google Docs. Como resultado da pesquisa,

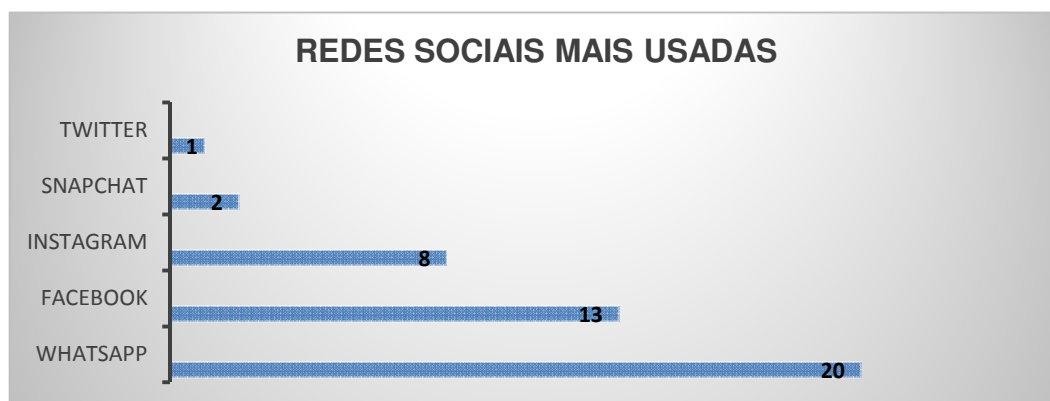
obtivemos uma planilha com um resumo geral que nos permitiu analisar e sistematizar os dados, avaliar quais as redes sociais mais utilizadas pelos alunos, o objetivo ao utilizá-las, bem como investigar o que acreditam ser importante compartilhar e o que não deve ser compartilhado.

Esta atividade estava prevista para acontecer no laboratório de informática. No entanto, tivemos que alterar o local e a maneira como tínhamos planejado. O responsável pelo laboratório de informática afirmou que não seria possível realizar a atividade porque havia problemas na rede e não tinha como prever se conseguiria solucionar a tempo do horário marcado. Utilizamos assim outra estratégia: permitimos que os alunos respondessem ao questionário por meio de seus celulares. Dessa forma, antes de acessarem o *link* para responder, falamos com eles sobre o uso do celular em sala de aula como apoio a uma atividade pedagógica. Os que não dispunham naquele instante do aparelho ou da conexão, responderam ao questionário por meio do nosso celular ou dos colegas. Dessa maneira, conseguimos concluir nossa primeira etapa do projeto.

Essa experiência revela-nos a pertinência de tentarmos incorporar o uso do celular como ferramenta pedagógica, criando por meio dele um espaço de aprendizagem. Na escola, o uso do celular é a causa de algumas adversidades, visto que muitos alunos fazem uso desse recurso de maneira inadequada durante as aulas. Dessa forma, percebemos que proibir não é a melhor solução desse problema, mas estabelecermos com os alunos critérios para uso de um recurso que faz parte do nosso dia a dia. Aproveitamos, assim, esse momento para dialogarmos com os estudantes sobre a importância da Internet como fonte de pesquisa e sobre os diversos recursos que as TIC nos proporcionam.

Um dos fatos investigados por meio do questionário diz respeito ao uso das redes sociais e aplicativos. Todos os participantes disseram fazer uso desses recursos disponíveis na rede e revelaram, conforme Gráfico 2, que as redes sociais mais usadas são as seguintes:

GRÁFICO 2 - Redes sociais e aplicativos mais usados



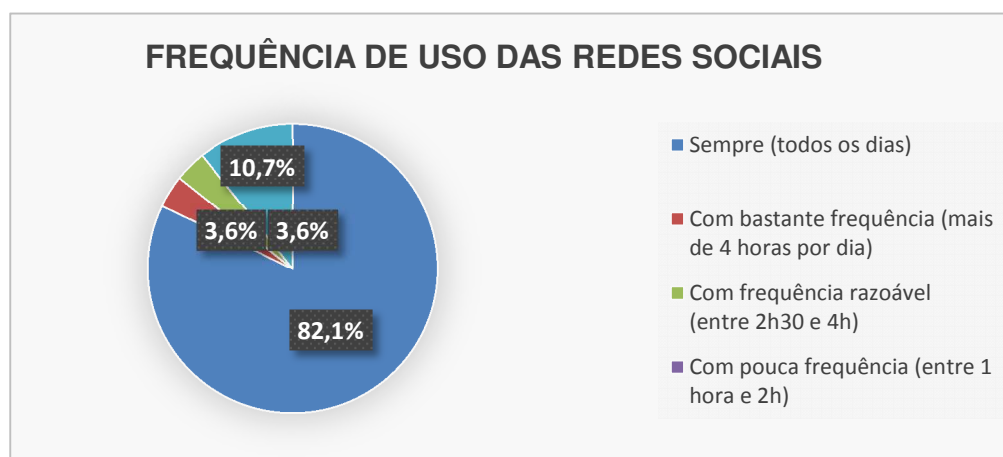
Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos que a rede social *WhatsApp* lidera na preferência dos estudantes, seguida pelo *Facebook*. Em terceiro, está o *Instagram*, rede social de compartilhamento de fotos e vídeos; em quarto lugar, o *Snapchat* e, por último, o *Twitter*.

Isso confirma o levantamento realizado em junho de 2017, com dois mil internautas, pela Conecta, plataforma *web* do grupo IBOPE Inteligência no país, que comprova a liderança do *WhatsApp* como a rede social mais usada no Brasil, seguida pelo *Facebook* e pelo *Instagram*.

A maioria dos participantes respondeu que usa todos os dias as redes sociais e apenas 3 dos 28 alunos participantes (10,7%) raramente fazem uso delas, conforme gráfico 3:

GRÁFICO 3 - Frequência do uso das redes sociais



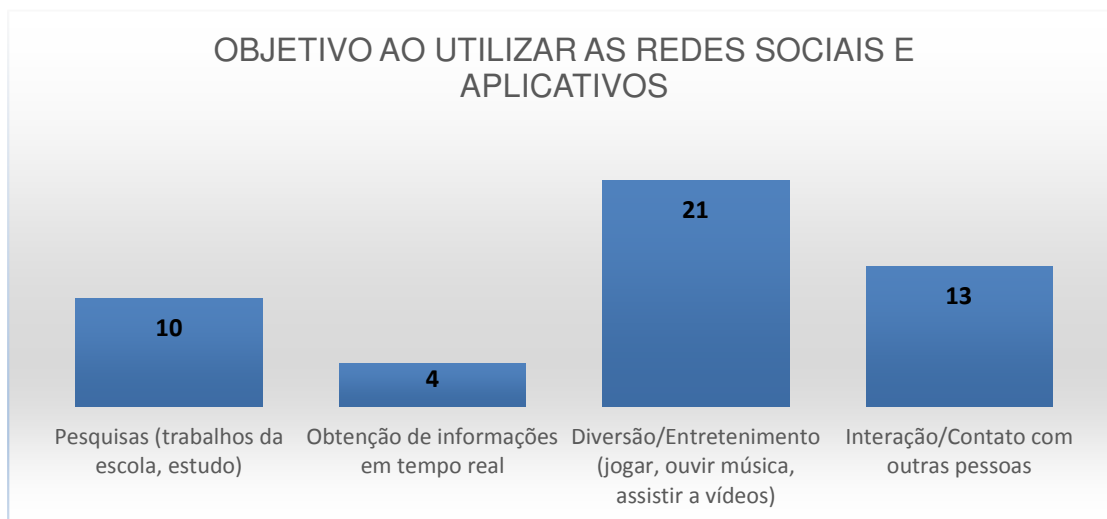
Fonte: Dados da pesquisa.

O resultado mostra o quão frequente é o uso das redes sociais pelos estudantes e, dessa forma, corrobora com a importância de a escola reavaliar as práticas pedagógicas que utiliza, visto que as tecnologias digitais desempenham um grande papel não só para o alunado, mas para a sociedade. As TIC desafiam o sistema educacional a utilizar a pluralidade de textos, de informações, de linguagens e de culturas que fazem parte do ciberespaço e, conseqüentemente, do nosso cotidiano.

Desse modo, considerando essa presença das redes sociais na vida dos estudantes, é fundamental que a escola invista em práticas que mobilizem essas redes, articulando-as ao conteúdo.

Os participantes relataram também quais objetivos têm em mente ao utilizarem as redes sociais e aplicativos. Dentre eles, como evidenciado no Gráfico 4, destacam-se: diversão/entretenimento em primeiro lugar equivalendo a 75%, seguido por interação/contato com outras pessoas (46,4%), pesquisas (trabalho da escola, estudos) em terceiro com 35,7% e, por último, com 14,3%, obtenção de informações em tempo real.

GRÁFICO 4 - Objetivo ao utilizar as redes sociais e aplicativos



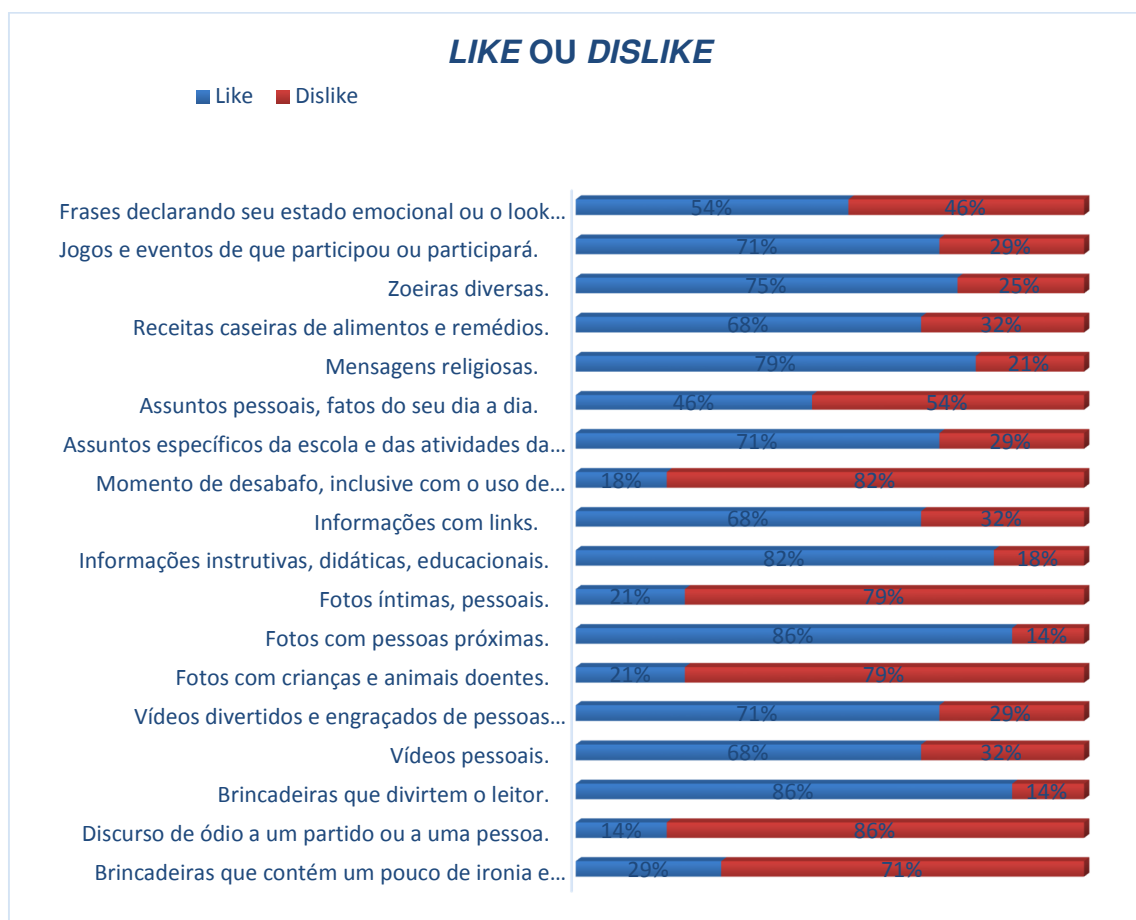
Fonte: Dados da pesquisa.

Por um lado, observamos que, do total, apenas 35,7% responderam que utilizam as redes sociais para pesquisas (trabalhos da escola, estudo), o que evidencia a prevalência da utilização de redes sociais e aplicativos para diversão e/ou entretenimento, deixando de lado toda a potencialidade que essas ferramentas possuem nos espaços educativos. Por outro, esses dados também revelam que os

estudantes já fazem uso das redes sociais não só para interação, diversão e entretenimento, mas com fins pedagógicos, trabalhos escolares, pesquisas e informações do dia a dia. Desse modo, cabe à escola ampliar as possibilidades de uso das redes sociais em prol do ensino, oferecendo propostas de intervenção, combinando conhecimento e diversão por meio das redes sociais, permitindo aos alunos novas habilidades, novos letramentos.

Intentamos investigar as razões pelas quais os leitores compartilham memes que circulam na Internet e, em específico, os que têm a criança como participante principal, além de discutir a prática de compartilhamento de textos nas redes sociais e aplicativos e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância; perguntamos, então, aos participantes desta pesquisa, o que eles compartilham (*like*) e o que não compartilham (*dislike*) nas redes sociais e aplicativos. O resultado desse questionamento está representado no Gráfico 5.

GRÁFICO 5 - O que os estudantes compartilham ou não compartilham nas redes sociais



Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação às informações apresentadas, verificamos que os itens: assuntos pessoais, fatos do seu dia a dia; momento de desabafo, inclusive com o uso de palavrões; fotos íntimas, pessoais; fotos com crianças e animais doentes; discurso de ódio a um partido ou a uma pessoa e brincadeiras que contém um pouco de ironia e crítica a uma pessoa são avaliados por mais de 50% dos alunos como dados que não devem ser compartilhados nas redes sociais e aplicativos. Por meio desse dado, podemos analisar valores, princípios, comportamentos e atitudes que os participantes julgam ser necessários quando se faz uso das redes sociais. Esses participantes demonstram, assim, a importância de ter cuidado com postagens que trazem informações pessoais, o que indica que têm ciência da falta de segurança e privacidade quando estamos conectados, o que requer dos internautas cuidado e cautela ao compartilhar nas redes sociais.

Destacamos o fato de 82% dos entrevistados afirmarem que compartilhariam informações instrutivas, didáticas e educacionais, e de 71% declararem que compartilhariam assuntos específicos da escola e das atividades da turma e de 68% afirmarem que compartilhariam informações com *links*. Esses dados corroboram a importância de auxiliarmos os alunos e as alunas na busca de informações, na leitura e análise crítica dessas informações, possibilitando a formação de navegadores digitais competentes e críticos. A partir desse dado, podemos admitir que os participantes reconhecem que as redes sociais podem ser benéficas para o aprimoramento do conhecimento.

Analisamos, também, o compartilhamento recorrente de receitas caseiras de alimentos e remédios, com 68%, o que significa a inserção de novos valores na sociedade, por exemplo, o gosto pelo ato de cozinhar e a troca de conhecimentos sobre o saber culinário. Ao mesmo tempo, vemos como preocupante o fato do compartilhamento das receitas de remédios caseiros, pois, por trás disso, há os perigos da automedicação.

Informações referentes à diversão, entretenimento, interação e contato com outras pessoas são, conforme a pesquisa, destaque no compartilhamento nas redes sociais e aplicativos: frases declarando seu estado emocional ou o look do dia (54%), jogos e eventos de que participou ou participará (71%), zoeiras diversas (75%), mensagens religiosas (79%), fotos com pessoas próximas (86%), vídeos divertidos e engraçados de pessoas conhecidas (71%) , brincadeiras que divertem o leitor (86%).

Os participantes avaliam que as redes sociais são um espaço não só de interação e de publicação de mensagens, mas espaço de produção, onde podem divulgar ideias e vídeos. Os participantes já lidam muito bem com as TIC, com os multiletramentos, já vivenciam esse espaço “colaborativo e interativo”³⁴.

Esse questionário foi importante para analisarmos a postura dos estudantes e refletirmos sobre como lidamos com as TIC na esfera escolar e o valor que elas possuem para seus usuários. A partir dos dados gerados, podemos concluir que as novas tecnologias fazem parte do dia a dia dos participantes e também da nossa.

Acreditamos que não há coerência pensar em estudar/ensinar em um caminho contrário à tecnologia. Rojo (2012) e o GNL apresentam diversas possibilidades práticas para a escola, por meio das TIC. Dentre elas, propiciar aos estudantes produzir diversos textos, combinar linguagens, analisar e discutir ideias, valores, sentidos. O meme, gênero discursivo virtual, é um exemplo dessa possibilidade.

Também analisamos que há muito tempo se fala que é preciso integrar a tecnologia aos conteúdos escolares, que o professor precisa fazer uso da tecnologia. Saber o que significa fazer uso da tecnologia pode ser um dos problemas que enfrentamos. Integrar a tecnologia ao ensino vai além de usar o computador ou celular apenas para responder um questionário.

Antes de iniciar esta atividade com os alunos e as alunas, nossa primeira pergunta foi: “Quem está com o celular?” Alguns responderam afirmativamente. Depois dissemos: “Vamos utilizar o celular na aula de hoje”. Nesse momento, o número de alunos que estavam com o celular aumentou. Outro aspecto que analisamos foi a reação dos alunos que estavam com o celular e antes de saberem qual era o objetivo da pergunta, não responderam. No primeiro momento, a sensação era de receio de dizer, pois sabem que o uso do celular é proibido em várias escolas.

Depois, surpresa e interesse. Aqui, percebemos que realmente estavam motivados, interessados porque estávamos falando de algo que faz parte do cotidiano tanto dos aprendizes quanto de seus professores.

O segundo momento foi marcado pela realização de uma entrevista semiestruturada (ver roteiro, Cap. 4, Bloco A) que foi gravada em áudio, por meio do

³⁴ Segundo a pedagogia dos multiletramentos, “a mudança de concepção e de atuação, já prevista nas próprias características da mídia digital e da *web*, faz com que o computador, o celular e a TV cada vez mais se distanciam de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa” (ROJO, 2012, p.24).

nosso celular e depois transcrita, de acordo com as Convenções do PETEDI³⁵ – Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso do Instituto de Letras e Linguística da UFU, visando maior objetividade e precisão na análise dos dados coletados. Nosso propósito, ao realizar esta entrevista, foi investigar as razões pelas quais os alunos e alunas compartilham textos multissemióticos nas redes sociais e aplicativos. As entrevistas exteriorizam vivências dos participantes e são compostas por sete questões norteadoras para esse momento, que serviram como um roteiro, uma vez que, em algumas situações, questionamos mais os alunos em busca de maior expressividade.

A primeira pergunta do roteiro questionava se já aconteceu algum diálogo dos alunos participantes com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que devem observar ao publicar nas redes sociais e aplicativos.

De acordo com os resultados da entrevista, dos 28 alunos, 17 participantes, ou seja, 61% disseram que já tiveram um momento de diálogo com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que devem observar ao publicar nas redes sociais e aplicativos. Quatro participantes (2, 4, 16 e 26) relataram que houve o diálogo devido a uma situação desagradável em relação a postagens nas redes sociais e aplicativos. Conforme os participantes 2 e 26, essa situação não os envolvia. Ambos mencionaram fatos sobre a postagem de fotos. O participante 2 relatou que a situação aconteceu com sua irmã e o 26, com a filha de uma colega da mãe dele. Os dois participantes explicaram que a intenção dos pais era orientar os filhos. Já os participantes 4 e 16 admitiram que as postagens foram feitas por eles e motivaram o diálogo.

O participante 4 contou que publicou:

(1) uma foto de capa que eu coloquei que era uma arma e aí ela meio que “xaropou” porque era uma arma, meio que ela não gostou, porque ela achou que eu tava levando pro lado do crime e aonde essa arma tava tinha um monte de foto de caveira, aí ela não gosta muito dessas coisas, aí ela pediu pra eu tirar (Entrevista, 09/05/17, P4).

Por meio das declarações do P4, percebemos que sua intenção ao fazer postagem não foi compreendida pela mãe. O P4 disse ainda:

(2) eu gosto muito da Polícia, eu não gosto do jeito que eles agem, mas eu queria ser um pra mudar o jeito de ser deles sabe? meio que pra ajudar mais a sociedade pra fazer mais a justiça e não querer botar moral, chegar como eles chegam às vezes gritando ou fazendo alguma coisa dessas, mais passar uma imagem de respeito pro lado deles e ajudar nas coisas de assalto, essas coisas que acontecem assim, queria mudar (Entrevista, 09/05/17, P4).

³⁵ O PETEDI é um grupo de pesquisa que reúne estudiosos tanto dos Estudos Literários quanto dos Estudos Linguísticos, com sede na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), procura favorecer a multi e a interdisciplinariedade.

A fala de P4 evidencia a relevância de se olhar para a linguagem visual nas abordagens dos textos e mostra como a leitura é um processo de construção de sentidos.

A mãe, a partir das pistas presentes no texto e da relação deste com o seu conhecimento de mundo construiu um sentido diferente do pretendido pelo aluno produtor. Para a mãe, o vocábulo “arma”, produz uma carga semântica negativa. Esse sentido negativo é construído por meio de um julgamento dela ligado ao conceito de legalidade e comportamento, que é culturalmente avaliado como adequado. A mãe entende que a imagem de uma arma está relacionada, exclusivamente, ao crime, à violência e à morte.

Percebemos que a escolha dos modos de representar depende dos interesses particulares. O P4, ao empregar o vocábulo arma, apresenta uma posição diferente da posição de sua mãe.

A partir das categorias da ADC selecionadas nesta pesquisa: estrutura visual (imagens), vocabulário e interdiscursividade, podemos identificar outros discursos tais como discurso de autoridade, inversão de valores, medo.

A declaração do P4, ao analisar, de forma crítica, a ação de alguns policiais “chegar como eles chegam às vezes gritando ou fazendo alguma coisa”. No discurso do P4, os policiais não são representados com a finalidade constitucional de proteger as pessoas. A escolha do modo de representação feita por P4 mostra o modo como ele pensa sobre os policiais dada uma situação “eu não gosto do jeito que eles agem”, “chegar como eles chegam às vezes gritando”, “querer botar moral”, “gritando”. O P4 condena a maneira como agem os policiais, por apresentarem um discurso de autoritarismo. Nota-se o uso de verbos no tempo presente indicando a representação dos policiais.

Também por meio de discurso do P4, percebemos o desejo e a finalidade do estudante em ser um policial “eu gosto muito da Polícia”; “mas eu queria ser um pra mudar o jeito de ser deles sabe? meio que pra ajudar mais a sociedade pra fazer mais a justiça e não querer botar moral”; “mais passar uma imagem de respeito pro lado deles e ajudar nas coisas de assalto, essas coisas que acontecem assim, queria mudar”.

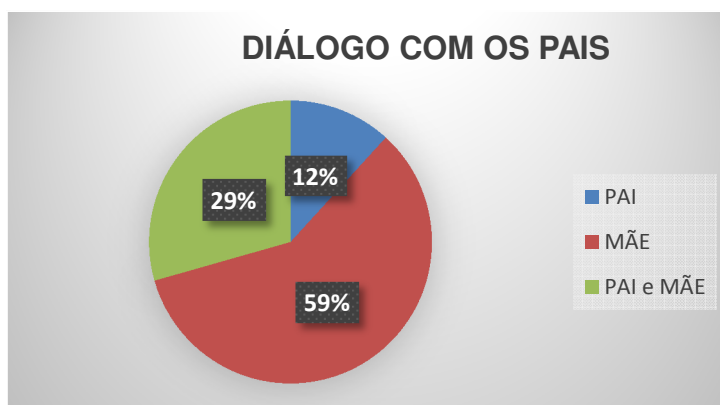
Na situação descrita por P4, podemos articular as teorias, nas quais nos embasamos: ADC, pedagogia dos multiletramentos e GDV. O discurso de P4 é

constituído de várias semioses: temos linguagem (semiose) verbal (mãe e filho conversando) e imagens estáticas (foto), que se articulam a outros momentos ou situações da vida (A representação discursiva construída pela mãe relaciona-se a outras práticas sociais concebidas por ela). Essa concepção dialoga com a GDV, pois ao observar a imagem, a mãe (leitora) imaginou o que significava a imagem e criou um sentimento de repulsa, um efeito negativo em relação à atitude do filho. Já a representação discursiva construída pelo participante 4 difere da construída pela mãe porque o propósito comunicativo e as práticas sociais vivenciadas por ele são outras.

O P16 disse que publicara uma “foto de uma mulher, tipo de calcinha” e sua mãe, ao perceber o que ele havia feito, solicitou que ele retirasse a foto porque “não gostou do conteúdo”. Questionamos o participante se a mãe dele conversou sobre as complicações que aquela publicação poderia lhe causar e ele disse que não, que sua mãe só falou que não gostou e era para apagar a postagem.

Dos 17 participantes que disseram ter dialogado com os pais e ou responsáveis, verificamos se o diálogo havia ocorrido com o pai, com a mãe ou com os dois ao mesmo tempo e concluímos que a maior parte dos participantes dialogam com as mães, conforme Gráfico 6.

GRÁFICO 6 - Diálogo com os pais e/ou responsáveis



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse diagnóstico, o diálogo entre filhos e mães corresponde a 59%, enquanto 12% mantém diálogo, exclusivamente, com os pais e 29% são instruídos pelos dois. Observamos, a partir dos relatos dos alunos, maior preocupação da figura materna em saber o que os filhos publicam ou com quem conversam nas redes sociais.

Esse dado está em consonância com os resultados do estudo de Wagner et al (2002). Eles investigaram como os adolescentes avaliam o diálogo com a família e revelaram que 75% dos participantes afirmam ter maior proximidade com a figura materna e justificam ter melhores possibilidades de compreensão e entendimento quando dialogam com a mãe. Os participantes desta pesquisa especificaram que o discurso e as atitudes da mãe são mais coerentes que as atitudes entre pai e mãe.

Dando sequência à entrevista, perguntamos se, alguma vez, arrependeram de postagens feitas por eles. Os P16, 18 e 20 afirmaram que já se arrependeram e relataram o ocorrido conforme os excertos a seguir:

(3) eu fiz um vídeo no aplicativo Dubsplash³⁶ e depois tive que sair apagando tudo ((risos)) pois vi que fiz algo que não foi legal, foi zoação. (Entrevista, 11/05/17, P16).

(4) eu fui enviar uma foto, não era uma foto obscena, era uma foto normal assim, era pra eu enviar pra uma amiga, aí eu peguei e enviei pra um amigo e ele ficou me perguntando as coisas e ficou meio estranho. (Entrevista, 11/05/17, P18).

(5) eu lembro que um colega meu me ensinou a fazer aquele negócio de Foto shop, tirar a foto de uma pessoa e depois bagunçar ela todinha e aí a primeira vez que eu fiz isso com a menina da minha sala, e no outro dia a menina tava chorando aí eu pedi desculpas e tirei.” (Entrevista, 11/05/17, P20).

Os participantes nos excertos 3, 4 e 5 mostram que a descoberta de algo novo é compartilhada simplesmente sem que haja uma reflexão sobre os efeitos dessa ação. Só depois, que percebem que “não foi legal”, “ficou meio estranho”, “a menina tava chorando aí eu pedi desculpas e tirei”.

O P24 fala de postagem despropositada feita por sua irmã em grupo de *WhatsApp* familiar e que mostra que a atitude que causou polêmica, a ponto de muitas pessoas do grupo advertirem a irmã dele:

(6) foi da minha irmã quando ela tava dirigindo o carro gravando assim quando ela tava gravando na rua dirigindo. Entr.: [e ela postou?] Inf24.: foi no grupo da família. Entr.: [e alguém chamou a atenção dela?] Inf24.: só falando, isso ontem, ela postou ontem e aí ficou todo mundo lá falando com ela. (Entrevista, 13/05/17, P24).

O P4, que postou a foto com arma e retirou-a por indicação de sua mãe, afirma que não se arrependeu:

(7) eu não me arrependo de ter postado, mas como a minha mãe é autoridade sobre a minha vida, ela pediu pra eu tirar, eu fui no momento que ela pediu, eu tirei. (Entrevista, 09/05/17, P4).

³⁶ Aplicativo de dublagem, que se tornou muito popular entre os internautas.

Nessa fala, fica evidente que o participante só retirou a postagem porque a mãe solicitou, sendo ela uma autoridade em sua vida. Avaliamos que a mãe parece não promover um diálogo orientando o filho quanto ao porquê da retirada daquela postagem e o efeito que ela provocaria nos leitores. Também podemos avaliar que o próprio filho participante não se preocupa em expor seu ponto de vista. Fica evidente o poder da mãe (do adulto) sobre o filho, reforçando assim a subordinação do filho, naturalizando o poder do adulto.

Enfatizamos a importância de a escola explorar os recursos tecnológicos do cotidiano do estudante em prol de novas aprendizagens, mostrar a importância do diálogo, propiciar aos alunos um olhar atento, uma leitura crítica uma vez que os textos compartilhados nas redes sociais e aplicativos exigem habilidades dos leitores, exigem multiletramentos: a leitura envolve uma articulação de diferentes semioses (linguagens) e exige habilidades e práticas de compreensão e produção. Assim, nossa proposta busca por meio das entrevistas dos encontros com alunos, alunas, pais, mães e/ou responsáveis promover reflexões.

Outra pergunta dirigida aos alunos dizia respeito à modificação da linguagem de um texto para publicação nas redes sociais e aplicativos. A análise das entrevistas revelou que 71% dos participantes não modificam a linguagem de um texto que recebem para publicá-lo nas redes sociais e aplicativos, enquanto 29% responderam que nem tudo o que recebem pode ser compartilhado da mesma forma, por isso, alteram a linguagem do texto antes de compartilhá-lo. Dos que não fazem alterações, um deles disse que acha melhor não enviar, como no excerto 8:

(8) não sou muito de compartilhar, então, nunca faço isso de mudar texto, acho melhor não enviar. (Entrevista, 09/05/17, P1).

(9) não, se eu gosto ou se eu acho engraçado e legal, eu envio. (Entrevista, 09/05/17, P10).

Observamos que o P8 prefere não publicar a fazer alterações em seu texto, enquanto o P9 afirma que publica, não faz alterações no texto e seu critério é: “gosto, envio”.

Dos 29 participantes que fazem alterações nos textos, antes de publicá-los, alguns relatam que fazem alterações na escrita para garantir a coerência do texto, a correção de linguagem e para representar aquilo com que concorda, como nos excertos 10 e 11:

(10) já mudei uma imagem que tava meio sem sentido com a frase, aí coloquei outra foto. (Entrevista, 13/05/17, P24).

(11) mudo quando eu recebo alguma coisa e quero mostrar pra alguém. eu... eu não compartilho muita coisa não mas quando tem de mandar pra frente eu sou fresca em olhar a escrita então eu mudo se tá desleixado de mais então eu leio e eu vejo e tem coisa que eu não concordo, eu altero e se eu passo pra frente é por isso, normalmente é assim. (Entrevista, 13/05/17, P28).

Em relação ao compartilhamento de postagens, alguns participantes têm preocupação com a escrita e coerência do texto, conforme exemplificamos no excerto 10 e 11 o que demonstra uma postura não passiva com o que recebe, há uma preocupação com a qualidade e não apenas com o assunto.

Não se pode negar que, na troca de mensagens, os internautas criam estratégias para tornar o diálogo mais rápido e dinâmico; porém é importante ensiná-los que nem tudo o que recebemos pode ser aceito como pertinente e válido e que é importante analisar criticamente os textos que recebemos e compartilhamos.

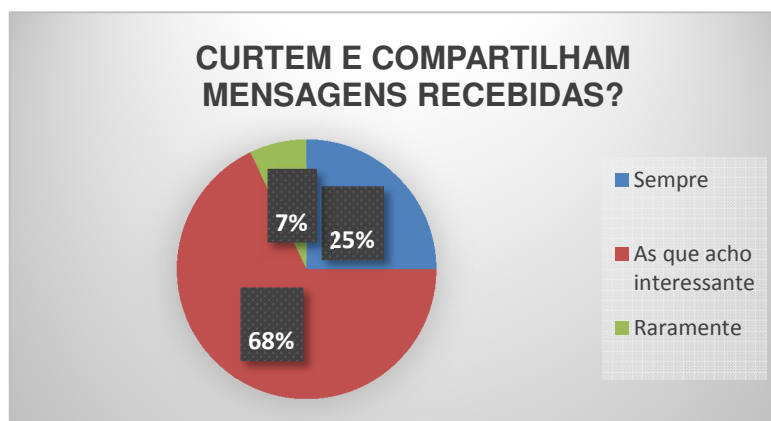
A quarta questão objetivou investigar a finalidade das postagens que os participantes fazem no *Facebook*. Os participantes revelaram que fazem postagens nessa rede social com as seguintes finalidades: dialogar, interagir, mostrar preferências, fazer novos amigos, divertir, compartilhar momentos, postar fotos e vídeos. Os P25 e 28 disseram não ter *Facebook* e preferirem o *Instagram*. Já o participante 3 comentou que já teve, mas que, no momento, optou pelo *Instagram* e *WhatsApp*.

Na quinta questão, questionamos se a finalidade das postagens no *WhatsApp* era alterada em relação ao *Facebook*. A maioria dos participantes (75%) consideram que as postagens têm finalidades diferentes daquelas feitas no *Facebook*, que não as utilizam da mesma maneira. Segundo eles, você cria grupos com pessoas com as quais tem afinidade e proximidade para conversar, enquanto que, no *Facebook*, a interação pode acontecer com pessoas que não são nem conhecidas nem próximas. Os outros participantes (25%) responderam que a finalidade é a mesma.

Ao questioná-los sobre a origem das publicações que fazem no *Facebook*, é possível perceber que a maioria compartilha o que recebe de seus contatos e que nem sempre sabe afirmar a origem da publicação. Por esse motivo, é importante destacar o objetivo de trabalhar com as redes sociais e aplicativos e expressar o cuidado que devem ter com o que postam, uma vez que uma mensagem pode exceder o direito de livre expressão e tornar-se provocativa, ofensiva, acarretando assim a responsabilização dos autores pelo conteúdo da publicação.

Considerando o quanto é comum a prática de curtir e compartilhar conteúdos, questionamos se os alunos sempre curtem as mensagens que recebem e se as compartilham. Ao analisar as respostas, foi possível construir o Gráfico 7:

GRÁFICO 7 - Curtem e compartilham as mensagens recebidas?



Fonte: Dados da pesquisa.

Observamos que 19 participantes (68%) responderam que curtem e compartilham o que acham interessante; 7 participantes (25%) sempre praticam a ação de curtir e compartilhar as mensagens que recebem, 2 participantes (7%) responderam que raramente curtem as mensagens que recebem. Analisamos que a maioria dos alunos avaliam primeiro o que recebem e só depois curtem e compartilham.

Para finalizar, perguntamos quais os critérios e cuidados que observavam ao compartilhar mensagens nas redes sociais e aplicativos. As respostas foram variadas e, a seguir, elencamos conforme as categorias:

- Não demonstram cuidado, se gostaram ou acharam a mensagem engraçada, compartilham:

(12) eu vi uma coisa ali engraçada, achei engraçada e não fiquei pensando, fico analisando as coisas não, eu vou e compartilho. (Entrevista, 09/05/17, P1).

(13) olhei, gostei, foi. (Entrevista, 09/05/17, P2).

- Adotam alguns critérios como: não ter conteúdo imoral, desrespeitoso, ter conteúdo que transmite algum aprendizado para o outro:

(14) vejo se não tem nada de mais, nada imoral. (Entrevista, 09/05/17, P7).

(15) às vezes eu tenho algum cuidado porque tipo, por exemplo, se eu mandar a mensagem e tipo, se eu não prestar bem atenção, às vezes, a pessoa pode se ofender, ficar magoada, alguma coisa assim, mas eu tomo bastante cuidado com o que eu tô enviando. (Entrevista, 11/05/17, P13).

(16) um conteúdo que não vá fazer mal a outras pessoas, éh, que vá passar algum tipo de aprendizado. (Entrevista, 11/05/17, P16).

(17) sempre penso o que vou postar, tem pessoas que postam de outra forma, vai postar uma coisa dando motivo pra entender outra coisa. isso já aconteceu comigo várias vezes...a pessoa entender outra coisa. (Entrevista, 11/05/17, P18)

(18) só quando eu achar boa, se eu tiver um amigo e ele postar coisa ruim, não. não vou curtir porque é meu amigo, o que tá lá não é bom, aí eu não curto não. (Entrevista, 13/05/17, P22).

(19) se uma amiga curtiu, então eu também vou curtir o dela também. se ela postar alguma coisa... assim, porque tem pessoas que posta foto de droga, dinheiro, arma essas coisas e isso não é pra curtir. (Entrevista, 13/05/17, P26).

(20) ah, eu olho, eu tenho cuidado com as palavras porque sei que posso criar a maior confusão, porque é assim, sabe. (Entrevista, 13/05/17, P28).

- Adota como critério fazer postagens, exclusivamente, para os amigos:

(21) eu posto só pros meus amigos mesmos e eles são tranquilos. (Entrevista, 11/05/17, P12).

Dentre os critérios observados para o compartilhamento de mensagens, destacamos os principais: linguagem empregada, texto interessante e motivador, conteúdo decente e íntegro. Vemos também uma preocupação com as relações de amizade. Muitos estudantes relataram que, se a mensagem for ofensiva, não compartilham e não curtem. Outros, porém, relatam que se o texto for engraçado, não costumam refletir sobre o seu impacto e compartilham imediatamente.

Por meio das respostas, percebemos a importância de analisar com os alunos as consequências danosas do compartilhamento de mensagens sem o devido cuidado. Acreditamos que as atividades de leitura propostas como prática dialógica, crítica e sociointerativa propiciaram aos participantes uma investigação da representação de uma realidade para a qual ainda não atentaram. Isso poderá contribuir para uma nova maneira de agir e interagir no mundo, para a ampliação do olhar dos alunos participantes em relação aos textos que circulam nas redes sociais e aplicativos, em especial, os memes.

Afirmamos que as aulas direcionadas à entrevista permitiram uma maior proximidade, interação e motivação entre os alunos e o professor. Todos contribuíram

para que as aulas e a gravação acontecessem de forma harmônica, respeitosa e produtiva.

Durante toda a atividade, mantivemos um diálogo aberto com os alunos e, dessa forma, após as respostas dos estudantes e análise, conversamos sobre as questões propostas na entrevista a fim de fazê-los refletir a respeito do que colocaram e repensar sobre as redes sociais e aplicativos e a liberdade dos usuários ao utilizá-la, os benefícios que as redes sociais e aplicativos trazem para a comunicação e a interação entre os usuários independente do lugar onde estão, da importância na solução de causas de interesse coletivo, da diversidade de textos multissemióticos, da criatividade dos internautas e também dos cuidados ao utilizá-la. Buscamos propiciar uma reflexão sobre as práticas de compartilhamento de textos e sobre os efeitos do compartilhamento de textos divulgados na internet e os reflexos no modo como o leitor lê essas mensagens. Algo que nos chamou a atenção nessa interação foi o fato de participantes relatarem que não somente eles (jovens) deixam de realizar alguma atividade em detrimento das redes sociais, mas evidenciaram que muitos dos seus pais navegam com bastante frequência, e nem sempre estão atentos ao dia a dia dos seus filhos.

Por meio do questionário e da entrevista semiestruturada, percebemos a multiplicidade cultural da turma conforme os pressupostos da pedagogia dos multiletramentos, é uma turma que mistura gostos, ideias, culturas, valores. Nessa perspectiva, nossa prática pedagógica leva os participantes a atentarem para aspectos que antes não valorizavam por meio de um gênero discursivo virtual, que faz parte do dia a dia do aluno e pode propiciar conhecimento e participantes criadores de sentido.

Ressaltamos, então, aos estudantes, que, dentre os objetivos desta proposta, estava a discussão com as famílias sobre a prática de compartilhamento de textos nas redes sociais e aplicativos, e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

Para isso, elaboramos uma entrevista semiestruturada, composta por 15 (quinze) questões, que foi aplicada durante uma reunião de pais, mães e/ou responsáveis na escola. Esse encontro foi organizado em dois momentos. O primeiro, tinha a participação dos pais, mães e/ou responsáveis dos alunos do turno matutino e no segundo momento, os pais poderiam de forma individualizada conversar com os professores. Desse modo, realizamos as entrevistas no segundo momento da reunião.

Alguns pais, mães e/ou responsáveis dos participantes da pesquisa não puderam aguardar e se prontificaram a realizar a entrevista em outro momento. Conseguimos, ao final, a participação de 16 mães.

As mães participantes da pesquisa foram identificadas com a mesma numeração que utilizamos para identificar os filhos. A mãe do aluno participante 1 foi nomeada MP1, a mãe do aluno participante 2, MP2 e, assim, sucessivamente.

A partir dos dados dos pais, mães e/ou responsáveis participantes, elaboramos o Quadro 10.

QUADRO 10 - Dados dos Pais, Mães e/ou Responsáveis dos Participantes³⁷

Mãe do Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Área de Trabalho
1	Feminino	42	Ensino Médio	Dona de casa
3	Feminino	45	Ensino Fundamental	Dona de casa
5	Feminino	44	Ensino Médio	Dona de casa
6	Feminino	48	Ensino Médio	Dona de casa
8	Feminino	32	Superior	Área Comercial
10	Feminino	37	Ensino Médio Inc.	Dona de casa
11	Feminino	42	Ensino Médio	Dona de Casa
13 / 21 ³⁸	Feminino	36	Ens. Fund. Inc.	Dona de Casa
15	Feminino	37	Ensino Médio	Área Comercial
17	Feminino	37	Superior	Administrativa
18	Feminino	42	Superior	Gerente de RH
19	Feminino	39	Superior Inc.	Atendente
22	Feminino	42	Ensino Fund.	Manicure
25	Feminino	35	Ensino Médio	Assistente Administrativo
26	Feminino	39	Ensino Médio	Merendeira
28	Feminino	40	Superior	Professora

Fonte: Dados da pesquisa.

Um dos dados que mais nos chamou a atenção foi a participação, exclusivamente, de mães dos alunos na pesquisa. Conforme mencionamos, ao analisar o Gráfico 7 - Diálogo com os pais, mães e/ou responsáveis, os filhos afirmaram ter maior proximidade com as mães e a partir da análise da interação família - escola, percebemos que a figura materna é mais presente. Registramos que, no dia da entrevista, havia dois pais participantes, porém não puderam aguardar para participar da pesquisa.

³⁷ O Quadro foi construído a partir de informações que obtivemos durante a entrevista.

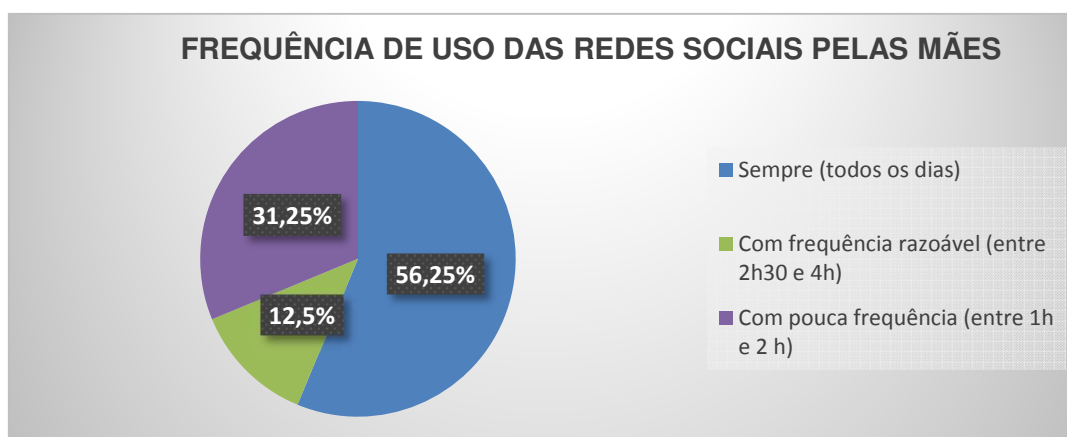
³⁸ Ressaltamos que a mãe participante é responsável pelos P13 e P 21.

Em relação à faixa etária, observamos que 56,25% das mães têm entre 35 e 40 anos, 37,5% estão entre 41 e 45 anos e 6,25% têm 48 anos. Os dados mostram que 43,75% das mães não trabalham fora de casa e 56,25% trabalham fora de casa.

No que diz respeito à escolaridade, 25% têm curso superior, 6,25% superior incompleto, 43,75% das mães já concluíram o Ensino Médio, 6,25% não concluíram o Ensino Médio, 12,5% concluíram o Ensino Fundamental e 6,25% ainda não concluíram o Ensino Fundamental.

Questionadas quanto ao uso das redes sociais e aplicativos, todas, por unanimidade, disseram ter acesso. E quanto à frequência de uso das redes sociais, no Gráfico 8, representamos os resultados.

GRÁFICO 8 - Frequência de uso das redes sociais pelas mães



Fonte: Dados da pesquisa.

A pesquisa indica que 56,25% das mães participantes usam frequentemente as redes sociais, enquanto 31,25% relatam que utilizam, porém, com pouca frequência. Duas das 16 participantes informam que a frequência de uso é razoável. O resultado mostra que a maioria tanto de alunos quanto de mães faz uso frequente das redes sociais (Gráfico 3). Algumas mães declaram que usam as redes sociais:

(22) todo dia porque é sempre uma coisa nova, né? As meninas pedindo ajuda é o meu marido (Entrevista, 06/05/17, MP1)

(23) normalmente depois do trabalho, depois que eu já fiz o serviço de casa, fiz janta e naquele momento eu sento no sofá e dou uma olhada no *Facebook*, assim quase todos os dias, praticamente todos os dias (Entrevista, 06/05/17, MP8).

(24) no trabalho eu posso dizer que a rede social ela é assim cinquenta por cento das minhas atividades né? tá muito ligada especialmente ao *WhatsApp* ao *Instagram* ao *Skype* que existe muita conversa, eu sou gerente de RH tem sempre esses contatos de conversa e assim na vida, eu uso o *WhatsApp* quando eu tenho tempo ((risos)) quase sempre à noite, na vida bem

pouco. eu gosto muito de contato pessoal, contato, né? palpável ((risos)) (Entrevista, 06/05/17, MP18)

Como se pode ver, as mães participantes, nos excertos acima, mostram o quanto as redes sociais e aplicativos são presentes e importantes no dia a dia delas: são formas das famílias se manterem conectadas (MP1), saber o que está acontecendo (MP8), interagir com outras pessoas (MP18).

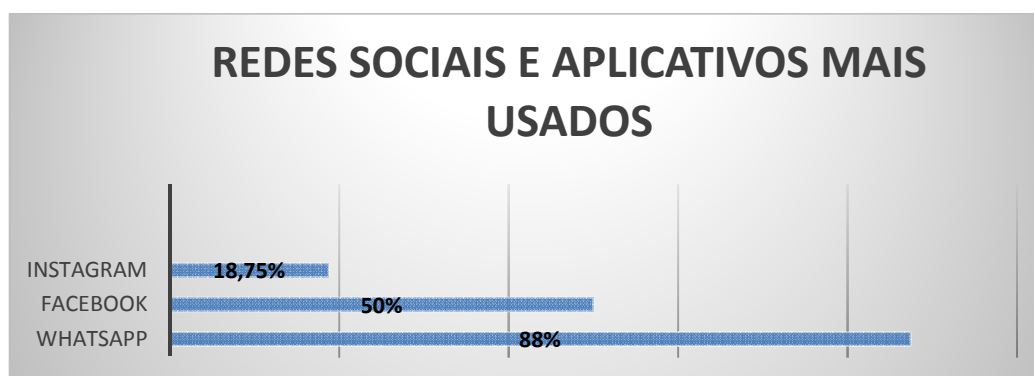
Questionamos como as mães participantes avaliam a frequência de uso das redes sociais e 86% delas afirmam que está normal, que não chega a prejudicar. Já 14% argumentam que:

(25) atrapalha um pouco, às vezes a pessoa até fala com a gente e a gente tá no celular e nem presta atenção, parece que não tá aqui, entendeu? (Entrevista, 06/05/17, MP26).

A MP 26 apresenta um cuidado, ao fazer uso das redes sociais e aplicativos. Ela, por meio dos seus dizeres, mostra que é preciso cuidado, atenção ao usá-las, pois sua linguagem é tão chamativa, tão atraente que, às vezes, nem se percebe quem está ao nosso lado ou nem damos atenção a quem fala conosco. Nesses dizeres, a MP26 faz referência aos novos textos e suas características, que conforme Rojo (2012, p. 23) “são interativos”, “permite que o usuário [...] interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.)”.

As mães participantes afirmaram também que as redes sociais e aplicativos mais usadas são:

GRÁFICO 9 - Rede social e aplicativos mais usados

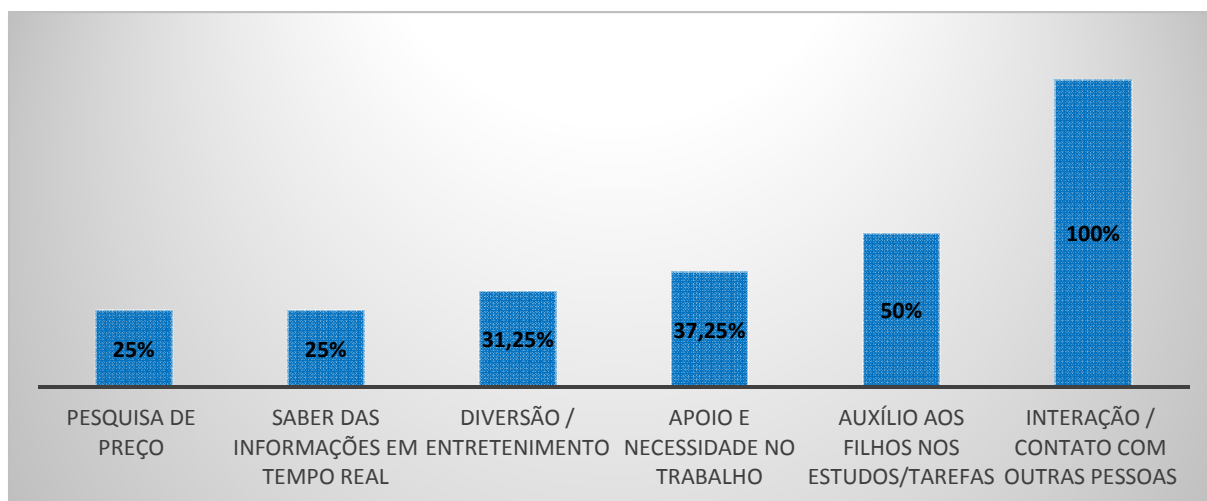


Fonte: Dados da pesquisa.

Observamos que as mães também seguem as três redes sociais e aplicativos mais utilizados pelos alunos participantes: *WhatsApp* na liderança, seguido pelo *Facebook* e, em terceiro, está o *Instagram*.

As mães participantes indicaram os principais objetivos ao utilizarem as redes sociais e aplicativos, conforme o Gráfico 10:

GRÁFICO 10 - Principais objetivos ao utilizarem as redes sociais e aplicativos



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras.

De acordo com o gráfico 10, percebemos que 100% das participantes utilizam as redes sociais e aplicativos exclusivamente para interação e contato com outras pessoas; 50% utilizam para auxiliar os filhos nos estudos e nas tarefas; 37,25% para apoio e necessidade no trabalho; 31,25% como forma de diversão e entretenimento. Já 25% das mães participantes responderam que utilizam as redes sociais e aplicativos para pesquisa de preço e para saber das informações em tempo real.

Refletimos, ao analisar os objetivos das mães, sobre a importância da integração das TIC nas escolas para a ampliação dos objetivos ao fazermos uso das redes sociais e aplicativos.

Acreditamos que a escola e os pais podem ampliar a visão em relação às redes sociais e aplicativos uma vez que são ferramentas que podem permitir maior interação da escola com a família.

Dando continuidade à entrevista, perguntamos se já houve diálogo dos pais, mães e/ou responsáveis com seu(sua) filho(a) em relação ao que ele deve observar ao fazer publicações nas redes sociais e aplicativos e 87,5% das mães responderam que sim e 12,5% disseram que não. Comparando esses dados com as respostas dos alunos participantes, percebemos uma divergência, posto que apenas 61% dos filhos

disseram que já tiveram um momento de diálogo com os pais, mães e ou responsáveis quanto às publicações que fazem nas redes sociais.

O P10 respondeu que não houve esse momento de diálogo, já a mãe dele respondeu que sim, já conversou com ele para “não ficar clicando em coisas que ele não conhece, *Facebook*, essas coisas”.

A MP13/21, mãe dos P13 e 21 disse que sim. A filha (P13) confirma o que mãe diz. Já o filho (P21) responde que o pai já havia falado para terem cuidado com as amizades ao usar as redes sociais e aplicativos, mas afirma: “só falou pra não dar ‘ideia’ pra essas pessoas”.

Ao analisar o discurso do P21, destacamos as escolhas lexicais em destaque para refletirmos sobre a importância da cultura do diálogo entre pais e filhos(as) a respeito das redes sociais e aplicativos. A importância de acompanhar as ações do filho no *Facebook*, conhecer quais são os amigos que o (a) filho(a) tem no *Facebook*, quais as fotos são postadas.

Os excertos, a seguir, trazem respostas bem semelhantes dos filhos e pais em relação à pergunta: se já houve diálogo entre eles em relação ao que ele deve observar ao fazer publicações nas redes sociais e aplicativos, tanto confirmando que houve diálogo como afirmando que até o momento ainda não tinham discutido e avaliado as postagens do filho.

- Respostas semelhantes, filho(a) e mãe:

(26) já, minha mãe, é... ela pediu pra eu tomar cuidado com o que eu vou postar, ela sempre fala muita coisa... (Entrevista, 09/05/17, P1).

(27) sim, falo todos os dias, não aceitar solicitação de quem não conhece, não responder quem não conhece, tomar cuidado com o que posta, com as fotos que põe, com o que fala, tem que tomar muito cuidado com tudo, porque hoje em dia, principalmente pedófilo pra ver tudo que elas estão fazendo pra transformar isso num encontro. ou outras pessoas que querem outras coisas também roubar, né? ou até mesmo se aproximar pra fazer uma coisa muito... sempre, todo dia eu falo! (Entrevista, 06/05/17, MP1).

(28) não, até o momento não. (Entrevista, 09/05/17, P8).

(29) [não, nunca tive esse tipo de conversa com ele, realmente quando eu vi essa pergunta aqui eu ponderei e a gente nunca conversou sobre isso, ai como eu tenho ele relacionado no *Facebook* eu sempre vejo o que ele publica né? e até o momento ele nunca publicou nada que fosse necessário né? eu intervir e o celular, o *WhatsApp* que ele tem a gente, eu sempre olho, eu e o pai dele, mas a gente nunca sentou pra falar sobre publicações na rede social. vou ser sincera, a gente nunca teve um diálogo sobre esse assunto específico. (Entrevista, 06/05/17, MP8).

Em uma marca da modernidade tardia, a gente vê essa questão da reflexividade, o que a gente faz e o que o outro faz, o cuidado com o que posta. Chouliaraki e Fairclough (1999, p.31) sugerem que a “reflexividade inerente à ação humana foi ‘externalizada’ na modernidade, ou seja, as informações de que os atores sociais se valem para a reflexividade vêm de fora”. Giddens (2003) defende que a reflexividade reconhece os limites pessoais e preserva a individualidade.

Diante do que vivenciamos na pesquisa e diante do contexto de modernidade em que vivemos, notamos que nem todas as pessoas fazem escolhas conscientes, entre alternativas, baseando-se no que encontra disponível.

Em relação à avaliação de conteúdos postados e modificações nos textos para publicação, 87,5% das mães participantes responderam que recebem e compartilham se achar interessante, não fazem alterações e 12,5% dizem ter atenção, principalmente, quanto à mensagem, se tem palavras ofensivas ou imorais. Perguntamos se já tiveram que pedir que seus(suas) filhos(as) alterassem ou retirassem alguma publicação. Apenas a mãe de um dos participantes relatou que solicitou ao filho que alterasse o perfil do *Facebook*, mas não detalhou o fato. As demais mães falaram que não ou relataram fatos que aconteceram com pessoas próximas, mas não com os próprios filhos.

Mostramos às mães, três memes, em que a participante principal era uma criança, conforme proposta do capítulo 4, e perguntamos se elas compartilhariam esses memes no *Facebook* ou no *WhatsApp* e o porquê. Todas afirmaram que não compartilhariam e justificaram. A partir dos dizeres das mães, podemos analisar com base na ADC as crenças, os valores e os desejos delas, identificar como as crianças são representadas nas opiniões das mães, quais representações de mundo são construídas nas opiniões das mães e como as mães avaliam isso.

(29) não, porque são crianças que está sendo exposto né? a imagem delas, eu não compartilharia não. (Entrevista, 06/05/17, MP13/21).

No excerto 29, a MP13/21, percebe a exposição da criança. Ela apresenta suas crenças e ainda afirma, na entrevista (Apêndice 2), que pode até ser para fazer humor a postagem, mas ela não concorda com esse tipo de humor, porque trata de crianças.

(30) não, porque eu acho que eles envolvem a questão da criança, né? igual, por exemplo, a exposição do corpo da criança, cigarro são coisas que eu não compactuo, né? e bebida, são coisas que não fazem parte dos meus princípios, eu acho que é como se a gente tivesse

tentando, eu não tenho certeza da palavra, é... eu não sei nem se existe essa palavra é avitalizar a criança, sabe? tornar ela mais adulta, envolver ela em coisas que não são de crianças, então eu não compartilharia. (Entrevista, 06/05/17, MP8).

Nesse excerto acima, temos uma representação do que a mãe acredita do que é valor para ela, de suas crenças ao falar do que não compactua: cigarro, bebida, a exposição do corpo da criança. A infância para essa mãe está relacionada à proteção da criança de coisas que para a MP8 não são condizentes com a idade das participantes representadas nos memes. São representações de mundo construídas na opinião da mãe, que fala da adultização “como se a gente tivesse tentando [...] eu não sei nem se existe essa palavra é avitalizar a criança, sabe? tornar ela mais adulta, envolver ela em coisas que não são de crianças”.

(31) não, nenhum, nenhum dos três. Entr.: [por quê?] Inf.: talvez no WhatsApp nos grupos fechados, da família, ou a gente tem o grupo das amigas do trabalho, talvez eu compartilhasse o da menininha aqui, “De arrasar”, né? mas, não abertamente, no Facebook que é mais público, eu não compartilharia porque não são meu perfil, né? “Sexta feira é dia de crime” eu não gosto da palavra crime, né? e assim, tem que ter um dia do crime? quem é criminoso é criminoso sempre, eu penso que não tem haver e assim eu não bebo e ((risos)) e daí não acho que uma sexta-feira tá ligada a uma diversão com bebida, né? então, também não faz meu perfil, agora me acho um pouco vaidosa, sou meio perua, então talvez no grupo onde eu sei, onde eu tô me portando, um grupinho fechadinho ali da família, das amiguinhas eu posso passar esse aqui da garotinha bonita. (Entrevista, 06/05/17, MP18).

A MP18 também expressa suas crenças, suas representações de mundo ao falar que “quem é criminoso é criminoso sempre”, “não acho que uma sexta-feira tá ligada a uma diversão com bebida”. A MP18 evidencia em seus dizeres que, se há pessoas que relacionam “sexta-feira” à “diversão com bebida”, ela não incorpora essa ideia não. Nota-se nos dizeres da MP18, que ela não concorda com esse discurso, que não tem convicção de que não precisa seguir porque muitos pensam assim.

Ainda nos dizeres da MP18, percebemos que a primeira resposta quanto a compartilhar o meme da garotinha foi negativa: “não compartilho nenhum dos textos”. Depois de questionado o motivo, a mãe ficou em dúvida se partilharia ou não os textos e afirma que antes de compartilhar avaliaria o grupo ao qual publicaria. Na explicação, justifica que compartilharia o meme da garotinha porque ela, a mãe participante, é vaidosa e no meme há os dizeres “De arrasar” e tem a ver com a garota que, na avaliação da mãe é uma “garotinha bonita”.

Um caso parecido com esse meme é o de uma publicidade realizada pela empresa Couro Fino e proibida de circulação pelo Código de Defesa do Consumidor

(CONAR), analisada por Alves (2017), em que uma criança aparece em poses sensuais em um comercial de maquiagens, joias e sapatos. Destacamos que o meme da garotinha, no primeiro momento, chocou a MP18; no entanto, após esse primeiro instante, a imagem da criança passa a ser vista como bonitinha e engraçadinha, não sendo mais tão perceptível aos olhos do leitor a adultização e a conotação erotizada da criança.

É possível notar um paradoxo nos dizeres da MP18, a ideia de dois mundos diferentes: o mundo real e o mundo virtual. O mundo da verdade e o mundo da mentirinha e brincadeira, do tudo pode.

A nossa pesquisa está nos direcionando para um refletir em relação aos sentidos construídos. A partir dos excertos, notamos uma postura dos participantes em querer justificar ações. Marcas linguísticas mostram que apesar de não haver uma naturalização das imagens apelativas, acabam assumindo a postura de muitos, simplesmente postando porque é “bonitinha”. Ao falar da ação dos adultos em achar a criança bonitinha, na questão anterior, a internalização de comportamentos, atitudes e ações que não são coerentes, não são ideais, mas que há sempre uma forma de justificar o porquê de ter aquela ação. Indagamos às mães, na entrevista, se elas concordavam que as postagens no *Facebook* e *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de entretenimento e a maioria das mães responderam que muitas pessoas pensam que sim, mas elas não concordam pois há outras intenções por trás das postagens.

No geral, as mães disseram que não compartilhariam os memes. Nos excertos a seguir, apresentam justificativas articulando os elementos semióticos que constituem os memes bem como suas crenças e valores.

(32) com certeza é bonitinho, igual todo mundo pensa: - ah, é bonitinho! Mas, pra mim já é um incentivo a alguma coisa que pra mim não dá. bonitinho pelas crianças, são crianças lindas, né? mas, o fato da menininha tá muito peladinha e tá sugerindo que pra mim é roupinha de prostituta, eu não achei legal. um bebê com cachimbo na boca pra mim também não é legal, é um incentivo ao fumo e aqui a bebida, é um bebê lindo, são crianças lindas, mas... (Entrevista, 06/05/17, MP1)

(33) não, nessas postagens aí não foi só humor, mas fala de crime, tem a ideia de pornografia, a muita coisa errada (Entrevista, 06/05/17, MP6)

(34) às vezes a intenção da pessoa pode até ser de entretenimento, mas existe uma outra mensagem nesse tipo de imagem, né? a partir do momento que eu compartilho uma foto de uma criança, de uma menina a parte da blusa, eu tô passando uma outra informação né? pra pessoa que tá vendo, então, não é só na intenção de ah dá um bom dia (ininteligível) não, você tá passando, às vezes não intencionalmente, às vezes a pessoa só compartilha por

compartilhar, mas ela tá acabando que ela tá propagando uma..., éh, ela tá prejudicando a imagem das crianças entendeu? relacionando as crianças com coisas que não são condizentes com a idade delas (Entrevista, 06/05/17, MP8)

(35) éh, assim oh, a minha opinião, eu acho a imagem apelativa nos três casos, porque uma criança do lado de uma bebida tá com um chapéu que eu acho que é de homem, né? que parece adulto, então assim, a imagem da criança não combina com... nem com cachimbo, criança fumando, crime e essa menininha eu postaria porque tá bonitinha, mas também não é legal, uma criança já com uma postura de ah, né? vou arrasar, eu não sei, mas, quando eu olho, eu daria risada no sentido da menininha especialmente, eu acharia bonitinho, né? só pra relacionar sexta-feira é um dia pra você sei lá, curtir, mas eu não concordo com a imagem de ter criança, poderia ter só de repente, a frase, ou só a garrafa, a criança é que eu não acho que tá combinando, né? (Entrevista, 06/05/17, MP18).

(36) acho que não, eu nunca tinha parado pra prestar atenção nisso mesmo (Entrevista, 06/05/17, MP19).

Os excertos 32, 33, 34, 35 e 36 mostram o posicionamento das mães em relação à infância. Ao empregar as expressões “tá muito peladinha”, “pra mim é roupinha de prostituta”, nota-se uma carga negativa quanto à maneira que a criança é representada, o advérbio “muito” fortalece o discurso de erotização. O diminutivo empregado “peladinha”, “roupinha” qualifica uma situação indesejável, inconcebível para MP1 em relação ao conceito de infância. A MP6 afirma “a muita coisa errada”, não aprovando que é só humor, não aceitando como normal. As ideias ferem sua crença quanto à infância.

No excerto 35, destacamos também dizeres da mãe analisando que as crianças não são representadas como crianças, são expostas a situações que não combinam com o conceito de criança. É possível perceber, novamente, o discurso é bonitinha, engraçadinha, não há problema em compartilhar. Acreditamos que ao repensar e afirmar “não é legal”, “não tá combinando”, não é coerente publicar. A MP18, para definir que não compartilharia, avaliou qual seria seu objetivo ao partilhar o texto, analisou-o, refletiu sobre suas crenças, seus valores e ideologias, fez inferências.

No excerto 36 fica evidente a importância de momentos de interação, de diálogo, de reflexão para atentarmos para aspectos que antes não eram observados e buscar transformar essa prática. A MP19, deixa claro: “eu nunca tinha parado pra prestar atenção nisso mesmo”. Sentimos que nossa proposta é capaz de promover mudanças. A MP19 chama atenção para o fato de inúmeras publicações nas redes sociais acontecerem de forma impulsiva, motivadas pela facilidade de um simples *click*, produzindo efeitos devastadores.

As mães, de acordo com os excertos acima, levaram em conta o papel significativo das semioses articuladas ao gênero discursivo virtual, atentaram para o poder que as diversas linguagens exercem na criação e na imposição das representações construídas da criança nos textos, para os discursos de adultização, erotização, sensualidade, inversão de valores.

Nessa mesma questão, perguntamos, ainda, se compartilhariam o meme, caso a participante fosse o (a) filho(a) dele(a) e a negativa foi quase unânime. A MP18 respondeu que poderia compartilhar:

(37) ela pequeninha assim né? Entr.: ...[ham, você só trocaria ela por sua filha] Inf.: aham, eu tô lembrando da M nessa idade, ela era muito fofinha, muito gordinha. eu nunca fiz foto dela assim, mas também quando ela era dessa idade não existiam redes sociais como hoje, né? não tinha nem *WhatsApp* nem nada, mas se por acaso, por exemplo, a minha irmã gostava muito de fazer fotos dela assim com roupinhas engraçadas, eu não me lembro de foto assim, mas digamos que ela tivesse alguma, talvez pra família, nos mesmos grupos, se fosse hoje, se eu tivesse uma filhinha dessa idade, e por acaso ela fizesse uma fotinha assim, talvez pra família eu publicasse, é assim, ainda mais que tá de costas, né? esse sapato seria da mãe, é, mas M é meio tímida, talvez ela não quisesse botar assim pra tirar a foto, não sei. mas, se digamos que fosse hoje e eu tivesse ela desse tamanho e a gente fizesse uma foto dela assim, pro grupo da família talvez eu, não sei se com essa frase, sei lá, poderia falar assim: puxou a mãe! vai ser perua igual à mãe, porque ela não é perua igual a mim ((risos)) eu sou bem vaidosa, ela não é não, mas pode ser que sim (Entrevista, 06/05/17, MP18).

Toda essa evolução das TIC traz uma segurança para os adeptos das redes sociais e aplicativos são formas facilitadoras de interação, mas requerem de seus adeptos cuidados com o que publicam. A MP18 afirma que se fosse em um grupo familiar teria mais tranquilidade em publicar. Porém, dentro daquele grupo, existem pessoas que constroem sentidos diferentes para o que veem e/ou leem. Dentro desse mesmo grupo, temos representações diferentes, então, acreditamos que isso não é garantia de não exposição da imagem infantil em tons apelativos.

Por fim, pedimos que as participantes da entrevista caracterizassem as crianças dos memes observados e obtivemos em algumas respostas não a descrição das crianças, mas como as mães participantes analisam os memes.

(38) as crianças são inocentes, porque não tão sabendo o que fazem pra mim o erro é dos pais (Entrevista, 06/05/17, MP1).

(39) não tenho nem palavras, criança não presta a um papel desses! Isso não é pra criança, criança tem que tá brincando, tem que tá lendo, tem que tá estudando, estar se divertindo não em foto com bebida, com armas, né? (Entrevista, 06/05/17, MP6)

(40) são inocentes né? na verdade são imagens que te foram manipuladas e são pessoas inocentes que, eles não têm responsabilidades sobre essas imagens, a imagem que foi usada

de uma forma errada, então assim, o que eu vejo nas crianças é inocência e a gente acaba tirando a inocência das crianças, nós adultos com o que falamos, com a forma que nos portamos, entendeu? então, não têm... é a imagem da inocência é o que eu acho. (Entrevista, 06/05/17, MP8).

(41) então, eu só acho assim, pra mim eles são assim desconexos porque a imagem parece que, eu tenho a impressão que a imagem criança não combina com a frase, com o texto, né? então, eu acho assim, por exemplo, em outras situações, aqui não, nossa, eu to nem querendo olhar pra foto ((risos)) é que eu tô achando muito forte, né? o menininho é um bebê gente, eu tô achando muito forte, não sei por que também tenho essa aversão à bebida alcoólica, não sei. talvez seja por isso também, questão mais pessoal né? e aqui fumando, nossa! esse menino tá com cara de Hitler, meu Deus! judiaram do bichinho demais! agora, ela, assim a imagem eu não acho que tá bem associada à frase porque quando você fala assim: “hoje sexta feira dia de arrasar”, dá impressão de uma mulher que tá querendo sei lá se arrumar muito bem pra causar ai já não combina com criança, mas eu achei fofo, não combina com a frase, mas assim, se fosse a foto da nenenzinha e colocasse éh, que fofura! uma coisa assim talvez... enfim, mas eu acho que o texto não combina com as fotografias, é isso (Entrevista, 06/05/17, MP18).

(42) eu fico horrorizada né? dá aquele ‘baque’, fico assustada, né? porque eu também tenho um bebê de um ano e seis meses então eu já assimilo meu filho, meu outro pequeno eu acho que no caso quem postou, postou com o intuito de chamar a atenção pro lado das crianças, então, algo não apropriado, né? (Entrevista, 06/05/17, MP25)

De acordo com algumas mães, as crianças são representadas como inocentes, ingênuas e não devem ser manipuladas, expostas, “judiadas”, adultizadas. A MP8, excerto 40, afirma que os adultos que as caracterizam assim, a culpa não é das crianças, mas da atitude dos adultos. Muitas mães se mostram chocadas após analisar os memes, dizem que são textos muito fortes. A MP18 diz que o menino do meme assemelha-se a Hitler, relacionando a ideia de que parece estar louco.

Avaliamos esse momento com as mães extremamente significativo e produtivo, pois percebemos que conseguimos chamar a atenção das mães para o que compartilham nas redes sociais e aplicativos e para a importância de dialogarem com seus filhos sobre essa prática.

5.1.2 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do bloco B

Quando iniciamos as discussões para elaboração desta proposta, pensamos na criação de um portfólio online com o objetivo de, por meio dele, acompanhar as atividades e a evolução dos alunos e, também oportunizar a outros docentes uma proposta de leitura e análise crítica de textos multissemióticos. No entanto, fomos escolhendo outros caminhos, como usar o próprio celular para que conseguíssemos investigar como os participantes desta proposta se relacionam com as redes sociais e com os aplicativos.

Acreditamos que o *portfólio* é um recurso muito pertinente para explorar o processo de produção de novos textos, de redesenho, de interação e exploração do letramento multissemiótico, por isso, sugerimos ao professor, em nosso caderno suplementar, a criação de um portfólio *online*, não apenas para divulgar as atividades realizadas pelo aluno, mas para que o próprio aluno perceba sua evolução.

Com o objetivo de que esta proposta seja realizada por outros professores e produza em outros alunos, alunas, pais, mães e/ou responsáveis um olhar mais atento para os textos do seu cotidiano e para a maneira como se relacionam com as redes sociais e aplicativos, criamos um portfólio *online* para divulgar nossa proposta de leitura e análise crítica de memes que têm a criança como participante social principal.

5.1.3 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do bloco C



O bloco C marca a introdução à temática com a atividade “Explorando conhecimentos e experiências”. O nosso objetivo, neste momento, foi de apresentar as noções introdutórias sobre o meme e fazer análise de exemplares desse gênero. Essa atividade aconteceu na sala de vídeo por meio do *Datashow* e, a partir de questionamentos,

exploramos os conhecimentos e as experiências prévias dos participantes.

Iniciamos, mostrando a eles o texto 1 (Gerações e desafios!, Bloco B, Capítulo 4) e promovemos um alvoroço na turma, que se divertia com o texto. Perguntamos se eles já conheciam a figura e a participante 1 disse “é meme”. Antes de questionar o que era um meme, perguntamos: por que podemos considerar o que foi exibido como texto? Uma chuva de comentários surge: “porque tem uma frase”, “porque tem palavras”, “porque tem um parágrafo escrito”, “tem sentido completo”, “traz sentido”. Nesse momento, aproveitamos para conceituar texto, de acordo com Fairclough (2003, p.8)³⁹, que explica que os textos “causam efeitos”, “causam mudanças”.

³⁹ De acordo com Fairclough (2003, p.8) “Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos – isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante. Eles causam também efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que a experiência prolongada com a publicidade e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como ‘consumidores’, ou suas identidades de

Questionamos se o texto 1 causou algum efeito de sentido e alguns alunos falaram que provocou humor e o P9 disse:

(43) agora eu já sei que esse tipo de imagem aí é um meme. (Aula, 17/05/17, P9).

Assim, explicamos que o texto muda nosso jeito de pensar, agir, produz conhecimento.

Questionados se no dia a dia deles tinham contato com produções como a apresentada, disseram que sim. Comentamos que a P1 havia dito que era um meme e, neste ponto, questionamos se poderíamos chamá-lo de meme. Alguns alunos afirmaram: “professora, é meme”. A seguir, os participantes justificaram o porquê de considerarem-no um meme:

(44) é uma imagem viral... é uma linguagem. (Aula, 17/05/17, P1).

(45) ... que se torna popular na Internet. (Aula, 17/05/17, P5)

(46) é uma imagem engraçada usada como meio comunicativo. (Aula, 17/05/17, P12)

Durante a exibição do vídeo, os estudantes ficaram atentos. Perguntamos por que viral e alguns participantes justificaram, que era com o sentido de espalhar rapidamente. Dando prosseguimento à discussão, todas as indagações feitas, foram esclarecidas. Perguntamos como eles tinham acesso a esse tipo de publicação e as respostas foram: no *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Snapchat*, nas redes sociais e nos aplicativos.

Para conhecermos um pouco mais sobre os memes, assistimos a uma reportagem sobre esse assunto divulgada no programa televisivo Fantástico. O vídeo apresenta o meme como grande obra de arte da nossa era digital, que tratam de assuntos diversos. São caracterizados como criações bem-humoradas, que circulam nas redes sociais e aplicativos e podem se espalhar rapidamente.

Durante a exibição do vídeo, os participantes ficaram atentos. Percebemos que se divertiam com os memes apresentados e ouvimos por várias vezes risadas. Ao final do vídeo, propusemos alguns questionamentos: O que vocês entenderam sobre meme? Como surgiu o meme? Tudo pode virar meme? Por que o Palácio do Planalto

gênero. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação, ou para transformações nas relações industriais, e assim por diante”.

encaminhou e-mail a diversos produtores de memes, informando que para usar imagens do Presidente era necessária a autorização? O que pode ter por trás de um meme?

A seguir, apresentamos parte desse momento de troca de conhecimentos, de reflexão após a exibição da reportagem.

(55) Entrevistadora: então, o que que vocês acharam? Inf3.: [esse passou no *Fantástico* domingo?] sim. nele explica o que que é o *Meme*?

Participantes: sim.

Entrevistadora: lembra uma palavra, vocês ouviram isso? o que parece com meme?

Participante3: Gen..que classifica. Entr.: [Gene?] que identifica o cromossomo. Entr.: [que identifica o cromossomo, dá vida?]

Participantes: reproduz...

Entrevistadora: ... ele falou de um *Museu de Memes*, não falou? vocês conhecem, vocês já tinha ouvido falar a respeito disso?

Participante1: já. no *Twitter*. um *Moment* no *Twitter* que é uma noticiazinha que aparece, aí mostrou lá que tinha um museu também, aí mostrou os melhores.

Entrevistadora: de que forma as pessoas veem o *Meme*?

Participante1: besteira.

Participantes: perda de tempo.

Entrevistadora: o que mais pode ter por trás de um *Meme*?

Participante3: subintensões.

Participante4: verdades.

Entrevistadora: por que que essa reportagem foi criada?

Participante5: porque envolveu política.

Participante5: a crise política do Brasil.

Participantes: o Temer.

Participantes: Presidente da República.

Participante3: queria proibir usar as fotos do Presidente.

Entrevistadora: quem estava tentando proibir?

Participante3: o *Presidente Temer*.

Participantes: ele não queria ser um meme.

Entrevistadora: o que você entendeu dessa atitude do Palácio do Planalto?

Participante7: que a gente não pode fazer uma coisa. como se ele quisesse ordenar a gente a fazer alguma coisa.

Participantes: ele tá dizendo que é o *Presidente*. (Trecho da Gravação de Aula, 17/05/17)

O trecho acima, mostra que os alunos e alunas, por meio dos questionamentos que fizemos após o vídeo, foram construindo sentidos, apresentando ideias, discutindo situações do nosso dia a dia, a crise política e percebendo características do meme. Observamos que, em vários momentos, os estudantes respondiam as questões juntos “ele não queria ser um meme”, “ele tá dizendo que é o Presidente”. Também relacionaram o poder do meme de viralizar pelas redes sociais e aplicativos e o efeito negativo da imagem do presidente, que tenta usar do poder que tem para proibir as pessoas de se expressarem “que a gente não pode fazer uma coisa, como se ele quisesse ordenar a gente a fazer alguma coisa (P7)”. Quando vários alunos

falam “ele tá dizendo”, o uso do presente na construção deixa evidente o discurso de força do presidente.

É possível também refletir sobre os obstáculos da leitura e da produção nas escolas, o poder exercido sobre o modo como os professores agem, os alunos, como a escola deve funcionar. Ao oportunizar esse gênero em sala de aula, percebemos que ele envolve letramentos críticos. Conforme Rojo (2012, p. 29) e o GNL, é preciso um “enquadramento dos letramentos críticos”: uma prática situada - um mergulho em práticas das culturas dos alunos e alunas; instrução aberta - critérios de análise crítica visando a uma prática transformada - “alunos criadores de sentido”.

Já percebemos que esse gênero discursivo virtual é capaz de propiciar um olhar mais atento e crítico dos participantes.

Após ouvir os alunos e dialogar com eles, projetamos novamente o texto 1 (Gerações e desafios!, Bloco C, Capítulo 4) e, a seguir, os participantes relataram o que observaram e compreenderam sobre o meme. Nessa discussão, é possível perceber a articulação entre a ADC, a pedagogia dos multiletramentos e a GDV.

(56) Baleia azul é um jogo suicida, é um jogo que eles criaram com muitos desafios e o último é tentar se matar. (Aula, 17/05/17, P6).

(57) antigamente não existia esse negócio de suicídio era menos (ininteligível). eu acho que é falta do que fazer mesmo. (Aula, 17/05/17, P5).

(58) porque às vezes pela falta de atenção que os pais não dá pra filhos eles podem entrar numa situação dessas. Baleia Azul, Havaiana Azul... quer conscientizar a gente. (Aula, 17/05/17, P3).

(59) geração mole de hoje está escrito de amarelo e tem a ver com geração fraca, não consegue resolver nada direito. (Aula 17/05/17, P4).

(60) amarelou quando viu a mãe com a havaiana... (Aula, 17/05/17, P2).

(61) desistiu de se matar, é mole. (Aula, 17/05/17, P1).

(62) o amarelo me lembra sinal de trânsito, é a mãe ter cuidado antes de usar a havaiana porque ela tem a ver com bater. (Aula, 17/05/17, P9).

Pelas respostas dos alunos, verificamos que compreenderam que o meme não só diverte o leitor, mas também traz informação do cotidiano e pode influenciar as pessoas. A P3 fala da insensibilidade dos pais, da falta de tempo para dialogar com os filhos. Já os participantes 1, 2, 4, 8 e 9 caracterizam a geração como mole, fraca, que apresenta baixo autoestima, a partir das escolhas lexicais “mole”, “fraca”, “amarelou”. O P9 relaciona “amarelo” ao sinal de trânsito e à ação da mãe, mostrando a ideia de “pense antes de fazer isso”.

É extremamente prazeroso, para nós professores, perceber que há sentido naquilo que é ensinado, que proporcionamos ao aluno a possibilidade de relacionar o conteúdo de sala de aula ao seu mundo.

Os aprendizes estavam tão envolvidos na leitura e análise do meme, que eles mesmos formulavam questões. Durante a observação e acompanhamento do trabalho, anotei uma análise feita pela P3.

(63) Professora, não sei se tá certo, mas a cor amarela me lembra banana. (Nota de campo, 17/05/17).

Pedimos que ela falasse mais sobre o que pensou e ela complementou, “o garoto é um banana, ele amarela quando percebe o que a mãe dele fará. Então, ele desiste da ideia que tinha”.

Não imaginávamos o poder que têm os memes de promover tantas discussões em duas aulas. Apresentamos a seguir mais um trecho da aula e da análise dos participantes.

(64) Participante: ele tá sendo corrigido.
 Participantes: tá com a sandália.
 Entrevistadora: como podemos avaliar isso?
 Participantes: na mão da mãe.
 Participantes: que a mãe vai bater.
 Participante: olha pra expressão dele.
 Participantes: assustado.
 Entrevistadora: como que ele demonstra que ele tá assustado?
 Participantes: os olhos.
 Participantes: a boca, a mão.
 Entrevistadora: a mão.
 Participantes: ((risos)). (Trecho da Gravação da Aula, 17/05/17).

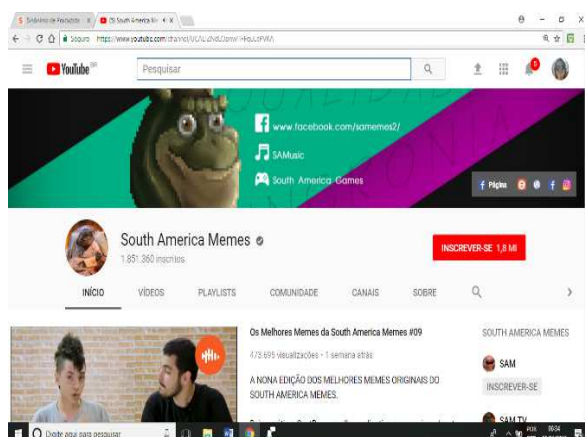
Ao observarem as várias semioses que compõem o gênero meme, comentamos que ele é um texto muito criativo, exige atenção, explora tanto a força semântica das palavras quanto o poder da linguagem visual e, assim como o jogo Baleia azul viralizou nas redes sociais, o meme tem o poder de se tornar viral. Acreditamos, dessa forma, que é preciso assegurar ao estudante conhecer e compreender esse gênero digital.

Para finalizar esse bloco, os alunos foram ao laboratório de informática com o objetivo de acessar alguns exemplares de memes e, depois, selecionar um deles e fazer uma análise sobre o material pesquisado. A atividade foi proposta para ser

realizada oralmente. O horário já finalizava e pedimos que colocassem em prática a proposta em casa e, na próxima aula, teríamos um tempo para que pudessem falar.

Avaliamos positivamente a proposta deste bloco, introduzir a temática, explorar conhecimentos prévios dos alunos e alunas, apresentar as noções introdutórias sobre o gênero meme e fazer uma análise inicial de exemplares.

Na aula do dia 18/05/17, os alunos falaram sobre os memes que selecionaram, permitimos que usassem o celular para compartilhá-los com os colegas. O P10 perguntou se conhecíamos o *South America Memes*. Contou que se trata de uma das maiores comunidades brasileiras de criação de memes no Facebook e que há semelhança com o Museu dos Memes da reportagem que assistimos na aula anterior, que traz os melhores exemplos e diversas informações e curiosidades, músicas, vídeos, *podcast*⁴⁰. Perguntei se sabiam o que era *podcast* e os alunos não tiveram nenhuma dificuldade para explicar que é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criados pelos próprios usuários.



5.1.4 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco D



Utilizando como recurso o *DataShow*, projetamos o texto 2 e, em conformidade com Fairclough (2001), fizemos algumas perguntas relacionadas à produção, a distribuição e ao consumo do gênero meme e questionamos os alunos: Quem é/são o/s produtor/es do meme?

⁴⁰ *Podcast* é uma mídia de transmissão de informações, muito recente, como um programa de rádio, porém sua diferença e vantagem primordial é o conteúdo sob demanda.

Como esse material é distribuído? Quem consome postagens desse tipo? Quais as semioses compõem essa produção?

Inicialmente, os alunos compreenderam que todo texto explicita / manifesta discursos. Falaram de mensagens que são enviadas de bom dia, alguns alunos já perceberam que a participante é representada não como criança. O sapato foi um dos elementos que destacaram. Comentaram que esse material é distribuído por intermédio das redes sociais e aplicativos, que internautas, usuários das redes sociais e aplicativos é quem os consomem. Observaram as linguagens que compõem o texto, a imagem, se a participante do meme está estática ou em movimento.

Dando continuidade, perguntamos quem era o participante principal e disseram que era uma menina, que aparentava ter entre 2 e 5 anos. Pedimos que observassem como a criança era representada na postagem e comentaram que a participante principal estava representada como uma mulher, madura, festeira, porém mantinha a inocência de uma criança. Indagamos quais as pistas que permitiram dizer isso e responderam que a maneira como está vestida: com uma calcinha de babado característica de uma criança, porém, usa salto e faz pose com a mão no bumbum como se fosse adulta. Para eles, a cor vermelha em evidência e a frase “Hoje é sexta-feira, dia de arrasar” sugere que a sexta-feira é dia de festa, de curtidão, de se mostrar, ficar linda.

Os alunos participantes analisaram que o meme não trazia apenas uma mensagem de bom dia, perceberam outros discursos articulados. Destacaram o discurso da adultização e os elementos textuais que comprovavam que a participante principal era representada já adulta. Consideramos este momento importante para os participantes expressarem seus pontos de vista, analisarem, por meio dos discursos, o modo como as pessoas veem uma situação, agem e pensam a respeito dela.

Para os P22 e 26, os produtores do meme criaram humor sensualizando a criança, representada com atitude e comportamento de adulto. O P5 diz que o meme expressa a ideia que sexta é dia de “causar”, mas que ao usarem uma criança, divulgam a ideia de que os pais, cada vez mais cedo, deixam as filhas reproduzirem um mundo relacionado à exposição do corpo. Alguns participantes apontaram a precocidade e a inocência da menina, indicando o sorriso característico de travessura, de criança sapeca, que quer brincar e se divertir, discurso da infância. Outros responderam:

(65) é só um desejo de bom dia, de uma boa sexta-feira. (Aula, 25/05/17, P2).

(66) O criador do meme vê a criança com a mesma liberdade de um adulto, só que nós sabemos que a infância deve ser preservada. Olha o tipo de roupa que ela veste, é vulgar. (Aula, 25/05/17, P10).

(67) o propósito é enviar uma mensagem demonstrando que tá atizada e mostra que o dia da semana é de diversão, que ela tá livre pra voar. (Aula, 25/05/17, P17).

Focalizamos que um texto pode ser compreendido de diversas maneiras e que as vozes dos participantes nos mostram suas concepções, seus valores, suas crenças. O P10 afirma que a infância deve ser preservada, avalia a roupa dizendo que é vulgar.

Em seguida, perguntamos o sentido do verbo “arrasar” e achamos muito interessante a resposta de um dos participantes da pesquisa: “causar, divar”. Ao questioná-lo sobre o verbo “divar”, ele respondeu a próxima pergunta. Especificou a relação entre o verbo e o substantivo “sexta-feira” com a imagem e com a representação da criança construída. “Sexta-feira, final de semana, aproveitar, badalar, sair, fazer o que dá vontade”. Outro participante comentou que a criança representada como mulher era caracterizada como objeto, pois percebia no texto que a ideia de arrasar estava condicionada a mostrar o corpo. De acordo com Lima (2008 p.37 apud Alves, 2017), a sociedade atual impõe, especificamente às meninas, um processo de adultização precoce, construindo um modelo de criança que não corresponde às características da infância moderna. As crianças, hoje, estão pensando e agindo como pequenos adultos, o que pode ser observado na maneira como se vestem, falam e se comportam. O meme trabalhado comprova essa questão na forma como a menina é representada. Exploramos as representações da adultização, da sensualidade, da inversão de valores. Pedimos que justificassem o que determinava os discursos.

Analisando as diversas semioses, os estudantes observaram a relação entre o verbo, o substantivo e os elementos visuais. Em relação a essa análise crítica, evocamos Fairclough (2001, p. 28), que explica que ‘Crítica’, em ADC, “implica mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção, por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem”. Pedimos que, a partir do meme, falassem se poderíamos perceber alguém em desvantagem e eles comentaram sobre a infância, as brincadeiras, a inocência e as responsabilidades adultas. Avaliaram que a criança fica em desvantagem porque não está vivendo o seu tempo de criança.

Nas questões a seguir, continuamos explorando a estrutura visual (imagem), categoria da representação, que juntamente com a linguagem verbal constrói, nesse meme, a representação da criança. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), as TIC potencializaram a linguagem visual, declararam também que aspectos culturais, sociais e históricos influenciam no modo como o leitor vê e analisa a linguagem visual.

Assim, perguntamos o porquê do criador do meme escolher como participante principal uma menina e não um menino.

(68) porque as mulheres são mais vaidosas e se arrumam cheias de “frufuzinho”. (Aula, 25/05/17, P3).

(69) se fosse um menino no lugar não faria tanto sentido a imagem e o texto, como todo mundo disse é mais usado por mulheres. (Aula, 25/05/17, participante 6).

(70) porque eu acho que iria tirar um pouco a ligação da imagem com o contexto do texto, porque já que a menina expressa sensualidade, não ia encaixar com a imagem de um menino. (Aula, 25/05/17, participante 7).

O P3 faz referência ao discurso de gênero indicando características das mulheres. O P6 avalia que se o participante fosse um menino, o sentido do texto se perderia, porque está claro o discurso das mulheres, enfatiza o participante. A P7 avalia que a sensualidade é um ponto determinante no discurso de gênero.

Considerando esses aspectos, analisamos que os diversos modos semióticos são importantes e necessários para a produção do sentido expresso no meme. Os alunos responderam também que o contexto não tinha a ver com a participante do meme, sua posição e seu papel na sociedade uma vez que a menina é representada como uma mulher. Observaram o efeito da escolha do tipo de sapato, um *scarpan* vermelho, do adereço na cabeça, da calcinha, que recebe o nome de calcinha bunda rica, e das cores na construção da representação da criança no meme.

Ao refletirem sobre as cores da roupa e dos adereços, responderam que as cores eram quentes, vibrantes e isso chamava a atenção do leitor, sugerindo presença marcante da menina e remetendo à ideia de sensualidade, de alguém que desperta o sentimento de paixão. Observamos que o uso dos acessórios e a posição da participante foi essencial para a construção da representação da participante e do discurso de erotização em relação ao: “arrasar”, ser notada.

Analisamos também o poder da imagem, observando a direção do olhar da participante e a postura dela no meme. Os alunos perceberam que a participante, ao olhar diretamente para o leitor, mantém uma relação próxima e envolvente com ele,

como se a participante dissesse, “Ei, você, está vendo como estou linda?” Essa frase não está representada verbalmente, porém os alunos foram capazes de notar essa interação entre participante representado (menina da imagem) e participante interativo (leitor). Perceberam também que a intenção do produtor da imagem é provocar uma reação no leitor. Eles afirmaram que a participante principal se “oferece” ao leitor como um objeto que quer ser contemplado, quer envolvê-lo. Discutimos também a respeito da mensagem subliminar ao observar o fato da participante estar posicionada de costas, com a mão no “bumbum”.

(71) Entrevistadora: o que se destaca na representação da criança neste meme?

Participante 6: as mãos dela no bumbum.

Entrevistadora: a mão no bumbum sugere o quê?

Participantes: que ela é sex, sensualidade, ela tá se mostrando (Trecho da Gravação da Aula, 25/05/17).

Analizamos o contexto, os recursos semióticos e, assim, os estudantes opinaram sobre a postura e o comportamento da participante, o jogo de sedução, erotismo e sensualidade. Disseram que o modo de vestir e agir da participante não correspondia ao de uma criança, que, no primeiro olhar, era caracterizada pelos participantes como *engraçadinha*, mas que ao analisar atentamente o meme, a menina tornou-se um elemento inesperado no texto. Durante a discussão, os participantes comentaram que não imaginavam toda esta análise. Comentaram que o texto era visto por eles como simples, mas repleto de ideias.

Ao perguntar que elemento do texto mais lhe chamou atenção, o P24 disse que outro elemento de destaque no meme é a borboleta. Ele interpretou que a participante do meme sugere que, na sexta-feira, ela é livre para voar, fazer o que quiser. Ao analisarmos, notamos que detalhes vermelhos na calcinha, no sapato, e em outros acessórios representam um certo *glamour*, até próprio dessa cor. Podemos notar a saliência (significado composicional) nestes detalhes de cores, nos detalhes da calcinha, no salto alto. Outro participante comentou que as pernas da garota se destacavam na imagem, “são bonitas”.

(72) Participante: o olhar é envolvente pra mim...

Participante: pra mim as pernas dela que é sex ((risos)). (Aula, 25/05/17)

Ressaltamos que como um dos nossos objetivos na elaboração e na aplicação da proposta foi aliar as teorias sem utilizarmos termos técnicos, ficou perceptível que conseguimos atingir esse objetivo, visto que os alunos, nesta análise, se apropriaram

naturalmente dos pressupostos da GDV sem a necessidade de uma explanação teórica.

Analizamos ainda o contexto ou a situação em que o meme foi criado, a leitura feita da representação da criança na situação apresentada, a reação que o texto provoca no leitor, o que motiva alguém a compartilhar esse meme e os diversos discursos articulados aos textos.

Van Leeuwen (2008, p. 6) assevera que é importante diferenciar práticas sociais de representações de práticas sociais. Podemos exemplificar isso por meio do meme analisado: a prática social seria alguém enviar uma mensagem de bom dia que tem como participante principal uma criança e na análise do contexto em que o meme foi produzido, temos a representação dessa prática, ou seja, o discurso. É imperioso destacarmos que, no meme, os participantes observaram que não se trata somente de uma mensagem de bom dia, mas de um discurso de adultização da criança, de sensualidade, de erotismo, de exposição da criança. Vale ressaltar que uma prática social pode apresentar diferentes propósitos, alterar conforme o contexto, o espaço, a experiência, a faixa etária dos leitores, as vestimentas, as cores, a perspectiva, os tipos de fontes, dentre outros fatores.

5.1.5 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco E

O bloco era composto por várias questões e algumas interpretações. No primeiro momento, não foram percebidas pelos estudantes, mas, a partir da discussão e da troca de ideias, tornaram-se notórias e compreensíveis.

No quinto bloco de nossa proposta, os alunos foram organizados em grupos e orientados a se posicionarem criticamente diante do texto que receberam. Cada grupo tinha um coordenador que direcionava a discussão. No entanto, todos os participantes do grupo eram responsáveis pela exposição da análise final. Durante a preparação e estudo feito pelo grupo, entregamos, aos participantes, algumas questões que poderiam orientá-los na discussão e entendimento do texto.

Em momento seguinte, os grupos socializaram a análise realizada e, assim, percebemos que assimilaram conhecimentos desenvolvidos durante as atividades que realizamos anteriormente. Essa atividade foi muito produtiva. Durante a preparação dos grupos, foi perceptível o envolvimento dos alunos, e, na apresentação, prevaleceu a interação e o respeito entre os participantes, permitindo

que os participantes fizessem questionamentos e dialogassem. Os trechos, a seguir, mostram essa interação.

Grupo 1 (Texto: Hora de trabalhar)



(73) Participante 5 - esse meme tem na sua composição linguagem verbal e não verbal e, a menina é caracterizada como uma pessoa que tem elegância, a pose, o óculos, a flor no cabelo, a bolsa mostram isso. Só que ela tem de trabalhar para manter isso, esse padrão. É como uma modelo, a pessoa precisa ser bonita, mas precisa de trabalhar, a vida não é fácil, só mostrando a beleza. É uma profissão que não é fácil.

Participante 11- quem fez o meme está adultilizando a criança, isso não tem nada a ver, as roupas e os acessórios são chamativos e eu acho que a atitude de colocar ela como adulto é desnecessária porque ela é criança e tem de brincar não pensar em trabalhar.

Participante 13 - essa menina é representada de uma forma muito adulta, vou falar das pistas, as roupas, os elementos, o jeito que ela tá, éh, o óculos de adulto e o sapato não é de adulto, é de criança, a bolsa grande. Nosso grupo não compartilharia essa foto se fosse nossa irmã não, porque não queremos ver ela exposta desse jeito. Éh, como está sendo exposta aqui, ela é uma criança só que ela tá representada como se ela tivesse muita responsabilidade, fosse adulta.

Participante 6 - eu acho que tipo até essa maquiagem pode prejudicar o resto da criança, a pele dela e as pessoas adultas não pensam nisso às vezes. Eu não acho certo um adulto fazer isso com a criança como passar maquiagem nela, tá mais é ridicularizando ela. Eu acho também que ela é o principal do meme porque a foto tipo foi feita para mostrar ela toda, da cabeça ao pé e ela tá pelo menos com sapato de criança diferente.

Participante 22 - Por um lado é engraçado esse meme, mas na verdade não é, porque pelo tamanho e idade dela é uma criança e tá com uma atitude de mulher, de adulto já e ela não é. A atitude do bico que ela faz com a boca e o dedo demonstra atitude de uma mulher que quer se mostrar, em vez da bolsa, ela tinha que tá com uma boneca brincando, como criança. E o dedo da menina como se já soubesse da vida. Se fosse a imagem de uma mulher, a frase “Vamos trabalhar porque a gente nasceu foi bonita e não rica” tinha sentido, até combinaria com a imagem, mas não combinou porque ela não é mulher, não é adulta, ainda é criança, olha o tamanho dela. Ah, o dedo na cara assim é como se ela tivesse tendo uma autoridade, uma atitude, ela tá impondo uma autoridade, uma até obrigação que ela tem de ir trabalhar e ela tá impondo com o dedo, se impor é o jeito dela. (Trecho da Gravação da Aula de Apresentação de Trabalho Grupo 1, 12/06/17)

A partir do quadro a seguir, é possível observarmos que os participantes relacionam a linguagem verbal e a não verbal, identificam significados produzidos a partir dessa relação, falam de suas crenças, expõem seus pontos de vista, tratam da representação da criança, dos discursos da adultização, de humor, de poder e autoridade.

Quadro 11 – Sistematização de dados observados pelos participantes - Grupo 1

Aspectos observados na análise	Trechos da análise realizada pelos alunos participantes
<p>Quem é a participante principal?</p> <p>Como a participante é representada?</p>	<p>“a menina é caracterizada como uma pessoa que tem elegância, a pose, o óculos, a flor no cabelo, a bolsa mostram isso.” “É como uma modelo” (P5).</p> <p>“ela é uma criança só que ela tá representada como se ela tivesse muita responsabilidade, fosse adulta” (P11).</p>
<p>Semioses que compõem a produção.</p> <p>Relação entre a linguagem verbal e a visual.</p>	<p>“esse meme tem na sua composição linguagem verbal e não verbal” (P5).</p> <p>“Se fosse a imagem de uma mulher, a frase “Vamos trabalhar porque a gente nasceu foi bonita e não rica” tinha sentido, até combinaria com a imagem, mas não combinou porque ela não é mulher, não é adulta, ainda é criança, olha o tamanho dela” (P22).</p> <p>“ela é o principal do meme porque a foto tipo foi feita para mostrar ela toda, da cabeça ao pé e ela tá pelo menos com sapato de criança diferente” (P6).</p>
<p>Discursos articulados na construção da representação da criança</p>	<p>Adultização: “o meme está adultizando a criança” (P11).</p> <p>Poder/ Autoridade: “o dedo na cara assim é como se ela tivesse tendo uma autoridade, uma atitude, ela tá impondo uma autoridade, uma até obrigação que ela tem de ir trabalhar e ela tá impondo com o dedo, se impor é o jeito dela” (P22).</p> <p>Infância: “o sapato não é de adulto, é de criança” (P13)</p> <p>Humorístico: “passar maquiagem nela, tá mais é ridicularizando ela.” (P6) “Por um lado é engraçado esse meme, mas na verdade não é, porque pelo tamanho e idade dela é uma criança e tá com uma atitude de mulher, de adulto já e ela não é. A atitude do bico que ela faz com a boca e o dedo demonstra atitude de uma mulher que quer se mostrar, em vez da bolsa, ela tinha que tá com uma boneca brincando, como criança” (P22).</p>
<p>Crenças e Ponto de vista dos participantes da análise</p>	<p>“eu acho que tipo até essa maquiagem pode prejudicar o resto da criança, a pele dela e as pessoas adultas não pensam nisso às vezes. Eu não acho certo um adulto fazer isso com a criança como passar maquiagem nela, tá mais é ridicularizando ela” (P6).</p> <p>“eu acho que a atitude de colocar ela como adulto é desnecessária porque ela é criança e tem de brincar não pensar em trabalhar” (P11).</p> <p>“Nosso grupo não compartilharia essa foto se fosse nossa irmã não, porque não queremos ver ela exposta desse jeito. Éh, como está sendo exposta aqui, ela é uma criança só que ela tá representada como se ela tivesse muita responsabilidade, fosse adulta” (P5).</p>

Fonte: dados da pesquisa.

Grupo 2 (Texto: Sempre diva!)



(74) Participante 1- O meme mostra a criança vestida como se fosse já uma mulher adulta, tem também uma frase e do lado tem tipo uma propaganda, tem um desenho pequeno de uma mulher. Participante 2- A frase tá falando “Divas, vamos trabalhar porque maquiagem, roupas, sapatos e esmaltes não caem do céu” [Participante?- a gente vê que é como se quem fala é a menina].

Participante 2- Éh, isso. A menina tá representada como diva, que quer dizer uma mulher bonita. [Participante?⁴¹- na mitologia, diva é deusa e eu acho que tem a ver com o meme]. Participante 2- então, éh, a menina fala que tem de trabalhar pra ser diva, éh, pra ter como comprar maquiagem, roupas, sapatos e esmaltes que tá

falando na frase. Participante 1- isso de ser diva tem a ver com o que eu falei da imagem do lado da menina que tem o desenho da mulher e tá escrita “Essência feminina”. Parece propaganda porque embaixo tem um nome T., éh, taya... num sei... Dá pra ver depois o outro Antunes.

Participante 3 - tá falando que tem de trabalhar e tal, mas ela é criança e não pode trabalhar. Participante 1- éh, e também mostrou que ela tá fazendo uma pose, o meme no caso se a gente ver tá dando destaque pros braços, o rosto dela mostrando que ela tá bem consigo mesmo. (Trecho da Gravação da Aula de Apresentação de Trabalho, Grupo 2, 12/06/17)

O grupo também faz uma leitura do meme, observando os elementos semióticos que compõem o texto, observa o significado das palavras, trabalha as representações e destaca que, até por meio dos memes, é possível divulgar produtos ou serviços. O quadro a seguir evidencia esse olhar crítico e reflexivo dos participantes.

Quadro 12 – Sistematização de dados observados pelos participantes – Grupo 2

Aspectos observados na análise	Trechos da análise realizada pelos alunos
A representação da participante	<p>“O meme mostra a criança vestida como se fosse já uma mulher adulta” (P1).</p> <p>“A menina tá representada como diva” (P2).</p> <p>“ela tá fazendo uma pose, o meme no caso se a gente ver tá dando destaque pros braços, o rosto dela mostrando que ela tá bem consigo mesmo” (P1).</p> <p>“ela é criança e não pode trabalhar” (P3)</p>
Vocabulário: análise do sentido da palavra diva	<p>“A menina tá representada como diva, que quer dizer uma mulher bonita” (P2).</p> <p>“na mitologia, diva é deusa e eu acho que tem a ver com o meme” (P?).</p> <p>“- isso de ser diva tem a ver com o que eu falei da imagem do lado da menina que tem o desenho da mulher e tá escrita “Essência feminina” (P1).</p>

⁴¹ Participante ? não identificado na transcrição da Aula do dia 12 de junho de 2017.

Aspectos observados na análise	Trechos da análise realizada pelos alunos
Olhar investigativo dos participantes	“Parece propaganda porque embaixo tem um nome T., éh, taya... num sei... Dá pra ver depois o outro Antunes” (P1).
Discurso da Adultização	“O meme mostra a criança vestida como se fosse já uma mulher adulta” (P1). “Divas, vamos trabalhar porque maquiagem, roupas, sapatos e esmaltes não caem do céu” [Participante? - a gente vê que é como se quem fala é a menina]” (P?).
Traços característicos do gênero publicitário	“tem também uma frase e do lado tem tipo uma propaganda, tem um desenho pequeno de uma mulher” (P1).

Fonte: dados da pesquisa.

Grupo 3 (Texto 15- Hora da beleza!)



(75) Participante 1- a intenção desse meme é passar para as mulheres, para as pessoas que todo dia é dia de se arrumar, independente do dia, independente da idade que mesmo até uma criança pode se arrumar.

Participante 2- a menina tá atenta, olha pro que faz, o cabelo também tá arrumando cabelo e vemos que tá com várias coisas de beleza ao lado dela.

Participante 3- ela aumenta a autoestima das mulheres porque ela incentiva a estar sempre bonita, não importa o que você vai fazer porque a menina é criança e não está provavelmente arrumando pra sair, pra trabalhar.

Participante 4- eu acho que a criança no lugar de estar uma mulher é mais pra chamar a atenção porque se fosse uma

mulher que tivesse no lugar da criança não iria causar tanto impacto, não ia chamar tanto a atenção.

Participante? -você acha que ela tá sensualizando? olha a posição dela no texto...

Participante 1- eu não acho que tá sensualizando porque tá querendo mostrar que ela está preocupada em ficar linda, quer ser o centro da atenção.

Participante 2- é normal muitas crianças arrumar a unha. eu acho normal. Ela tá concentrada quer ficar linda... nem olha...

Participante 3- qualquer criança pode se arrumar.

Participante 4- muitas menininhas fazem sim.

Participante?- mas pra uma criança, vocês não acham que está expondo e exagerando demais?

Participante 2- não, eu acho que não tá expondo, porque a posição dela é até mesmo pra chamar mais a atenção porque ela tá representando uma mulher, nem exagerando, ela tá arrumando.

Participante 1- E quando nós estávamos na infância, a gente tinha essa vontade de se arrumar, a gente tem a curiosidade de se arrumar, pegar esmalte. Quando eu era pequena, eu pegava o esmalte de minha mãe e pintava minha unha, maquiagem, sapato, roupa, tudo. Acho que não tem idade.

Participante ? -você não acha que o meme tá é divulgando, assim, tem uma coroa embaixo, o cenário, a frase dizendo que é o dia de arrumar, ficar linda?

Participante 1 – pode ser que coroa, pra ela ser rainha, quem arruma assim, fica bonita.

Participante ? – ((risos)) acho que pra menina ficar uma princesa. (Trecho da Gravação da Aula de Apresentação de Trabalho Grupo 3, 13/06/17)

O grupo 3 também destaca a relação entre a linguagem verbal e a não verbal, analisa a participante do meme, o espaço onde está e avalia a representação da criança adultizada, também sugere que o meme tem além do objetivo de mensagem de bom dia, divulgar, provavelmente, um serviço, falam da imagem de uma coroa, sugerindo a ideia de arrumar e ficar uma rainha, uma princesa. Percebemos uma interação do grupo com os outros participantes da turma, que se envolvem também na análise. Destacaram que os textos apresentam um discurso que induz as mulheres a viverem para a beleza, sugerindo o consumismo desde criança.

Durante a apresentação, percebemos que os alunos analisaram os vários recursos multissemióticos que compunham os memes, associaram elementos tanto da linguagem verbal quanto da linguagem visual e exploraram a construção de sentidos a partir das linguagens. Consideraram que a linguagem visual dos textos se destacava, ela constituía o grande foco de atenção do leitor. Observaram o posicionamento dos participantes do meme, o tamanho da imagem, dentre outros elementos.

Destacamos, nesta etapa, o relacionamento entre os participantes. Cada um com suas crenças e suas opiniões proporcionou um momento de aprendizagem, de troca de conhecimento, de respeito ao outro. Percebemos no trecho a seguir, retirado da transcrição da aula, que mesmo com ideias e opiniões diversas, o diálogo foi primoroso.

Participante? - você acha que ela tá sensualizando? olha a posição dela no texto...

Participante 1 - eu não acho que tá sensualizando porque tá querendo mostrar que ela está preocupada em ficar linda, quer ser o centro da atenção.

Participante 2 - é normal muitas crianças arrumar a unha. eu acho normal. Ela tá concentrada quer ficar linda... nem olha...

Participante 3 - qualquer criança pode se arrumar.

Participante 4 - muitas menininhas fazem sim.

Participante? - mas pra uma criança, vocês não acham que está expondo e exagerando demais?

Participante 2 - não, eu acho que não tá expondo, porque a posição dela é até mesmo pra chamar mais a atenção porque ela tá representando uma mulher, nem exagerando, ela tá arrumando.

Participante 1 - E quando nós estávamos na infância, a gente tinha essa vontade de se arrumar, a gente tem a curiosidade de se arrumar, pegar esmalte. Quando eu era pequena, eu pegava o esmalte de minha mãe e pintava minha unha, maquiagem, sapato, roupa, tudo. Acho que não tem idade. (Trecho da Gravação da Aula de Apresentação de Trabalho, Grupo 3, 13/06/17)

Ao explorar os memes, textos que circulam em nossa sociedade e nem sempre são observados ou compreendidos, os estudantes puderam lidar com recursos utilizados pelas tecnologias digitais, conseguiram organizar a apresentação, editar e compartilhar.

Ao analisarem que os memes tinham também o objetivo de divulgar um produto, percebem a importância de a participante ser uma criança, pois chamará atenção do leitor. Segundo Alves (2017), a fragilidade e a vulnerabilidade da criança costumam tocar a sensibilidade de todos e não exige dos leitores um julgamento racional, mas, sim, dá importância ao ato de consumir o que está sendo vendido.

Na apresentação e interação com os outros participantes, os estudantes observaram as relações semânticas entre as palavras, conseguiram atribuir sentidos aos textos.

Também destacamos como positivo o entendimento dos aprendizes de que leitura e análise de um texto multimodal é uma prática de multiletramentos. Percebemos essa ação quando analisaram, em grupos, o meme e apresentaram suas conclusões, ouviram questionamentos, discutiram e refletiram sobre a adultização da criança e os efeitos dessa ação.

Consideramos que por serem textos do dia a dia dos alunos, analisá-los tornou-se interessante e desafiante para os participantes. Eles observaram como os recursos semióticos se organizam, se entrelaçam no texto e os efeitos de sentido que são capazes de criar.

Avaliamos também que a sistematização da tarefa proposta aos alunos é muito importante. Os alunos tiveram a liberdade para formar o grupo, obedecendo o quantitativo determinado, escolheram um coordenador para direcionar o estudo que realizariam. Dessa maneira, conseguimos maior envolvimento dos alunos na discussão e troca de ideias.

Notamos o interesse dos alunos por meio dos registros feitos por eles. Destacamos alguns a seguir:

Conheci mais sobre os MEMES, e também tomar cuidado com os que compartilhamos. Isso/na é bem importante!

Nessa aula, aprendi a ~~passar~~ por isso, por isso fazer a análise, especificamente do meme, e também de elementos que constituem o meme. Que eu tinha uma pequena noção, mas agora tenho uma noção, de por que de ser tão engajado.

foi interessante, pois eu nunca tinha parado para pensar sobre o que um meme poderia dizer através da "divisão", do humor. Com certeza vou começar a ver com os outros olhos as mensagens disfarçadas ali.

Eu gosto, amei na verdade os autos os vídeos e tudo e isso é muito bom pois por isso a ver os memes com outros olhos.

Muito interessante a proposta de interpretar o gênero virtual pois nos mostrou um novo olhar sobre algo tão presente no dia a dia. O estudo proporcionou ver com outra perspectiva a intenção e a informação presente nos memes. Simplesmente Amei!

pois podemos ver que um 'meme' não é só um 'meme'. Você pode ver que um simples 'meme' pode ter uma análise bem maior do que o humor, que se você analisar melhor tem muitas outras coisas que envolvem, como por exemplo o escrito o imagem o modo como tudo é distribuído etc.

Quando eu recebia um meme eu só observava se era engraçado ou não, mas agora com essa explicação podemos olhar com outros olhos e perceber a o que está por trás.

Percebi que um simples meme pode transmitir várias coisas, é bem interessante tudo isso. Por trás de memes vemos realidades, vinculamos com as situações vividas em que estamos.

Estamos aprendendo com novas fontes, a criatividade desses criadores nos inspira e nos fazem analisar a mensagem que eles ~~que~~ ^{de} sejam retratados, por mais que algumas não são corretas de repassar.

Estamos preservando, melhor se que não está totalmente visível.

Foi um momento legal, eu não sabia o que era, mesmo. Eu acho ~~valioso~~ interessante, ti, descobrir novas gêneros. Eu também acho importante ~~que~~ que vale a pena de mim todos pesquisarem o que é mesmo, ~~ti~~ ti - les me me esse dia valim de ser verdadeiros, tem curiosidades, verdade...

(Registro dos alunos, 15/06/17)

Enfim, por meio dos registros dos participantes, percebemos que nossa proposta proporcionou aos aprendizes um olhar investigativo, crítico. Nos registros, os participantes especificam que, “no meme, é possível ter uma análise bem maior do que humor, que se você analisar melhor tem muitas outras coisas que envolvem, tais como o visual, o escrito, o modo como tudo é distribuído”. Eles afirmam ainda que: “eu nunca tinha parado para pensar sobre o que poderia dizer através da “diversão”.

Todos esses relatos apontam que nossos objetivos, apesar das adversidades, dificuldades que permeiam os espaços escolares em todo o país, tais como a *falta* de recursos, foram alcançados e que trabalhar com gêneros discursivos em sala de aula, tal como propomos nesta pesquisa e em consonância com as teorias escolhidas, é uma considerável alternativa para o ensino de língua portuguesa nas salas de aula da educação básica, mais especificamente em turmas do ensino fundamental, séries finais.

5.1.6 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco F

Neste ponto, nosso propósito é a socialização do conhecimento, promover, com os pais e ou responsáveis pelos participantes da pesquisa, discussões sobre os riscos da exposição de crianças nas redes sociais e aplicativos, apresentar o cuidado que pais devem tomar em não expor seus filhos, a ponto de virar piada na rede social ou aplicativo.

A partir desse propósito, apresentamos, aos alunos, o bloco F, nomeado como “Um gênero que viraliza”. Inicialmente, questionamos sobre o vocábulo “viralizar”. Desde a primeira análise, eles já citaram o verbo “viralizar” com o sentido de espalhar

rapidamente, tornar marcante e se repetir em vários e vários memes, que circulam nas redes sociais e aplicativos. Foram mencionados, também, alguns exemplos de memes que se tornaram muito conhecidos.

Após ouvi-los, apresentamos nosso próximo desafio: entender os memes e preparar uma apresentação para os pais com o objetivo de viralizar também a importância de lermos e analisarmos com atenção os textos que compartilhamos nas redes sociais e aplicativos, especialmente, os memes. Assim, iniciamos o Bloco F.

Apresentamos o texto 6 (Garota “desastre”, Bloco F) aos alunos e fomos fazendo-lhes perguntas.



Os alunos participantes identificaram a menina como participante principal representada no meme, assim, retomando o que é defendido na GDV, eles podem ter determinado que a menina é a participante principal, pela saliência, ou seja, o destaque dado à imagem, tamanho, a relação que ela tem com o participante interativo (o leitor). Ainda que os aprendizes não tenham usado os termos da GDV, é esse o entendimento ao qual chegamos. Alguns avaliaram que ela está representando alguém arteira, com jeito de quem faz arte, e isso é determinado pelo seu olhar. No entanto, alguns estudantes disseram ser a menina inocente, que não sabe o que está acontecendo e disseram que, provavelmente, o meme fora produzido por um adulto e que podia também ser uma montagem.

Ao avaliar o olhar da menina, um dos participantes disse que o jeito dela olhar se parecia com o olhar de personagens de filme de terror, estabelecendo uma relação intertextual. Responderam também que a direção do olhar da menina mantinha uma relação de proximidade com o leitor, dando a ideia de ser ela a causadora, nas palavras de um aluno, “a capetinha”, apresenta um olhar malicioso, envolvente e demonstra estar feliz com o que acontece. Essa proximidade, intimidade, que a menina demonstra ter com o participante observador, o leitor, pode ser direcionado

para a questão do olhar de demanda e de oferta, defendido por Kress e van Leeuwen (2006). A menina procura dar um aviso ao leitor, tal como dissesse: “Viram do que sou capaz?” E muitos participantes notaram isso, embora, como ressaltamos, não usaram os termos usados nos significados apresentados na GDV.

Quanto ao contexto ou situação em que foi criado, surgiram diversas teses. Entre elas, um dos participantes apresenta um contexto próximo ao real: o corpo de bombeiro está apagando um incêndio e alguém tira a foto e aparece a menina, que não tinha percebido o que acontecia.

Segundo os participantes, o meme causa estranheza ao usar uma criança em um contexto em que não deveria estar, porque parece ser ela a responsável pelo incêndio.

(76) Participante – mais parece que ela queria dá essa ideia tipo ela queria que a gente pensasse que é ela que fez isso porque tipo dela olhar. (Aula 20/06/17, P12)

(77) Participante – eu acho que na imagem dá pra pensar nisso mais é esquisito porque ela não ia criar isso ia. (Aula 20/06/17, P12).

Foi compreendido pelos aprendizes que maldade é o que motiva alguém a compartilhar esse meme e que muitos compartilhariam como se fosse brincadeira.

Após as questões analisadas, apresentamos a história da foto que originou o meme “Garota desastre”. Contamos que a foto foi feita pelo pai de Zoe, a participante, e que as chamas eram apenas de um treinamento do corpo de bombeiros. O episódio aconteceu em 2004, no entanto, só em 2008, a foto viraliza nas redes sociais e aplicativos. Em vários momentos de discussão, as redes sociais e aplicativos foram caracterizados como ambiente que pode tornar alguém que não era conhecido em famoso ou também pode ser espaço para ridicularizar, diminuir o outro.

Dando prosseguimento, apresentamos à turma vários memes, em que a menina desastre era a participante principal.



Enquanto era mostrado o meme, questionávamos a que fato o texto fazia referência e quais as pistas para a análise. Conversamos sobre a explosão da bomba de Hiroshima, o naufrágio do Titanic (Figura 24). Em relação ao primeiro meme, os participantes sabiam que o responsável por tal destruição no Japão eram os EUA. Acreditávamos que todos saberiam falar sobre a história do navio que afunda após bater em um *iceberg*. Dois participantes falaram do filme e que observaram as pistas e analisaram também que as ações descritas pelos memes não são ações desempenhadas por uma menina, mas sim, por adultos.



Para explorar a leitura e a análise dos memes da “Garota Desastre”, mostramos aos participantes outras montagens (textos 07, 08 e 09). Eles responderam que em relação à imagem, a participante principal representada é a menina, que se apresenta em primeiro plano, bem próxima ao leitor. Perceberam também que, no texto 08, a participante segura uma vela ou um isqueiro sugerindo que foi ela quem promoveu o incêndio que aparece como pano de fundo. Falaram sobre o olhar diabólico da participante, os discursos materializados: convivência, *bullying* e machismo, comentaram que muitos adultos não pensam nem avaliam os efeitos de compartilharem memes em que crianças agem de forma maldosa, naturalizando atitude da menina como engraçada e divertida.

(78) Participante- ela faz a gente ficar olhando pra ela, aí passa a ideia de estranha né [Inf. - acho o jeito de quando a pessoa sabe quando ela tem um problema é isso.][Inf. ela é criança, eu acho que o que fez que ela seja a culpada ela estar com fogo] (Aula, 22/06/17).

Destacamos, nessa análise, a interdiscursividade⁴², visto que, nos memes apresentados, os participantes identificaram, a partir da análise das semioses, discursos de intolerância, preconceito e discriminação e discutimos sobre os efeitos trágicos dessas ações. Um dos alunos relacionou o nome da participante dos memes, Zoe, com a ação de “zoar” e argumentou que um dos efeitos da viralização dos memes da protagonista e da sua caracterização como “Garota desastre” poderia ser o sentimento de inferioridade, de negação diante do mundo o que dificultaria a

⁴² A interdiscursividade é uma das categorias de análise do significado representacional proposta por Fairclough (2003) e selecionada para exploração nesta pesquisa.

promoção de mudança em seu próprio mundo. O posicionamento deste aluno traz à tona os ideais da ADC, que se volta para o questionamento das práticas sociais e procura fornecer subsídios para que as pessoas superem esses problemas e não reproduzam conceitos preestabelecidos. Poucos alunos não perceberam que havia uma diferença desse meme para os demais. Também argumentaram sobre o preconceito da menina quanto ao gosto musical da vizinha a ponto de agir com violência. Destacamos a representação da criança como criança insensível, malvada, extremista. Essa representação da criança pode influenciar crianças e adolescentes a agirem da mesma maneira.

Já o texto 7 (“Garota desastre” em “Me zoe mais uma vez”, Bloco F), discutimos observando a oração “Me zoe mais uma vez e isso acontecerá”. Os alunos conseguiram identificar o discurso de defesa da garota por sofrer. Destacaram que a escolha linguística “mais uma vez” comprova a brincadeira de mau gosto com a participante, que era constante pelos colegas. Há, nesse contexto, o sentimento de insatisfação da representação da participante do meme a ponto de agir agressivamente para resolver algo que lhe causa sentimento de humilhação, que abala sua autoestima. Ressaltaram que a garota é destemida pois tem força para tentar resolver algo que a destrói.

Quanto ao texto 8, (“Garota desastre” em: feministas!, Bloco F), os participantes destacaram que a intenção do candidato é repulsiva, preconceituosa, pois sugere que matará as feministas, promove um discurso de ódio. Conhecemos a história do meme em que um candidato sugere que vai atacar as feministas se for eleito e após a repercussão do meme nas redes sociais, o efeito foi negativo para o candidato, que tentou se explicar dizendo que usou do humor para se posicionar em relação ao movimento feminista.

A partir dos memes, observamos quais as informações já conhecidas e quais as informações novas que eles traziam. Os alunos observaram a linguagem verbal utilizada no texto e a relacionaram à linguagem visual. Observamos como os memes da “Garota Desastre” foram criados, o que altera de um meme para o outro.

Com esta proposta, os alunos leram, pesquisaram, escreveram, elaboraram análises, construíram sentido diante do que leram. Percebemos que os alunos apreciaram o fato de analisarmos textos do dia a dia deles. Além de trabalharmos a leitura e análise crítica, orientamos os alunos e alunas quanto a atenção à fala dos

demais, o tom de voz, a participação nos turnos de fala, a habilidade de interagir e contribuir para a conversação.

Para finalizar a análise, falamos sobre o poder de viralização dos memes, sobre o uso da foto da “Garota desastre” em outros e novos contextos e, assim, eles definiram esse gênero. Os memes são textos criados a partir de ideias e informações que se destacam no cotidiano, compondo discursos diversos e que, ao serem compartilhados, podem tornar conhecidos e viralizar nas redes sociais e aplicativos.

E, dessa forma, listamos no quadro 11 algumas características desse gênero discursivo digital, a saber:

QUADRO 13 – Características do Gênero Discursivo Virtual Meme

Características do Gênero Discursivo virtual Meme
<ul style="list-style-type: none"> • Maneira de expressar um ponto de vista, manifestar um pensamento; • É capaz de instigar o leitor a analisar, julgar, refletir aperfeiçoar seu julgamento quanto ao mundo e mergulhar num mundo repleto de várias linguagens. • Manifesta-se de forma individual, mas sua existência depende da coletividade; • Pode tornar-se vários, viralizar; • Articula diversos modos semióticos, ou seja, combinam informações verbais e visuais; • São característicos do ambiente virtual, no entanto, podem aparecer em outros ambientes; • Emprego predominante da linguagem informal; • Apresenta intencionalidade; • Apresenta outros discursos além do discurso humorístico; • Trata de um acontecimento atual; • Faz analogias; • Propaga por meio da repetição de ideias.

Fonte: dados da pesquisa.

Após elencarmos no quadro estas características, pedimos que analisassem o conceito proposto por SILVA (2016). Os memes,

podem ser formados por imagens, por figuras, fotografias, frases, palavras-chaves ou qualquer outro elemento que apresente um conteúdo irônico ou humorístico que se propague ou se replique na rede. Surgem, replicam-se e transformam-se na rede em uma velocidade impressionante, o que nos permite compará-los a um vírus que se espalha de forma epidêmica, contaminando um número impressionante de pessoas. (SILVA, 2016, p. 342).

Dialogamos ainda sobre o poder dos memes, que podem reproduzir ou representar uma situação, proporcionar uma reflexão, questionar ou dificultar uma situação. Concluimos as atividades deste bloco organizando o trabalho para socialização da proposta com os pais, mães e ou responsáveis. Definimos os grupos e as ações que precisariam ser realizadas:

1. definição dos slides para apresentação;
2. apresentação do trabalho;
3. assessoria com os recursos audiovisuais;
4. avaliação do momento.

5.1.6.1 Relato do momento de interação entre os participantes da pesquisa

Definimos que na apresentação, seguiríamos os seguintes passos: apresentação dos objetivos do encontro; apresentação da foto da “Garota desastre”, análise dos elementos que compõem a foto e apresentação da história; análise de outros memes, reflexão sobre o compartilhamento dos textos nas redes sociais e aplicativos e reflexão sobre o trabalho realizado com a turma.

Nesse encontro, contamos com a participação de 17⁴³ pais, mães e/ou responsáveis e explicamos que nosso objetivo é discutir com pais, mães e/ou responsáveis a prática de compartilhamento de memes nas redes sociais e aplicativos e as representações que são construídas nos memes que têm a criança como participante principal e refletir sobre os efeitos do trabalho de leitura de memes desenvolvido com os filhos deles.

Leitura e análise de Memes



A seguir, apresentamos o primeiro slide com meme da “Garota Desastre” e num clima de diálogo, analisamos quem era a participante, o que compunha o meme, o que imaginavam, como caracterizavam a participante.

⁴³ Participaram desse momento de socialização dois pais que não participaram da entrevista semiestruturada realizada no início de desenvolvimento da proposta.

Os pais, mães e responsáveis participantes, aos poucos, foram participando. Um pai comentou que a imagem da casa pegando fogo para a menina era algo diferente.



Também tivemos outros pais descrevendo a ação dos bombeiros e a casa queimando, disseram também que a menina pode ter tirado uma selfie para mostrar o que estava acontecendo. Dando sequência, apresentamos a história da menina que se tornou meme e foi nomeada “Garota desastre”.



Durante esse momento, alguns pais comentaram que era um absurdo, que nas redes sociais as pessoas, às vezes, são más, agem sem pensar no que estão falando. Apresentamos que uma das características do meme é viralizar e mostramos que eles tratam de assuntos da nossa realidade. O assunto do primeiro meme foi logo reconhecido por alguns pais, que falaram das Torres Gêmeas, do

ato terrorista. Falamos da representação da criança no meme e nos outros três memes. Tratamos dos discursos articulados ao meme de adultização, inversão de valores e intolerância na infância. Os pais relataram que é difícil perceber isso, que, muitas vezes, só olhamos para o humor, que é engraçadinho. Uma mãe comentou que nem pensou na imagem de maldade da criança, porque criança “é criança, elas não têm maldade que nós adultos, às vezes, temos”. Para finalizar, descrevemos, a seguir, a avaliação feita pelos pais a partir de um questionário aplicado no final do encontro.

5.1.7 Relato de aplicação e análise dos resultados das atividades do Bloco G

Nesta subseção, relatamos a avaliação feita pelos participantes da proposta de leitura e análise crítica de memes e as nossas reflexões sobre a aplicação desse protótipo. O primeiro relato traz a análise dos pais, mães e/ou responsáveis participantes da proposta e o segundo, a análise dos alunos participantes. Por último, apresentamos nossas reflexões.

5.1.7.1 Reflexões dos pais, mães e/ou participantes da proposta aplicada

Na primeira pergunta do questionário aplicado aos pais, questionamos se os filhos haviam comentado a respeito dos cuidados ao compartilhar mensagens nas redes sociais e aplicativos. A maioria dos pais responderam de forma afirmativa, conforme excertos a seguir:

(78) A. falou sobre o trabalho e às vezes comenta os textos que recebe e diz que alguns não tinham necessidade de terem sido compartilhados. (Questionário, 08/07/17, MP1)

(79) Ele disse que os memes que recebe no celular às vezes têm mensagens ocultas e preconceituosas (Questionário, 08/07/17, MP4).

(80) Nós precisamos ter cuidado com o que compartilhamos nas redes sociais (Questionário, 08/07/17, MP9).

(81) Ela disse que hoje em dia os pais usam os filhos nas redes sociais para obter ganho com dinheiro e abusam da infância delas (Questionário, 08/07/17, MP17).

Indagamos se haviam percebido alguma mudança na forma como os filhos recebem e compartilham mensagens nas redes sociais e aplicativos nos últimos meses. A maioria das pais, mães e/ou responsáveis responderam que perceberam sim uma redução nos compartilhamentos, e que houve conscientização com relação às imagens; que passaram a prestar mais atenção no que recebem e enviam. A MP21 disse que o filho sempre fora cuidadoso no uso da internet, pois conversa com ele sobre o assunto em casa.

Quanto à pergunta “Se ficaram mais atentos ao que compartilham nas redes” todas as respostas foram afirmativas.

A MP1 avaliou o assunto tratado na proposta como importante para os adolescentes, e que é necessário promover ações e reuniões pois, “correria do dia a dia impede a gente até de conversar sobre o assunto”. A MP6 disse ser “muito bom o projeto, ficaremos mais atentos com os nossos filhos, observando e dialogando, ficaremos mais perto deles”. A MP8, por sua vez, disse assim “gostei muito. O respeito deve ser um assunto muito abordado em casa. Precisamos conscientizar nossos filhos sobre essas atitudes que podem parecer brincadeira, mas ofendem o próximo”.

A MP28 comentou que esses encontros são muito importantes, pois abordam assuntos da nossa realidade. E a MP18 disse ter amado o projeto, que acompanhou com a filha. Um dos pais participantes disse que a mãe é quem mais acompanha a filha, e que a mãe é quem deveria responder o questionário. Comentou que foi

importante pelo que avaliou no momento de interação e que é importante esse trabalho “diálogo pouco com ‘P11’ sobre o assunto, mas vou procurar melhorar”.

Observamos a partir desse trabalho, que os pais, mães e/ou responsáveis percebem a importância de estabelecer um diálogo com o(a) filho(a), que serão mais cuidadosos com a prática de compartilhamento de textos nas redes sociais e aplicativos.

Após o desfecho desse momento, uma das mães aguardou para conversar conosco junto com o filho. Ela queria agradecer porque estávamos ajudando-a a fazer com que o filho repensasse a atitude de curtir algumas publicações da namorada e no diálogo, o aluno participante percebe que a avaliação dos pais da garota quanto à atitude dele pode não ser a ideal e disse que iria pensar melhor antes de fazer suas postagens.

Sabemos que muitas ações dos jovens são impensadas, realizadas no imediatismo, principalmente ao utilizar as redes sociais, pois são levados a não perder tempo em avaliar o que escrevem, o que compartilham.

À vista disso e após o desenvolvimento da proposta, para analisar os possíveis efeitos do trabalho desenvolvido na visão que os alunos e alunas têm da representação da criança nos memes, fizemos uma entrevista semiestruturada com os alunos e alunas participantes. A seguir, relatamos se houve alguma mudança no modo como leem e compartilham memes nas redes sociais e aplicativos.

5.1.7.2 Reflexões dos alunos participantes da proposta aplicada

Em relação a primeira pergunta “O trabalho com o gênero meme provocou alguma mudança quanto à maneira de você compartilhar mensagens em redes sociais e aplicativos?”, responderam:

(82) Participante: sim, eu consigo observar mais, antes eu só olhava e via o que estava escrito e pronto não muito a imagem, mas, a partir do dia da aula do *Meme*, né? eu comecei a prestar mais atenção, ver as imagens, o que tá passando, a pessoa que tá na imagem. (Entrevista, 11/07/17, P3)

(83) Participante: ... mudou tipo, porque agora eu estou vendo de modo diferente porque aquele *Meme* pode afetar alguma pessoa, tipo que, éh, pode ser... tá sendo usado de forma errada, tipo a pessoa tira uma foto e aí a pessoa não quer que usa aquela foto, mas algumas pessoas tipo faz tiragem dessa foto e pode até ofender essa pessoa. e tipo também, eu agora tô prestando mais atenção na forma, tipo de ver os *Memes*; agora tipo, não tá tendo tanto *Gafs* quanto tinha antes...um discurso igual, tipo éh, um discurso contra *Homossexual*, hoje eu não

acho mais graça, porque eu tô percebendo tipo, que aquilo pode afetar até a criança, que a criança pode tipo éh, quer ser adulto até não respeitando os pais, tipo isso (Entrevista, 11/07/17, P10).

(84) Participante: eu acho que sim, eu já tinha esse cuidado antes, mas eu acho que agora eu tenho mais ainda porque tem coisas que a gente não deve compartilhar com todo mundo, a gente tem que pensar antes de compartilhar algumas coisas, algumas fotos, alguns *Memes* também, depende da pessoa (Entrevista, 11/07/17, P18).

(85) Participante: acho que sim. ah, é meio que tipo um estudo né? como tipo, antes de começar o projeto a gente não tinha essa noção, a gente só lia e se achava legal compartilhava e se não achava legal não compartilhava. aí, a gente teve o estudo e tudo, agora, tipo: é como se a gente visse com outros olhos, a gente lê, aí a gente analisa tipo: a maioria das coisas que a gente vê naquele *Meme* a gente analisa, aí se for adequado, se tiver dentro dos padrões a gente compartilha, se não tiver a gente só olha (Entrevista, 11/07/17, P22).

Ao analisar as falas dos participantes, percebemos que o impacto do trabalho foi significativo e causou mudanças. Os alunos analisam a importância de pensar no que compartilhar, que os leitores de sua mensagem podem analisá-la de maneira diferente, deixam evidente que muitas mensagens são compartilhadas porque não há uma leitura crítica conforme excertos 82, 83, 84 e 85. Expressam também a maneira de como compartilhavam os textos multissemióticos antes da proposta e depois. No quadro a seguir, percebemos essas atitudes dos participantes.

QUADRO 14 – Análise de ações dos participantes antes e depois da proposta aplicada

Mudança de atitude ao participar da proposta	
Ações dos participantes antes da proposta	Ações dos participantes após o desenvolvimento da proposta
(82) “Eu só olhava e via o que estava escrito e pronto não muito a imagem” (P3).	“eu comecei a prestar mais atenção, ver as imagens, o que tá passando, a pessoa que tá na imagem” (P3).
(83) P10 a partir de seus dizeres mostra que não refletia sobre os temas abordados nos memes.	“agora eu estou vendo de modo diferente”, “tô prestando mais atenção na forma”, “um discurso contra homossexual, hoje eu não acho mais graça, porque eu tô percebendo tipo, que aquilo pode afetar até a criança” (P10).
(85) “antes de começar o projeto a gente não tinha essa noção, a gente só lia e se achava legal compartilhava e se não achava legal não compartilhava” (P22).	“agora, tipo: é como se a gente visse com outros olhos, a gente lê, aí a gente analisa tipo: a maioria das coisas que a gente vê naquele <i>Meme</i> a gente analisa, aí se for adequado, se tiver dentro dos padrões a gente compartilha, se não tiver a gente só olha” (P22).

Participante passa a ter mais cuidado e atenção para compartilhar	
Ações dos participantes antes da proposta	Ações dos participantes após o desenvolvimento da proposta
(84) “eu acho que sim, <u>eu já tinha esse cuidado antes</u> ” (P18)	(84) mas eu acho <u>que agora eu tenho mais ainda</u> porque tem coisas que a gente não deve compartilhar com todo mundo, a gente tem que pensar antes de compartilhar algumas coisas, algumas fotos, alguns <i>Memes</i> também, depende da pessoa (Entrevista, 11/07/17, P18).

Fonte: dados da pesquisa.

É perceptível que os participantes mostram em seus dizeres que não tinham critérios para compartilhar, que após a proposta de leitura e análise de memes já têm um outro olhar em relação à maneira de compartilhar e curtir nas redes sociais e aplicativos: “é como se a gente visse com outros olhos”, diz a P22; “a partir do dia da aula do *Meme*, né? eu comecei a prestar mais atenção” relata o P3; “agora eu tenho mais ainda,” conta P18 e “antes de começar o projeto a gente não tinha essa noção”, diz P22 e conclui a P10 “agora eu estou vendo de modo diferente”.

Ao solicitar que falassem a respeito da importância de aprendermos a administrar o que compartilhamos e como o compartilhamos num mundo cada vez mais conectado, obtivemos as seguintes respostas:

(86) Participante: é importante porque eu comecei a analisar melhor os meios que eu via e queria compartilhar, porque se a gente não prestar atenção no que a gente tá compartilhando a gente pode denegrir a nossa imagem, a imagem de outras pessoas e fazer mal a nós ou aos que estão vendo, pode ser ofensivo (Entrevista, 11/07/17, P2).

(87) Participante: Foi muito importante presta atenção e ver que dependendo do que publico pode ter uma repercussão, pode causar às vezes uma confusão, né? alguém pode ver e não gostar, pensar que é uma indireta ou não. ai pode chegar a acontecer qualquer coisa, né? às vezes, a gente... é bom né? pra gente entender. pra tá mais ligado pra ver o que pode e o que não pode tá publicando assim (Entrevista, 11/07/17, P4).

(88) Participante: eu acho que é porque hoje em dia as pessoas elas estão postando qualquer coisa, então eu acho que com esse trabalho a gente pode acabar postando sim várias coisas mais com fundo com alguma coisa que importa (Entrevista, 11/07/17, P5).

(89) Participante: sim tipo, tem um grupo de... aquelas pessoas que fazem *Meme*, éh tipo pra elas se conscientizar tipo pra não fazer esses *Memes* de *Homossexualidade*, éh, que tem *Racismo*, que desmerece o outro. (Entrevista, 11/07/17, P10).

(90) Participante: porque têm pessoas que compartilham coisas íntimas e tem que ter cuidado porque tem pessoas que espalha pra todo mundo (Entrevista, 11/07/17, P12).

(91) Participante: porque quanto mais pessoas conectadas éh, tem mais risco de... éh, alguém colocar alguma coisa na *Internet* errada e não sei o que, e muitas pessoas julgam isso também, então, quanto mais pessoas informadas e sabendo dos riscos e colocando só as coisas

realmente devidas eu acho que é bem melhor... bem melhor pra todo mundo (Entrevista, 11/07/17, P14).

(92) Participante: éh acho que sim sobre a auto-imagem e uso da imagem de vários bebês né? pra falar até coisas assim que nem da idade deles são. pra falar algumas besteiras usando a auto-imagem deles, ah isso é feio! sim, porque a gente compartilha de uma forma que a gente entende e as outras pessoas entendem outra, então tem sempre que ver o que tá compartilhando antes pra não dar outra coisa (Entrevista, 11/07/17, P17).

(93) Participante: sim. o ponto de vista transformaria uma forma de ver as coisas na *Internet*. (Entrevista, 11/07/17, P22).

(94) Participante: porque assim, elas não vão compartilhar qualquer besteira que venha na Internet, coisas que às vezes, são até obscenas e elas não percebem, acho que é importante por isso (Entrevista, 11/07/17, P23).

(95) Participante: sim, eu acho que sim, porque muita gente compartilha muita besteira assim, coisas que não têm nexos, acho que tem gente que se sente incomodado com algumas publicações (Entrevista, 11/07/17, P24).

Em suas respostas, os participantes afirmam que antes não tinham a percepção dos discursos que estão articulados nos memes, podendo ofender, magoar, ferir o outro de acordo com os excertos 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94 e 95. Os alunos avaliaram o que diz a P14 “quanto mais pessoas informadas e sabendo dos riscos e colocando só as coisas realmente devidas eu acho que é bem melhor... bem melhor pra todo mundo” e analisaram as consequências de tal atitude, conforme mostramos no quadro abaixo.

QUADRO 15 – Consequências da ação de curtir e compartilhar nas redes sociais

Consequências
(86) “a gente pode denegrir a nossa imagem, a imagem de outras pessoas e fazer mal a nós ou aos que estão vendo, pode ser ofensivo” (P2).
(87) “alguém pode ver e não gostar, pensar que é uma indireta ou não”(P4).
(92) “a gente compartilha de uma forma que a gente entende e as outras pessoas entendem outra, então tem sempre que ver o que tá compartilhando antes pra não dar outra coisa” (P17).
(94) “muita gente compartilha muita besteira assim, coisas que não têm nexos, acho que tem gente que se sente incomodado com algumas publicações” (P24).

Fonte: dados da pesquisa.

Propor essas discussões em sala de aula foi muito relevante para que os alunos percebessem o que diz o P4 “com esse trabalho a gente pode acabar postando sim várias coisas mais com fundo com alguma coisa que importa”. Alguns alunos ainda comentaram durante a entrevista que esse trabalho com os memes deveria acontecer com todas as turmas e com todos os pais. Reafirmamos, assim, o que recomenda os PCN na formação de um leitor que consiga perceber não só que está explícito, mas leia implicitamente e estabeleça relações com o mundo a sua volta.

Desse modo, podemos perceber maior cuidado dos participantes em relação à maneira de curtir e compartilhar nas redes sociais e aplicativos, demonstram estar mais atentos, ter um olhar mais crítico para os textos multissemióticos, compreender a relevância das multissemioses na construção dos textos, o que fica evidente nos trechos dos excertos indicados no quadro a seguir:

QUADRO 16 – Um olhar mais crítico por parte dos participantes

Olhar mais crítico ao analisar os memes
(82) “eu comecei a prestar mais atenção, ver as imagens, o que tá passando, a pessoa que tá na imagem” (P3).
(83) “tá sendo usado de forma errada, tipo a pessoa tira uma foto e aí a pessoa não quer que usa aquela foto, mas algumas pessoas tipo faz tiragem dessa foto e pode até ofender essa pessoa. e tipo também, eu agora tô prestando mais atenção na forma” (P10).
(84) “a gente tem que pensar antes de compartilhar algumas coisas, algumas fotos, alguns <i>Memes</i> também, depende da pessoa” (P18).
(92) “é acho que sim sobre a auto-imagem e uso da imagem de vários bebês né? pra falar até coisas assim que nem da idade deles são. pra falar algumas besteiras usando a auto-imagem deles, ah isso é feio!” (P17).

Fonte: dados da pesquisa.

Os alunos ao participar da proposta, conseguiram repensar sua postura e refletir antes de curtir e compartilhar nas redes sociais e aplicativos.

Após analisarmos a avaliação realizada pelos pais, mães e alunos e alunas participantes deste estudo, também registramos nossas reflexões quanto à elaboração e ao desenvolvimento da proposta de leitura e análise crítica.

5.1.7.3 *Nossas reflexões sobre a proposta aplicada*

Acreditamos que é, extremamente, significativo avaliarmos o caminho que trilhamos na elaboração e no desenvolvimento da proposta de leitura e análise crítica que apresentamos.

No início desse percurso, a partir de diversas leituras, iniciamos a elaboração de uma proposta de leitura e análise crítica que almejava instigar nossos estudantes a um melhor desempenho no tocante à leitura.

Vários fatores foram observados para essa composição. O primeiro deles, a forma como nossos alunos e alunas se relacionam com as redes sociais. Já observávamos que muitos textos compartilhados nas redes sociais e aplicativos expunham diversos problemas sociais e que, nem sempre, eram percebidos pelos estudantes. Sentíamos, assim, a necessidade deles se apropriarem desses textos para perceberem a fragilidade a que muitos participantes se apresentam nesse espaço.

Assim, percebemos o poder do gênero discursivo virtual meme que, nem sempre, é contemplado como conteúdo escolar. Observamos diversos discursos materializados nas falas e ações dos participantes dos memes e avaliamos a importância de discutir com nossos alunos e alunas como a infância é construída, como as mudanças sociais e os meios de comunicação interferem na concepção da infância que está tão próxima da concepção de adulto.

Desse modo, fomos passo a passo constituindo nossa proposta de leitura e análise crítica de memes que têm a criança como participante principal. Essas definições aconteceram conjuntamente a processos de leituras, discussões, análises, conhecimento de teorias e definições de quais teorias seriam articuladas em nossa proposta. Não foi um processo fácil, mas avaliamos que foi motivador perceber que é possível pensar em diferentes caminhos para o ensino de leitura.

Nesse sentido, o Profletras nos proporcionou um crescimento não só acadêmico, mas pessoal porque nos fez refletir sobre nossas ações, aproximou-nos de teorias e metodologias, mostrando possibilidades de transformarmos nossa prática de ensino.

Julgamos que, aliar teoria e prática e articular as teorias nas quais nos embasamos para a análise das representações da criança construídas nos memes sem usarmos termos técnicos para os alunos compreenderem e, também, para que

outros professores que supostamente não têm conhecimento da base teórica e metodológica também a utilizasse, foi um desafio. Mas consideramos também como um grande estímulo a novas leituras e à participação em grupos de estudos na UFU e na UnB dedicados a essas teorias, a escolher e analisar novas maneiras de realizar nosso fazer pedagógico, contribuindo assim para que nossos alunos se apropriassem de conhecimentos que enriquecessem o seu universo cultural e, também que pudessem agir como leitores críticos, atuantes e reflexivos.

Percebendo a relevância deste trabalho não só para nossos alunos, mas para as famílias, decidimos integrá-las ao projeto e avaliamos que essa decisão foi positiva porque percebemos que muitos pais, mães e/ou responsáveis que não se preocupavam em dialogar com seus filhos sobre as redes sociais e aplicativos, passaram a repensar essa prática e a acompanhá-los.

Outro ponto que destacamos positivo na realização da proposta foram os recursos para coleta e geração de dados. Destacamos o questionário estruturado fechado por meio do *Google Docs*, que permitiu uma análise mais rápida dos dados; a gravação das aulas e das entrevistas, que nos proporcionou observar detalhes das falas dos participantes, levando em conta suas crenças e valores; e os registros em notas de campo, permitindo que descrevêssemos momentos dessa experiência com os participantes da pesquisa.

No entanto, avaliamos que o questionário que utilizamos no encontro com os pais para discutir a prática de compartilhamento de memes nas redes sociais e aplicativos e as representações que são construídas nos memes que têm a criança como participante principal e refletir sobre os efeitos do trabalho de leitura de memes desenvolvido com os filhos deles, não foi a melhor escolha. Percebemos que foram sucintos em suas respostas, não proporcionando o mesmo teor de dados que a entrevista semiestruturada nos possibilitou.

Apesar de vivenciarmos diversas situações desafiadoras na elaboração e desenvolvimento desta proposta, podemos afirmar que a partir dos resultados obtidos, torna-se gratificante perceber que nossos objetivos foram alcançados, que conseguimos ao desenvolver esta pesquisa, que alunos, alunas, pais, mães e/ou responsáveis refletissem e repensassem a maneira como se relacionam nas redes sociais, como curtem e compartilham textos que têm a criança como participante principal. Também percebemos que os alunos mudaram a maneira de observar o meme, a entender que se trata de um gênero discursivo virtual, que tem

especificidades e que, ao analisá-lo, é preciso considerar as diversas semioses que o compõem.

Por fim, destacamos, nesta pesquisa, a interação família e escola, o diálogo que promovemos em sala de aula, entre filhos e pais, capaz de proporcionar mudanças. Sentimos como descreveu Paulo Freire (1998, p. 94-95), “Eu sou um professor orgulhoso da beleza da minha prática docente” porque acreditamos que conseguimos proporcionar o conhecimento a alunos, alunas, pais, mães e/ou responsáveis por meio da proposta de leitura e análise crítica que construímos e desenvolvemos.

Temos, assim, a certeza de que trilhamos o caminho certo na elaboração e no desenvolvimento desta proposta e que a escolha do gênero discursivo virtual foi realmente adequada, porque faz parte do contexto dos nossos alunos. Também acreditamos que conseguimos favorecer a promoção de habilidades importantes para que refletissem sobre as diversas representações construídas por meio dos textos multissemióticos nas redes sociais e aplicativos e, assim, analisassem os efeitos delas no modo como representam o mundo.

Dessa forma, consideramos uma proposta expressiva para que novas outras sejam construídas e desenvolvidas como meio de superarmos obstáculos e minimizarmos diversos problemas advindos de nossa modernidade.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi motivada por um problema que não é só escolar, é social, e tem também um viés semiótico: analisar e discutir as representações das crianças, construídas em memes compartilhados em redes sociais e aplicativos.

Considerando o quanto é comum a prática de curtir e compartilhar esse gênero discursivo virtual, sem analisar os efeitos deles no modo como representamos o mundo e, especialmente, a criança, filiamo-nos aos aportes da Análise de Discurso Crítica, que preconiza que, por meio da análise de um problema no discurso, podemos sugerir formas de ação, contribuindo com a transformação social. Exploramos, assim, a articulação interdisciplinar entre a ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003), a pedagogia de multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2006, 2008; ROJO, 2012, 2013; ROJO; BARBOSA, 2015) e a GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) para analisar e descrever representações construídas por meio do discurso e os recursos por meio dos quais elas se materializam.

Nesse sentido, estruturamos essa pesquisa com o objetivo de elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante principal a criança, com foco na representação discursiva e semiótica desse participante.

Para atingir esse objetivo, realizamos uma seleção de memes que tratam de uma realidade preocupante na infância: a adultização, a sensualidade, a erotização, a inversão de valores e a intolerância. Adotamos uma triangulação de dados resultantes de entrevistas, questionários, gravações de aulas, registros em notas de campo.

Inicialmente, tomamos como objeto de estudo, as representações construídas da criança, por percebermos que, na contemporaneidade, ela é representada vivenciando experiências e comportamentos que não são próprios da infância, distanciando-se do mundo da fantasia, da brincadeira, da inocência.

Nosso próximo passo foi integrar as TIC ao ensino, por haver uma carência no que diz respeito à integração delas aos conteúdos ensinados nas escolas e por

fazerem parte do dia a dia de nossos alunos, dos pais, mães e/ou responsáveis, da escola. Impulsionados pelas TIC, passamos a conviver com mais pessoas, com uma diversidade de recursos semióticos e, conseqüentemente, com uma variedade de gêneros discursivos que exigem de nós diversas habilidades. Dessa forma, deparamo-nos também com várias práticas de multiletramentos, ou seja, o letramento além da letra, envolvendo outras semioses.

Avaliamos, então, uma lacuna no que diz respeito a um trabalho de leitura que leve em conta as multissemioses e os diversos gêneros discursivos que se constituem no espaço virtual.

Consideramos os objetivos do Profletras, inovação na sala de aula articulada à reflexão acerca das questões relevantes sobre diferentes usos da linguagem presentes, contemporaneamente, na sociedade, e definimos nossa pesquisa: a representação discursiva da criança em memes: uma proposta de leitura e análise crítica para os anos finais do Ensino Fundamental.

No segundo Capítulo, apresentamos as bases teóricas que sustentam nossa pesquisa, percorrendo sobre o ensino de Língua Portuguesa e os multiletramentos, buscando entender as mudanças no processo de ensino de leitura em busca da formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de participar ativamente de diferentes práticas sociais. Destacamos a pedagogia dos multiletramentos, que propõem um novo olhar para as práticas de leitura na escola, considerando a multiculturalidade e a multimodalidade que constitui os textos. Nessa perspectiva, partimos de uma cultura de referência de nossos alunos e de um gênero conhecido por eles e que acarreta a leitura e o compartilhamento, diariamente.

Notamos, então, a necessidade de um estudo desse gênero discursivo virtual e da importância da integração das TIC ao ensino. Também faz parte desse estudo a ADC, destacando o modelo de análise de Chouliaraki e Fairclough (1999), que propõe uma descrição, interpretação, explicação e reflexão sobre a linguagem, o discurso e as relações sociais. Além disso, também focamos na análise de discurso com base na construção do significado representacional.

Para concluir o capítulo 2, fizemos um diálogo com a GDV, por meio da integração dos diferentes códigos semióticos, que podem influenciar ou determinar comportamentos que também podem ser reproduzidos no discurso.

No terceiro capítulo, apresentamos nosso percurso metodológico, sob a perspectiva da pesquisa qualitativa e apoiados nas atitudes da pesquisa democrática:

ética, de defesa e de fortalecimento dos participantes. Indicamos também os instrumentos que utilizamos para geração e coleta de dados e, também, tratamos dos participantes e do contexto de pesquisa.

No Capítulo 4 apresentamos nossa proposta de leitura e análise crítica de memes que têm a criança como participante social principal. Elaborar essa proposta foi um desafio porque tivemos de pensar em como operacionalizar as teorias sem usarmos termos técnicos para os alunos entenderem, de modo que, um professor mesmo sem conhecê-las, consiga aplicá-la, mas deixamos referências para aqueles que quiserem aprofundar nos termos e caso queiram utilizá-los ao aplicar a proposta. Mas, ao mesmo tempo, foi uma provocação para repensarmos nossa prática pedagógica, para novas leituras, para a apropriação de conhecimento e para nosso enriquecimento cultural e, conseqüentemente, para auxiliarmos nosso aluno em sua formação leitora, para que se torne leitor crítico, atuante e reflexivo.

Finalmente, no quinto Capítulo, apresentamos a análise da proposta de intervenção e análise da aplicação. A análise mostra que é possível pensarmos em diferentes caminhos para o ensino da leitura e da análise crítica, pois durante o desenvolvimento da pesquisa, os alunos mostraram-se mais entusiasmados e participativos, perceberam as especificidades deste gênero discursivo virtual bem como analisaram as representações da criança construídas por meio desses textos, investigando e analisando os recursos por meio dos quais as representações se materializam.

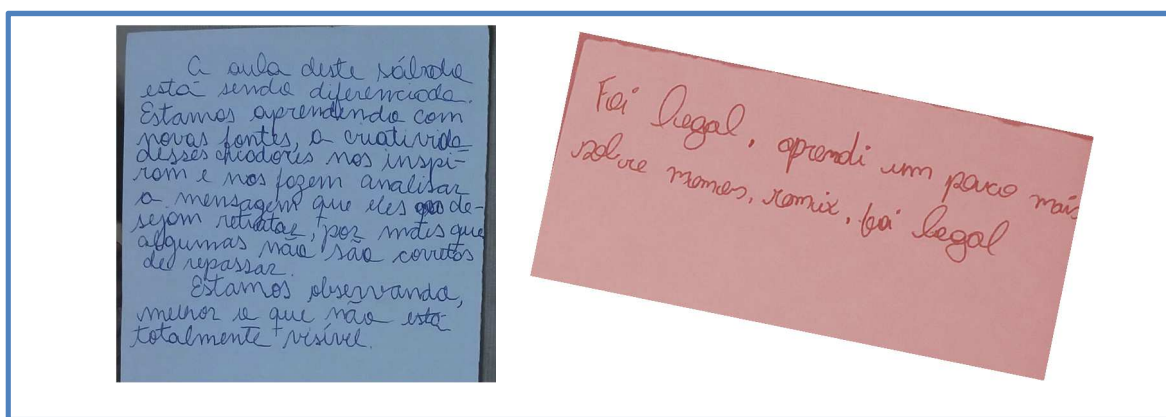
Enquanto construíamos a proposta, inúmeras vezes, pensamos se não seria cansativo tantas atividades explorando os memes, se os estudantes/participantes dariam importância a este gênero discursivo e fomos percebendo o interesse dos alunos pela leitura não só de memes, mas de outros gêneros discursivos virtuais.

De vez em quando, surgiam perguntas como a do P10: “Professora, a senhora curte o *South America Memes*?” (Nota de campo, 18/05/17, P10). Ao explicar do que tratava, não era uma explicação só para a professora, pois a turma também se interessava, ouvia o que o colega comentava.

Era uma verdadeira troca de conhecimentos, porque havia objetivo na leitura, tratávamos de assuntos do mundo deles e além de compreenderem as especificidades do gênero, refletiam sobre as representações construídas da criança e os discursos articulados, observando as diversas semioses que constituíam esse gênero discursivo virtual. Rojo (2013) esclarece que convivemos com uma diversidade

de linguagens e de culturas; logo, é preciso tornar essa prática social de leitura e escrita de textos envolvendo diferentes modos semióticos e que circulam em esferas diferentes da escolar, também uma prática escolar.

Registramos também que outros trabalhos podem ser feitos a partir da nossa pesquisa. É possível trabalharmos memes com outras temáticas, combinar diversas semioses, produzir novos discursos, conectar diversas maneiras de representação, redesenhar significações. Fizemos essa experiência no dia 15/07/17, um sábado letivo – reposição ao período de greve. Combinamos com os alunos trabalhar redesenho, o remix, mesmo não sendo contemplado na proposta. Tivemos apenas três ausências nesse dia e destacamos a avaliação de dois alunos.



Os dizeres dos alunos mostram que têm contato com esses textos, diariamente, por meio das redes sociais e aplicativos, e que estão aprendendo mais sobre o assunto, sobre o qual já tinham um conhecimento prévio: (“aprendi um pouco mais”; “estamos aprendendo com novas fontes a criatividade de criadores e nos inspiram e nos fazem analisar a mensagem [...] por mais que algumas não sejam corretas”) e fazem reflexões críticas a respeito da produção, da distribuição e do consumo de textos multissemióticos cada vez mais crescentes.

Registramos que a aula do Bloco C, texto 1, foi mais agitada, até porque se divertiram com o meme e o vídeo, mas conseguimos a participação e interação, trabalhamos a importância de ouvir o outro, para depois manifestar o ponto de vista.

Já na apresentação dos grupos (Bloco E), percebemos um avanço significativo nos momentos de discussão e interação entre os grupos.

Registramos além dos já expostos no Capítulo 5, alguns outros dizeres dos participantes, durante o desenvolvimento da proposta que comprovam a atenção dos

grupos para os sentidos materializados nos elementos constitutivos do texto, os valores, as ideologias, os discursos e a reflexão para os possíveis efeitos dessas representações: “É importante analisar cada passo de como é feito cada meme, saber o sentido e o que esse tipo de texto quer mostrar.” (Nota de campo, 13/06/17, Grupo: P4, P5, P11, P13 e P17), percebemos o olhar crítico e atento do Grupo para as práticas discursivas: as condições de produção, a distribuição e o consumo dos memes e, também para a prática social. “Ele vê a criança com mesma liberdade e igual a um adulto. Só que nós sabemos que a infância deve ser preservada.” (Nota de campo, 01/07/17, P10); reflexão quanto à representação da criança construídas na opinião do P10, a percepção do discurso de adultização.

Em relação à discussão realizada com alunos, pais, mães e/ou responsáveis, avaliamos que foi um momento muito importante porque percebemos que pais, mães e/ou responsáveis que não tinham diálogo com os filhos quanto ao uso das redes sociais e aplicativos, registraram que teriam mais atenção ao que eles e os filhos compartilham, conforme relatos nas entrevistas e discussões de que nunca tinham parado para pensar no que está por trás dos textos que compartilham nas redes sociais e aplicativos, dizendo que “agora vou ficar mais atento”.

Por fim, durante as aulas, a partir das leituras e das análises realizadas, intencionamos que os alunos participantes percebessem as especificidades do meme. Nesse sentido, no desfecho do desenvolvimento da proposta, conseguimos listar características desse gênero discursivo. Dentre elas, especificaram que o meme é uma maneira de expressar um ponto de vista, manifestar um pensamento que, inicialmente, pode ser particular, mas que, a partir do momento que se espalha e torna-se público é capaz de instigar outros leitores a manifestar também suas ideias. Constataram que esse gênero discursivo virtual pode ser replicado por meio da combinação de informações verbais e visuais dando origem a outros memes, pode viralizar por meio das redes sociais e aplicativos e instigar o leitor a analisar, julgar, refletir e mergulhar num mundo repleto de várias linguagens, além de poder também aperfeiçoar o julgamento do leitor em relação ao modo como representam o mundo. Destacamos que, durante as análises, os participantes observaram que as redes sociais e os aplicativos oportunizam a divulgação, a reprodução e/ou a viralização dos memes.

Resolvemos então, no mês de janeiro (2018), ligar para alguns pais, mães e/ou responsáveis dos participantes da pesquisa e voltar a perguntar sobre a prática de compartilhamento de textos multissemióticos nas redes sociais e aplicativos, especialmente, os memes. Transcrevemos os dizeres da mãe participante 25, que após o momento de discussão (Registro Bloco G, 08/07/17), aguardou com o filho P25 para conversarmos a respeito das postagens do filho. Perguntamos à MP 25 se, após alguns meses da realização da pesquisa, ela percebia mudanças no modo do filho curtir e compartilhar. Ela respondeu: “eu acho que sim, percebo que sim. Ele tá tendo um maior cuidado, procura entender melhor o significado antes de tá compartilhando, mensagem tipo subliminar, entendeu...ele num tá publicando mais tanta coisa assim como era... mas eu tô de olho no que ele tá compartilhando, ele tipo diminuiu...” Perguntei como estava o diálogo entre mãe e filho e ela disse: “Com certeza, hoje tô mais atenta a isso e converso mais com ele”. Avaliamos que essas mudanças acerca das redes sociais e aplicativos e da prática de compartilhamento de textos multissemióticos são efeitos de nossa pesquisa.

Registramos que desenvolver uma pesquisa que integra a tecnologia ao conteúdo, que considera a multissemiose, para a problematização das representações de crianças construídas em inúmeros textos que circulam nas redes sociais e aplicativos e para uma reflexão, por parte de pais, mães e/ou responsáveis e de alunos, acerca da prática de compartilhamento de textos e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância, foi inicialmente uma experiência desafiadora e intensa. Contamos com 28 alunos e alunas participantes e 16 mães participantes, foram muitas análises: entrevistas, questionários, gravações de aulas, encontro com pais, mães e/ou participantes.

Mas acreditamos que isso contribuiu sobremaneira para refletirmos sobre nossas práticas de leitura e análise crítica de textos que levam em conta a multissemiose; para a problematização das representações de crianças construídas em inúmeros textos que circulam nas redes sociais e aplicativos e para uma reflexão, por parte de pais, mães e/ou responsáveis e de alunos e alunas, acerca da prática de compartilhamento de textos e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância. Fomos capazes de fazê-los perceber que os memes podem mostrar diversos discursos além dos considerados, nesta pesquisa, tais como de adultização, sensualidade, erotismo, inversão de valores e intolerância na infância.

Destacamos que as discussões teóricas não se esgotam nesta pesquisa. Intentamos, apenas, contribuir para práticas pedagógicas do ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, especialmente nas turmas do Ensino Fundamental II, que é a realidade em que atuamos. Tivemos como objetivo situar teorias como a da ADC, da GDV, da pedagogia dos multiletramentos na prática. Toda a proposta está entremeada por definições, orientações ao professor, e acreditamos que se concretizou em um material que se soma a outros recursos pedagógicos e que podem ser utilizados para trabalhar os gêneros discursivos em sala de aula, tal como defendem os PCN.

Ressaltamos que um dos fatores que mais nos trouxe a sensação de ter contribuído em práticas de ensino de Língua Portuguesa, é que foi possível contar com um público diversificado, tais como alunos, pais, mães e/ ou responsáveis dos participantes. Dessa forma, a diversidade em sala de aula fez com chegássemos à conclusão de que a pesquisa de leitura e análise crítica pode ser aplicada a qualquer nível da educação básica, bastando apenas adaptações que os docentes considerarem necessárias. Destacamos, também, que trabalhar com a diversidade na esfera escolar tem ligação com a pedagogia dos multiletramentos, teoria trabalhada por nós, na pesquisa, pois o “multi” se refere tanto a uma multiplicidade de linguagem quanto a uma multiplicidade de cultura, que visa favorecer as camadas populares com práticas multiletradas.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philipe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. 280 p.

ALVES, Regysane Botelho Cutrim Alves. **A representação de crianças na publicidade televisiva: uma análise crítico-discursiva de comerciais**. 2017. 255f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. "**Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive**: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". Paris: DRLAV, 1982. p. 91-151.

_____. Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas: UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez.,1990. p. 25–42.

_____. Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____ **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance (1934 -1935). Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. p.71-210.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004. 196 p.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 476 p.

_____. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p.

BARRETO, Krícia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet**: uma interface entre práticas rituais e estudos de face. 2015. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/296>. Acesso em: 10 dez. 2016.

BARROS, Aidil Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida Sousa de. **Fundamentos de Metodologia**: Um Guia para a Iniciação Científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000. 158 p.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 2000. 288 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação popular e pesquisa participante: um falar algumas lembranças, alguns silêncios e algumas sugestões. In: STRECK; Danilo R.;

SOBOTTKA, Emil A.; EGGERT, Edla. **Conhecer e transformar**: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 39-73.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 5º e 8º séries do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>. Acesso em: 18 mar. 2016. 106 p.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. 105 p.

BRENT, Guilherme Rocha. Análise Crítica do Discurso: uma proposta transdisciplinar para a investigação crítica da linguagem. In: LIMA, Cássia Helena Pereira; Pimenta, Sonia Maria de Oliveira; Azevedo, Adriana Maria Tenuta de Azevedo (Org.). **Incursões Semióticas**: Teoria e Prática de Gramática Sistêmico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso. 1. ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009. p. 118-138.

BRYMAN, Alan. **Quantity and quality in social research**. London: Unwin Hyman, 1988. 198 p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de; CARDOSO, Thiago Gonçalves. Memes: os replicadores de informação. **Revista (Con) Textos linguísticos** [recurso eletrônico], Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Vol. 10, nº 16, p. 38-51, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos>. Acesso em: 3 jul. 2016.

CHALMEL, Loic. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. **Educação e Sociedade**, n. 86, v. 25, p. 57-74. Campinas, abril de 2004.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh University Press: Edinburgh, 1999. 168 p.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Org.). **Multiliteracies**: Literacy Learning and the Design of Social Futures. New York: Routledge, 2006. 350 p.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary Language education and multiliteracies. In: HORNBERGER, N. H. (Org.). **Encyclopedia of language and education**, v.1. New York: Springer, 2008. p. 195-211

DANQUIMAIA, Beatriz. **5 motivos para ler O pequeno Príncipe**. Mundo Estranho (online). São Paulo: Editora Abril, 2015. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.co>

m.br/blogs/turma-dofundao/files/2015/11/pequenoprincipe3.png>. Acesso em 25 out. 2017.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. O Homem e a Ciência. Tradução de Geraldo H. M. Florsheim., vol. 7. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Limitada, co-edição EDUSP, 1979. Disponível em: <http://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2014/05/RichardDawkins_O_Gene_Egoista.pdf>. Acesso em 25 out. 2016. 121 p.

DEL PRIORE, Mary. (Org.) **Histórias das crianças no Brasil**. 7. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 444 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre – RS: Artmed, 2006. p. 15–42.

DIAS, Eliana. et al. Gêneros textuais e (ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?. **Revista Interações**. Portugal, v. 7, n.19, p. 142-155, 2011. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/475>>. Acesso em 20 out. 2017.

DIAS, Felipe et al. Memes, Uma Meta-análise: Proposta a um estudo sobre as reflexões acadêmicas do Tema. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Intercom, 2015. p. 145 – 156. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2479-1.pdf>>. Acesso em: 24 de out. 2016.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) **Gêneros textuais reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2011. p. 137–151.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989. 262 p.

_____. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 320 p.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London/New York: Routledge, 2003. 270 p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Técnicas de si e tecnologias digitais. In: SOMMER, L. H.; BUJES, M. I. E. (Org.). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ulbra, 2006. p. 67-76.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FONTANELLA, Fernando Israel. O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera. III Simpósio Nacional ABCiber, 2009, São Paulo. **Anais**

do III Simpósio Nacional da ABCiber. São Paulo: Escola Superior e Marketing, 2009. 16 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/48077247/O-que-e-um-meme-na-Internet-ABCiber-2009>>. Acesso em 10 set 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 46 p.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988. 107 p.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 104 p.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa Participante na América Latina.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 94 p.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole:** o que a globalização está fazendo de nós. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 112 p.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Revista Texto Digital**, Florianópolis, v. 2, n. 12, p.185-208, dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/viewFile/1807-9288.2016v12n2p185/33189>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar.** 2. ed. London. Edward Arnold, 1994. 434 p.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet:** uma perspectiva semiótica. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Repositório Institucional. Universidade de Brasília. Brasília 2015. 191p. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/18420>>. Acesso em: 27 de maio 2016.

KARWOSKI, Acir. Mário.; GAYDECZKA, Beatriz.; BRITO, Karim. Siebeneicher (Org.) **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005. 207p.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Sílvia. **Leitura e interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 2008. 192 p.

KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. A representação imagética da criança nos vários processos históricos sociais e sua identidade ameaçada pela cultura globalizada. 2010. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 3, n. 2, p.1-11, jun. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74382>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN Theo. **Reading Images:** the grammar of visual design. Second edition. London: Routledge, 2006. 291 p.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalho em linguística aplicada**, Campinas, vol. 49, n.2, p. 455-479, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645275>. Acesso em: 18 jun. 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, 1999. Disponível em: <https://mondonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2016. 246 p.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo, Editora Loyola, 2003, 212 p.

LIMA, Cássia Helena Pereira; Pimenta, Sonia Maria de Oliveira; Azevedo, Adriana Maria Tenuta de Azevedo (Org.). **Incursões Semióticas: Teoria e Prática de Gramática Sistemico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009. 320 p.

LIMA, Maria Cecília de. Discurso sobre gênero e identidade. In: OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de. (Org.). **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise de discursos crítica**. São Paulo: Cortez, 2014. p.63-109.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. Tempo contratempo, ou a sociedade hipermoderna. São Paulo: Barcarolla, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/349043721/LIPOVETSKY-Gilles-Os-Tempos-Hipermodernos-pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.

LISBOA, Loraine Vidigal. **Memes jurisprudência no facebook do STJ: a construção dialógica de um gênero verbo-visual**, 2015. Dissertação de mestrado.107f. Universidade Federal de Goiás, Regional de Catalão. Disponível em http://proped.pro.br/teses/teses_pdf/2006_1-205-DO.pdf. Acesso em: 17 mar. 2016.

LOTMAN, Iuri. Acerca de la semiosfera. In: **La Semiosfera**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996, p. 21-42.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. **“Você tem face?” Sobre crianças e redes sociais online**. 2014. 296 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://proped.pro.br/teses/teses_pdf/2006_1-205-DO.pdf. Acesso em: 27 de jun. 2016.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Aproximações entre a concepção de alfabetização de Paulo Freire e os novos estudos sobre Letramento. **ABALF – Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória, ES, v. 1, n. 1, p. 227- 236, jan./jun. 2015.

MAGALHÃES, Izabel. (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. 312 p.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora UNB, 2017. 260 p.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005. 138 p.

NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 130 p. Disponível em: https://archive.org/details/ilhem_20150321_1947. Acesso em: 22 ago. 2016.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. **Os gêneros do humor no ensino da língua portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. 399 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de. (Org.). **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise de discurso crítica**. São Paulo: Cortez, 2014. 252 p.

OTTONI, Maria Aparecida Resende (Org.). **O Portal do Professor: contribuições e implicações para o ensino de língua portuguesa na educação básica**. Curitiba, 2016. 242 p.

OLIVEIRA, M Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. 232 p.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**, C. Hartshorne and P. Weiss (eds.), vols. 1-6. Cambridge: Harvard University Press, 1958.

PELLICCIOLI, Eduardo Cavalheiro. Representação da criança brasileira na prática social. In ZANELLA, AV., et al.(Org.). **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 205-209. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-00.pdf>. Acesso em: 27 de maio 2016.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe. A criança e o adolescente, representações sociais e processo constituinte. **Psicologia em Estudo** [online]. 2004, vol.9, n.3, pp.343-355. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a02.pdf>. Acesso em: 27 de maio 2016.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. São Paulo: Pontes Editores, 2011/2016. 194 p.

REPORTAGEM revela quem está por trás dos memes que circulam na internet. **G1**, Rio de Janeiro, 28 maio 2017. Fantástico, s/p. Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/05/reportagem-revela-quem-esta-por-tras-dos-memes-que-circulam-na-internet.html>. Acesso em: 29 de maio 2017.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006. 158 p.

ROJO, Roxane Helena. Textos multimodais. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita par educadores**. Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. p. 1. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em: 14 de ago. 2016.

ROJO, Roxane Helena; BARBOSA, Jaqueline, **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152 p.

ROJO, Roxane Helena (Org.). **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 215 p.

ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

ROJO, Roxane Helena. Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagens na escola. In ROJO, Roxane, Helena; MOURA, Eduardo. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROJO, Roxane Helena. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000. 248 p.

ROSA, Ismael Ferreira. **Identidade e gênero nas imagens carnavalescas do corpo infantil na hodiernidade**: o pre(texto) da infância em posts do Facebook. 2015. Trabalho apresentado no III CID – III Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Grupo de Pesquisa O corpo e a Imagem no Discurso: Gêneros Híbridos, Uberlândia 2015. Não publicado. Acesso em 15 de abr. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na educação**. São Paulo, Editora Paulus, 2013, 359 p.

_____. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. 468 p.

SATO, Denise Tamaê Borges; JÚNIOR, José Ribamar Lopes Batista. (Org.) **Contribuições da análise de discurso crítica no Brasil: uma homenagem à Izabel Magalhães**. Campinas, SP: Pontes Editores, v. 5, 2013. 402 p.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação e sociedade na era da informática**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. 96 p.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo

Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Walden Two**. New York: MacMillan, 2005, 301 p.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014. 124 p.

SILVA, Ananias Agostinho da. Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. **Revista Travessias**, v. 10. n.3. p. 341-361. 2016. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view9>. Acesso em: 20 jan. 2017.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotics**. Routledge: London/New York, 2005. 320 p.

_____. **Discourse and practice**: new tools for critical discourse analysis. Oxford studies in sociolinguistics, 2008. 184 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1996. 350 p.

APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada com os alunos participantes

Participante 1

Participante1: A

Entrevistadora: quantos anos?

Participante 1: treze.

Entrevistadora: já aconteceu algum diálogo seu com seus pais ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar nas *Redes Sociais e Aplicativos*?

Participante 1: já coisas assim, minha mãe, é... ela pediu pra eu tomar cuidado com o que eu vou postar, ela sempre fala muita coisa... coisas que eu tenho que postar, entendeu? mas, nada muito sério assim de conversa não.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo que foi postado por você e se arrependeu do que você postou?

Participante 1: não.

Entrevistadora: nunca aconteceu?

Participante 1: nunca aconteceu comigo.

Entrevistadora: você pensa muito bem antes de postar.

Participante 1: eu penso duas vezes antes de postar aquela foto, se compartilho, mas nunca aconteceu comigo não.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos* como *WhatsApp*?

Participante 1: eu não sou muito de compartilhar, então, nunca faço isso de mudar o texto, acho melhor não enviar.

Entr.: [não?] Inf1.: não.

Entrevistadora: qual a finalidade de vocês nas postagens no *Facebook*? Inf1.: [finalidade... como assim?]

Entrevistadora: qual objetivo, por que você faz postagem no *Facebook*?

Participante1: ah, porque às vezes, tipo, eu tiro a foto, acho a foto bonita e vou lá e posto entendeu? ou se não quando eu compartilho algo, éh, que eu quero que os meus amigos riem e curtem também e compartilhem.

Entrevistadora: no *WhatsApp*, vocês acham que a finalidade das postagens ela altera, é diferente compartilhar no *Facebook* e de compartilhar no *WhatsApp*? é diferente postar uma mensagem no *Facebook* e postar uma mensagem no *WhatsApp*, qual a diferença entre um e outro pra você?

Participante 1: ah eu acho, acho que tem diferença no “*Face*”, sei lá acho que você tem mais amigos e aí todos os amigos vêem e no “*Whats*”, às vezes você manda só pra uma pessoa, acho que não é a mesma coisa não.

Entrevistadora: tá, e qual a origem das publicações que você faz ou no *Instagram* ou no *Facebook*? você tem o *Facebook*. Inf1.: [tenho] Entr.: quais são as origens das publicações, você, por exemplo, vai postar: textos que você recebe de amigos, éh ou você mesmo elabora estes textos?

Participante 1: não, na verdade eu não sou muito de publicar coisas no “*Face*” não, eu publico, exemplo, é aniversário aí eu publico “*Feliz aniversário*” pro meu amigo, mas eu não pego, eu mesmo que crio, eu na data de aniversário deles, aí eu que crio, faço um texto pra elas.

Entrevistadora: tá, essas mensagens que você recebe, você já compartilhou em algum momento esse tipo de texto?

Participante 1: já.

Entrevistadora: quando você compartilha esses textos, você compartilha do mesmo jeito ou você faz alguma alteração?

Participante 1: não, não fiz não, compartilhei do jeito que eu peguei, eu compartilhei.

Entrevistadora: éh, ao receber postagens vocês sempre curte essas mensagens ou compartilha?

Participante 1: mensagens que você fala assim, lá do...

Entrevistadora:...que você recebe dos amigos, ou de mensagens que você recebe *WhatsApp*, no *Facebook*, você sempre curte, compartilha, no *WhatsApp* não, né, seria no *Facebook*, curtir e compartilhar, né?

Participante 1: curto dos meus amigos, curto o que eles mandam as coisas que eles publicam sempre curto, curto, curto e compartilho né?

Entrevistadora: e quais os critérios que você tem ao compartilhar as mensagens?

Participante 1: ah, tipo assim, eu vi uma coisa ali engraçada, achei engraçada e não fiquei pensando, fico analisando as coisas não, eu vou e compartilho.

Participante 2

Entrevistadora: quantos anos?

Participante 2: quatorze.

Entrevistadora: já aconteceu algum diálogo de você com seus pais ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar nas *Redes Sociais e Aplicativo*?

Participante2: não eles só conversaram comigo pra eu tomar cuidado, essas coisas, pra postar também.

Entrevistadora: nunca aconteceu nenhuma situação que você tivesse que eles tivessem que falar pra você retirar aquilo lá que foi postado?

Participante2: comigo não, com a minha irmã já. que ela postou uma foto de biquíni e...aí meus pais falaram pra ela tirar.

Entrevistadora:... pediu pra retirar?

Participante2: é

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo que foi postado por você e você se arrependeu do que você postou... já aconteceu isso com você?

Participante2: não.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos*?

Participante2: não.

Entrevistadora: qual a finalidade quando você faz postagens, você tem qual objetivo ao fazer postagem no *Facebook*?

Participante2: divertir meus amigos, espero que gostem do que poste.

Entrevistadora: você faz muitas postagens no *Facebook*?

Participante2: não, na verdade eu nem uso *Facebook* mais, eu uso mais *Instagram* e mesmo assim eu não publico quase nada.

Entrevistadora: no *WhatsApp*, você acha que a finalidade das postagens ela altera, é diferente compartilhar no *Facebook* e de compartilhar no *WhatsApp*?

Participante2: eu não vejo diferença, porque eu não tenho *Facebook*, então quase não publico nada.

Entrevistadora: e do *Instagram*, por exemplo, para o *WhatsApp*, tem diferença pra você, porque você tem o *Instagram*?

Participante2: também não, porque as únicas pessoas que veem o que eu posto são as mesmas pessoas que eu também tenho no *WhatsApp* então, Entr.: [como amigos, né?] Inf2.: é, então, pra mim não muda.

Entr.: [não muda, o que você postar no *Instagram*, você postaria no *WhatsApp*] Inf2.: sim;

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz ou no *Instagram* ou no *Facebook*?

Participante2: eu... ((risos)) Entr.: [você utiliza os textos que alguém compartilha com você] Inf2.: não. publico assim minhas fotos, quando eu quero conversar com alguém vem na minha mente mesmo, eu que crio, então, eu não pego nada de ninguém.

Entrevistadora: quais os critérios que você tem ao compartilhar as mensagens?

Participante2: olhei, gostei, foi.

Participante 3

Entrevistadora: quantos anos?

Participante3: quatorze.

Entrevistadora: já aconteceu algum diálogo seu com seus pais sobre o que se deve publicar nas *Redes Sociais e Aplicativos*?

Participante 3: tipo, quando surgem essas polêmicas, essas coisas na *Internet* que dizem que faz mal pra os adolescentes aí, acontece da minha chegar e falar: - oh, toma cuidado que isso pode acontecer, aconteceu com não sei quem, só.

Entrevistadora: você já se arrependeu de algum conteúdo que foi postado por você?

Participante3: não.

Entrevistadora: não? você escreveu ou postou alguma coisa que se tivesse avaliado bem,

Participante3: ((risos)) não.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos*?

Participante3: não.

Entrevistadora: qual a finalidade que você tem de postar no *Facebook*, você tem o *Facebook*?

Participante3: eu já tive Facebook, hoje não, mas eu tinha.

Entrevistadora: por que abandonou seu *Facebook*?

Participante3: ah, não tava sendo mais tão interessante, acho que podia se tornar um vício também, aí eu preferi optar pelo *Instagram*, *WhatsApp*, sei lá. Entr.: [você tem o *Instagram*?] Inf3: ahamaham.

Entrevistadora: você não tem mais o *Facebook*, mas quando você tinha postava as mesmas mensagens no *Facebook* e no *WhatsApp*?

Participante3: sim, porque no *Facebook* você compartilha coisa com mais pessoas e no *WhatsApp* você manda uma mensagem privada ou algo direcionado pra alguém. Facebook geralmente é pra mais pessoas, você pode até mandar indireta, mas, num... não é a mesma coisa não.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz *WhatsApp*, no *Instagram* ou no *Facebook*?

Participante3: eu prefiro tirar algo da minha cabeça que exponha mais a minha opinião mesmo do que eu pegar de outra pessoa.

Entrevistadora: quando você compartilha mensagens, compartilha do mesmo jeito ou você faz alguma alteração?

Participante 3: não, não faço não. muito raro mudar alguma coisa.

Entrevistadora: mensagens que você recebe no *WhatsApp* e no *Facebook*, você sempre curte, compartilha?

Participante3: eu curto mais do que eu compartilho.

Entrevistadora: e quais os critérios que você tem ao compartilhar as mensagens?

Participante3: se for tipo uma imagem, eu só vou olhar e compartilhar, agora, se for um texto bem elaborado, daí eu vou ler antes de...

Entrevistadora: obrigada.

Participante 4

Entrevistadora: quantos anos você tem?

Participante 4: quatorze.

Entrevistadora: já houve algum momento de diálogo com seus pais a respeito do que publicar nas *Redes Sociais* ou no *Facebook*?

Participante 4: sim.

Entrevistadora: o que foi me conte.

Participante 4: uma foto de capa que eu coloquei que era uma arma e aí ela meio que “xaropou” porque era uma arma, meio que ela não gostou, porque ela achou que eu tava levando pro lado do crime e aonde essa arma tava tinha um monte de foto de caveira, aí ela não gosta muito dessas coisas, aí ela pediu pra eu tirar.

Entrevistadora: sua mãe quem fez isso, quem pediu?

Participante 4: sim. minha mãe.

Entrevistadora: quando você publicou, qual era seu objetivo?

Participante 4: é porque eu gosto muito da *Polícia*, eu não gosto do jeito que eles agem, mas eu queria ser um pra mudar o jeito de ser deles sabe? meio que pra ajudar mais a sociedade pra fazer mais a justiça e não querer botar moral, chegar como eles chegam às vezes gritando ou fazendo alguma coisa dessas, mais passar uma imagem de respeito pro lado deles e ajudar nas coisas de assalto, essas coisas que acontecem assim, queria mudar.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado e você se arrependeu do que postou?

Participante 4: não, nunca cheguei a postar alguma coisa que me fizesse voltar a trás num pensamento assim, meio que pensar e me arrepender, porque eu nunca fui de postar essas coisas assim, eu sempre penso muito antes de fazer as coisas, aí eu nunca fui de postar uma coisa que me fizesse me arrepender depois.

Entrevistadora: e essa postagem que você tinha comentado anteriormente, você não se arrependeu, porque você tinha um outro objetivo? Inf1.: [sim] Entr.: você acha que isso é que fez você não se arrepender?

Participante 4: sim, eu não me arrependo de ter postado, mas como a minha mãe é autoridade sobre a minha vida, ela pediu pra eu tirar, eu fui no momento que ela pediu, eu tirei.

Entrevistadora: você conhece alguém que já postou alguma coisa desagradável? ela ficou arrependida?

Participante 4: não.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos* como *WhatsApp*?

Participante 4: não.

Entrevistadora: qual a finalidade das postagens que você faz no *Facebook*?

Participante 4: às vezes eu meio que pra ajudar alguém ou então pra alcançar pessoas para alguma coisa que eu preciso fazer ou então, mesmo como eu sou da igreja, mesmo pra tentar ajudar alguém, chamar pra ir pra igreja, aí eu mando mensagens, às vezes alguém tá precisando, tá mal ou então precisa mesmo de um apoio, aí eu chego percebo isso e mando uma mensagem meio que indiretamente, eu posto pra todo mundo do *Facebook* ver, mas meio que ela leia e sinta que foi pra ela, aí eu posto.

Entrevistadora: sim. e vamos lá. você acha que a finalidade do *Facebook* é diferente do *WhatsApp*? ela altera, ela modifica?

Participante 4: sim, depende do que é, né? pra ser compartilhado, porque às vezes, é uma coisa mais particular aí a gente vai e compartilha pelo *WhatsApp* porque já é uma coisa mais fácil que já tá no celular é pelo seu número de telefone, já no *Facebook* eu não confio muito de tá conversando com as pessoas alguma coisa importante assim que eu preciso falar, porque eu não sei se ela mesma que tá... mesmo pelo *WhatsApp* pode ocorrer que ela mesma não esteja vendo e possa ser outra pessoa, mas eu acho mais confiável passar pelo *WhatsApp*.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz?

Participante 4: vem mais do meu pensamento mesmo porque eu não gosto de ficar pegando as coisas assim dos outros, eu gosto mais de pensar e escrever e botar o que eu acho mesmo. quando eu não crio é porque eu tô pensando muito naquilo aí eu quero compartilhar com algumas pessoas aí eu vou lá e solto no *Facebook*.

Entrevistadora: ao receber as postagens você sempre curte e compartilha?

Participante 4: nem sempre. depende muito do conteúdo que a pessoa tá passando pra mim. porque eu não gosto muito de qualquer conteúdo que a pessoa passa, eu falo: - ah, legal! vou lá e curto. tipo se for alguma coisa que me interesse muito, eu vou lá curto. porque agora tem esse negócio de reagir com *Emojis*, risadinha, aí dependendo do jeito que eu gosto que eu interpreto, eu chego lá e curto.

Entrevistadora: quais os critérios que você utiliza pra compartilhar as mensagens?

Participante 4: porque a maioria das vezes é por medo mesmo, porque eu tenho a minha família no...

Entr. [e qual critério você utiliza pra compartilhar?] Inf1.: é mais... eu vou mais pela sabedoria, né? se eu que aquilo lá vai me ajudar ou se vai atrapalhar na minha vida, né? porque, não é tudo que a gente pode ver e compartilhar que vai tá tudo bem, que todo mundo vai gostar, que todos vão aceitar.

Entrevistadora: muito obrigada!

Participante 5

Entrevistadora: quantos anos você tem?

Participante 5: treze.

Entrevistadora: já aconteceu uma situação de diálogo dos seus pais ou responsáveis sobre o que publicar nas redes sociais e aplicativos?

Participante 5: sim, eles me orientam sempre pra que eu não faça isso, né? pra que eu não mostre mensagens pra estranhos, pra outras pessoas.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado e você se arrependeu do que postou?

Participante5: eu nunca... nunca teve uma postagem que eu me arrependesse, né? que eu tivesse que tirar de novo, mas eu já vi muitas pessoas postando, porque hoje em dia é normal, digamos assim, mas nunca tive uma que eu me arrependesse de ter colocado.

Entrevistadora: qual a finalidade das postagens que você faz no *Facebook*?

Participante5: eu não sou muito de... eu gosto muito às vezes assim... eu não gosto de ficar compartilhando, não sou muito de postar as coisas, mas às vezes, eu acho que é a mesma coisa que ele falou posto algumas coisas pra ajudar e, sei lá, às vezes, pra desabar sabe? algumas coisas pra me ajudar, outras pra que desabafe mesmo. é isso.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz?

Participante5: eu gosto de pegar algumas frases, né? eu não sou muito das que inventam, mas eu gosto muito de pegar, porque eu acho que as mensagens que já têm elas, já é muita mensagem e eu acho que as que têm elas já mostram muita coisa, né? pras pessoas, então, eu acho que eu não preciso tá inventando, né? na minha opinião. e é isso, eu compartilho... eu gosto de pegar mais por imagens, eu pego e coloco.

Entrevistadora: ao receber as postagens você sempre curte e compartilha?

Participante5: eu sou, é... é eu gosto de curtir, eu não curto muitas, mas eu gosto de curtir, e algumas vezes eu chego a apagar algumas pessoas no *Facebook* por conta de postagens, então, acho que depende da mensagem que eles quiseram mostra com a postagem que eles fizeram.

Entrevistadora: quais os critérios que você utiliza pra compartilhar as mensagens?

Participante5: eu vou mais pela opinião da minha mãe, né? porque assim, tem coisas que pode até... quando a gente lê, a gente pode entender uma coisa, mas com uma pessoa que é mais experiente, ela pode... pode ser uma coisa que esteja interpretando pior, uma coisa ruim, então eu gosto muito de opiniões.

Entrevistadora: obrigada.

Participante 6

Entrevistadora: quantos anos?

Participante6: dezessete.

Entrevistadora: já houve algum momento de diálogo de seus pais e ou responsáveis sobre o que você deve postar e compartilhar nas redes sociais e aplicativos?

Participante6: eu já compartilhei muita besteira.

Entrevistadora: e seus pais já chamaram sua atenção, sentaram e conversaram com você?

Participante6: não.

Entrevistadora: alguém já observou isso e falou com você?

Participante6: alguns já.

Entrevistadora: quem conversou com você?

Participante6: foi minha irmã.

Entrevistadora: já teve alguma coisa que você postou e depois você se arrependeu?

Participante6: não.

Entrevistadora: você modifica o texto quando você recebe pra você compartilhar ou não?

Participante6: mais ou menos.

Entrevistadora: explique o mais ou menos.

Participante6: mudo alguma coisinha...é isso

Entrevistadora: qual a finalidade de você postar mensagens no *Facebook*? Qual o objetivo?

Participante6: gosto muito das *Redes Sociais*.

Entrevistadora: A finalidade do *Facebook* é a mesma do *WhatsApp* ou ela altera?

Participante6: não.

Entrevistadora: e qual que é a diferença de você usar o *WhatsApp* e o *Facebook*?

Participante6: a diferença é assim... o *Facebook* é... que tem a tela. O *Facebook* tem a tela. (ininteligível) e o *WhatsApp* tem que falar conversar.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz?

Participante6: mensagens que recebo, eu compartilho e raramente mudo alguma coisa.

Entrevistadora: você tem cuidado quando você vai compartilhar ou não? você tem critérios pra você compartilhar?

Participante6: compartilho muito pela comédia, por exemplo, se uma coisa for engraçada.

Entrevistadora: muito obrigada.

Participante 7

Entrevistadora: idade.

Participante7: treze anos.

Entrevistadora: já houve um momento que seus pais ou responsáveis tiveram que conversar com você a respeito de algo que você publicou nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos*?

Participante 7: não. Entr.: [não, assim, nunca sua mãe falou nada, sentou, seu pai?] Inf1.: não, nunca.

Entr.: [nunca teve nenhum problema de comunicação e mesmo sem qualquer problema eles nunca sentaram com você pra dialogar sobre esse assunto, falar] Inf1.: ter cuidado no que que a gente compartilha. Entr.: [ela já falou, sua mãe] Inf1.: é. Entr.: [sua mãe ou seu pai?] Inf1.: humhum. Entr.: [já mencionaram isso pra você] Inf1.: é.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo que foi postado por você e depois você se arrependeu?

Participante7: não. nunca fiz isso porque eu penso muito antes de postar qualquer coisa.

Entrevistadora: você quando recebe algum texto, você já teve que modificar a linguagem do texto pra você publicar?

Participante7: não, de modificar o texto assim, não. Entr.: [não, quando você recebe a mensagem, um texto, você recebeu um texto, você gostou da linguagem não verbal daquele texto, você gostou, por exemplo, da imagem, mas você quer mudar a linguagem verbal, você já fez isso, ou não?] Inf7.: não.

Entrevistadora: você compartilha mensagens? Você já modificou o conteúdo delas?

Participante7: é ((risos)). Entr.: [pra compartilhar?] Inf1.: é.

Entrevistadora: qual a finalidade que você tem ao fazer postagens?

Participante7: não sei ((risos)) compartilhar momentos.

Entrevistadora: você compartilha momentos, o que mais você acha interessante assim, que você posta? tem alguma coisa relativo à escola? à estudo, pesquisa?

Participante7: não. momentos.

Entrevistadora: você acha que a finalidade do *WhatsApp* é a mesma do *Facebook*, ou altera? tem diferença do *Facebook* e do *WhatsApp*?

Participante7: tem não, acho que não. tem, porque no *Facebook* a gente tem mais, normalmente a gente tem mais amigos, vamos dizer assim, seguidores, mas acho que não... Entr.: [tudo que você compartilha no *Facebook*, você compartilha no *WhatsApp*?] Inf7.: não, nem tudo. Entr.: [o que que modifica desse compartilhamento?] Inf7.: ah, eu não compartilho porque eu acho que não tem necessidade, mas eu compartilharia. Entr.: [você usa muito o *WhatsApp*?] Inf7.: éh pra conversar com pessoas que eu tô com saudade ou perguntar como elas estão, dialogar.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no *Facebook*?

Participante7: de páginas. no meu caso de páginas que eu sigo umas páginas que têm no *Facebook*.

Entrevistadora: o que você recebe de publicações, você costuma também fazer publicação?

Participante7: não. Entr.: [mensagens para os colegas?] Inf7.: não.

Entrevistadora: ao receber as postagens tanto no *Facebook* quanto no *WhatsApp*, você compartilha ou você curte as mensagens que você recebe?

Participante7: não todas, só as que eu acho interessante.

Entrevistadora: G, qual o critério que você tem pra compartilhar?

Participante7: ah, vejo se não tem nada de mais, nada imoral, essas coisas.

Entrevistadora: obrigada.

Participante 8

Entrevistadora: quantos anos:

Participante8: quatorze anos.

Entrevistadora: já algum momento de diálogo de seus pais ou responsáveis sobre o que publicar nas Redes Sociais e aplicativos?

Participante8: não. não. até o momento não.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante8: não ((risos)). Entr.: [por que você deu uma risadinha?] Inf8.: não. não. nada não.

Entrevistadora: você já postou alguma coisa e depois se arrependeu?

Participante 8: não.

Entrevistadora: você já teve que modificar o texto, fazer alteração antes de publicar?

Participante8: não. Entr.: [nunca mudou nada?] Inf8.: não.

Entrevistadora: qual a finalidade você tem ao fazer publicações no seu *Facebook*, G da S?

Participante8: ah, eu compartilho coisas que eu gosto de ver, tipo, jogos essas coisas, só isso. Entre: [só].

Entrevistadora: tem diferença das postagens que você faz no *Facebook* para o *WhatsApp*?

Participante8: acho que não. Entr.: [são as mesmas?] Inf8.: é. Entr.: [você usa o *WhatsApp* muito pra quê?] Inf8.: quase não uso. Entr.: [não usa pra escola, pra trabalho, para conversar com colega?] Inf8.: não.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no *Facebook*?

Participante8: ah, eu pego às vezes da *Internet* e também de páginas que eu sigo também.

Entrevistadora: ao receber postagens, você sempre as curte e as compartilha?

Participante8: não. Entr.: [não é sempre?] Inf8.: não é sempre. Entr.: [e as mensagens que você posta, você quer que elas sejam curtidas e compartilhadas?] Inf8.: não. não ligo pra isso não.

Entrevistadora: G da S. o que você observa antes de você compartilhar?

Participante8: observo. Olho se tem alguma coisa que não é bom, coisa feia, errada, palavrão, bobeira.

Entrevistadora: obrigada.

Participante 9

Entrevistadora: quantos anos?

Participante9: quinze

Entrevistadora: já houve diálogo de seus pais ou responsáveis com você sobre o que se deve compartilhar ou postar nas Redes Sociais e aplicativos?

Participante9: não. Entr.: [nunca, ninguém falou nada pra você assim: - olha, tem mais cuidado na hora que você for compartilhar, nunca teve nenhum problema?] Inf3.: não.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante9: não.

Entrevistadora: você já postou alguma coisa e depois se arrependeu?

Participante 9: não.

Entrevistadora: Você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o WhatsApp? Especifique. Por que você teve que modificar? Quais as modificações?

Participante9: não, se eu gosto ou se acho engraçado e legal, eu envio.

Entrevistadora: Qual a finalidade das suas postagens no Facebook?

Participante9: compartilho coisas que eu vejo interessante. Ent. [exemplo, que coisas você compartilha?] Inf9: vídeo de futebol, foto. Entr.: [reportagem sobre esse meio futebolístico?] Inf9.: humhum. Entr.: [personagens do futebol?] Inf9.: sim,. Entr.: [mais, o que mais?] Inf9.: só isso. Entr.: [só].

Entrevistadora: e no WhatsApp, a finalidade das suas postagens altera-se? Comente..

Participante9: não, não posto a mesma coisa que no *WhatsApp*. Entr.: [qual a diferença que você vê assim, porque você não postaria?] Inf9.: porque no Facebook você posta alguma coisa todo mundo do *Facebook* vê, no *WhatsApp* não. Entr.: [seria mais íntimo, mais individual o WhatsApp?] Inf9.: humhum. Entr.: [você usa mais o *Facebook* ou o *WhatsApp*?] Inf9.: Facebook. Entr.: [e quando faz uso do *WhatsApp* e qual a finalidade?] Inf9.: WhatsApp... é mais pra conversa, grupo. Entr.: [grupos, colegas] Inf9.: é, escola. Entr.: [escola]. Inf9.: amigos. Entr.: [amigos, família?]. Inf9.: é.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no Facebook?

Participante 9: das páginas que eu curto.

Entrevistadora: ao receber postagens, você sempre as curte e as compartilha?

Participante9: às vezes. Entr.: [o que você observa?]. Inf9.: um monte de coisa. Entr.: [o que seria esse monte de coisa?] Inf9.: ... olho o que as pessoas postam. Entr.: [você já compartilhou algumas?] Inf9.: não. Entr.: [e as suas? você compartilha?] Inf3.: só posto minha no "Face".

Entrevistadora: qual o critério que você tem pra compartilhar?

Participante9: sim, olho e não ponho o que pode ofender alguém também.

Entrevistadora: obrigada pela participação.

Participante 10

Entrevistadora: quantos anos?

Participante10: treze.

Entrevistadora: já houve diálogo de seus pais ou responsáveis com você sobre o que se deve compartilhar ou postar nas Redes Sociais e aplicativos?

Participante10: não. Entr.: [não?] Inf10.: só pra tomar cuidado mesmo. Entr.: [mas, já falaram pra você, seu pai, sua mãe?] Inf10.: já, pra tomar cuidado com o que eu compartilho com as coisas que eu vejo na *Internet*. Entr.: [isso é uma conversa do dia a dia?] Inf10.: é.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante10: já. Entr.: [você já postou alguma coisa, você pode contar?] Inf410: já foi aquelas fotos, aquelas *Selfs*, por exemplo, que você olha, tipo o que eu poste? ((risos)). Entr.: [você postou uma *Self* e depois você se arrependeu] Inf10.: eu arrependi. Inf.: ... eu deixei lá como prova da minha vergonha.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o WhatsApp? especifique. por que você teve que modificar? quais as modificações?

Participante10: não. Entr.: [não?]. Inf10.: não.

Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no Facebook?

Participante10: não, se eu gosto ou se eu acho engraçado e legal, eu envio.

Entrevistadora: no WhatsApp, a finalidade das suas postagens altera-se?

Participante10: sim. o “Whats” é aquela coisa mais pessoal entendeu? agora, o *Facebook* é mais pra todo mundo. passa uma coisa é pra todo mundo, pra todos os amigos, aí o *WhatsApp* é mais pessoal é mais reservado.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no *Facebook*?

Participante10: eu pego nas páginas que eu sigo que eu curto.

Entrevistadora: G. ao receber as postagens você sempre curte e compartilha?

Participante10: às vezes.

Entrevistadora: e quais os critérios G, que você tem pra utilizar quando vocês às vezes compartilham essas mensagens?

Participante10: os critérios? Entr.: [é, o que que você observa pra compartilhar?]. Inf10.: pra ver se não tem nenhuma besteiras, vê se não tem essas coisas, entendeu? e tipo, ninguém gosta de ver besteira, sacanagem, essas coisas, todo mundo gosta de receber uma coisa legal.

Entrevistadora: obrigada.

Participante 11

Entrevistadora: K, quantos anos?

Participante11: quatorze.

Entrevistadora: já houve diálogo de você com seus pais e/ou com responsável em relação ao que é publicado, ao que você publica nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos*?

Participante11: já. Entr.: [comente]. Inf11.: meus pais já falaram pra não postar foto de escola, essas coisas por causa de bandidos, sequestrar, essas coisas assim.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo que você postou e depois você se arrependeu de ter postado?

Participante11: não. nunca obteve assim, nunca deu problema algum conteúdo.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo? Participante11: já. já mudei o texto que tinha muito palavrão para mandar, bobagem, essas coisas assim. Entr.: [então, você observa isso?] Inf11: observo.

Entrevistadora: qual a finalidade de você ao fazer postagens no *Facebook*, K?

Participante11: diversão. Entr.: [diversão?] Inf1.: é.

Entrevistadora: a finalidade do *Facebook* é a mesma finalidade quando você usa o *WhatsApp*?

Participante11: o *WhatsApp* é mais pra uso de escola, uso o *WhatsApp* mais pra estudar, as imagens que manda e o *Facebook* é mais pra divertir, éh, ver os amigos assim, na foto. essas coisas.

Entrevistadora: K, quando você recebe a mensagem, você curte e compartilha essa mensagem?

Participante11: não. Entr.: [mas, tem alguma que você faz isso?] Inf11.: éh, às vezes, algumas. Entr.: [tá, o que você observa pra fazer isso?] Inf11.: aí eu pego o estilo, tipo, se tem provocações ou alguma coisa disso, se não tiver eu compartilho.

Entrevistadora: quais os cuidados e critérios que você tem quando você envia uma mensagem pra alguém?

Participante11: ...não. eu só envio mesmo pra pessoa, eu só... tipo dou uma conferida se é mesmo pra pessoa que eu tô enviando aí eu penso nisso, só.

Entrevistadora: obrigada a você.

Participante 12

Entrevistadora: quantos anos?

Participante12: quatorze.

Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar, I?

Participante12: já. Entr.: [quem falou com você e como foi?] Inf12.: meus pais, sobre coisas de sexo, essas coisas.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante12: não. Entr.: [não. uma foto, alguma coisa, um texto, uma mensagem pro amigo?] Inf12.: não.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o *WhatsApp*??

Participante12: não. Entr.: [você observa quando vai fazer publicação?] Inf12.: observo. Entr.: [mas, por exemplo, os textos que você curtiu ou que você compartilhou, você nunca precisou fazer nenhuma alteração?] Inf12.: não.

Entrevistadora: I, qual a finalidade das suas postagens no *Facebook*?

Participante12: diversão também. Entr.: [só diversão?] Inf2.: sim.
 Entrevistadora: I, pra você, a finalidade do *Facebook* altera quando faz uso do *WhatsApp*?
 Participante12: *WhatsApp* é mais pra conversa mesmo. *Facebook* é pra postar coisas. Entr.: [o que você compartilha no *Facebook*, você compartilha no *WhatsApp* do mesmo jeito, ou não?] Inf12.: não.
 Entrevistadora: as mensagens que você recebe, I, você curte e compartilha?
 Participante12: algumas. Entr.: [algumas] Inf12.: a maioria que tem a ver com amizade, às vezes, engraçada também, eu compartilho e marco meus amigos.
 Entrevistadora: você tem cuidado e algum critério pra você compartilhar alguma mensagem?
 Participante12: não. Entr.: [não]
 Entrevistadora: I, você tem cuidado quando você escreve o texto pra alguma pessoa, por exemplo?
 Participante12: não eu posto só pros meus amigos mesmos e eles são tranquilo.
 Entrevistadora: obrigada.

Participante 13

Entrevistadora: quantos anos?
 Participante13: quatorze.
 Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar, J?
 Participante13: já, a minha mãe, ela fala muito, ela comenta muito sobre isso porque tipo assim, várias preocupações, tipo não tirar muitas fotos sobre a escola assim, os caras podem vir, éh, tipo aplicar essas coisas assim também.
 Entrevistadora: J, você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?
 Participante13: não.
 Entrevistadora: J, você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo? Participante13: não. Entr.: [não]
 Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no Facebook, J?
 Participante13: não por diversão também, mas sempre tomando cuidado com o que eu tô postando.
 Entr.: [exemplo assim, que cuidados? cuidados com quê?] Inf13.: éh... com tudo, tipo: ah, como eu posso dizer, tipo com roupas adequadas, éh, com as palavras, né?
 Entrevistadora: J, no WhatsApp, a finalidade das suas postagens altera-se? Comente.
 Participante13: bom, eu uso o WhatsApp mais pra tipo se eu faltar na escola, eu uso mais pra perguntar se eu perdi alguma matéria nova, alguma coisa assim, o Facebook eu uso mais pra tipo: compartilhar o meu dia a dia assim, postar algumas fotos.
 Entrevistadora: quando você recebe uma mensagem você curte ou compartilha??
 Participante13: éh, eu curto só algumas. Entr.: [e compartilhar?] Inf13.: não. Entr.: [e você observa o quê nelas pra curtir?] Inf13.: bom eu observo pra curtir, tipo, éh, se tem alguma coisa que, tipo... éh, pornografia, essas coisas, drogas, essas coisas assim. Entr.: [aí você não curte, ou curte?] Inf13.: não. mas se tá falando alguma coisa, tipo: a respeito de droga, alguma coisa que tipo é pra fazer o bem, aí eu curto.
 Entrevistadora: quais os critérios e cuidados você utiliza ao compartilhar as mensagens?
 Participante13: às vezes eu tenho algum cuidado porque tipo, por exemplo, se eu mandar a mensagem e tipo, se eu não prestar bem atenção, às vezes, a pessoa pode se ofender, ficar magoada, alguma coisa assim, mas eu tomo bastante cuidado com o que eu tô enviando.
 Entrevistadora: obrigada.

Participante 14

Entrevistadora: idade?
 Participante14: quatorze anos.
 Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais ou com os responsáveis ou com alguém que tem a maior idade em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar nas redes sociais? se sim conte, se alguém já falou com você, L.
 Participante14: não.
 Entrevistadora: seu pai, sua mãe, ninguém nunca falou assim, olha: não pode publicar isso, cuidado com isso, olha o que você colocou, nunca houve?
 Participante14: não.
 Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado e se arrependeu do que você postou? se você tivesse como apagar pra que ninguém tivesse visto?

Participante14: Sim Entr.: [o que foi?] Inf1: uma foto minha. Entr.: [você não gostou de algo da foto?]
 Inf.: éh, acho que o jeito que tava a posse, não sei, foto antiga, entendeu?
 Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto pra você publicá-lo nas redes sociais ou aplicativos como no *WhatsApp*?
 Participante14: não
 Entrevistadora: você costuma compartilhar os textos que recebe nas redes sociais e aplicativos?
 Participante14: se não for corrente, sim.
 Entrevistadora: o que você observa pra compartilhar?
 Participante14: o conteúdo.
 Entrevistadora: quase sempre o que você compartilha é algo engraçado? Inf16: ...[sim] Entr.:...na maioria das vezes? e você observa bem esse conteúdo antes de compartilhar ou... achou engraçado, já tá compartilhando?
 Participante14: achou engraçado compartilha.
 Entrevistadora: qual a finalidade das postagens no *Facebook*?
 Participante14: eu não tenho *Facebook* não.
 Entr.: você não tem o *Facebook*, mas no *WhatsApp*, qual a finalidade de você no *WhatsApp*?
 Participante14: também, as coisas que eu posto também acho mais seguro por esse motivo porque eu não tenho *Facebook*, porque a maioria das pessoas que eu conheço têm *WhatsApp* e é mais direcionado as coisas que eu mando, entendeu?
 Entrevistadora: L, você usa o *WhatsApp*. no *WhatsApp*, tudo que você recebe você acha que é coerente, você acha que é importante ou tem coisa que você nem olha, nem lê, nem vê?
 Participante14: realmente, lê eu leio tudo, mas tem coisa que, tipo, tem coisa que nem olho.
 Entrevistadora: ... e quais os critérios que você tem pra compartilhar e postar mensagens?
 Participante14: éh, tipo, um conteúdo que não vá fazer mal a outras pessoas, éh, que vá passar algum tipo de aprendizado, enfim...
 Entrevistadora: obrigada.

Participante 15

Entrevistadora: idade?
 Participante15: quatorze.
 Entrevistadora: J, já houve diálogo seu com seus pais ou com os responsáveis ou com alguém que tem a maior idade em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar nas redes sociais??
 Participante15: não.
 Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado e se arrependeu do que você postou?
 Participante15: não. Entr.: [não se arrependeu de nada?] Inf15: nunca posto também. Entr.: [você não gosta de postar, compartilhar? Inf15:.... algumas coisas, tipo brincadeira... Entr.:...[mas, você já se arrependeu de alguma e não postaria? Inf15: não.
 Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto pra você publicá-lo nas redes sociais ou aplicativos como no *WhatsApp*?
 Participante15: já
 Entrevistadora: você lembra pra você contar? Inf15: [não] Entr.: assim, dos que você já fez isto mais o que tá escrito, o texto verbal, ou o não verbal, imagem?
 Participante15: não. Entr.: [não]
 Entrevistadora: você costuma receber... textos nas redes sociais e aplicativos e compartilhar?
 Participante15: às vezes.
 Entrevistadora: o que você observa pra compartilhar?
 Participante15 : olho o que tem no texto. Entr.: [o conteúdo] Inf15.:éh, o conteúdo.
 Entrevistadora: J, você tem atenção ao compartilhar?
 Participante15: sim.
 Entrevistadora: qual a finalidade de você fazer postagem no *Facebook*?
 Participante15: postar mesmo acho que mais é postar.
 Entrevistadora: você curte muito, compartilha notícias, mensagens no *Facebook*?
 Participante15: às vezes. Entr.: [às vezes] Inf15.: só quando tem um conteúdo bom que não...
 Entrevistadora:... o que que mais você gosta de postar no seu *Facebook* e de compartilhar?
 Participante15: ah, alguns videogames, jogos.
 Entrevistadora: ...que critérios você observa par curtir e compartilhar mensagens?

Participante15: olho o conteúdo. Entr.:...[você olha sempre o conteúdo, você sempre tem esse critério?]
 Inf15.: éh, hamham, assim, às vezes, quando falta uma vírgula. Entr.: [você olha a questão de pontuação?] Inf15.: sim
 Entrevistadora: muito obrigada!

Participante 16

Entrevistadora: idade?
 Participante16: quatorze anos.
 Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais ou com os responsáveis ou com alguém que tem a maior idade em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar nas redes sociais, MV?
 Inf16? já.
 Entrevistadora: ah, quem falou com você?
 Participante16: minha mãe.
 Entrevistadora: como foi?
 Participante16: é porque eu tinha publicado tipo a foto de uma mulher, tipo de calcinha, ela falou que não gostou do conteúdo.
 Entrevistadora: e que isso poderia trazer complicações pra você, alguma coisa assim, ela te falou?
 Inf16.:...[não só isso mesmo].
 Entrevistadora: M, você já observou com atenção algum conteúdo postado e se arrependeu do que você postou?
 Participante16: vídeo.
 Entrevistadora: vídeo. Inf16.: ... [vídeo] Entr.: como que era esse vídeo?
 Participante16: sabe aquele aplicativo *Dubsmash*? Entr.: [ham] Inf16: eu fiz um vídeo no aplicativo *Dubsmash* e depois tive que sair apagando tudo ((risos)) pois vi que fiz algo que não foi legal, foi zoeira.
 Entr.: [você se arrependeu de ter postado o vídeo?] Inf16: não é bem arrependimento, eu achei, mesmo que o aplicativo é pra ser engraçado, melhor apagar.
 Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto pra você publicá-lo nas redes sociais ou aplicativos como no *WhatsApp*?
 Participante16: não. Entr.: [nunca fez isso] Inf. 16: não.
 Entrevistadora: você compartilha os textos que recebe nas redes sociais e aplicativos?
 Participante16: às vezes.
 Entrevistadora: o que você analisa nas mensagens que recebe pra compartilhar?
 Participante16: olho se não tem um conteúdo que não vá fazer mal a outras pessoas, éh, que vá passar algum tipo de aprendizado
 Entrevistadora: você ao compartilhar tem atenção?
 Participante16: sim.
 Entrevistadora: você tem *Facebook* M?
 Participante16: tenho.
 Entrevistadora: qual a finalidade sua no *Facebook*? quando você posta?
 Participante16: é curtir. você saber que outras pessoas vão verificar aquilo.
 Entrevistadora: a finalidade do *Facebook* é a mesma do *WhatsApp*?
 Participante16: acho que não porque no *Facebook* é pra muitas pessoas verem e no *WhatsApp* não!
 Entr.: [no *WhatsApp* não, o *WhatsApp* seria mais...]. Inf16.:... mais seguro.
 Entrevistadora: qual a origem da publicação que você faz no *Facebook*?
 Participante16: coisa dos grupos. Entr.: ...[recebe de] Inf3: não a gente tem um grupo lá, aí tipo, a gente entra lá, pesquisa e compartilha. Entr.: [então dentro dos próprios grupos que estão no seu *Facebook*?]
 Entrevistadora: ao receber postagens você sempre curte e compartilha? qual critério você tem quando recebem a mensagem?
 Participante16: no *Facebook*?
 Entrevistadora: no *Facebook* e pode também falar no *WhatsApp*.
 Participante16 : ah, no *Facebook* quando eu gosto do conteúdo eu curto. Entr.:...[então, só quando você gosta?] Inf16.: sim Entr.: [e no *WhatsApp*? tudo que você recebe, você responde ou não?] Inf16.: não.
 Entrevistadora: quais os critérios e cuidados você utiliza ao compartilhar as mensagens?
 Participante16: olho se não vai ofender. (ininteligível)
 Entrevistadora: hoje você tem mais cuidado do que antes de sua mãe conversar com você?
 Participante16: sim.
 Entrevistadora: obrigada.

Participante 17

Entrevistadora: quantos anos?

Participante17: quatorze.

Entrevistadora: em algum momento seus pais ou os responsáveis dialogou com você sobre o que você deve postar no *Facebook*, nas redes sociais, no *WhatsApp*?

Participante17: já falaram comigo já sobre não expor o corpo assim nas redes sociais e de não falar besteiras em grupo de família, essas coisas. Entr.: [humhum, quem falou com você?] Inf17.: meu pai (ininteligível)

Entrevistadora: você acha que crianças, jovens que já têm *WhatsApp* e que os pais autorizam *Facebook*, eles têm cuidado? desde o início?

Participante17: não.

Entrevistadora: então, precisa da orientação?

Participante17: sim.

Entrevistadora: você já observou algum conteúdo que você postou, que você publicou e depois você se arrependeu? Inf17.: [não] Entr.: teve alguma coisa que postou? Inf17.: [não] Entr.: não. e uma mensagem que vocês enviou, às vezes pra um grupo, ou pra alguém que depois você não enviaria daquele jeito, já aconteceu?

Participante17: já. Entr.: [você pode contar] Inf17.: eu tava falando com um amigo meu ai eu ia enviar um áudio pra ele de outro amigo meu e acabei enviando pra esse amigo do áudio, ai ficou tudo confuso lá e ele começou a perguntar montão de coisas e eu fiquei sem saber o que fazer. Entr.: [então, N naquele momento você não, explicou...] Inf1.: éh, não teve nem como.

Entrevistadora: você já teve que modificar algum texto não só o verbal, não só o que tá escrito, as palavras, às vezes a música, o som, as imagens, o texto.

Participante17: não, não mexi não.

Entrevistadora: qual a finalidade de postar mensagens no *Facebook*?

Participante17: é mostrar o que eu gosto. eu posto coisas que eu gosto.

Entrevistadora: tem alguma coisa que pode ou não, o que que seria? você já pensou nisso?

Participante17: já mais, pra mim é normal, o que eu postaria no “*Face*” e também postaria no “*Whats*”, então pra mim...

Entrevistadora: qual a diferença de compartilhar e de postar mensagem no “*Face*” e o *WhatsApp*?

Participante17: pra mim é igual, normal...

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no seu *Facebook*? Participante17: *Site*, *Blogs*... *site*, éh, ou a frase que você viu ali e gostou.

Entrevistadora: você posta mensagens voltadas pra questão da família, encontros, fotos de vocês com a família?

Participante17: assim, posto, mas não frequentemente.

Entrevistadora: ao receber uma postagem você sempre curte e compartilha, quais os critérios que você tem pra curtir o que você recebe e compartilhar?

Participante17: quando é assim uma foto eu curto se eu, tipo assim, achei a foto bonita. eu vou lá e curto, mas quando é questão de compartilhar só uma coisa que eu acho interessante, que eu gostei.

Entrevistadora: você acha que na hora de curtir mensagens de amigos você deve curtir sem analisar?

Participante17: não, eu acho que o fato que se for a minha amiga e eu não achar a foto bonita eu não vou comentar.

Entrevistadora: então, você não olha esse critério amizade pra compartilhar tudo e curtir tudo que vier não?

Participante17: eu até acho meio falsidade isso.

Entrevistadora: quais os critérios então que você diria serem extremamente importante pras pessoas quando elas forem curtir e compartilhar mensagens?

Participante17: eu acho que se a pessoa gostar, o que ela achar interessante. se ela ver uma frase bonita e ela querer postar, então acho que vai de cada pessoa...

Entrevistadora: então, obrigada!

Participante 18

Entrevistadora: quantos anos?

Participante18: quatorze.

Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar?

Participante18: já conversaram comigo sim, já falaram que algumas fotos pra não postar mostrando o corpo, algumas mensagens, já me alertaram sim.

Entrevistadora: quem fez isso, quem te alertou M L de não publicar essas fotos mostrando o corpo como você disse foi sua mãe, seu pai? Inf18.: ...[os dois] Entr.: e você acha que foi interessante o que eles falaram? Inf18.: ...[eu acho que foi interessante, eu até concordo com a opinião deles também].

Entr.: você concorda com o que seus pais disseram, por quê?

Participante18: sim... porque eu não acho bonito menina ficar postando foto mostrando os peitos (inteligível) coisa assim. Entr.: ...[você acha que é muita exposição?] Inf18.: é eu acho.

Entrevistadora: você concorda que os pais podem deixar as crianças acessarem as redes sociais sozinhas?

Participante18: não... tem que olhar, tem muita coisa que não é legal.

Entrevistadora: Você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante18: eu fui enviar uma foto, não era uma foto obscena, era uma foto normal assim, era pra eu enviar pra uma amiga, aí eu peguei e enviei pra um amigo e ele ficou me perguntando as coisas e ficou meio estranho.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o WhatsApp?

Participante18: não. eu não mudo. só quando eu escrevo.

Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no Facebook?

Participante18: é postar as coisas que eu acho interessante e que eu gosto, botar umas fotos que eu acho legal. compartilhar com todos.

Entrevistadora: No WhatsApp, a finalidade das suas postagens altera-se? ou não?

Participante18: não.

Entrevistadora: qual a diferença de compartilhar e de postar mensagem no 'Face' e o WhatsApp?

Participante18: acho que quando você posta no "Face", você posta pra muita gente. no WhatsApp você pode selecionar as pessoas que você quer enviar. WhatsApp é mais privado.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no seu Facebook? Participante18: eu pego de algumas páginas, Internet.

Entrevistadora: ao receber uma postagem você sempre curte e compartilha, quais os critérios que você tem pra curtir o que você recebe e compartilhar?

Participante18: pra mim se for uma foto eu até acho interessante eu curto se for bonita, mas se for uma publicação normal e não for do meu interesse, que eu achar que não me convêm eu compartilho e nem curto.

Entrevistadora: o que você acha que na hora de curtir e compartilhar é importante? quais os critérios então que você diria serem extremamente importante pra curtir e compartilhar mensagens?

Participante18: sempre penso o que vou postar, tem pessoas que postam de outra forma, vai postar uma coisa dando motivo pra entender outra coisa. isso já aconteceu comigo várias vezes... a pessoa entender outra coisa

Entrevistadora: e você acha que isso acontece muito por quê?

Participante18: ao conhecimento, a linguagem que é empregada, a fala né.

Entrevistadora: obrigada!

Participante 19

Entrevistadora: quantos anos?

Participante19: quinze.

Entrevistadora: seus pais já precisaram em algum momento dialogar sobre o que você deve postar nas redes sociais e aplicativos?

Participante19: já, minha mãe disse pra tomar cuidado com essas pessoas que adiciona porque pode ser, "Deus que me livre" mas, pode ser uma pessoa ruim e querer o meu mal, isso aí, minha mãe que falou. Entr.: [sua mãe?] Inf19.: humhum. Entr.: [e você concorda que realmente tem que ter esse cuidado?] Inf19.: humhum.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante19: já, eu tava conversando lá com amigo meu sobre uns joguinhos lá e aí eu peguei e enviei um negócio no grupo sem querer, aí o pessoal: - o que é isso? não sei o quê? eu falei: - foi mal, foi sem querer, foi um amigo meu.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o WhatsApp?

Participante19: não, não mexo não.

Entrevistadora: você tem Facebook?

Participante 19: sim

Entr.: qual a finalidade das suas postagens no Facebook?

Participante19: mostrar umas fotos legais lá, isso...postar.

Entrevistadora: o que você posta no *Facebook*, você posta também no *WhatsApp*?

Participante19: pra mim é a mesma coisa.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no seu *Facebook*?

Participante19: eu vou inventando...

Entrevistadora: ... você cria? Inf19.: [éh] Entr.: então, gosta mais de criar do que pegar algo que já pronto? Inf19: [gosto de música também, o *Site* de música.]

Entrevistadora: você posta momentos vivenciados com a família, fotos de encontros, fotos de você com a família?

Participante19: éh, bem de vez em quando eu posto foto com a família, assim, pai e mãe.

Entrevistadora: ao receber uma postagem você sempre curte e compartilha, quais os critérios que você tem pra curtir o que você recebe e compartilhar?

Participante19: eu curto também se for uma foto legal, que eu achei legal com uma pessoa que é boa, eu acho legal, mas eu quase não compartilho nada.

Entrevistadora: você tem critérios para curtir e compartilhar mensagens?

Participante19: não.

Entrevistadora: você concorda que é preciso olhar o que está escrito, a imagem para curtir e compartilhar mensagens?

Participante19: eu concordo e acho que... o jeito que escreve mesmo.

Participante 20

Entrevistadora: qual sua idade?

Participante20: quatorze.

Entrevistadora: seus pais ou alguém responsável por você já dialogou a respeito do que deve e não deve ser postado por você nas redes sociais e aplicativos?

Participante20: foi a minha mãe que era na época que tava começando esse negócio de Bulling pelo *Facebook*, ela pediu pra eu não fazer isso. Entr.: [você tinha postado alguma coisa que...] Inf1.: não. ela só quis que eu não fizesse nada errado.

Entrevistadora: você já postou alguma coisa e depois se arrependeu se pudesse você não tinha postado? R, o que foi?

Participante20: eu lembro que um colega meu me ensinou a fazer aquele negócio de Foto shop, tirar a foto de uma pessoa e depois bagunçar ela todinha e aí a primeira vez que eu fiz isso com a menina da minha sala, e no outro dia a menina tava chorando aí eu pedi desculpas e tirei.

Entrevistadora: mas então, se fosse pra você repensar então, você jamais faria isso.

Participante20: não faria.

Entrevistadora: qual a finalidade de suas postagens no *Facebook*, qual a finalidade do seu *Facebook*?

Participante20: é só eu conversar com meus familiares, porque eu não sou muito de postar foto minha e nem postar as coisas, só uso pra conversar mesmo e ver o que as outras pessoas postam.

Entrevistadora: R, no *WhatsApp*, a finalidade das suas postagens altera-se?

Participante20: eu não tenho *WhatsApp*. Entr.: [você não tem *WhatsApp*? por que você não tem *WhatsApp*] Inf20.: é que eu não quero mesmo. eu tenho o celular só não tenho o *WhatsApp* no celular.

Entr.: [ah, você que não quis colocar o *WhatsApp*, uma escolha sua] Inf20.: sim Entr.: [o que mais te chamou atenção pra você não fazer isso, não ter *WhatsApp*?] Inf20.: para economizar memória. Entr.: [e essa questão dos seus colegas terem, você não fica com vontade de saber das notícias do grupo da escola?] Inf 20.: não.

Entrevistadora: ao receber as postagens você sempre compartilha?

Participante 20: eu no máximo olho mesmo.

Entrevistadora: e você no seu Facebook? qual o critério que você tem para curtir e compartilhar?

Participante20: tem que ficar muito boa a coisa porque eu não sou muito de curtir não, minha curtida é rara. só coisa que me faça rir bastante eu ache muito engraçado.

Entrevistadora: muito obrigada!

Participante 21

Entrevistadora: quantos anos?

Participante21: quatorze

Entrevistadora: N, já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar?

Participante21: não.

Entrevistadora: no dia a dia alguém fala pra você ter cuidado?

Participante21: meu pai, só tomar cuidado com as amizades, porque tem muita gente que eu não conheço e manda solicitação de amizade. Entr.: [e qual o critério que você tem pra aceita essas pessoas? seu pai te deu alguma instrução, pediu pra você só aceitar... como que foi?] Inf21.: não, só falou pra não dar “ideia” pra essas pessoas.

Entrevistadora: N, já aconteceu de você fazer alguma postagem, compartilhar uma mensagem e se arrepender?

Participante21: assim, como eu sou evangélico, só posto coisas da *Bíblia*.

Entrevistadora: N, esse critério que você disse que você é evangélico e você tem muito cuidado então com as postagens que você faz. isso é algo só seu, ou isso é algo que a sua família, as pessoas que estão a sua volta que também são evangélicos?

Participante21: também. Entr.: [te instruíram] Inf21.: é também, eu fui criado na igreja aí já tem a mentalidade já, aí não faço essas coisas. Entr.: [você não faz, você diria que você não faz. você é feliz por não fazê-las ou você não faz porque tem que seguir aquela instrução ou você percebe que é importante você ter esse cuidado?] Inf21.: é eu percebe, não tem motivo de fazer isso, passar essas coisas.

Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no Facebook?

Participante21: eu gosto de jogo. Entr.: [joga?] Inf21.: éh. Entr.: [e aí você no seu *Facebook*, você tem postagem de jogos?] Inf21.: não, meu irmão que posta lá. só algumas coisas eu curto.

Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no Facebook? no WhatsApp, a finalidade das suas postagens altera-se?

Participante21: a mesma coisa do *Facebook*. Entr.: [as postagens que você faz no “*Face*”, você também faz no *WhatsApp* ou não?] Inf21.: éh. Entr.: [as mesmas postagens ou você modifica já teve necessidade de modificar?] Inf21.: não, algumas frases, mas no mesmo assunto.

Entrevistadora: ao receber as postagens você sempre compartilha?

Participante21: só curto. Entr.: [é, você não costuma compartilhar nada, nada, nada] Inf21.: não.

Entrevistadora: e qual o seu critério N, pra você curtir uma postagem?

Participante21: só quando eu achar boa. Entr.: [e se a pessoa for seu amigo, obrigatoriamente você curte?] Inf21.: não se eu tiver um amigo e ele postar coisa ruim, não. não vou curtir porque é meu amigo, o que tá lá não é bom, aí eu não curto não. Entr.: [então, você tem isso como critério, você não curte só porque é amigo não?] Inf21.: não.

Participante 22

Entrevistadora: sua idade?

Participante22: quinze.

Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar?

Participante22: ah, não sei. minha mãe já me falou isso, mas eu não faço. ela não fala porque nem adianta falar, eu não gosto dessas coisas, esse negócio de amizade também, que vem solicitação no “*Face*”, eu primeiro olho o “*Face*” da pessoa todinho pra ver se eu conheço, se eu conhecer eu aceito, se eu não conhecer eu não aceito. eu entro no perfil, aí eu vejo todo perfil da pessoa, se não tiver foto já não aceito, porque eu não conheço.

Entrevistadora: e postagem, você já fez alguma e se arrependeu?

Participante22: não, nunca aconteceu não. Entr.: [nunca?] Inf22.: nunca. Entr.: [mandou mensagem assim, errada e questionou por que mandou a mensagem?] Inf22.: não.

Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no Facebook, N?

Participante22: ah, o meu, o meu é só pra conversar mesmo, curtir, postar foto, curtir a foto do pessoal e só. Entr.: [você posta muitas fotos?] Inf22.: muitas. Entr.: [qual o critério que você tem pra fazer essas postagens?] Inf22.: não nem é foto minha, às vezes é vídeo é aqueles fotos com texto, essas coisas assim.

Entrevistadora: você tem também o *WhatsApp*? Inf.: [humhum] Entr.: Tudo que você posta no *Facebook* você também posta no *WhatsApp*?

Participante22: não. Entr.: [o que que difere N?] Inf22.: ah não sei, no *WhatsApp* que tem agora esse negócio de *Status* do *WhatsApp* eu não fico postando muita coisa não, só conversar, eu posto mais no “*Face*”. No “*Face*” eu posto muita coisa mesmo por dia! Entr.: [quais são as postagens que você faz?] Inf22.: vídeo, vídeo de música, vídeo de música direto eu posto todo dia.

Entrevistadora: e ao receber as postagens você sempre compartilha?

Participante22: não, depende algumas. as que eu acho mais interessante assim eu curto. as que eu acho muito interessante que eu passo tipo, três vezes lá eu compartilho.

Entrevistadora: quais os critérios que você tem N pra curtir e compartilhar.

Participante22: ah, não sei, primeiro eu olho quem foi que postou aí depois eu olho o que postou né? aí se for, tipo, não sei dizer... se eu achar bem interessante assim, seu eu dizer: - não, isso aqui, eu gostei e se eu gostar, achar legal eu vou e posto, mas se for alguma coisa muito pesada assim e eu dizer: - não gostei acho que é muito pesado aí eu nem curto nem olho só passo. Entr.: [o que seria pesado?] Inf22.: ah, *Jesus!* não sei, ah, sei lá essas letras de músicas, esses “trens proibidão”, tem vez que eles postam vídeo com cantor cantando a maior baixaria, aí tem vez que eu só olho. Entr.: [e você já curtiu e compartilhou algo porque foi de um amigo seu?] Inf22.: não. só quando eu achar boa, se eu tiver um amigo e ele postar coisa ruim, não. não vou curtir porque é meu amigo, o que tá lá não é bom, aí eu não curto não.

Entrevistadora: muito obrigada!

Participante 23

Entrevistadora: quantos anos?

Participante 23: treze.

Entrevistadora: em algum momento já houve um momento de diálogo de seus pais sobre o que você deve postar no seu *Facebook*, no seu *WhatsApp*, nas redes sociais?

Participante23: não.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante23: já.

Entrevistadora: o que você observou?

Participante23: foi quando a menina postou que ela tava grávida, uma amiga minha e, que ela falou que talvez ia abortar um monte de coisa.

Entrevistadora: é importante a gente ter cuidado com postagens nas redes sociais?

Participante23: sim, não é qualquer coisa que a gente pode passar.

Entrevistadora: você já precisou modificar um texto, a linguagem ou a imagem pra você postar?

Participante23: não.

Entrevistadora: qual a origem das postagens que você faz no *Facebook*? o que você posta no seu *Facebook*?

Participante23: eu posto mais fotos. Entr.: [suas?] Inf23.: éh. Entr.: [e com a família?] Inf23.: também.

Entrevistadora: analise: tudo que eu posto, ele curte e/ou compartilha então, tudo que ele manda também eu vou curtir e compartilhar, você concorda com isso?

Participante23: não. Entr.: [por quê?] Inf23.: porque se ele compartilhar alguma besteira eu não tenho que curtir e apoiar isso não.

Entrevistadora: qual a finalidade das suas postagens no *Facebook*? no *WhatsApp*, a finalidade das suas postagens altera-se?

Participante 23: no *Facebook* e no *WhatsApp* é pra conversar com os amigos, só no *WhatsApp* a gente tem mais grupo a família e às vezes eu posto alguns desafios e eles mandam corrente essas coisas.

Entrevistadora: qual o critério você usa pra curtir e compartilhar as postagens nas Redes Sociais?

Participante23: foto ou texto... Entr.: ...[a foto também é um texto, tudo o que você curte e compartilha no *Facebook* ou no *WhatsApp*]. Inf23.: se eu conhecer as pessoas que tão na foto eu curto e depende se não tiver muito chato sem sentido eu curto também.

Participante 24

Entrevistadora: quantos anos?

Participante24: quatorze.

Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar?

Participante24: não.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante24: já.

Entrevistadora: conte o que foi?

Participante24: foi da minha irmã quando ela tava dirigindo o carro gravando assim quando ela tava gravando na rua dirigindo. Entr.: [e ela postou?] Inf24.: foi no grupo da família. Entr.: [e alguém chamou

a atenção dela?] Inf24.: só falando, isso ontem, ela postou ontem e aí ficou todo mundo lá falando com ela.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o WhatsApp? comente. por que você teve que modificar?

Participante24: já. assim teve uma frase lá que eu gostei, já mudei uma imagem que tava meio sem sentido com a frase, aí coloquei outra foto assim pra ficar mais com o sentido da frase.

Entrevistadora: no WhatsApp, a finalidade das suas postagens altera-se? comente.

No WhatsApp, é pra conversar com os amigos e no *Facebook* também e pra mandar alguns vídeos engraçados.

Entrevistadora: qual a origem das postagens que vocês fazem no *Facebook* de vocês? o que você posta no seu *Facebook*?

Participante24: posto lá algumas fotos minhas com meus colegas e com minha família e algumas frases de reflexão.

Entrevistadora: qual o critério de vocês pra curtir e compartilhar as postagens nas Redes Sociais?

Participante24: eu olho, se é legal e eu gosto.

Entrevistadora: ser amigo é condição para curtir e compartilhar mensagens?

Participante24: se ele postar alguma coisa que eu não gostar aí eu não curto.

Entrevistadora: Muito obrigada pela entrevista.

Participante 25

Entrevistadora: qual a sua idade?

Participante25: quatorze

Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar?

Participante 25: sim. Entr.: [quem falou com você R?] Inf25.: minha mãe Entr.: [o que ela falou...] Inf25.: ela falou pra mim não postar coisas alguém se incomode, coisa assim do tipo. Entr.: [aconteceu alguma coisa pra ela falar ou não?] Inf25.: só porque eu criei perfil nas redes sociais, ela mandou eu ter cuidado.

Entr.: [então assim, não aconteceu nada ela quis te alertar para você ter cuidado com as redes sociais]

Inf25.: sim. Entr.: [você acha que foi legal ela falar isso pra você?] Inf25.: sim. Entr.: [por quê?] Inf25.:

éh, tem hora que a gente num pensa direito. Entr.: [depois que a sua mãe falou com você, você passou a ser mais cuidadoso?] Inf25.: éh, mais ou menos.

Entrevistadora: você já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante25: nunca.

Entrevistadora: você já publicou textos, fotos mensagens e se arrependeu do que postou?

Participante25: sim

Entrevistadora: R, o que aconteceu?

Participante25: quando um amigo postou um "treco" lá no grupo da família, postou o que não devia, então todo mundo ficou falando "merda". Entr.: [então, deu o que falar] Inf3.: éh. ficou falando uma semana inteira.

Entrevistadora: você tem Facebook?

Participante25: não

Entrevistadora: por que você não tem *Facebook*, R?

Participante25: não, não gosto muito não. Entr.: [não gosta?] Inf25.: não. Entr.: [você acha que é muita exposição?] Inf25.: é que eu não gosto muito não, prefiro mais "*Snap*", *Instagram* que este. Entr.: [você tem o *Instagram* também?] Inf25.: *Instagram* e "*Snap*".

Entrevistadora: você disse que só usa WhatsApp, então, qual é o seu objetivo quando usa o *WhatsApp*?

Participante25: falar com os amigos e mostrar alguma coisa do meu dia a dia no status.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas redes sociais ou em aplicativos como o WhatsApp ou não?

Participante25: não.

Entrevistadora: ao receber postagens, você sempre as curte e as compartilha? mas, você já curtiu ou compartilhou alguma coisa porque a pessoa é amiga e ela ia ficar feliz?

Participante25: não.

Entrevistadora: quais os critérios e cuidados você utiliza ao compartilhar as mensagens?

Participante 25: ah, se eu gosto aí eu posto.

Entrevistadora: mas, você já curtiu ou compartilhou alguma coisa porque a pessoa é amiga e ela ia ficar feliz?

Participante25: não.

Entrevistadora: Obrigada.

Participante 26

Entrevistadora: quantos anos?

Participante26: quatorze.

Entrevistadora: em algum momento já houve diálogo com os seus pais, com responsáveis sobre o que é importante postar nas *Redes Sociais* e no *WhatsApp*?

Participante 26: sim.

Entrevistadora: quem?

Participante 26: minha mãe. Entr.: [ham, como foi me conte] Inf26.: ela fala pra eu tomar cuidado, pra não fazer nada que possa me prejudicar, no caso, xingar às vezes, as outras pessoas, postar fotos que podem me expor. isso.

Entrevistadora: e aconteceu alguma coisa pra ela conversar, falar sobre você?

Participante26: sim, a filha de uma colega ela foi... teve fotos comprometedoras postadas... (ininteligível) foi coisa séria.

Entrevistadora: e trouxe consequências?

Participante26: trouxe.

Entrevistadora: você acha que isso é muito importante, os pais terem esse momento?

Participante26: sim.

Entrevistadora: você observava isso, antes da sua mãe falar... Inf26.: [...sim].

Entrevistadora: e em algum momento eles já falaram com você a respeito das pessoas que você vai adicionar?

Participante 26: sim, pra gente adicionar pessoas que a gente conheça mesmo.

Entrevistadora: então, ela já instruiu você?

Participante26: sim.

Entrevistadora: e você M L já observou com atenção algum conteúdo postado por você e se arrependeu do que postou?

Participante26: eu já fico com receio só por zoar as pessoas, que às vezes faz rir né? Entr.: [hamham].

Inf26.: e pode não gostar, eu nem... Entr.: [...então, você tem cuidado]. Inf26.: muito.

Entrevistadora: mas, já aconteceu de alguém ficar contrariado e te questionar, por que você colocou aquilo?

Participante 26: já. mas, eu não tinha falado nada pra pessoa só mesmo tinha postado. Entr.: [mas, você não se arrependeu?] Inf26.: não, eu não falei nada demais, só compartilhei.

Entrevistadora: você conhece alguém que fez alguma postagem assim que com certeza arrependeu?

Participante26: sim, eu tenho uma amiga que ela já postou um texto falando que ela era racista, então ela é morena, e muita gente ficou atrás dela, ameaçando a família dela, a mãe dela foi denunciada, ela perdeu muitas amizades por conta disso.

Entrevistadora: você já teve que modificar algum texto que você recebeu e queria compartilhar?

Participante26: não.

Entrevistadora: você gosta de curtir e compartilhar.

Participante 26: gosto.

Entrevistadora: e você tem algum critério?

Participante 26: eu não curto tudo, mas alguma foto que eu acho bonita de algumas amigas, amigos, aí eu curto.

Entrevistadora: a finalidade do seu *Facebook* qual é?

Participante 26: ah, postar foto mesmo. não converso com desconhecido, só com quem eu conheço.

Entrevistadora: os amigos que você tem no *Facebook* todos você conhece?

Participante26: não.

Entrevistadora: você já observou algo diferente, algo que chamou muito sua atenção pra não adicionar uma pessoa?

Participante26: humhum

Entrevistadora: exemplo.

Participante26: alguns homens e mulheres mais velhos, eu tenho.

Entrevistadora: a finalidade do *Facebook*, ela difere da finalidade do *WhatsApp*?

Participante26: humhum.

Entrevistadora: qual a diferença pra você de usar *Facebook* e *WhatsApp*?

Participante26: no *WhatsApp* a gente pode adicionar gente que a gente conhece né? por exemplo, gente no grupo que se a gente não conhecer a gente não vai adicionar. no *Facebook* a gente adiciona pessoas que não conhecemos, todo mundo pode ver nossas postagens, e no *WhatsApp* é mais pessoal.

Entrevistadora: qual a origem da publicação do que você posta no *Facebook*?

Participante26: algumas são de algumas comunidades, páginas e tem umas que, algumas que a gente mesmo escreve, que a gente tira foto e posta.

Entrevistadora: você faz então algumas montagens também e faz as suas, cria...

Participante26: ...éh já postei alguns textos, mas eu apago porque são meus, eu coloco sempre meu nome em baixo, mas pode vir alguém né? e colar. Entr.:[humhum].

Entrevistadora: e você curte e compartilha mensagens porque recebeu de alguém que é amigo?

Participante26: se uma amiga curtiu, então eu também vou curtir o dela também. Entr.:[mas, você tem algum critério pra curtir o dela, ou não, ela postou pode ser o que for] Inf26.: não, se ela postar alguma coisa... assim, porque tem pessoas que posta foto de droga, dinheiro, arma essas coisas e isso não é pra curtir.

Entrevistadora: Obrigada, ML.

Participante 27

Entrevistadora: sua idade?

Participante27: quinze.

Entrevistadora: já houve diálogo seu com seus pais e/ou responsáveis em relação ao que é publicado e o que você deve observar ao publicar?

Participante 27: não.

Entrevistadora: G, nunca teve, nem seu pai, sua mãe, nenhum responsável...

Participante27: ...não, só falaram pra mim tomar cuidado pra não postar foto assim com dinheiro, essas coisas, porque senão vem ladrão atrás, né?

Entrevistadora: e em algum momento eles já falaram com você a respeito, por exemplo, das pessoas que você vai adicionar?

Participante27: a minha mãe pra eu só adicionar as pessoas que eu conheço.

Entrevistadora: a sua mãe fala sempre?

Participante27: éh, ela fala direto.

Entrevistadora: e você só adiciona quem você conhece?

Participante27: só quem eu conheço.

Entrevistadora: teve algum momento em que você observou com atenção depois o que postou e você ficou com vontade de não ter postado aquilo? você se arrependeu?

Participante27: não, isso ainda não, mas, já quase. Entr.:[é]. Inf27.: quase, mas não falei não! Entr.:[você quase clicou?] Inf27.: não, eu quase falei com a pessoa, mas não... eu ia, mas eu pensei e não falei não.

Entrevistadora: você conhece alguma história, G, de alguém que postou foto, alguma mensagem, se expôs ou teve problemas?

Participante27: não. só no *Youtube* mesmo, tem um cara que ele é racista, lá no *Youtube* aí fico vendo às vezes ele lá e a maioria do povo gosta deles lá.

Entrevistadora: mesmo ele sendo racista?

Participante27: ah, apesar que ele fala que não é, né? fala que é marrom bombom, mas ah, ele é racista mesmo!

Entrevistadora: você já teve que modificar algum texto que você recebeu?

Participante27: não. nunca recebi texto assim pra modificar não.

Entrevistadora: você tem o costume de curtir e compartilhar postagens que você recebe?

Participante27: sim, eu compartilho os vídeos que eu recebo e curto página de todo mundo.

Entrevistadora: independente de quem for, do que postou, você já tá curtindo?

Participante27: éh, só que tem umas que não dá pra curtir não.

Entrevistadora: então, qual é o critério que você usa pra curtir G?

Participante27: como assim?

Entrevistadora: o que você observa, olha pra curtir.

Participante27: ah, as fotos... Entr.:[e o que mais assim?] Inf27.: usuários assim (ininteligível) e coisas que eu não gosto, sabe? eu não curto não. Entr.:[exemplo de uma coisa que você não gosta mesmo] Inf27.: falando mal das pessoas, essas coisas.

Entrevistadora: qual a finalidade de seu Facebook?

Participante27: ... só pra postar foto mesmo. eu tenho dois mil amigos, só conheço mil e duzentos.

Entrevistadora: você tem dois mil amigos, G?

Participante27: acho que é, no mínimo acho. só conheço duzentos só, e nem é assim pessoalmente não.

Entrevistadora: e qual o critério que você tem pra adicionar esses seus amigos?

Participante27: como assim?

Entrevistadora: o que você observa para aceitar uma solicitação de amizade no Facebook?

Participante27: ... agora eu parei de fazer isso porque fica acumulando gente, sabe? e fica lotado aí eu parei, eu tenho muita solicitação no *Facebook*, e eu não aceito mais ninguém. só aceito quem eu conheço mesmo.

Entrevistadora: e no seu *WhatsApp*, você tem vários grupos...

Participante27:.. eu só tenho o da escola, porque eu tinha grupo mesmo era na *Bahia*, de eu aceitar as pessoas, com eu (ininteligível) sumiu.

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no *Facebook*?

Participante27: eu só... só posto foto mesmo. não posto texto, nem nada, só foto. Entr.: [só foto? foto é um texto.] Inf27.: mas, as minhas fotos nem boto assim na legenda lá. tem uns que botam a frase: - aí não sei o quê... e eu só boto lá uma carinha mesmo, não gosto de ficar botando texto.

Entrevistadora: e qual o seu objetivo de postar essas fotos?

Participante27: ah, eu posto pra o povo ver, né? como é que eu tô, e curtidas, né? eu gosto que eles fiquem curtindo.

Entrevistadora: você gosta de postar? Inf27.: [sim] Entr.: [e há uma troca, se você curtir, e amigo curte?]

Inf27.: há uma troca. Entr.: [se ele curtir, você vai curtir] Inf27.: eu curto, é.

Entrevistadora: Obrigada pela entrevista.

Participante 28

Entrevistadora: quantos anos?

Participante28: quatorze.

Entrevistadora: já aconteceu algum diálogo de seus pais com você em relação ao que postar nas redes sociais?

Participante28: não, não.

Entrevistadora: você já fez alguma postagem e se arrependeu?

Participante28: sim. eu faço isso toda hora... eu...eu coloco alguma coisa. Aí eu espero um tempo, eu volto... aí, eu leio. eu já apaguei rede social por isso...porque...já vai...vai dando muita coisa eu tinha preguiça, aí, tipo assim, eu colocava uma coisa que era...era...não era pra ninguém, não era direcionado a ninguém, mas em algum momento alguém pegava aquilo e se sentia ofendido e fazia muita... muita confusão e aí se tem de volta atrás e apagar e...acontece muito, eu faço muito isso. Aí é um dos motivos que eu não tenho muitas redes sociais e aí eu evito, mas aí esse negócio de postar aí e arrepender eu faço toda hora, porque eu gosto de ficar voltando pra ver se se dá algum problema.

Entrevistadora: você já teve que modificar a linguagem de um texto para publicá-lo nas *Redes Sociais* ou *Aplicativos* como *WhatsApp*? por que você teve de modificar? o que modificou?

Participante 28: eu mudo quando eu recebo alguma coisa e quero mostrar pra alguém. eu... eu não compartilho muita coisa não mas quando tem de mandar pra frente eu sou fresca em olhar a escrita então eu mudo se tá desleixado de mais então eu leio e eu vejo e tem coisa que eu não concordo, eu altero e se eu passo pra frente é por isso, normalmente é assim.

Entrevistadora: você tem *Facebook*? Participante 28: [não.] Entr.: e *WhatsApp*? Inf28.: [humhum] Entr.: qual a finalidade de seu *WhatsApp*? Inf28.: [ah, é só pra eu falar com outras pessoas, então eu tenho que falar com minha mãe, aí tenho o grupo da escola.] Entr.: você tem outra rede social? Inf28.: [eu tenho o *Instagram*, que é o de fotinho. demorei pra ter pois não gosto de ficar mostrando minha vida mais.. éh, tem como cê ter a conta fechada, bloqueada pra outras pessoas e você que deixa as pessoas te seguirem eu tenho só amigo e família, não, família não. Mostro pra quem eu conheço.]

Entrevistadora: qual a origem das publicações que você faz no *Instagram* ou no *WhatsApp*?

Participante28: não, na verdade eu não sou muito de publicar coisas no *Instagram* não, eu publico pouco, exemplo, uma foto legal, isso, ou alguma coisa que eu mesmo invento ou até recebo ou vejo na internet.

Entrevistadora: no *WhatsApp*, você sempre curte, compartilha?

Participante28: mais quando é dos meus amigos, aí, gostei, eu curto o que eles mandam. tem também coisa da minha família que eu curto porque é família, sabe, aí se não curte é problema.

Entrevistadora: quais os critérios que você tem ao curtir ou compartilhar as mensagens?

Participante28: ah, eu olho, eu tenho cuidado com as palavras porque sei que posso criar a maior confusão, porque é assim, sabe.

Entrevistadora: muito obrigada.

APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada com pais, mães e/ou responsáveis

Mãe Participante 1

Entrevistadora: sua idade e escolaridade?

Participante1: quarenta e dois e segundo grau completo.

Entrevistadora: e área de trabalho?

Participante1: por enquanto fico em casa, mas eu faço serviço de cabeleireira e tudo ((risos)).

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?

Participante1: sim.

Entrevistadora: e com que frequência?

Participante 1: todo dia porque é sempre uma coisa nova, né? as meninas pedindo ajuda é o meu marido: - ah, procura pra mim porque ele trabalha na *PM* é policial militar então, volta e meia ele me manda mensagem pedindo para eu entrar e procurar alguma coisa, então sempre.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência?

Participante 1: pra nós tá sendo ideal, tá sendo... tá suprimindo as nossas necessidades, tá ótimo.

Entrevistadora: em nenhum momento, esse uso ele atrapalha?

Participante 1: não... não. nós separamos bastante, eu inclusive quando uso faço separação porque quando a gente tá junto e sentado é sem nada.

Entrevistadora: qual rede social você mais utiliza: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*?

Participante1: *Facebook* e *WhatsApp*.

Entrevistadora: dentre os objetivos, quais você relaciona ao seu dia a dia? quais você utiliza mais?

Participante1: *Facebook* de estudo né? trabalho, diversão, interação também ((risos)) pesquisa de preços acho que tudo. gosto o *Facebook* que é o *Candy Crush*... mas a gente usa muito pra ver ingresso de cinema, teatro, quais os locais pra ir.

Entrevistadora: já houve algum diálogo seu com sua filha em relação ao que ela deve observar ao fazer publicações nas redes sociais?

Participante1: sim. falo todos os dias, não aceitar solicitação de quem não conhece, não responder quem não conhece, tomar cuidado com o que posta, com as fotos que põe, com o que fala, tem que tomar muito cuidado com tudo, porque hoje em dia, principalmente pedófilo pra ver tudo que elas estão fazendo pra transformar isso num encontro. ou outras pessoas que querem outras coisas também roubar, né? ou até mesmo se aproximar pra fazer uma coisa muito... sempre, todo dia eu falo!

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo postado por sua filha, ou você já teve que modificar, pedir para ela modificar o texto pra depois publicar nas redes sociais?

Participante1: não. uma vez só, a caçula, a minha prima me chamou no *WhatsApp* e falou assim: - L, olha lá a foto que a B postou. pra mim não pareceu nenhuma foto... nada demais, ela postou uma foto de costas deitada na areia com biquíni, mas não mostrou, não mostrou partes nenhuma, foi só as costas e aí a minha prima me chamou atenção e eu falei: - tira a foto, não põe mais foto sua de biquíni, foi só essa vez.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no seu *Facebook* ou no seu *WhatsApp*?

Participante1: nenhum dos três. não gosto de bebida, não gosto de cigarro e a criança tá muito pelada.

Entrevistadora: e você não compartilharia então, por isso?

Participante1: isso.

Entrevistadora: e você concorda que as pessoas compartilham esses textos como fonte de entretenimento, pra divertir?

Participante 1: com certeza. é bonitinho, igual todo mundo pensa:- ah, é bonitinho! mas, pra mim já é um incentivo a alguma coisa que pra mim não dá.

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças, como você vê as crianças?

Participante1: bonitinho pelas crianças, são crianças lindas, né? mas, o fato da menininha tá muito peladinha e tá sugerindo que pra mim é roupinha de prostituta, eu não achei legal. um bebê com cachimbo na boca pra mim também não é legal, é um incentivo ao fumo e aqui a bebida, é um bebê lindo, são crianças lindas, mas... as crianças inocentes, porque não tão sabendo o que fazem pra mim o erro é dos pais, mas as crianças inocentes, não vejo nada, nelas nada.

Entrevistadora: se uma dessas crianças fosse seu filho e fosse compartilhado?

Participante1: eu não teria deixado esse tipo de foto, não teria deixado.

Entrevistadora: e se alguém publicasse?

Participante 1: ... ah, eu ia brigar, com certeza, eu ia entrar, eu ia brigar e ia mandar tirar e aí a coisa ia ficar feia.

Entrevistadora: obrigada.

Mãe Participante 3

Entrevistadora: sua idade?

Participante 3: quarenta e cinco.

Entrevistadora: sua escolaridade?

Participante 3: ensino fundamental.

Entrevistadora: e área de trabalho?

Participante 3: eu trabalho em casa.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais e aplicativos?

Participante 3: sim.

Entrevistadora: com que frequência: sempre, bastante, com pouca?

Participante 3: uso todos os dias, é sempre, né.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência de uso das redes sociais e aplicativos?

Participante 3: utilizo todos os dias o *WhatsApp* pra falar com a família.

Entrevistadora: que redes sociais e aplicativos você mais utiliza: Facebook, *WhatsApp*, Instagram?

Participante 3: uso o *WhatsApp*.

Entrevistadora: quais são seus objetivos ao usar as redes sociais?

Participante 3: uso muito pra conversar com as pessoas, principalmente com a família.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com sua filha em relação a observar as publicações nas redes sociais e aplicativos?

Participante 3: sim. estou sempre alertando sobre o que colocar no celular, principalmente pra não colocar foto.

Entrevistadora: você já avaliou alguma mensagem que postou ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais?

Participante 3: avalio sempre antes de postar ou nem posto.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no *WhatsApp*? por quê?

Participante 3: não. pois todos os textos banalizam os conteúdos e exploram a infância ao fazerem essa associação por pura diversão.

Entrevistadora: você concorda que as postagens no *Facebook* e/ou *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de entretenimento?

Participante 3: concordo. dá pra ver que é uma brincadeira, pois criança não vai fazer isso.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos, se a criança do texto fosse seu sua filha? por quê?

Participante 3: nunca. seria muito errado da minha parte colocar minha filha assim com bebida, fumando.

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças nos textos? Como você vê as crianças?

Participante 3: elas estão sendo não crianças porque criança não bebe, fuma, ela devia estar brincando.

Mãe Participante 5

Entrevistadora: sua idade?

Participante 5: quarenta e quatro anos.

Entrevistadora: sua escolaridade?

Participante 5: ensino médio.

Entrevistadora: e área de trabalho?

Participante 5: sou do lar.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais e aplicativos?

Participante 5: sim.

Entrevistadora: com que frequência?

Participante 5: muita, na verdade todo dia.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência sua de uso das redes sociais e aplicativos?

Participante 5: sempre que é preciso e todo dia, néh.

Entrevistadora: quais as redes sociais e quais aplicativos você mais utiliza?

Participante 5: uso o Facebook, o *WhatsApp*.

Entrevistadora: cite seus objetivos ao usar as redes sociais?

Participante 5: ah, para saber das notícias, conversar com as pessoas e a família.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com sua filha a respeito das publicações nas redes sociais e aplicativos?

Participante 5: já, eu falo pra ela ter muito cuidado.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo que postou ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais?

Participante 5: não, só coloco o que é preciso e também certo.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no *WhatsApp*? por quê?

Participante 5: não. pois todos os textos banalizam os conteúdos e exploram a infância ao fazerem essa associação por pura diversão.

Entrevistadora: você concorda que as postagens no *Facebook* e/ou *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de entretenimento?

Participante 5: concordo. dá pra ver que é uma brincadeira, pois criança não vai fazer isso.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos, se a criança do texto fosse seu sua filha? por quê?

Participante 5: não, nem pensar. é desumano né, são crianças, e não sabem de nada.

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças nos textos? Como você vê as crianças?

Participante 5: inocentes, elas estão sendo usadas para falar de coisas que elas não fazem, quem faz isso já é adulto.

Entrevistadora: Obrigada.

Mãe Participante 6

Entrevistadora: sua idade?

Participante: quarenta e oito.

Entrevistadora: qual sua escolaridade?

Participante 6: o segundo grau completo.

Entrevistadora: segundo... o ensino médio então completo né? sua área de trabalho?

Participante 6: dona de casa.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?

Participante 6: sim

Entrevistadora: com que frequência, sempre?

Participante 6: sempre.

Entrevistadora: todos os dias? Part.1.: ... [todos os dias]

Entrevistadora: às vezes você percebe que você deixa de fazer alguma coisa pra usar as redes sociais?

Participante 6: não (ininteligível)

Entrevistadora: então, essa frequência você avalia que é um uso adequado, ideal?

Participante 6: isso.

Entrevistadora: qual a rede social você mais usa: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*?

Participante 6: *WhatsApp*.

Entrevistadora: com que objetivo você usa o *WhatsApp*?

Participante 6: comunicação, mais comunicação. comunicar com a minha família que mora longe, nos grupos, comunicação mesmo.

Entrevistadora: pra ajudar os meninos nas pesquisas, estudo alguma coisa também, ajuda?

Participante 6: sim, tem os grupinhos da escola.

Entrevistadora: você acompanha pesquisa de preço de compra de material? Inf6.: ...[utilizo às vezes]

Entr.: pra saber das informações do mundo, do Brasil?

Participante 6: jornal, mas, mais na televisão, mas a gente usa (ininteligível).

Entrevistadora: pra diversão, pra entretenimento em algum momento, pra jogar algum jogo?

Participante 6: não, eu não.

Entrevistadora: já houve algum diálogo da senhora com seu filho sobre o que deve publicar? Inf6.: [sim] Entr.: tem como você me contar?

Participante 6: o meu filho, ele é especial é cadeirante, então ele é muito comunicativo, você sabe que ele foi destaque né? e então às vezes eles brincam muito e ele tem acesso total às redes, ele tem *Facebook*, ele tem... tudo que você imaginar ele tem. então, às vezes sai algum comentáriozinho assim de colega e eu tenho que falar: - não pode fazer isso! agora mesmo ele ganhou outro celular, um celular grande que ele queria pra jogar e pra usar (ininteligível) com outros jogos, então eu tenho que falar: - cê não publica nada, pensa com a mamãe, não acessa nada, então eu tenho esse cuidado, nunca assim demais. apenas algum comentário com algum coleguinha.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo postado, alguma coisa que foi postada que você teve que modificar pra publicar o texto?

Participante 6: não.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos e por quê?

Participante 6: não, não compartilharia não porque isso é um crime! como é que eu vou postar uma criança bebendo, arma, a gente já tem tanta violência e pornografia não tem como!

Entrevistadora: você concorda que as postagens são utilizadas só como fonte de entretenimento?

Participante 6: não. não com certeza não.

Entrevistadora: o que que você acha mais acontece nessas postagens?

Participante 6: aí não foi só humor, mas fala de crime, tem apologia à pornografia, a muita coisa errada.

Entrevistadora: você compartilharia esse texto se fosse seu filho? se você visse compartilhado, o que que você faria?

Participante 6: nunca compartilharia, eu ficaria muito decepcionada se alguém fizesse isso, né? com ele principalmente por ter se prestado a isso.

Entrevistadora: e o que você faria se fosse o contrário, se alguém tivesse compartilhado o seu filho?

Participante 6: éh, ficaria triste também né? porque como eu não compartilharia o filho de ninguém também esperaria que...

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças nos textos acima, como você vê estas crianças?

Participante 6: não tenho nem palavras, criança não presta a um papel desses! isso não é pra criança, criança tem que tá brincando, tem que tá lendo, tem que tá estudando, estar se divertindo não em foto com bebida, com armas, né? Entr.:...[ah, aqui é um castigo que ele tá] Part.1.: pois é. Entr.:...[com arma, né? aqui é uma arma também, bebida].

Entrevistadora: muito obrigada.

Mãe Participante 8

Entrevistadora: qual a sua idade?

Participante 8: trinta e dois anos.

Entrevistadora: qual sua escolaridade?

Participante 8: eu tenho especialização em gestão em (ininteligível) das organizações públicas.

Entrevistadora: área de trabalho?

Participante 8: ... eu estou na área comercial.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?

Participante: sim.

Entrevistadora: com que frequência?

Participante8: normalmente depois do trabalho, depois que eu já fiz o serviço de casa, fiz janta e naquele momento que eu sento no sofá e dou uma olhada no *Facebook*, assim quase todos os dias, praticamente todos os dias.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência?

Participante 8: não, eu acho que não tá em excesso não, tá tranquilo.

Entrevistadora: quais são as redes sociais que você mais utiliza?

Participante 8: *Facebook* e *WhatsApp*.

Entrevistadora: dentre os objetivos a seguir você tem listados e outros, quais você utiliza... que você relaciona seus objetivos?

Participante 8: diversão e entretenimento e interação e contato com outras pessoas, todos os dois.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com seu filho em relação ao que ele deve postar nas redes sociais e aplicativos?

Participante 8: não. até o momento não.

Entrevistadora: você já sentou com ele pra sentou com ele pra conversar mesmo não sendo preciso?

Participante 8: não. nunca tive esse tipo de conversa com ele, realmente quando eu vi essa pergunta aqui eu ponderei e a gente nunca conversou sobre isso, aí como eu tenho ele relacionado no *Facebook* eu sempre vejo o que ele publica né? e até o momento ele nunca publicou nada que fosse necessário né? eu intervir e o celular, o *WhatsApp* que ele tem a gente, eu sempre olho, eu e o pai dele, mas a gente nunca sentou pra falar sobre publicações na rede social. vou ser sincera, a gente nunca teve um diálogo sobre esse assunto específico.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo postado, ou você já teve que modificar o texto pra publicá-lo nas redes sociais?

Participante8: não, nunca. nunca tive que fazer isso não. agora do G eu nunca precisei fazer, agora todas publicações dele nunca precisou alterar. as minhas éh, não, normalmente eu só compartilho ideias que condizem com o que eu acredito, então, se uma coisa que não combina comigo, que não combina com o que eu acredito eu não compartilho mesmo.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no seu *Facebook* ou no seu *WhatsApp*?

Participante 8: não.

Entrevistadora: por quê?

Participante 8: porque eu acho que eles envolvem a questão da criança, né? igual, por exemplo, a exposição do corpo da criança, cigarro são coisas que eu não compactuo, né? e bebida, são coisas

que não fazem parte dos meus princípios, eu acho que é como se a gente tivesse tentando, eu não tenho certeza da palavra, é... eu não sei nem se existe essa palavra é avitalizar a criança, sabe? tornar ela mais adulta, envolver ela em coisas que não são de crianças, então eu não compartilharia.

Entrevistadora: você concorda que essas postagens aqui no *Facebook* e *WhatsApp* elas são utilizadas só como fonte de entretenimento?

Participante 8: às vezes a intenção da pessoa pode até ser de entretenimento, mas existe uma outra mensagem nesse tipo de imagem, né? a partir do momento que eu compartilho uma foto de uma criança, de uma menina a parte da blusa, eu tô passando uma outra informação né? pra pessoa que tá vendo, então, não é só na intenção de ah dá um bom dia (ininteligível) não, você tá passando, às vezes não intencionalmente, às vezes a pessoa só compartilha por compartilhar, mas ela tá acabando que ela tá propagando uma..., éh, ela tá prejudicando a imagem das crianças entendeu? relacionando as crianças com coisas que não são condizentes com a idade delas. Entr.: [hum] eu penso isso.

Entrevistadora: então, você não compartilharia?

Participante 8: não.

Entrevistadora: e se você percebesse que alguém compartilhou e é foto de seu filho que ela fez aí?

Participante: eu ficava muito brava, muito chateada, eu falaria pra pessoa, com certeza e pedia para tirar na mesma hora, sem dúvida alguma.

Entrevistadora: como que você caracteriza as crianças nos textos aqui?

Participante 8: são inocentes né? na verdade são imagens que te foram manipuladas e são pessoas inocentes que, eles não têm responsabilidades sobre essas imagens, a imagem que foi usada de uma forma errada, então assim, o que eu vejo nas crianças é inocência e a gente acaba tirando a inocência das crianças, nós adultos com o que falamos, com a forma que nos portamos, entendeu? então, não têm... é a imagem da inocência é o que eu acho.

Entrevistadora: obrigada!

Mãe Participante 10

Entrevistadora: sua idade?

Participante: trinta e sete.

Entrevistadora: dona V, qual é a sua escolaridade?

Participante 10: ensino médio incompleto.

Entrevistadora: e seu trabalho?

Participante 10: do lar.

Entrevistadora: a senhora utiliza muito as redes sociais?

Participante 10: um pouco.

Entrevistadora: com que frequência? assim, todos os dias, quatro horas por dia, duas horas e meia?

Participante 10: todo dia.

Entrevistadora: como que a senhora avalia essa frequência: acha que tá usando adequadamente, é muito, é pouco? é o certo, é muito?

Participante 10: é muito.

Entrevistadora: em algum momento a senhora percebe que às vezes deixa de fazer alguma atividade para usar as redes sociais.

Participante 10: é.

Entrevistadora: qual a rede social que a senhora mais usa? *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*?

Participante 10: *WhatsApp* pra comunicar com os filhos e gosto muito do jornalismo pra pesquisar.

Entrevistadora: então, dentre os objetivos da senhora pra ajudar o seu filho nos estudos, a senhora já usou a rede social? a *Internet* pra alguma pesquisa de escola?

Participante 10: pra pesquisa de escola não, mas pra curso e observar receita.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com o seu filho em relação ao que ele deve observar ao fazer publicações nas redes sociais? a senhora já falou alguma coisa?

Participante 10: pra ele não ficar clicando em coisas que ele não conhece, *Facebook*, essas coisas, pra ele não ficar (ininteligível)

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo postado por ele que já teve que a senhora pedir para alterar?

Participante 10: o perfil dele, mas nada sério.

Entrevistadora: já teve algum conteúdo que a senhora recebeu e queria divulgar e a senhora teve que modificar o texto?

Participante 10: não.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no *Facebook* ou *WhatsApp*? e por quê?

Participante 10: não. isso aí tá fora da educação (ininteligível).

Entrevistadora: você concorda que as postagens no *Facebook* e *WhatsApp*, nessas redes sociais e aplicativos são utilizados só como fonte de entretenimento?

Participante 10: não, acho que é uma forma de induzir os jovens a outra coisa, né?

Entrevistadora: você compartilharia esses textos?

Participante 10: não.

Entrevistadora: não, e se fosse o seu filho, o que você faria se visse o seu filho compartilhado por outras pessoas dessa forma?

Participante 10: eu mandaria tirar. não aceito.

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças nos textos aqui? como que elas estão, como que você vê?

Participante 10: acho que nem tanto essas crianças é os pais, né? os pais delas devem ser bem relaxados, (ininteligível) nem tanto é as crianças, é os pais que são...

Entrevistadora: esse trabalho na escola a senhora acha que vai ser muito importante?

Participante 10: acho que é educativo, de forma educativa.

Entrevistadora: muito obrigada!

Mãe Participante 11

Entrevistadora: sua idade?

Participante 11: quarenta e dois anos.

Entrevistadora: sua escolaridade?

Participante 11: ensino médio.

Entrevistadora: e área de trabalho?

Participante 11: sou do lar.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais e aplicativos?

Participante 11: sim.

Entrevistadora: com que frequência?

Participante 11: na verdade pouco.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência sua de uso das redes sociais e aplicativos?

Participante 11: acho que tá bom, é o certo.

Entrevistadora: quais as redes sociais você mais utiliza? *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*?

Participante 11: uso *WhatsApp*.

Entrevistadora: quais seus objetivos ao usar as redes sociais?

Participante 11: mais pra falar com outras pessoas, com a família, os grupos, né.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com sua filha a respeito das publicações nas redes sociais e aplicativos?

Participante 11: eu sempre falo pra não conversar com quem não conhece, pra ter cuidado.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo que postou ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais?

Participante 11: não.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no *WhatsApp*? por quê?

Participante 11: não. é triste ver criança com bebida e ainda fumando, isso é triste.

Entrevistadora: você concorda que as postagens no *Facebook* ou no *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de entretenimento?

Participante 11: concordo. Não é verdade, né, é uma brincadeira porque a criança não vai fazer isso.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos, se a criança do texto fosse seu sua filha? por quê?

Participante 11: jamais. eu nunca ia colocar foto dela nem deixar tirar uma foto assim, meu Deus!

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças nos textos? Como você vê as crianças?

Participante 11: tristes, né. é uma brincadeira as fotos. Não pode uma criança fazer isso. Não.

Entrevistadora: Obrigada.

Mãe Participante 13/21

Entrevistadora: qual a sua idade V?

Participante 13/21: trinta e seis anos.

Entrevistadora: sua escolaridade?

Participante 13/21: oitava série.

Entrevistadora: área de trabalho?

Participante 13/21: dona de casa.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?

Participante 13/21: utilizo.

Entrevistadora: e com que frequência?

Participante 13/21: é pouca a frequência que eu uso.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência?

Participante 13/21: normal não me atrapalha em nada.

Entrevistadora: que rede social mais utiliza?

Participante 13/21: *WhatsApp*.

Entrevistadora: e com que objetivo?

Participante 13/21: pra conversar mesmo com a minha irmã, que eu mais converso é com ela.. tem também o grupo da família, mas eu só converso com ela.

Entrevistadora: já houve algum momento que você precisou dialogar com seus filhos a respeito de alguma postagem nas redes sociais?

Participante 13/21: já.

Entrevistadora: o que foi?

Participante 13/21: não aconteceu nada não, porque a gente vê né? internet é um "trem", mas a gente conversa, mas o que eles vai ouvir, que tipo de assunto, quais as pessoas que eles conversam esses cuidados.

Entrevistadora: olha essas imagens V. e me diga se você compartilharia esses textos no *Facebook* ou *WhatsApp*.

Participante 13/21: não.

Entrevistadora: por quê?

Participante 13/21: porque são crianças que está sendo exposto né? a imagem delas, eu não compartilharia não.

Entrevistadora: você concorda que elas foram publicadas só pra divertir, como fonte de entretenimento?

Participante 13/21: pode até ser né? mas, não ficou bom.

Entrevistadora: se fosse seus filhos que tivessem aqui, o que que você faria?

Participante 13/21: ah, eu não ia gostar não.

Entrevistadora: como você caracteriza as crianças desse texto?

Participante 13/21: estão se expondo demais, estão assumindo um papel que não é delas, pessoas que estão na imagem das crianças achando que é adulto.

Entrevistadora: obrigada!

Mãe Participante 15

Entrevistadora: sua idade?

Participante 15: eu tenho trinta e sete.

Entrevistadora: sua escolaridade?

Participante 15: ensino médio.

Entrevistadora: e área de trabalho?

Participante 15: comércio.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais e aplicativos?

Participante 15: sim.

Entrevistadora: com que frequência?

Participante 15: com pouca frequência.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência sua de uso das redes sociais e aplicativos?

Participante 15: boa, procuro saber usar o tempo para comunicar, não gosto de perder tempo, nem tenho tempo a perder.

Entrevistadora: quais as redes sociais você mais utiliza?

Participante 15: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*.

Entrevistadora: quais são seus objetivos ao usar as redes sociais e aplicativos?

Participante 15: uso pro trabalho, pesquisar preço, pra comprar alguma coisa e para conversar com as pessoas.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com seu filho a respeito das publicações que ele faz nas redes sociais e aplicativos?

Participante 15: sim. sempre estamos atentos ao que ele posta. Eu pergunto pra ele o que é e ele fala.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo que postou ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais?

Participante 15: não.eu recebo e o que eu acho interessante, eu envio.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no *WhatsApp*? por quê?

Participante 15: não. não tem nada a ver comigo além de tudo... tem crianças e dá má impressão.
 Entrevistadora: você concorda que as postagens no *Facebook* ou no *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de entretenimento?
 Participante 15: no geral acho que sim.
 Entrevistadora: se a criança do texto fosse seu filho você compartilharia? por quê?
 Participante 15: não. é uma atitude sem noção quem compartilha imagens de crianças assim com outro sentido.
 Entrevistadora: como você descreve as crianças nos textos?
 Participante 15: são crianças inocentes, não sabem o que estão fazendo. provavelmente quem fez os textos foram adultos.
 Entrevistadora: Obrigada.

Mãe Participante 17

Entrevistadora: sua idade?
 Participante 17: trinta e sete.
 Entrevistadora: sua escolaridade?
 Participante 17: nível superior.
 Entrevistadora: e área de trabalho?
 Participante 17: Administrativo.
 Entrevistadora: você utiliza as redes sociais e aplicativos?
 Participante 17: sim. sempre.
 Entrevistadora: com que frequência?
 Participante 17: todo os dias.
 Entrevistadora: como você avalia essa frequência sua de uso das redes sociais e aplicativos?
 Participante 17: necessária pra se manter informada.
 Entrevistadora: quais as redes sociais você mais utiliza
 Participante 17: *Facebook* e *WhatsApp*.
 Entrevistadora: quais são seus objetivos ao usar as redes sociais e aplicativos?
 Participante 17: pro trabalho, saber das informações, pra conversar com as pessoas.
 Entrevistadora: já houve algum diálogo com sua filha a respeito das publicações nas redes sociais e aplicativos?
 Participante 17: sim, para evitar colocar informações pessoais em público, como dados pessoais, endereço, telefone, falar onde estuda.
 Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo que postou ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais?
 Participante 17: não.
 Entrevistadora: você compartilharia esses textos no seu *Facebook* ou no seu *WhatsApp*? por quê?
 Participante 17: não. porque não sou a favor desse tipo de imagem, exposição infantil.
 Entrevistadora: você concorda que as postagens no *Facebook* ou no *WhatsApp* são utilizadas só como fonte de diversão?
 Participante 17: não, pois pode ser utilizada a título de informação diária como também pode estar cometendo um crime com a exposição delas.
 Entrevistadora: você compartilharia esses textos, se a criança do texto fosse sua filha? por quê?
 Participante 17: jamais. sou contra a exposição de crianças assim.
 Entrevistadora: como você caracteriza as crianças nos textos? Como você vê as crianças?
 Participante 17: elas estão sendo desrespeitadas.
 Entrevistadora: Obrigada.

Mãe Participante 18

Entrevistadora: sua idade?
 Participante 18: eu tenho quarenta e dois.
 Entrevistadora: sua escolaridade?
 Participante 18: superior.
 Entrevistadora: e sua área de trabalho?
 Participante 18: administração.
 Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?
 Participante 18: sim.
 Entrevistadora: e com que frequência?
 Participante 18: no trabalho eu posso dizer que a rede social ela é assim cinquenta por cento das minhas atividades né? tá muito ligada especialmente ao *WhatsApp* ao *Instagram* ao *Skype* que existe muita

conversa, eu sou gerente de *RH* tem sempre esses contatos de conversa e assim na vida, eu uso o *WhatsApp* quando eu tenho tempo ((*risos*)) quase sempre à noite, na vida bem pouco. eu gosto muito de contato pessoal, contato, né? palpável ((*risos*))

Entrevistadora: como você avalia essa frequência tanto no trabalho quanto em casa?

Participante18: no trabalho vai ser uns cinquenta por cento das minhas atividades, né? o meu trabalho é muito ligado a especialmente o *WhatsApp*, no trabalho, quando eu vejo metade do dia eu tô trabalhando mais no *WhatsApp* que no computador em si, nas atividades outras. Entr.: ... [em casa, você acha que atrapalha alguma coisa ou não?] Inf.: não, olha, eu penso assim: como eu fico em casa pouco tempo aí eu tô sempre envolvida com as coisas de casa, né? então, quando vou lembrar de repente, ah, ver a rede social quando o *WhatsApp* toca muito, o *Facebook*, eu vou ver o que que aconteceu e então assim, com relação se fosse um percentual pra o uso na vida pessoal sem ser no trabalho eu diria, sei lá, quinze, dez por cento. não atrapalha não.

Entrevistadora: você usa mais *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*?

Participante18: no trabalho *WhatsApp* e *Skype* e em casa *WhatsApp* e *Facebook*.

Entrevistadora: dentre os seus objetivos, quais que você relaciona ao seu dia a dia a necessidade das redes sociais?

Participante18: pra jogar não, sou péssima, jogos eletrônicos não é comigo, isso é coisa deles, ali ((*risos*))...agora, pra interação com a família o *WhatsApp* é bastante usado, a gente tem grupos, né? da família, tem grupo de primo, tem grupo de família núcleo, grupo, e especialmente com a minha filha, porque como eu, eu... não é que eu tenho pouco tempo com ela, eu tenho a partes com ela, mas ela tem muitas atividades além da escola, então o *WhatsApp* eu fico meio que uma ajuda, aí já fez tal coisa, e aí o que que você tem de trabalho pra amanhã? tarefa, não sei o que, eu fico mais, né?

Entrevistadora: já houve algum diálogo com a sua filha em relação ao que ela deve observar ou fazer publicações nas redes sociais?

Participante18: tem sempre, inclusive eu falo pra ela que adolescente não tem... olha eu falei: oh, infelizmente é muito ruim você ouvir isso, no mundo que a gente... mas muita gente na nossa qualidade, adolescente não pode ter privacidade, então assim, as redes sociais não têm senha e as que têm eu sei, e eu tô sempre conversando com ela, porque a gente sabe que acontece muita coisa ruim, muita gente maldosa por trás das redes sociais, então, eu fico sempre de olho, quero sempre saber com quem ela tá conversando, que tipo de assunto, né? nós já tivemos no ano de dois mil e quatorze, eu tive um probleminha com ela com relação a... ela era de outra escola, não era daqui, uma escola particular e ela tinha um grupinho assim, uma má influência e era um grupo que, enfim, ela, ela tinha um, na época era um tablet e ela conversava com esse grupo só através do tablet e quando eu vim descobrir, eu tive, eu fiquei muito preocupada porque depois eu fui vendo o perfil dos meninos, do pessoal do grupo que eram alunos da escola e não gostavam dela, dois eram da sala, dois eram de outra sala, mas eu fiquei muito preocupada em questão de comportamento, eu percebi a mudança de comportamento dela e era assim, era um grupo que... não era nada relacionado à droga nem nada não, mas era assim, eles passavam um comportamento agressivo e ela é muito tranquila e de repente eu fui vendo assim mudança, muita arrogância aí eu fui e estranhei e quando eu fui ver, eu acabei tirando ela da escola, esse foi um dos grandes motivos, né? e assim, foi esse probleminha, mas graças à *Deus*, a gente mantém uma parceria boa, uma amizade boa, e deu certo pra resolver.

Entrevistadora: você já precisou modificar o texto pra publicar nas redes sociais?

Participante18: já. já, às vezes assim, aquela (ininteligível) eu acho interessante, alguma coisa que alguém quer compartilhar, aí eu acho interessante, mas eu discordo de alguma colocação, ou às vezes assim, palavreado... porque assim, a gente já teve essa doutrina de evitar esses palavões, aí quando eu vejo aí eu derrubo mesmo, não gosto muito não, tenho essa preocupação de imagem ((*risos*))

Entrevistadora: você compartilharia esses textos em seu *Facebook* Inf. 18: ... [não, nenhum] em seu *WhatsApp*? Inf. 18: nenhum dos três?

Entrevistadora: por quê?

Participante18: talvez no *WhatsApp* nos grupos fechados, da família, ou a gente tem o grupo das amigas do trabalho, talvez eu compartilhasse o da menininha aqui, "*De arrasar*", né? mas, não abertamente, no *Facebook* que é mais público, eu não compartilharia porque não são meu perfil, né? "*Sexta feira é dia de crime*" eu não gosto da palavra crime, né? e assim, tem que ter um dia do crime? quem é criminoso é criminoso sempre, eu penso que não tem haver e assim eu não bebo e ((*risos*)) e daí não acho que uma sexta feira tá ligada a uma diversão com bebida, né? então, também não faz meu perfil, agora me acho um pouco vaidosa, sou meio perua, então talvez no grupo onde eu sei, onde eu tô me portando, um grupinho fechadinho ali da família, das amiguinhas eu posso passar esse aqui da garotinha bonita.

Entrevistadora: você concorda que estas postagens no *Facebook*, no *WhatsApp* elas são utilizadas só como fonte de entretenimento?

Participante18: éh, assim oh, a minha opinião, eu acho a imagem apelativa nos três casos, porque uma criança do lado de uma bebida tá com um chapéu que eu acho que é de homem, né? que parece adulto, então assim, a imagem da criança não combina com... nem com cachimbo, criança fumando, crime e essa menininha eu postaria porque tá bonitinha, mas também não é legal, uma criança já com uma postura de ah, né? vou arrasar, eu não sei. mas, quando eu olho, eu daria risada no sentido da menininha especialmente, eu acharia bonitinho, né? só pra relacionar sexta feira é um dia pra você sei lá, curtir, mas eu não concordo com a imagem de ter criança, poderia ter só de repente, a frase, ou só a garrafa, a criança é que eu não acho que tá combinando, né?

Entrevistadora: você disse que compartilharia este primeiro texto mesmo num grupo mais fechado
Inf.18: ... [é fechado, de pessoas que eu conheço bem assim né?] Entr.: ... e se essa criança fosse sua filha, mesmo assim você compartilharia nesse grupo? por quê?

Participante 18: ela pequeninha assim né? aham, eu tô lembrando da M nessa idade, ela era muito fofinha, muito gordinha. eu nunca fiz foto dela assim, mas também quando ela era dessa idade não existiam redes sociais como hoje, né? não tinha nem *WhatsApp* nem nada, mas se por acaso, por exemplo, a minha irmã gostava muito de fazer fotos dela assim com roupinhas engraçadas, eu não me lembro de foto assim, mas digamos que ela tivesse alguma, talvez pra família, nos mesmos grupos, se fosse hoje, se eu tivesse uma filhinha dessa idade, e por acaso ela fizesse uma fotinha assim, talvez pra família eu publicasse, é assim, ainda mais que tá de costas, né? esse sapato seria da mãe, é, mas M é meio tímida, talvez ela não quisesse botar assim pra tirar a foto, não sei. mas, se digamos que fosse hoje e eu tivesse ela desse tamanho e a gente fizesse uma foto dela assim, pro grupo da família talvez eu, não sei se com essa frase, sei lá, poderia falar assim: puxou a mãe! vai ser perua igual à mãe, porque ela não é perua igual a mim ((risos)) eu sou bem vaidosa, ela não é não, mas pode ser que sim.

Entrevistadora: como você descreve as crianças nesses textos?

Participante18: então, eu só acho assim, pra mim eles são assim desconexos porque a imagem parece que, eu tenho a impressão que a imagem criança não combina com a frase, com o texto, né? então, eu acho assim, por exemplo, em outras situações, aqui não, nossa, eu to nem querendo olhar pra foto ((risos)) é que eu tô achando muito forte, né? o menininho é um bebê gente, eu tô achando muito forte, não sei por que também tenho essa aversão à bebida alcoólica, não sei. talvez seja por isso também, questão mais pessoal né? e aqui fumando, nossa! esse menino tá com cara de *Hither*, meu *Deus!* judiaram do bichinho demais! agora, ela, assim a imagem eu não acho que tá bem associada à frase porque quando você fala assim: "*hoje sexta feira dia de arrasar*", dá impressão de uma mulher que tá querendo sei lá se arrumar muito bem pra causar aí já não combina com criança, mas eu achei fofo, não combina com a frase, mas assim, se fosse a foto da nenenzinha e colocasse éh, que fofura! uma coisa assim talvez... enfim, mas eu acho que o texto não combina com as fotografias, é isso.

Entrevistadora: obrigada!

Mãe Participante 19

Entrevistadora: qual a sua idade?

Participante 19: trinta e nove.

Entrevistadora: sua escolaridade?

Participante 19: superior. ainda estou estudando.

Entrevistadora: sua área de trabalho?

Participante 19: atendente.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?

Participante 19: sim

Entrevistadora: com que frequência?

Participante 19: não uso muito, eu olho todo dia, mas não é toda hora.

Entrevistadora: como você avalia essa frequência?

Participante 19: pela necessidade de obter informação e para a comunicação.

Entrevistadora: quais as redes sociais você mais utiliza?

Participante 19: *WhatsApp*.

Entrevistadora: quais são seus objetivos ao usar o *WhatsApp*?

Participante 19: mais pra conversar com as pessoas e saber o que tá acontecendo.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com seu filho sobre o que compartilhar nas redes sociais e aplicativos?

Participante 19: sim. para não se expor principalmente com fotos.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos? observe?

Participante 19: não.

Entrevistadora: você concorda que essas postagens só tem o intuito de divertir?

Participante 19: acho que não, eu nunca tinha parado pra prestar atenção nisso mesmo.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos se a criança fosse seu filho? por quê?

Participante 19: não. é expor ele, isso é desnecessário, não.

Entrevistadora: como você caracteriza essas crianças?

Participante 19: superexposição, perigoso e desnecessário.

Mãe Participante 25

Entrevistadora: quantos anos você tem?

Participante 25: eu tenho trinta e cinco.

Entrevistadora: qual sua escolaridade?

Participante 25: ensino médio completo.

Entrevistadora: sua área de trabalho?

Participante 25: assistente administrativo.

Entrevistadora: você utiliza as redes sociais e aplicativos?

Participante 25: sim.

Entrevistadora: e com que frequência?

Participante 25: não muito assim, umas três vezes na semana.

Entrevistadora: como você avalia a frequência do uso dessas redes sociais e aplicativos três vezes por semana:

Participante 25: normal né? eu acho normal, eu acho que não chega a prejudicar porque não é uma coisa constante né?

Entrevistadora: quais redes sociais e aplicativos você mais utiliza? *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*?

Participante 25: *Facebook* e *WhatsApp*.

Entrevistadora: quais são os seus principais objetivos quando você está utilizando as redes sociais?

Participante 25: as redes sociais é pra atualizar, às vezes, éh, eu tenho amizade com algumas pessoas e tal e elas reclamam e mandam : - oh, observa lá eu marquei você e tal, mais é por isso.

Entrevistadora: pra acompanhar seu filho no dia a dia você utiliza a rede social? Inf.: ...[não] Entr.: ...*WhatsApp*

Participante 25: acompanho, *WhatsApp* eu acompanho, porque quase não chega mensagem, então.

Entrevistadora: e já houve um diálogo seu com o R a respeito do que deve observar ao fazer publicações nas redes sociais?

Participante 25: sim, até porque eu não deixo criar *Facebook*. *Facebook* é meu e dele pra mim ter acesso a tudo que ele vê e eu ficar por dentro de tudo que tá acontecendo.

Entrevistadora: já aconteceu alguma coisa que você precisou chamar a atenção dele quanto a postagens nas redes sociais e aplicativos?

Participante 25: não. não.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo postado que foi preciso modificar o texto retirar alguma coisa?

Participante 25: não. não. não não.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos no seu *WhatsApp* ou no seu *Facebook*?

Participante 25: não, nenhum.

Entrevistadora: por quê?

Participante 25: porque todos levam prum lado como se diz nada, lado vulgar, né? olha a menina só de calcinha, o bebê com cachimbo o outro bebê com bebida alcoólica, nenhum.

Entrevistadora: você concorda que essas postagens aqui são usadas como fonte de entretenimento?

Participante 25: também, mas também induzem muito, né? a pessoa que tem a mente fraca né?

Entrevistadora: então, você não compartilharia esses textos?

Participante 25: não, nenhum.

Entrevistadora: se no lugar dessas crianças fosse seu filho Inf.: ...[não] Entr.: o que você faria se fosse compartilhado?

Participante 25: com bebida, com essas coisas? Entr.:... [sim] Inf.: iria proteger ele.

Entrevistadora: como você caracteriza essas crianças, como que você vê essas crianças aqui nos textos?

Participante 25: eu fico horrorizada né? dá aquele “baque”, fico assustada, né? porque eu também tenho um bebê de um ano e seis meses então eu já assimilo meu filho, meu outro pequeno. eu acho que no caso quem postou, postou com o intuito de chamar a atenção pro lado das crianças, então, algo não apropriado, né?

Entrevistadora: obrigada!

Mãe Participante 26

Entrevistadora: qual a sua idade?
 Participante26: trinta e nove anos
 Entrevistadora: sua escolaridade?
 Participante26: ensino médio completo.
 Entrevistadora: hoje, sua área de trabalho?
 Participante26: sou merendeira.
 Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?
 Participante26: sim
 Entrevistadora: com que frequência?
 Participante26: todos os dias.
 Entrevistadora: como você avalia essa frequência?
 Participante26: atrapalha um pouco, às vezes a pessoa até fala com a gente e a gente tá no celular e num presta atenção, parece que não tá aqui, entendeu?
 Entrevistadora: e que redes sociais você mais utiliza?
 Participante 26: *WhatsApp*.
 Entrevistadora: quais são os objetivos que você relaciona ao usar as redes sociais e aplicativos?
 Participante 26: mais pra diversão do que pra trabalho, uso muito pra estudar, mas a diversão... Entr.:... [diversão, você fala assim pra ouvir música, pra jogar...] Inf.:... pra ouvir música, pra conversar com os colegas... Entr.:... [jogar, você gosta ou não?] Inf.: ... não, jogar não gosto muito não. Entr.: ...[não!]
 Entrevistadora: éh, em algum momento você sentou com a L pra tentar falar pra ela sobre os cuidados que precisa ter ao usar as redes sociais?
 Participante 26: em sala de aula... Entr.:... [você já conversou com ela... precisou em algum momento]
 Inf.: precisou... a mãe dela, pai... Entr.:... [teve alguma situação assim que foi necessário então...] Inf.: ... éh.
 Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo que você postou ou algum conteúdo postado pela L e foi preciso modificar esse texto ou foi preciso tirar?
 Participante 26: não, dela não. meu também não. Entr.: ...[hum]
 Entrevistadora: você compartilharia esses textos em seu *Facebook* ou no seu *WhatsApp*?
 Participante 26: éh, mas um de criança, *hoje é sexta feira*, (ininteligível), essas imagens... as imagens, com as imagens não, e esse daqui de nenhuma forma... *Dia de Crime*, Entr.:...[esse você não compartilharia?] Inf.: não. a imagem não é compatível, né?
 Entrevistadora: você concorda que essas postagens são feitas só pra diversão?
 Participante 26: acho. podem influenciar, né? essa nenenzinha com esse shortinho curto (ininteligível).
 Entrevistadora: você compartilharia esses textos se as crianças fossem conhecidas, por exemplo, se fosse sua filha?
 Participante 26: tiraria, não compartilharia de forma nenhuma, ia expor ela, né? Entr.: ... [hum]
 Entrevistadora: e como você descreve essas crianças?
 Participante 26: elas estão sendo usadas aí... (ininteligível)
 Entrevistadora: obrigada.
 Participante 26: de nada.

Mãe Participante 28

Entrevistadora: qual a sua idade?
 Participante 28: quarenta.
 Entrevistadora: sua escolaridade?
 Participante 28: superior.
 Entrevistadora: sua área de trabalho?
 Participante 28: sou professora.
 Entrevistadora: você utiliza as redes sociais?
 Participante 28: sim
 Entrevistadora: com que frequência?
 Participante 28: sempre, todos os dias.
 Entrevistadora: como você avalia essa frequência?

Participante 28: acho que é ideal, uso sempre porque é necessário, ver informações, saber o que está acontecendo, ficar atualizada.

Entrevistadora: quais as redes sociais você mais utiliza?

Participante 28: Facebook, *WhatsApp* e *Instagram*.

Entrevistadora: quais são seus objetivos ao usar as redes sociais e aplicativos?

Participante 28: como falei para saber notícias, informações, pesquisar ideias, dialogar com as pessoas.

Entrevistadora: já houve algum diálogo com sua filha sobre o que compartilhar nas redes sociais e aplicativos?

Participante 28: sim. oriento minha filha sobre o que não é saudável nas redes sociais, e sempre verifico as páginas das publicações que ele fazem.

Entrevistadora: você já avaliou algum conteúdo postado ou você já teve que modificar o texto para publicá-lo nas redes sociais?

Participante 28: sim.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos? observe?

Participante 28: não. acho impróprio.

Entrevistadora: você concorda que essas postagens só tem o intuito de entretenimento?

Participante 28: não. percebo que nesses textos mesmo tem a exposição da criança com bebida.

Entrevistadora: você compartilharia esses textos se a criança fosse sua filha? por quê?

Participante 28: não. jamais iria permitir tal absurdo com minha filha.

Entrevistadora: como você caracteriza essas crianças?

Participante 28: são inocentes. quem compartilha essas imagens também contribui para esse uso impróprio.

Entrevistadora: obrigada.

APÊNDICE C – Caderno suplementar deslocado: Protótipo de Leitura e Análise Crítica de Memes

O caderno suplementar está inserido como um apêndice deslocado da dissertação uma vez que nosso objetivo com esse material de apoio é favorecer a prática de professores e estudantes de Língua Portuguesa da Educação Básica e de áreas afins. Dessa forma, esse deslocamento facilitará a sua consulta e a sua utilização, permitindo o seu uso separadamente, visto que para a aplicação e/ou realização da proposta não há, obrigatoriamente, a necessidade de conhecer toda a dissertação.

É importante destacar que o caderno suplementar com a proposta de leitura e análise crítica de memes traz vários boxes com os pressupostos teóricos que deram embasamento para a elaboração e organização do protótipo. Esses boxes têm por objetivo aproximar os docentes às teorias sem, necessariamente, haver um estudo teórico mais detalhado. Caso haja o interesse e a vontade de efetuar uma leitura mais aprofundada das teorias e metodologias abordadas nessa proposta, sugerimos a leitura desta dissertação bem como a observância às referências nela indicadas.

ANEXO A – Termo de Assentimento para o menor

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (orientadora) e Profa. Especialista Gilda das Graças e Silva (orientanda).

Nesta pesquisa apresentamos como objetivo elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante principal a criança, com foco na representação discursivo-semiótica desse participante, com o propósito de discutir com alunos, pais, mães e ou responsáveis essas representações e a prática de compartilhamento de memes, e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

Na sua participação, você fará leituras de textos compartilhados das redes sociais, responderá a uma entrevista a algumas questões de compreensão do texto, as quais serão analisadas, e participará das discussões em sala de aula a respeito dos textos explorados.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco de sua participação no estudo seria a sua identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde estuda. Quanto aos benefícios, este estudo possibilitará a você a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura de textos multimodais com o qual você tem contato constantemente dentro e fora da escola e contribuirá para minimizar as dificuldades de leitura e produção desses textos. Além disso, fornecerá aporte para outros professores de Língua Portuguesa.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o (a) senhor (a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com: Maria Aparecida Resende Ottoni, na Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 220, telefone 3239-4162, ou com Gilda das Graças e Silva, Telefone (61)34874413. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, Sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Brasília, dede 2017.

Assinatura das pesquisadoras

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Você está sendo convidada (a) para participar da pesquisa intitulada **“A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (orientadora) e Profa. Especialista Gilda das Graças e Silva (orientanda).

Nesta pesquisa apresentamos como objetivo elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante principal a criança, com foco na representação discursivo-semiótica desse participante, com o propósito de discutir com alunos, pais, mães e ou responsáveis essas representações e a prática de compartilhamento de memes, e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância.

Na sua participação, você responderá a questionário e participará de discussões a respeito do assunto tratado em momentos de reuniões, quando solicitado.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco de sua participação no estudo seria a sua identificação. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade. Quanto aos benefícios, este estudo possibilitará a seu(sua) filho(a) a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura de textos multimodais com o qual ele tem contato constantemente dentro e fora da escola e contribuirá para minimizar as dificuldades de leitura e produção desses textos. Além disso, fornecerá aporte para outros professores de Língua Portuguesa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o (a) senhor (a), poderá entrar em contato com: Maria Aparecida Resende Ottoni, na Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 220, telefone 3239-4162, ou com Gilda das Graças e Silva, Telefone (61)34874413. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa

com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Brasília, dede 2017

Assinatura das pesquisadoras

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o/a responsável pelo/a menor participante da pesquisa

Prezado (a) senhor (a), o (a) menor, pelo qual o(a) senhor(a) é responsável,

está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada **“A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (orientadora) e Profa. Especialista Gilda das Graças e Silva (orientanda).

Nesta pesquisa apresentamos como objetivo elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante principal a criança, com foco na representação discursivo-semiótica desse participante, com o propósito de elaborar e aplicar uma proposta de leitura e análise crítica de memes que circulam nas redes sociais e aplicativos e têm como participante principal a criança, com foco na representação discursivo-semiótica desse participante, com o propósito de discutir com alunos, pais, mães e ou responsáveis essas representações e a prática de compartilhamento de memes, e os efeitos disso no modo como representam o mundo e, especialmente, a infância. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido por mim, Profa. Especialista Gilda das Graças e Silva, durante reunião a ser realizada com minha presença e a dos pais e/ou responsáveis pelos menores participantes do estudo.

Na participação do menor sob sua responsabilidade, ele fará leituras de textos compartilhados das redes sociais, responderá a uma entrevista e a algumas questões de compreensão do texto, as quais serão analisadas, e participará das discussões em sala de aula a respeito dos textos explorados.

Em nenhum momento o (a) menor será identificado (a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O (A) menor não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O único risco da participação do (a) menor no estudo seria a identificação do sujeito. Para evitar isso, garantimos o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde estuda. Quanto aos benefícios, este estudo possibilitará ao (à) aluno (a) a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura de textos

multimodais com o qual ele/a tem contato constantemente dentro e fora da escola e contribuirá para minimizar as dificuldades de leitura e produção desses textos, por parte dos participantes da pesquisa. Além disso, fornecerá aporte para outros professores de Língua Portuguesa.

O(A) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o (a) senhor (a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com: Maria Aparecida Resende Ottoni, na Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 220, telefone 3239-4162, ou com Gilda das Graças e Silva, Telefone (61)34874413. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Brasília, de de 2017

Assinatura das pesquisadoras

Eu, responsável legal pelo (a) menor _____ consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele (a) deseje, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável pelo (a) menor participante da pesquisa

ANEXO D – Parecer Consubstanciado do CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: PROTÓTIPO DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA EM TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS: O QUE LEMOS E COMPARTILHAMOS?

Pesquisador: MARIA APARECIDA RESENDE OTTONI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59845816.5.0000.5152

Instituição Proponente: Instituto de Letras e Linguística

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.794.851

Apresentação do Projeto:

Conforme apresenta o protocolo: A intenção deste protocolo é a inserção na tecnologia da informação e da comunicação. E, então, procurar compreender as linguagens articuladas com as novas tecnologias.

Como professora atuante de Língua portuguesa, procura-se interagir para produzir um aluno reflexivo e crítico do cotidiano.

Título atual da pesquisa: A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA CRIANÇA EM MEMES: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

ANEXO E – Convenções do PETEDI para transcrição de Material Oral

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA PETEDI- Grupo de pesquisa sobre texto e discurso.

Pesquisa sobre gêneros orais. Convenções do PETEDI para transcrição de material oral

1. Quadro de Sinais de Transcrição

Ocorrências	Sinais	Exemplos / Observações
Sobre a grafia das palavras		
Nomes próprios em geral	Iniciais maiúsculas	a festa foi na casa do João... OBS.: Não usar maiúsculas após os seguintes sinais de pontuação: de interrogação e exclamação, reticências, etc.
Nomes próprios que identificam o Participante ou pessoa do relacionamento do Participante ou a que ele se refira	Não transcrever o nome e colocar apenas as iniciais maiúsculas.	Doc.: Dona M., a senhora falou que o J., seu marido...
Nomes de obras (livros, revistas, jornais, filmes, etc) e/ou nomes comuns estrangeiros	Em itálico e grafia da língua de origem quando for o caso	eu adorava ouvir <i>Fascinação</i> ...que música ((<i>entonação de admiração</i>)). meus alunos adoraram ler <i>Grande Sertão Veredas</i>
Marcadores discursivos e conversacionais	Ocorrência seguida de ponto de interrogação, quando for o caso.	<ul style="list-style-type: none"> ele me chamou para ir com ele, né? olha eu não quero que você me entenda mal eu não quero sair com você... entendeu?
<ul style="list-style-type: none"> Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, ta, etc Interjeições dicionarizadas ou não 	Usa-se o ponto de exclamação>	<ul style="list-style-type: none"> ah! ... que alívio... vixe! ixé! pô! nossa!
Numerais e letras	Por extenso	<ul style="list-style-type: none"> compareceram dez condôminos... aí ela disse... marque com um xis a alternativa bê... não... escreve com jota ...

	<p>Siglas e abreviaturas</p> <p>Importante: Siglas não se confundem com redução de palavras, como, por exemplo, depê, para “dependência”, que devem ser grafadas na sua forma reduzida em minúsculas</p>	<p>Grafar conforme a pronúncia do Participante. Se pronunciada letra a letra (ex.1), grafar em caixa alta separando as letras por ponto. Se pronunciada como palavra (ex. 2), seguir a grafia prevista pela ortografia, em caixa alta e sem pontos.</p>	<p>Ex. 1: B.O., I.N.S.S., U.F.R.J., R.G., C.P.F.</p> <p>Ex. 2: USP, TAM, UFU, SUS, FAPEMIG.</p>
	<p>Truncamento (palavras incompletas, cuja pronúncia foi interrompida por qualquer razão)</p>	<p>/ (usar uma barra para marcar o truncamento) Se houver homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ...ca/casou semana passada.... • e aí comê/ quis começá a cantar...
	<p>Citações literais ou leitura de textos, durante a gravação.</p>	<p>“aspas duplas”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”... • Armstrong disse... “pequeno passo para o homem... gigantesco salto para a humanidade”...
	<p>Sobre alguns aspectos morfo-fonológicos</p>		
	<p>Indicar as realizações não previstas das preposições, quando houver, conforme a ah abaixo.</p>		
	<p>a) Contração da preposição com + artigo</p>	<p>Indicar a contração com um apóstrofo</p>	<p>c'a (=com+a), c'o (=com+ o), c'um (=com + um), c'uma (=com + uma)</p>
	<p>b) Contração da preposição de + artigo indefinido</p>		<p>d'um (=de + um), d'uma (=de+uma)</p>
	<p>c) Contração da preposição de + pronome eu</p>		<p>d'eu (=de+EU)</p>

	d) Contração da preposição de + palavra iniciada por vogal		d'oeste (=de + oeste) , d'água (=de + água), d'onde (=de + onde)
	e) Redução da preposição para	Registrar a forma realizada	pra (sem acento), pa (sem acento)
	f) Contração da preposição para reduzida + artigo	Registrar a forma realizada	pra (= para + a), pa (=para+a), pro (=para+o), po (=para+o), pr'um(a) (=pra+um(a)), pum (=pa+um(a))
	g) Modificação da preposição em	Grafar como ela for realizada: ne, ni.	<ul style="list-style-type: none"> a gente vai muito ne no rio papescá aí fui ni casa di Márcia..
	h) Inserção / modificação de preposição	Registrar a forma realizada	<ul style="list-style-type: none"> eu penso de que ele não deve ir... eu perguntei naonde ele morava... eu pergunte daonde ele vinha...
	Sobre alguns elementos prosódicos		
	Silabação	Hífen entre as sílabas sem espaço.	por motivo tran-sa-ção
	\Pausa	Reticências OBS.: Não se utilizam sinais de pausa , típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.	<ul style="list-style-type: none"> ... ele...voltou feliz... são três motivos... ou três razões... quefazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção...
	Ênfase / Entoação enfática	CAIXA ALTA	<ul style="list-style-type: none"> ... ele almoçou com ELA... porque as pessoas reTÊM moeda
	Alongamento ou prolongamento de vogais e consoantes (como r, s)	Dois pontos digitados duas vezes. Quando o alongamento é bem maior usa-se mais dois pontos.	<ul style="list-style-type: none"> ao emprestarem os... éh::: ... dinheiro ele a::cha...
	Interrogação	Usa-se o ponto de interrogação	<ul style="list-style-type: none"> e Banco... Central...certo? você vai à festa?
	Sobre alguns aspectos da interação		

Identificação dos participantes da interação	Doc.: Documentador ⁴⁴ Inf.: Participante Int.: Interveniente OBS.: Havendo mais de um Participante deve-se numerar: Inf1, Inf 2 Inf N.	Doc.: o senhor gosta de pesca? Inf.: eu não sei pescar... eu não aprendi...
Início de turno	Usa-se sempre letra minúscula	Veja exemplo acima
Discurso direto	Aspas duplas e travessão antes e depois do trecho em discurso direto	... ela disse — “vamos à festa” — eu respondi — “talvez” —
Sequência de discurso direto	Separar por # (sustenido) cada um dos turnos	Inf.: aí ele falou — “cadê o dinheiro?” — # — “tá lá atrás” — o outro falou
Mudança de fluxo discursivo: comentários que quebram a sequência temática; desvio temático	Duplo underline: _ _kdkdkdkdk _	<ul style="list-style-type: none"> ... eu não tinha _ _ fique quieto ((falando com o cachorro)) _ _ tempo de estudar... ... a demanda de moeda _ _ vamos dar essa notação _ _ demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	Texto entre colchetes com índice sobrescrito á esquerda do colchete inicial. Todas as sobreposições devem ser indicadas sequencialmente em toda transcrição (1, 2, 3, ... n.)	Inf. 1: eu não tinha saído de lá... ¹ [e foi então...] Doc.: ¹ [cêtava] em casa ainda Inf.1: eu tava... e foi então que ele ligou...
Intervenção do documentador no fluxo de fala do Participante	Se não houver sobreposição de vozes	Inf.: outro dia eu estava na casa do João [Doc.:ahan] quando...
	Se houver sobreposição de vozes	Inf. : outro dia eu estava na casa do ¹ [João] ¹ [Doc.: ahan] quando...
Risadas simultâneas de		Doc e Inf.2: ((risos))

⁴⁴ - O tipo de Participante (comediante, leiloeiro, benzedor, narrador esportivo, etc. só será indicado na ficha de identificação do material(Ver anexo 1).

	documentador e Participante(s)		
	Sobre os comentários do transcritor		
	Hipótese do que se ouviu	Entre parênteses (hipótese)	<ul style="list-style-type: none"> ... foi então que ele (fez) a prova... (estou) meio preocupado com meu filho
	Comentário descritivo do transcritor	Entre parênteses duplos e em itálico	<ul style="list-style-type: none"> eu preciso ((tossiu)) estudar ((fazendo um gesto de impaciência)) você não está me ouvindo. você não vai me roubar ((gritando)) <p>OBS.: Nestes comentários serão registrados: a) gestos, b) expressões fisionômicas, c) risos, d) atitudes corporais, e) entonações específicas do trecho (carinhosa, nervosa, de deboche, etc.), d) a cadência do trecho (ritmo, velocidade: cadenciado, falando muito rápido, etc), ou seja, todos os elementos de outras linguagens de uso concomitante à língua e também qualquer dado que possa interessar a algum estudo que use o material.</p>
	Incompreensão de palavras ou segmentos	() Usar um parênteses vazio com 3 espaços.	do nível de renda... () nível de renda nominal ...
	Indicação de que o turno foi tomado ou interrompido em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...) Usar um parênteses com 3 pontos dentro no lugar de tomada da fala.	(...) nos vimos que existem...

ATENÇÃO:

1) Pode-se combinar sinais. Exemplo: oh:::....(alongamento e pausa);

2. Diagramação da transcrição

A diagramação do material transcrito será feito numerando-se as linhas de 5 em 5, dando destaque à indicação dos Participantes e o texto ficará à direita da indicação do documentador e Participantes.

Para facilitar esta diagramação deve-se usar a tabela abaixo, conforme exemplo posto. (O exemplo apresentado é do material do NURC-RJ – Diálogo entre dois Participantes, inquérito número 158)

Quadro para transcrição do material

Linha	Participante	Texto transcrito
1	Doc	experiências pessoais basicamente... vivências... não é preciso que vocês não vão deixar nada teórico... quanto menos vocês colocarem em termos do que vocês sabem a respeito... mas colocarem em termos do que vocês viveram a respeito desse assunto... mais interessante...
5	Inf. 1	bom... como é que está o tempo?
	Inf. 2	o tempo está feio... isto eu lhe garanto... né... agora... saindo do tempo pras viagens você disse que esteve em Recife... aonde você esteve?
	Inf. 1	em Recife...
	Inf. 2	bom... mas você viu em Olinda?
10	Inf. 1	não... fui somente a Recife... fui padrinho de casamento de uma amigo meu em Maceió...

Dicas:

- Cada participante tem uma linha. Se a fala for longa, o espaço do texto não pode sair da célula relativa ao número do participante. É só ir digitando que o próprio computador já vai organizando a tabela e ampliando a célula do texto.
- Depois de terminada a transcrição, pode-se eliminar as linhas de grade para dar mais visibilidade ao formato da transcrição.

3. Sobre a identificação do material oral transcrito

Cada material transcrito deve ser identificado da seguinte maneira.

- Dar um título da situação comunicativa e numerar com uma numeração sequencial para cada tipo de material da seguinte maneira:
- Registrar o maior número possível de informações sobre o material, sua forma de obtenção e sobre os Participantes. de acordo com
- Indicar todos os dados possíveis sobre o material, como foi obtido, onde foi exibido (rádio, TV, internet, etc. quando se tratar de programas), nome do programa, horário em que foi exibido, onde foi gravado (no caso de gravações de indivíduos, como leiloeiros, pastores, narradores esportivos, benzedores, entrevistados, etc.), site onde está disponível, etc. Colocar também toda informação disponível sobre o Participante: tipo de Participante (entrevistado, narrador esportivo, comediante, pastor, benzedor, etc.) idade, sexo, local de nascimento, local onde reside na época da gravação do material e há quanto tempo reside neste local, grau de instrução (fundamental completo ou até série X, médio completo ou até série X, superior completo ou período em que está e qual o curso cursado ou em andamento, etc. Isto deve ser feito numa ficha cabeçalho com o modelo abaixo.

ATENÇÃO: O CD, fita, etc. onde o material foi gravado deve ser identificado com o rótulo dado ao material na primeira linha.

Material	Indicar o gênero e o número do material do gênero gravado. Por exemplo: Narração esportiva 1/ Programa humorístico 2 / Benção 1 / Depoimento 1/ etc.
Documentador	Indicar dados do documentador
Participante 1	Nome, tipo/profissão (comediante, leiloeiro, etc.), sexo, idade, escolaridade (indicar se é nível completo ou série), naturalidade

	(lugar onde nasceu), cidade em que foi feita a gravação e há quanto tempo mora aí. Outras informações pertinentes
Participante 2	Idem
.....	
Participante N	Idem
Data do registro (gravação)	
Duração em minutos	
Transcritor	Indicar dados do transcritor
Revisor(es)	Indicar dado do(s) revisor(es) da transcrição, se houver.
Site e outras informações pertinentes para o trabalho feito ou outros trabalhos que venham a usar o material.	

ANEXO F – Memes corpus da proposta de leitura e análise crítica

1. Memes corpus da pesquisa semiestruturada com pais, mães e/ou responsáveis



2. Memes corpus da proposta de leitura e análise crítica



